

EDMÉIA APARECIDA RIBEIRO

***COSTUMBRISMO, HISPANISMO E CARÁTER NACIONAL EM
LAS MUJERES ESPAÑOLAS, PORTUGUESAS Y AMERICANAS:
imagens, textos e política nos anos 1870***

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

EDMÉIA APARECIDA RIBEIRO

***COSTUMBRISMO, HISPANISMO E CARÁTER NACIONAL EM
LAS MUJERES ESPAÑOLAS, PORTUGUESAS Y AMERICANAS:
imagens, textos e política nos anos 1870***

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – UNESP – Universidade Estadual
Paulista para a obtenção do título de Doutora em
História (Área de conhecimento: História e
Sociedade)

Orientador: Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa

**ASSIS
2009**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

R484c Ribeiro, Edméia Aparecida
 Costumbrismo, hispanismo e caráter nacional em las
 mujeres españolas, portuguesas y americanas imagens,
 textos e política nos anos 1870 / Edméia Aparecida
 Ribeiro. - Assis, SP : [s.n.], 2009.
 266 f. : il. color., figs., tabs., retrs., mapas

 Orientador : Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio
 Barbosa.

 Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista.
 Programa de Pós-graduação em História da Faculdade de
 Ciências e Letras. Unesp, Campus de Assis, 2009.

 1. Historia social. 2. Representações simbólicas -
 Mulheres - Séc XIX. 3. Costumbrismo - Estética. 4.
 História política. 5. Hispanismo. 6. Litografia. 7.
 Caráter nacional espanhol. I. Universidade Estadual
 Paulista. Programa de Pós-graduação em História da
 Faculdade de Ciências e Letras. II. Título.

cdd 21.ed. 306.0946

**Dedico este trabalho à D. Neide, minha mãe.
Mulher corajosa, inteligente e surpreendente.**

AGRADECIMENTOS

Agradecer não é tarefa fácil. São tantas as pessoas que passam por nós nesta etapa da formação e deixam, cada qual à sua maneira, valiosas contribuições, que se torna quase uma “missão impossível” nominá-las todas. Por este motivo, os aprendizados, nessa fase, também foram inúmeros e diversos, extrapolando os limites da instrução formal. Se possível fosse, relataria por páginas e páginas a satisfação de ter contado com tantas amizades, presença, apoio e zelo. Com emoção e carinho, estas são as linhas que dividirei com pessoas queridas o resultado deste trabalho, na porção boa e bela que ele possa trazer.

Inicio pelo meu orientador, Prof. Carlos Alberto Sampaio Barbosa – Beto. Pessoa dotada de sensibilidade que surpreendente, dividiu comigo não só os seus conhecimentos acadêmicos, mas também a sua experiência de vida, sabiamente me orientando em duplo aspecto. Deu-me liberdade, respeitou meus caminhos e idéias, confiou em minha capacidade; ensinamentos que nunca esquecerei.

Minha família constitui-se em outro núcleo de pessoas às quais sou muito grata: com meu pai aprendo a ter a força, afetividade e a manifestar meus sentimentos; minha mãe é ninho e sustentáculo; meus irmãos e irmãs (Edvaldo, Fernanda, Ednei, Eloiza e Ana Márcia) são os meus amores, sempre atentos, preocupados e, nos últimos meses da tese, sentiram “frio na barriga” junto comigo... Incluo aqui meu cunhado Dadá e a D. Maria do Socorro Cavaleiro, pois, além da presença, muito me ajudaram pela disponibilidade e cuidados.

Para minha filha Ana Clara deixo manifesto a admiração pela alegria e intensidade de viver e pelas lições de vida que, sem saber, me oferece cotidianamente. Também penso ser necessário expressar que, embora tão jovem para entender ausências, ansiedade e tensão, esforçou-se para compreender e amenizar tais situações. A ela - meu maior presente entre os presentes - registro meu amor incondicional!

Serendipidade! Tais quais as descobertas acidentais e felizes dos “Príncipes de Serendip”, Cristina Cavaleiro significa o encontro com o amor, que trouxe à minha vida e ao meu espírito luz, alegria, afeto, acolhimento, intensidade e paixão. Minha gratidão pela sua existência, presença, e por andar comigo nesta etapa e neste caminho.

Quanto aos amigos e amigas, ser sucinta nas palavras é quase uma crueldade – comigo e com eles/as. Para Cris Teodoro eu agradeço, além da amizade, carinho e predisposição, a oportunidade de aprender com sua sabedoria e sensatez. Sua presença traz-me alegria e crescimento! A Edilene de Lima encanta pelo seu

acolhimento, afeto, delicadeza, inteligência e extrema dedicação; aprendizado que muito considero e do qual não abro mão, não só no período da tese, mas antes e depois dela também. E não posso deixar de registrar, é claro, os cafés da manhã que oferece, junto com a Cris, sempre tão deliciosos – e saudáveis, mesmo fazendo concessão para alguns docinhos... Para a Bete e Rudolph, agradeço a confiança, o respeito e amor afetuoso, os chás e bolos, os almoços, os “ouvidos” e as sábias e experientes palavras de conforto e conselhos. São meus “pais” de Londrina. A Célia Camargo significa um desses presentes adoráveis que a vida nos brinda, em quem encontrei a professora e a amiga – razão e muito coração -, com a força de viver mais incrível que já conheci. Doce é o seu jeito de ser. Solange Bongiovani - a mulher de bom gosto - ensinou-me a ter coragem e persistência; bons foram os momentos de conversa sobre nossos doutorados e desejo de tranquilidade e sucesso para ambas. Adoro a sua amizade carinhosa e sentar naquele banquinho alto para ficar conversando enquanto “prepara alguma coisa”, sempre deliciosa... A Angelita Visalli, que muito admiro pela garra e luta pelos desejos e sonhos, agradeço a cumplicidade na vida, a sensibilidade para entender as ausências, a compreensão, carinho, preocupação e a disposição para ajudar. Ao Alberto – puxa! – agradeço as dicas que me levaram à descoberta da minha fonte: foi este amigo que recomendou que não deixasse de visitar a Biblioteca Nacional quando fosse ao Rio. Aos amigos do CDPH – Rogério Ivano (coordenador), Edson, Leila, Laureci, Marlene, Reinaldo e Marinalva – registro minha gratidão, carinho e admiração pela acolhida, cuidado, preocupação, amizade e, principalmente, por encherem meus dias de trabalho com sorrisos, alegria e bem-humorados cafezinhos para espalhar. Amizades que me engrandecem...

Ao Jorge Luiz Romanello agradeço a preocupação e empenho para com minha formação acadêmica; as cópias da fonte em vários formatos, bibliografias, leituras e sugestões. Agradeço também pela parte da vida que compartilhamos, pelo carinho e aprendizado – formal e de vida - que me proporcionou.

Várias outras pessoas – já amigas ou que conheci no processo - ajudaram de diversas formas nesse caminho trilhado: Marlene Gasque, prestativa e gentil, ajudou-me, no CEDAP-Assis, com as cópias dos textos microfilmados e a compreender a máquina que às vezes se cansava de copiar; Vanda Eda e Uilson me acolheram em sua casa em Assis; Fátima hospedou-me no Rio de Janeiro; Rosi Saito, com paixão pela língua, ensinou-me espanhol; Igor Andreo, pelas trocas de experiências, sugestões e companhia – em especial no dia da qualificação; Angela M. P. Silva, que conheci no setor de iconografia da Biblioteca Nacional e que me deu interessantes sugestões e indicações precisosas, dentre elas o livro sobre Heráldica; Guilherme Donadio, pela gentileza e prontidão com as traduções; Gustavo Durigueli

de Oliveira, pela presteza na digitalização das litografias; Ana Lúcia da Silva, pela ajuda com as medições da coleção; Hellen, pela competência e sensibilidade na revisão do texto, e Claudete, que me socorre na lida doméstica e empresta seus ouvidos para minhas angústias e desabafos. Outros amigos apareceram em decorrência desse processo de doutoramento, importantes pelo grande prazer de conhecer e acrescentá-los em minha vida; Camila Kohori, Manoel, Tatiana, Juliana Pedresch e Eustáquio Ornelas; amizades recentes, motivos de alegria.

Nas instituições pelas quais passei ou às quais pertenci, fui gentilmente recebida e atendida. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, agradeço a Mônica, ao Deivid – que sem me conhecer emprestou sua máquina fotográfica para a pesquisa - e demais funcionários do setor de iconografia pela forma carinhosa, atenciosa e amigável com que me atenderam. Na UEM, aos gentis funcionários da biblioteca, “cuidando” do meu material e computador, em especial à Sandra Di e Cecília, que se desdobraram – em função do meu pouco tempo – para fazer a minha ficha catalográfica.

Na UNESP-Assis, sou grata aos professores Milton Carlos Costa, José Luis Bendicho Beired e Claudinei Magno Mendes pelas aulas instigantes e com importantes contribuições; aos professores Célia Camargo e Beired, agradeço as sugestões e indicações de caminhos para o trabalho, na qualificação, e, à seção de pós-graduação, na figura da Zélia, pela atenção.

Aos membros do Grupo Temático Américas – USP/UNESP's de Assis e Franca –, em especial às prof^{as}. Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato, agradeço a acolhida e o oásis de conhecimentos acadêmicos e pessoal que para mim significa. Também foi neste grupo que conheci pessoas queridas, generosas e prontas para ajudar, como as prof^{as}. Gabriela Pellegrino e Stela Maris.

Ao Departamento de História da UEL, gostaria de manifestar meus agradecimentos a todos os colegas de profissão que possibilitaram minha licença capacitação, inclusive com sobredose de trabalho por parte de alguns, para que eu pudesse fazer a pesquisa com mais tranquilidade, assim como às secretárias Fumiko e Celina.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram com sugestões em congressos, conversas ou com o interesse e apoio de diversas formas, nesta etapa que me foi tão prazerosa e de múltiplos aprendizados...

RIBEIRO, Edméia Aparecida. *Costumbrismo, hispanismo e caráter nacional em Las mujeres españolas, portuguesas y americanas: imagens, textos e política nos anos 1870*. Assis, 2009, 266 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

Esta tese procura refletir sobre a coleção *Las Mujeres Españolas, Portuguesas y Americanas*, publicação composta por três volumes de textos abordando espaços territoriais na Espanha, América e Portugal e por litografias – comercializadas em separado –, produzida no decorrer da década de 1870 na Espanha, e que fez uso da simbologia feminina para representar tais espaços. Essa obra constituiu-se, ao mesmo tempo, em fonte e objeto desta pesquisa. Neste estudo, parte-se da hipótese de que essa coleção possui um sentido político e configura-se em produção material que constrói uma representação simbólica das características nacionais espanholas, elaborando um discurso sobre si, perceptível no conjunto de sua concepção, produção e composição. Foi produzida na segunda metade dos oitocentos, sob a raiz do movimento romântico e moldada pela estética *costumbrista* – gênero que se destacou por descrever tipos sociais, hábitos, costumes e tradições. Sobre a temática feminina, partiu-se do pressuposto de que imagens idealizadas de mulheres foram utilizadas para tocar os imaginários sociais pelo que representavam – amor, submissão, honra, fecundidade, educação, abnegação – e também como símbolos dos novos tipos sociais que surgiam em cena nos espaços nacionais que se configuravam perante as transformações europeias. O hispanismo, discurso ideológico pautado nas experiências comuns e espírito espanhol, permeou toda a coleção, e este trabalho sustenta a hipótese de que não só referendou, mas construiu e disseminou esse ideário. Por fim, defendeu-se que tanto a linguagem textual como a iconográfica localizaram e salientaram elementos formadores das sociedades espanholas, revelando origens, tradição, peculiaridades e singularidades desses povos – sob o signo feminino – que remetiam à problemática do caráter nacional espanhol.

Palavras-chave: Espanha; América; *costumbrismo*; hispanismo, mulheres, representações simbólicas femininas; litografias; caráter nacional espanhol; século XIX.

RIBEIRO, Edméia Aparecida. *Costumbrismo, hispanism and national character in Las mujeres españolas, portuguesas y americanas: images, texts and politics on the year 1870*. Assis, 2009, 266p. Doctoral Thesis in History - Universidade Estadual Paulista, Assis SP Brazil.

ABSTRACT

This proposition tries to disclose on the collection *Las Mujeres Españolas, Portuguesas y Americanas*, a publication composed by three tomes of texts which discuss the territorial spaces in Spain, America and Portugal and by lithographs - separately sold -, produced in Spain during the 1870 decade, using the feminine symbology to represent those spaces. This work consists of, at the same time, origin and object of this research. This treatise starts with the hypothesis that this collection has a political meaning and happens to have a material production which builds a symbolical representation of the Spanish national characteristics, elaborating a “self-speech” about itself, perceptible on the entirety of its conception, production and composition. It was introduced on the second half of the XVIII century, under the roots of the Romanticism and molded by the *costumbrista* esthetics – gender that distinguished itself by describing the social models, habits, uses and traditions. From the feminine themes, the treatise starts from the pretext that the use of idealized images of women were used to reach the social imaginary of what they represented – love, submission, honor, fecundity, education, self-denial – and also as symbols of the new social types that emerged in the national spaces that appeared in the face of the European transformations. The hispanism, ideological speech based on the common experiences and on the Spanish spirits, pierced all the collection, and this treatise supports the hypothesis that it not only countersigned, but built and spread this ideas. And, last but not least, defended that both textual language and iconography placed and emphasized the elements which built the Spanish societies, revealing origins, tradition, peculiarities and singularities of this people – under the feminine sign- that alluded to the a set of problems of the Spanish national character.

Key words: Spain; America; *costumbrismo*; hispanism, women, symbolical feminine representations; lithography; spanish national character; XIX century.

Sumário

Resumo	08
Abstract	09
Lista de Figuras	12
Introdução	14
Capítulo 1 - <i>Las mujeres españolas, portuguesas y americanas</i>	32
1.1. Impressão e aspectos editoriais na Espanha	34
1.2. <i>Las mujeres españolas, portuguesas y americanas</i> e o <i>Costumbrismo</i>	42
1.2.1 - <i>Costumbrismo</i> como face do romantismo espanhol	48
1.3. Entre Espanha e América encontra-se “uma história de si”... ..	56
1.3.1 - A Espanha presente na materialidade da coleção	57
1.3.2 – A preponderância da Espanha através dos argumentos dos colaboradores	63
1.4 - Existe um sentido político em <i>Las mujeres españolas,</i> <i>portuguesas y americanas</i>	66
Capítulo 2 - <i>Las mujeres españolas, portuguesas y americanas:</i> produção, materialização e difusão do discurso hispanista	74
2.1. A História Política da Espanha no contexto do século XIX.....	76
2.2. O século XIX e o estabelecimento de um “regime espiritual hispânico”	82
2.3. <i>Las mujeres españolas, portuguesas y americanas</i> : produção e transmissão do discurso hispanista.....	92
2.3.1. Raças: indígenas, mestiços e espanhóis.....	95
2.3.2. Princípios religiosos	109
2.3.3. Sociedades hierarquizadas	117
Capítulo 3 - <i>Las mujeres americanas y portuguesas:</i> olhares, conteúdos, concepções e a problemática do outro	126
3.1. Mulheres na América	128
3.2. Sobre a mulher americana e sua inclinação para os feitos patrióticos	132
3.3. A América e a construção de imagens de espaços territoriais independentes.....	136
3.4. Cromolitografias de mulheres americanas: trajes e ambientes	143
3.5. <i>Las mujeres portuguesas</i> simbolizadas nos textos e cromolitografias: condição social, tipos, trajes e lugares	147
3.5.1. As portuguesas nas litografias	152
Capítulo 4 - <i>Las mujeres españolas</i> como símbolo do caráter nacional.....	157
4.1. Tematizar mulheres: concepções, ideologias e espaços femininos no século XIX	159
4.2. Narrações exemplares e discursos conformadores da função social da mulher	162

4.3. As espanholas na pena dos literatos: idealizar mulheres, estabelecer comportamentos, definir funções	169
4.3.1. “Formosa metade do gênero humano”	170
4.3.2. Beleza, importância e caráter moral	171
4.3.3. Maternidade, educação e transformação da sociedade.....	172
4.4. Cromolitografias de mulheres espanholas: trajes, ambientes e atividades.....	177
Considerações finais	193
Apêndices	201
Sites pesquisados	252
Bibliografia	259

Lista de Figuras

<i>Las mujeres españolas</i>	14
Ilustração 1 – Capa da coleção inglesa <i>Heads of the people</i>	43
Ilustração 2 – Capa da coleção francesa de 1840:	
<i>Les enfantes peintes par eux mêmes</i>	43
Figura 1- Capa dos volumes de textos da coleção <i>Las mujeres españolas, portuguesas y</i>	59
Litografia 1 – Capa do álbum de cromolitografias da coleção <i>Las mujeres españolas, portuguesas y americanas</i>	61
Litografia 2 – <i>Mujer de Almeria</i>	69
Litografia 3 – <i>Mujer del pueblo</i>	70
Litografia 4 – <i>Dama de Cuba</i>	70
Litografia 5 – <i>Señora de Habana – Cuba</i>	71
Mapa político da Península Ibérica.....	80
Litografia 6 – <i>Brasil – mujer de Bahia</i>	96
Litografia 8 – <i>Republica del Paraguay – la aguatera</i>	96
Litografia 10 – <i>Isla Filipinas – India Chichirica</i>	97
Litografia 9 – <i>Isla Filipinas – indigena de Manilla</i>	97
Litografia 11- <i>Republica de Mejico – mujer del pueblo</i>	98
Litografia 13 – <i>Republica del Uruguay – Montevideo</i>	99
Litografia 12 – <i>Republica del Perú – señorita de la capital</i>	99
Litografia 14 – <i>Andalucia – mujer Gitana</i>	100
Litografia 7 – <i>Republica de Chile – señora en traje para misa</i>	110
Litografia 15 – <i>Provincia de Granada – La emparedada</i>	111
Litografia 16 – <i>Islas Filipinas – indigena de los alrededores de Manilla</i>	112
Litografia 19- <i>La guajira – Habana</i>	119
Litografia 17 – <i>Isla de Cuba – señora de Habana</i>	119
Litografia 18 – <i>Isla de Cuba – Dama de Cuba</i>	120
Litografia 19 a – <i>Señorita en traje de sociedad de confianza</i>	143
Litografia 20 – <i>Republica Argentina – Buenos Aires</i>	144
Litografia 21 – <i>Isla de Puerto Rico – Dama de la capital</i>	145
Litografia 22 – <i>Señora de la Guatemala</i>	145
Litografia 23 – <i>Muger del pueblo de Coimbra</i>	152

Litografía 24 – <i>Segadora de la provincia do Miño</i>	153
Litografía 25 – <i>Labradora de los arrabales de Oporto</i>	153
Litografía 26 – <i>Muger de Obai – vendedora de pescado</i>	154
Litografía 27 – <i>Muger del Miño o Tras-os-Montes</i>	154
Litografía 28 – <i>Provincia de Almeria</i>	180
Litografía 29 – <i>Provincia de Palencia – panadera de grijota</i>	182
Litografía 30 – <i>Vaquera de los alrededores de la capital</i>	182
Litografía 31- <i>Labradora de los alrededores de la capital – La Coruña</i>	183
Litografía 32- - <i>Labradora de los alrededores de la capital – Huesca</i>	183
Litografía 33 – <i>Vendedora de pollos – provincia de Alava</i>	185
Litografía 34 – <i>Criada de la capital – Provincia de Toledo</i>	185
Litografía 35 – <i>Provincia de Orense</i>	186
Litografía 36 – <i>Provincia de Oviedo</i>	186
Litografía 37- <i>Provincia de Guipuzcoa</i>	188
Litografía 38 – <i>Provincia de Navarra – Valle del Roncal</i>	188

Introdução



Las mujeres españolas

A imagem que abre o volume de litografias sintetiza iconograficamente a concepção e objetivo da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Nela figuram três mulheres sentadas em meio a um jardim de pedras, cada uma delas

representando simbolicamente os grupos retratados na coleção – Espanha, América e Portugal –, assim como os escudos e globo que aparecem acima da moldura dourada, que referenciam espaços territoriais e seguem a mesma organização e posição dos grupos na imagem. No entanto, o título, posicionado acima das figuras femininas e entremeado às ramagens que as circundam, evoca *Las mujeres españolas*, omitindo as outras personagens que compõem a figura e a coleção. Parte do letreiro – que destaca *Las Mujeres* – foi tonalizado em vermelho, que, além de simbolizar a cor da aristocracia e nobreza, também representa uma das cores da Espanha. Esses elementos desta litogravura, os primeiros a captar o olhar do observador, traduzem o sentido e orientam a interpretação de quem vê. Trata-se de uma alegoria espanhola, de uma “história – visual - de si”.

Os outros elementos que harmonizam a imagem completam a concepção e o ideal hispânico da litografia/coleção. Ao longe e ao fundo aparecem traços de uma cidade antiga com características medievais. Duas das mulheres, vestidas à romana, simbolizam a tradição; uma, a portuguesa, está apoiada em um escudo entalhado em pedra, com signos que representam politicamente seu país. Com a cabeça um tanto inclinada, cobre o peito com um manto verde e tem grande parte da perna desnuda e a cabeça curva para o lado da que simboliza a América. Estão juntas, coladas, sugerindo uma proximidade e até similaridades com a americana e, por outro lado, evidenciando um distanciamento em relação à espanhola. Uma outra, posicionada entre a portuguesa e a espanhola, numa mescla de caracteres nativos e alguns traços da civilização, representa a América. Seminua, segura na mão esquerda um pássaro exótico, referenciando a natureza americana selvagem. Com pele mais escura e cabelos negros, não usa nenhum adereço na cabeça. Seus seios estão expostos e o tecido que lhe cobre o ventre aparece como que colocado às pressas, de forma casual, para encobrir o corpo nu - fazendo alusão ao estado semisselvagem do americano.

A figura que representa a mulher da Espanha aparece ativa pelo posicionamento de sua cabeça, olhando para frente. Vestida de vermelho com uma tiara na cabeça, repousa sentada ao lado de um escudo que reproduz as Armas de Leão e Castela – o que simboliza em si a presença do Estado e da política – e tem nas mãos um livro de anotações – expressão da cultura letrada, signo de superioridade e civilização.

Expressão de vivacidade na litografia está na imagem que trás à cena a espanhola, no vermelho intenso do manto que lhe cobre a parte superior do corpo. Na cultura cristã, o vermelho poder ser associado – positiva ou negativamente – ao sangue e ao fogo. Relacionado positivamente ao sangue, remete à vida, a pureza e a santificação. Também se constitui em signo de força, energia e redenção. Vinculado positivamente ao fogo – de Pentecostes e do Espírito Santo – simboliza luz, sopro, poder, generosidade, o que brilha e aquece.¹

Por fim, emoldurando a cena em primeiro plano, observam-se belas guirlandas que sugerem um jardim – mais especificamente uma natureza humanizada – que adorna a cena, deixando-a bastante bucólica. Fechando o quadro encontra-se em uma moldura dourada, tal qual uma arqueologia da pátria, uma série de escudos que representam as quarenta e nove províncias espanholas apresentadas na coleção. A cor de ouro foi utilizada para representar os brasões e também para circundar esta e outras imagens. Segundo Corrêa Leite Ribeiro, esta coloração simboliza a riqueza, a justiça, a magnanimidade e o amor.² Brasões, linguagem essencialmente simbólica que expressa nobreza e distinção, emolduram esta litografia. Constituem-se em testemunhas de um passado glorioso e configuram-se em referência a antigos heróis e à pátria. Compostos como símbolos honrosos, glorificam a ascendência e inspiram dignidade nos descendentes.³

Encontra-se, nesta litografia, a presença de múltiplos elementos, organizáveis e legíveis de diversas formas. A partir de um determinado recorte, encontra-se a contraposição do selvagem e do civilizado – americanos selvagens e europeus civilizados. A partir de outro, uma dualidade campo – locus da representação – e cidade – ao fundo. Em outro sentido, pode-se perceber a representação da política espanhola na forma de brasões internos à imagem, enquanto a América tem somente a natureza como forma de caracterização.

Toda a cena da litografia encontra-se envolta pela simbologia nacional espanhola. Associadas ao contexto político do século XIX, os signos que compõem e organizam esta imagem que abre e apresenta a fração iconográfica da coleção remetem

¹ PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Tradução: Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. p. 160.

² RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite. **Tratado de Armaria** (technica e regras do Brasão D'Armas). Lisboa: Empresa da Historia de Portugal, 1907. p. 46.

³ Id. *ibid.*, pp. 7-25.

o observador à Espanha em aspectos da sua tradição e de suas características nacionais. Assim, procurando a América, encontrou-se a Espanha, que colonizou a América...

Este trabalho parte da hipótese de que a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* materializa um discurso sobre a nação espanhola evidenciando elementos que caracterizam o ser nacional. Para isso, trouxe a público, através de relatos e imagens, representações simbólicas de mulheres em diferentes e singulares espaços, lugares, funções e atividades, ambientes, hábitos, costumes e vestimenta. Frente aos avanços vivenciados por toda a Europa nos oitocentos, a perda de seus territórios além-mar e a influência que nações européias vinham conquistando dentro da própria Espanha – a França, por exemplo –, desejou mostrar sua história de glória, poder e magnitude. A forma como foi organizada essa obra – tema, discurso ideológico, conteúdo, participantes – evidencia elementos do caráter nacional e mostra a grandeza e importância do seu passado e das suas ações, como a expansão civilizadora. Traz discursos e representações sobre diversos espaços territoriais nacionais e também fora da Espanha - Portugal, Filipinas e Américas. Essa publicação integra e preside o discurso sobre o aspecto nacional e imperial, o significado e o lugar da Espanha naquele momento, evidenciando o único poder que lhe havia restado: o cultural.

Essa obra, que para este trabalho constitui-se em fonte e objeto, condensa e representa a história da Espanha oitocentista. Expõe, através da linguagem iconográfica e textual, o ideal e o desejo de quem já havia tido grande influência no mundo - poder territorial, político, militar e econômico – e procura expressar – por meio da temática feminina, dos conteúdos, concepção do projeto gráfico e noções de mundo – características nacionais espanholas.

Foi produzida na década de 1870 – especificamente nos anos de 1872, 1873 e 1876⁴ –, idealizada pelo editor D. Miguel Guijarro e está organizada em três volumes formatados com artigos escritos por diversos literatos e periodistas. Um quarto volume, composto por litografias coloridas – cromolitografias - pintadas por artistas espanhóis⁵ -

⁴ARIAS SOLIS, Francisco. **Amos De Escalante**. Disponível em http://foros.hispavista.com/demo_board/3/741903/m/amos-de-escalante-por-francisco-arias-solis/ . Acesso em: 06 out. 2008.

⁵ Verificar Apêndices I, II e III.

conforme consta na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - era opcional, pois as mesmas foram comercializadas separadamente dos volumes textuais.⁶

Essa coleção foi elaborada a partir de uma estética denominada *costumbrista*. O *costumbrismo* foi um gênero artístico bastante utilizado na Espanha para retratar cenas do cotidiano e do comum, dos tipos e costumes, e teve grande expressão em periódicos, nas pinturas, na literatura e no teatro.⁷ Busca descrever cenas e tipos originais e representa o desejo de imobilizar uma situação.⁸

A publicação traz expressa na capa o objetivo do editor, qual seja, o de representar a singularidade de mulheres e de diversos espaços territoriais:

Tales como son: en el hogar domestico, en los campos, en las ciudades, en el templo, en los espetaculos, en el taller y en los salones. Discrpcion y pintura del caráter, costumbres, trajes, usos, religiosidad, belleza, defectos, preocupaciones y excelencias de la mujer de cada una de las provincias de España, Portugal y Américas Españolas

Tal produção vale-se de duas categorias distintas de linguagens: a textual e a imagética. Além dessa dupla forma de comunicação, diferentes também foram as abordagens dos espaços nacionais representados e os conteúdos designados. Percebem-se destacadas, nos artigos que referenciam a Espanha, mulheres representadas pelos atributos físicos – beleza, formosura, graça –, morais – maternidade, educação, altruísmo – e vinculadas ao progresso, honra da família e da pátria. Nas gravuras espanholas, foram litografadas imagens de mulheres comuns, revelando ambientes, lugares, funções, atividades e a singularidade dos trajes femininos. As narrativas sobre a América trazem uma outra conotação a respeito da simbologia feminina. Grande parte das litografias retratam mulheres com perfis e posturas aristocráticos, perceptíveis pelo vestuário, ambientes e semelhanças com as espanholas. Nos discursos monográficos os autores apresentaram tipos nativos e misturas raciais, mas sobrepuseram em suas falas as mulheres de descendência espanhola, as brancas, consideradas damas e senhoras da sociedade. A outra parte evidenciada nos artigos americanos foram os aspectos naturais – como a geografia e natureza -, políticos e históricos das regiões descritas.

⁶ Cf. ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo**. Homenaje a Jean-François Botrel. Presses Universitaires de Bordeaux, 2005. pp. 151-163.

⁷ CALDERON, E. Correa. (org). **Costumbristas españoles**. Autores correspondientes a los siglos XIX e XX. Tomo III. Madrid: Aguilar S. A de ediciones, 1951.

⁸ **Costumbrismo (artículo de costumbres)**. Disponível em: <http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz_id=4367> Acesso em: 10 out. 2008.

A litografia foi descoberta, por acaso, por Alois Senefelder.⁹ Essa tipologia de imagem¹⁰ constituía-se em produção mais acessível financeiramente, de fácil reprodução e divulgação. Charles Blanc considera que a vantagem da litografia “(...) reside en que se adapta tal vez mejor que outro procedimiento y con mayor flexibilidad, a descubrir el genio, carácter o temperamento de cada maestro, ya que no exige intervención extraña alguna.”¹¹ Durante o século XIX, essa técnica esteve ligada ao desenvolvimento da imprensa, foi um dos sistemas mais utilizados para a ilustração de livros.¹² A litografia contribuiu com a disseminação do consumo de imagens por constituir-se em uma técnica mais barata e por facilitar a reprodução de imagens e até mesmo de fotografias.¹³

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, por tratar-se de uma produção que revela saberes no campo da escrita e no aspecto iconográfico, toca os imaginários sociais pela sua característica imagética e pedagógica, por exprimir o engenho e a produção humana num determinado momento histórico mas também pela particularidade política que apresenta.¹⁴

Os textos e imagens que compõem essa obra tocam o olhar e mexem com o gosto e expectativas do observador/destinatário ao mesmo tempo em que apresenta, mostra e ensina sobre espaços e populações. Por outro lado, constitui-se também em expressão política de uma época. Vários são os motivos que a transformam em veículo e espaço de idéias políticas – no plural, por não representar ideologia única. Um deles diz respeito ao período em que foi concebida e produzida. A década de 1860, na Espanha,

⁹ Diz-se que a pobreza, as intempéries, o espírito combativo e a persistência levaram Alois Senefelder a descobrir a litografia. “O artista compôs um verniz de gravador tendo a cera, o sabão e a aguarrás como base; estendia esta composição sobre a pedra polida como se ela fosse uma chapa de cobre; depois gravava, dando-lhe logo após um banho de água-forte, em seguida tirava as provas numa velha prensa, utilizando para tal, uma tinta com certa mistura de óleo e linhaça (...) e uma pequena parte de creme da Tartária. Por fim, limpava-a cuidadosamente com água alcalinada (...)” Mas as provas não lhe agradavam e, mais para frente, descobriu a “(...) acção activa do ácido sob o tampão enegrecido pela tinta de imprensa.” GRAÇA, Renato da Silva. **Breve história da litografia**: sua introdução e primeiros passos em Portugal. Portugal: a litografia de Portugal, 1993. pp. 18-19.

¹⁰ A palavra “litografia” vem do grego “lithos”, que significa pedra, e da palavra “grafia”. In: **Técnicas litografia**. Disponível em: <http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2_lito.html> Acesso em: 14 maio. 2004.

¹¹ BLANC, Charles. **Gramática de las artes del dibujo**: arquitectura, pintura, escultura, grabado, aguafuerte, xilografia, litografia, aguaforte, medallas, camaieu. Buenos Aires: Editorial Victor Lerú, 1947. p. 670.

¹² **Técnicas litografia**. Disponível em: <http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2_lito.html>. Acesso em: 14 maio. 2004.

¹³ Sobre essas questões ver: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e a história da cultura. SP: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)

¹⁴ Sobre o domínio do Imaginário como um lugar estratégico de poder, ver BACZKO, Bronislaw. *Imaginação Social*. In: **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5, Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

ficou marcada pela Revolução Gloriosa do ano de 1868. Período de marcante movimentação social, esta sublevação foi apadrinhada pelos partidos progressista e democrático, e culminou com o destronamento da Rainha Isabel II, representante dos *Bourbons*. Durante a primeira fase do período revolucionário, o poder foi exercido por uma Junta Revolucionária de Madri, que ficou com a responsabilidade de constituir um governo provisório.¹⁵

Esse ano, importante para entender a história da Espanha, condensou todas as insatisfações dos espanhóis daquele momento, burguesia, proletariado e camponeses. As causas da Revolução de 68, na visão de alguns autores, são de natureza social e política, muito mais do que econômica. Era a soberania nacional que se buscava, um governo que representasse todas as forças vivas do país, o estabelecimento de uma ordem e da regeneração social e política. Mas essa agitação revolucionária, como salienta o autor, constituiu-se em um movimento burguês que não buscou uma ruptura total, mas a substituição de um regime moderado por um democrático/liberal. O governo provisório, a partir de 1869, empreendeu um novo sistema político que se baseou no reconhecimento dos direitos de todos os cidadãos à participação política e verificou-se a diminuição do poder real. Esta fórmula vigorou até 1873, enquanto Amadeo de Saboya esteve no poder. Encontrou oposição da Igreja, dos republicanos, e de parcela da população através do desenvolvimento de movimentos de trabalhadores e greves. A revolução estabeleceu um regime sob bases novas, mas as reformas sociais tiveram um alcance muito limitado.¹⁶

A intencionalidade política da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* também está representada no fenômeno do surgimento do homem comum no seio da sociedade oitocentista – aparecimento de novos tipos sociais – e sua vinculação ao enredo nacional. A emergência das nações, principalmente após a Revolução Francesa¹⁷ – que marcou de forma indelével o dezenove –, configurou-se em pano de fundo para essa nova inclusão no discurso nacional. A vinculação e a

¹⁵ JOVER ZAMORA, José María; GÓMEZ-FERRER MORANT, Guadalupe; FUSI AIZPÚRUA, Juan Pablo. *España: sociedad, política y civilización (siglos XIX-XX)*. Madrid: Areté, 2001. pp. 188-192.

¹⁶ Sobre esta discussão ver ARTOLA, Miguel. *La burguesía revolucionaria (1808-1874)*. Madrid: Alianza Editorial, 1983. pp. 363-381.

¹⁷ Ver HOBSBAWM, Eric. J. A nação como novidade: da revolução ao liberalismo. In: **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 125.

participação efetiva com e na política pela grande maioria dos escritores também dá indícios da expressão política dessa publicação.¹⁸

O nacionalismo constitui-se em fato representativo do século XIX. Implicou a exaltação das qualidades de um povo, sugeriu sua força política e supôs afirmação de poder e grandeza. O problema que toca essa questão são os critérios e discursos utilizados para corporificar e dar sentido ao que poderia ser o nacional: dos mais objetivos, como língua, religião, raça – considerando todas as implicações da teoria racista - para aqueles de caráter mais subjetivos, como a escolha individual dos grupos, de acordo com suas preferências, todos apresentaram-se insuficientes e problemáticos.

O século anterior já enunciava a questão da nacionalidade com a conceituação de caráter nacional de J. G. Herder, baseada no princípio da originalidade. Este filósofo defendeu a idéia de um desenvolvimento orgânico das nações e ancorou-se na perspectiva da valorização da originalidade de cada povo e desenvolvimento das características particulares e especificidades de cada um. Herder sustentou a condução autônoma e heterogênea das nações. Entre os aspectos de sua tese, uma delas conduzia à valorização do passado e à fuga diante da vida moderna.¹⁹

As teorias que tentaram explicar a idéia de formação do caráter nacional – conceitos psicanalíticos, fisiológicos/biológicos, antropológicos, históricos –, de acordo com Dante Moreira Leite, não resistiram “(...) a uma análise mais objetiva, mais rigorosa, e parecem revelar formas (...) de preconceitos contra estrangeiros, bem como a exaltação da própria cultura. Neste sentido, seria possível classificar essas descrições como ideologias e não como teorias científicas.”²⁰

Embora na atualidade o conceito de caráter nacional e sua inerente insuficiência tenham sido colocados em questão, a particularidade da fonte analisada nesta pesquisa suscita – principalmente por tratar-se de produção do século XIX – a identificação do “ser nacional espanhol” retomando aspectos originais e peculiares dos povos dessa nação. Literatos e litógrafos encamparam a idéia do editor de retratar tipos originais e particulares de vários territórios tocados pela civilização espanhola e lançaram-se no propósito de descrever, criar perfis e registrar personagens simbólicos que caracterizassem singularidades e representassem, de certa forma, o passado da

¹⁸ Somente uma minoria entre os autores não militou na política ou participou ativamente ocupando cargos e ministérios espanhóis. Ver apêndice II.

¹⁹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: histórias de uma ideologia**. São Paulo: Ática, 1992. pp. 33-34.

²⁰ Id. *ibid.*, p. 133.

Espanha. Assim, a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* emerge na problemática nacional da segunda metade dos oitocentos, buscando definir e encontrar traços do caráter espanhol e representar os indivíduos em suas especificidades singulares, seja nas províncias espanholas ou em regiões colonizadas por essa nação. Na particularidade dessa obra, foram as formas femininas utilizadas para simbolizar e representar todas essas perspectivas – e expectativas – que envolviam a problemática nacional espanhola.

O discurso sobre o feminino, as noções e concepções sobre a mulher reuniam as qualidades e elementos necessários para dar suporte a essa empreitada. Uma das facetas do discurso sobre a mulher no século XIX diz respeito a sua emancipação, pautada na idéia de responsabilidade da igreja católica pela liberação feminina.²¹ O conceito de emancipação que aparece nos artigos que compõem a obra não é o mesmo que o da contemporaneidade. Trata-se de discurso masculino sobre uma mulher liberta e redimida pela história de Maria, a mãe de Jesus Cristo, com toda a importância que ela representa para a humanidade, mas que ocupa um lugar de submissão na sociedade no tocante ao aspecto público, questões e espaços decorrentes dele. Literatos e periodistas colaboradores da coleção, em seus discursos, referem-se a essa mulher e a evidenciam emancipada – pelo cristianismo –, livres da condição de escravas e de coisas, como consideram que eram tratadas no passado. Escritores e litógrafos descrevem e pintam-nas como símbolos sacralizados, na intenção de criar, disseminar e conservar imagens idealizadas. Encontra-se ressaltado nessa coleção o caráter social e moral da mulher e a afetividade como característica intrínseca a todas elas. Altruísmo, maternidade e sentimento patriótico aparecem como inerentes e essenciais à concepção de mulher e, apenas neste aspecto, expõem a supremacia feminina sobre o homem. Os textos trazem a idéia de que a sorte da sociedade depende da massa feminina, que o país depende delas e revelam um tratamento positivista na forma de conceituá-las - nos aspectos moral e social -, na concepção e elaboração/produção da obra.

Segundo Jorge Lagarrigue, o positivismo consiste em uma doutrina cuja finalidade altruísta assinala a vida humana, estabelecendo harmonia entre os indivíduos,

²¹ Cabe ressaltar que esta liberação significa matrimônio monogâmico e indissolúvel, responsabilidade do marido para com a mulher, exaltação da maternidade e poderes femininos no espaço privado em relação à família – marido e filhos – e a casa. AGUADO HICÓN, Ana Maria et al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Madrid: Ediciones Cátedra, S.A., 1994. p. 366.

a família, a pátria e a humanidade.²² Seus princípios coordenam as três partes da existência do indivíduo e da sociedade, caracterizados pelo sentimento, inteligência e atividade – indispensáveis para a ordem e progresso da sociedade. Esta doutrina busca o aperfeiçoamento físico, intelectual e moral da espécie humana e tem como concepção o trabalho a favor da obra coletiva no sentido do aperfeiçoamento intelectual, moral e material da espécie. A fórmula “sagrada” do positivismo está representada na tríade: amor por princípio, ordem por base e progresso por finalidade.

A família constitui-se em um importante alicerce para o fundamento positivista. Para Lagarrigue, esta instituição prepara o homem para a vida cívica e encontra-se amparada pela influência da mulher – fonte da moralidade e personificação da humanidade. A Família, a Pátria e a Humanidade, afirma, regula toda a existência individual.

A natureza religiosa da mulher também é abordada pelo autor. Sendo que vivem para os afetos, sentimentos e delicadeza, relata que as mulheres “jamais” abandonam a prática religiosa, permanecendo fiéis ao catolicismo – religião que fala ao coração, órgão que simboliza o centro da existência feminina.²³ As mulheres são representadas pelo positivismo como o anjo guardião do “santuário doméstico”, que vela pela moralidade da família; busca na religião, autoridade para manter o homem no caminho da virtude.

Raimundo Teixeira Mendes, positivista seguidor de Augusto Comte, entende que o positivismo considera a primazia moral e social da mulher e reitera o pensamento oitocentista sobre a concepção, função, autoridade e primordialidade da mulher na sociedade. As idéias disseminadas por ele entram em consonância com o imaginário social sobre a importância e valor feminino que contribuem para determinar a conduta e disseminar valores morais respectivos às mulheres. Argumenta que cabe à mulher disciplinar a sociedade, uma vez que possui a missão de formar os homens da nação.²⁴

²²LAGARRIGUE, Jorge. **Positivismo y catolicismo**. Disponível em: <<http://www.antologiadelpensamientohispanico.com>> Acesso em: 15 dez. 2008. p. 1-25.

²³Jorge Lagarrigue, no texto *positivismo y catolicismo*, constrói uma argumentação favorável à condição religiosa do Positivismo e tece críticas ao Catolicismo, definindo-o como religião de fundamento inferior, ineficiente e ultrapassada.

²⁴MENDES, Raimundo Teixeira. **Sobre a preeminência moral e social da mulher de acordo com o positivismo**. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brazil, 1931. Embora este autor escreva no século XX, seu discurso e idéias baseiam-se em concepções relativas ao século XIX.

Por que tematizar mulheres? Para refletir sobre esta questão, parte-se do pressuposto de que elas foram escolhidas como representantes desse homem comum que entrou em cena no século XIX. Elas figuravam como catalisadoras desses novos tipos sociais que não podiam mais ser ignorados, inclusive elas próprias.

Ícone do dezenove, a mulher foi eleita para representar e simbolizar os propósitos nacionalistas – inclusive da Espanha. Esta particularidade chama a atenção por tratar-se de concepção editorial e colaborações exclusivamente masculinas, e também em função das concepções, normas e padrões que configuravam o feminino e remetiam ao espaço privado, doméstico, e não a âmbito público.

Essa coleção denota que a história dos oitocentos teve alterada não só a configuração social e política das nações, mas que também vivenciou a inclusão de novos indivíduos e, entre eles, estavam as mulheres. “Nunca se falou tanto das mulheres como no século XIX”, adverte Stéphane Michaud,²⁵ e “(...) a modernidade é um ensejo para as mulheres (...) porque as consequências das mudanças económicas e políticas, sociais e culturais, características do século XIX, lhes são favoráveis”, afirmam Geneviève Fraisse e Michelle Perrot.²⁶ Esse século destacou-se por tomar a mulher como símbolo, ícone idealizado e construir para elas um lugar especial – e pretensamente de poder – na nova forma de organização ocidental.

No último terço dos oitocentos, tornou-se pungente – mais que a problematização sobre a constituição da nação – o discurso e o sentimento nacional, a construção do sentido e desejo de pertencimento. Além de adequado, tornou-se eficaz e profícuo vincular a imagem da mulher e tudo o que ela representava - maternidade, altruísmo, moralidade, abnegação, afetividade – aos aspectos nacionais.

Dessa forma, considerando a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* como um produto da cultura material que refletia os anseios e desejos dos espanhóis na segunda metade dos oitocentos, esse “homem comum”, como define Hobsbawn, foi representado nessa obra por figuras femininas caracterizando espaços territoriais. As mulheres, que por tanto tempo foram marginalizadas da história, da política, enfim, do espaço público, simbolizaram a inclusão e o pertencimento. No

²⁵ MICHAUD, Stéphane. *Idolatrias: representações artísticas e literárias* In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil. 1991. 4 vol, p. 145.

²⁶ FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. *Introdução: ordens e liberdades*. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil. 1991. 4 vol, pp. 9-10.

entendimento dos positivistas do século XIX, por serem altruístas, elas representavam a humanidade²⁷, e a humanidade, podia-se considerar, compreendia o todo.

O conteúdo da obra também evidencia esse processo de retomada e reconstrução do caráter nacional espanhol. Ele toca em questões nacionais utilizando o hispanismo como ideário para formatar o discurso presente na coleção. O hispanismo baseou-se na idéia de experiências comuns, de uma identidade entre territórios que compartilham ou compartilharam o mesmo ideal de civilização – de comum acordo ou imposto.²⁸

Ao perder o poderio econômico, político e territorial, restou à Espanha construir um discurso de reconhecimento e pertencimento como forma de justificar sua tutela sobre os territórios que havia conquistado, ao mesmo tempo em que aproveitou para focalizar sua própria história e particularidade nacional. Dessa forma, através de imagens e textos, a Espanha procurou mostrar um domínio cultural sobre os espaços que outrora lhe pertenceram e os aproximar às suas experiências e histórias, evidenciando uma idéia de hispanidade. Conjugado a um discurso hispanista, literatos e litógrafos descreveram e retrataram os diversos territórios delimitados pelo editor, na tentativa de destacar o pertencimento - da Espanha para a América e Filipinas e destas para a Espanha. Uma via de mão dupla, um jogo de espelhos.

Compartilhar experiências comuns, insistir na idéia de pertencimento a uma comunidade única, retomar valores, práticas, experiências, religião, tradições, língua e costumes, tudo isso era necessário para impulsionar o hispanismo como um ideal nos imaginários sociais. Uma forma de elaborar todos esses fenômenos era recorrer à idéia de tradição e, para isso, utilizou-se do passado histórico.²⁹ A formulação da hispanidade como discurso de identidade comum entre os novos territórios independentes e a ex-

²⁷ CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 81.

²⁸ Sobre hispanismo ver: PÉREZ MONTFORT, Ricardo. **Hispanismo y Falange**: los sueños imperiales de la derecha española. México: Fondo de Cultura Económica, 1992; BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico**: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno. Bauru, São Paulo: Edusc, 2003; BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas In: **VII Encontro Internacional da ANPHLAC**, Campinas. Anais do VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2006; CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. In: **Revista História**. São Paulo, V. 22, n.2, 2003. pp. 35-58.

²⁹ Esta questão nos remete ao conceito de tradição inventada, cunhada por Eric Hobsbawn, que assim a define: “Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas (...) de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuação em relação ao passado.” Cf. HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9.

metrópole pode ser entendida como criação de uma tradição, projetada para justificar o interesse da Espanha na América.³⁰

Essa coleção também traz e traduz sentidos e signo de progresso como expressão da problemática nacional. No conteúdo dos textos, a maioria dos autores refere-se ao progresso como algo evidente, porém nem sempre benéfico para a história nacional. Atestam que este carrega consigo as transformações que corrompem e mudam hábitos, usos, costumes, trajes, enfim, os elementos e aspectos da cultura hispânica.³¹ Outro indício do progresso fica destacado pelo poder editorial e econômico que esta representa – além dos recursos financeiros, o editor movimentou uma gama de literatos, periodistas, políticos e litógrafos espanhóis, até mesmo portugueses e americanos.

Dessa forma, encontra-se, nesta publicação, um discurso da Espanha sobre as Américas – e outros espaços que sofreram sua influência – e sobre si. Percebe-se a preponderância do seu olhar e concepção sobre o outro – e pode-se considerar como “outro” a própria nação espanhola que, no século XIX, ainda estava vivenciando seu processo de unificação.³²

Essa obra também representa uma confluência entre identidade e alteridade. Salta aos olhos a criação de um discurso construtor identidades comuns, iguais entre homens e mulheres do “velho mundo” e aqueles(as) nascidos(as) no “novo”, a despeito da presença das raças nativas e da miscigenação. Na perspectiva hispanista, prezou pela verossimilhança entre os povos dos dois lados do Atlântico, falantes da língua castelhana.³³ Constitui-se em uma forma de identificar-se identificando o outro.

Composta de textos e imagens, a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* configura-se em uma forma eficaz de tocar os imaginários sociais ao proporcionar belas imagens e textos minuciosos, ambos permeados por uma

³⁰ Para restaurar - ou criar – uma tradição é necessário utilizar elementos antigos nas novas tradições e, esse passado, o qual é recuperado, não necessariamente precisa ter existido. Ele pode ser criado através da lenda ou pela invenção, ou seja, trata-se de manipulação consciente dos símbolos. HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Op. cit. pp. 15-17.

³¹ A “emancipação feminina” à qual os autores fazem referência também significa progresso, porém, não da vida material, mas sim da condição humana.

³² Os conflitos internos, no tocante a esta questão, permanecem até a atualidade.

³³ Sobre a “retórica da alteridade” ver HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999. Sobre a relação entre identidade e alteridade, a historiadora Maria Lígia Prado diz que para construir identidades nacionais é preciso apagar as diferenças, as contradições e construir a homogeneidade. Esse encadeamento de ações acontece porque, segundo ela, a identidade deriva do diferente, o diferente traz consigo o risco e o risco perturba. Destaca que as identidades precisam tocar os corações dos indivíduos e provocar a sensação de pertencimento. PRADO, Maria Lígia Coelho. **Uma introdução ao conceito de identidade**. 2007. (mimeo). (texto apresentado em reunião de pesquisa do Projeto Temático em dez. 2007, USP).

conotação política. Posicionada entre o pedagógico e o científico, chega até as mentes e os corações para o deleite promovido pelas cores, imagens e simbolismos e reflexão de cunho político sobre os indivíduos espanhóis – e hispânicos – daquela época. Esta coleção remete, então, a questões que envolvem o “ser espanhol” e o caráter daquela nação.

Para tornar compreensível o surgimento da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* na segunda metade do século XIX na Espanha, e considerando constituir-se essa obra em fonte e objeto desta pesquisa, optou-se, no primeiro capítulo, por contextualizar e apresentar particularidades de sua concepção e produção. Ponderando os tensionamentos políticos espanhóis e o primário desenvolvimento da imprensa nos oitocentos, a impressão e disseminação das produções literárias e de periódicos alternavam censuras e liberdades editoriais no decorrer desse período. A publicação dessa coleção, pelo período em que foi produzida, pelo conteúdo, estilo artístico e linguagens – visual e textual –, somado ao sucesso e aceitação da empresa editorial de Miguel Guijarro, não encontrou tais dificuldades para vir a público.

Las mujeres españolas, portuguesas y americanas caracteriza-se como uma produção *costumbrista*, mais uma entre outras tantas produções desse gênero, dentro e fora da Espanha. Também foi discutido nesse capítulo o gênero *costumbrista*, estética presente na literatura, no teatro, nas artes plásticas e em produções periódicas e que esteve imbricado ao movimento romântico. Marcou de forma indelével grande parte das produções do dezenove.

Por fim, aproximando o olhar para a especificidade dessa coleção, nota-se que embora tematize representações de mulheres que simbolizam três espaços territoriais – Espanha, América e Portugal –, o centro da discussão converge para a Espanha e sua história nacional, revelando também o caráter político da publicação. Tal característica pode ser observável na materialidade da coleção, ou seja, na forma como foi produzida e nos recursos gráficos utilizados para confeccioná-la, nos conteúdos e argumentos do editor e escritores que participaram da composição da obra.

O capítulo segundo centra-se na discussão do hispanismo como discurso ideológico presente na coleção. Inicia apresentando a intrincada história política da Espanha no século XIX, que passou por regências de diversos expoentes da política, pela antecipação da maioria da Rainha Isabel II – posteriormente destronada pela

Revolução Gloriosa de 1868 –, pelo surgimento de uma efêmera república entre 1873 e 1874, até a retomada do poder pela dinastia dos *Bourbons* por Alfonso XII.

Foi nesse século também que essa nação perdeu suas possessões territoriais na América, o que contribuiu para acirrar a crise de poder, econômica e militar que vivenciava. Destituída de tais poderes, além do territorial, buscou, num movimento ideológico denominado hispanismo – baseado em experiências comuns e no “espírito espanhol” –, recuperar o único poder que ainda lhe restava, qual seja, o cultural. Buscou-se apresentar, nessa parte da pesquisa, além da concepção desse ideário, autores e estudos que tematizaram esse ideário. Partiu-se do pressuposto de que, embora o hispanismo tenha tido grande força no final dos anos de 1890, a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* – assim como alguns periódicos e publicações da época – não só manifestou um discurso hispanista, como constituiu-se em veículo de produção e transmissão desse ideário. Esse discurso pode ser encontrado nas referências à questão racial e caracteres étnicos presentes nas litografias e artigos, na religiosidade que marca os discursos que a obra traz e nas formas de descrição da organização das sociedades e indivíduos, caracterizados hierarquicamente.

Pocurou-se dialogar no terceiro capítulo com a representação da América através da simbologia feminina. Notaram-se na leitura da coleção, narrativas e conteúdos distintos para apresentar os territórios espanhóis e americanos. Compreendendo que a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* empreendeu um olhar para dentro da própria nação que a produziu, elaborando discursos, mostrando aspectos da sua singularidade nacional e identificando o “ser espanhol”, ponderou-se neste capítulo que a América apresentada fora esquadrihada através do olhar e perspectiva do outro – do espanhol – e organizada como uma forma de falar de si. Nas narrativas monográficas das referências femininas que simbolizaram esses espaços, foram ressaltadas a raça nativa e a miscigenação, mas evidenciadas as mulheres de descendência espanhola. Foram reveladas, dentre suas qualidades, aspectos físicos, morais, a verve nacional e o amor pela pátria. No conjunto de artigos que apresentaram a América também foram enfatizados elementos que caracterizaram e construíram imagens desses espaços territoriais a partir da geografia, política e história dos lugares.

Observou-se que parte da iconografia ressaltou as representações de mulheres nobres, descendentes dos espanhóis, consideradas damas e senhoras da sociedade. Refletir-se-á neste item do trabalho sobre esta particularidade, evidenciada

pelos trajes e ambientes que referenciaram o caráter nobre e hábitos aristocráticos/civilizados adquiridos pelo contato com a nação civilizadora, considerada a “pátria-mãe”.

Nesta parte do trabalho também se discorreu sobre as mulheres portuguesas – nas imagens e nos textos – problematizadas pelas representações simbólicas relacionadas à pobreza, penúria e falta de instrução. Referenciando a União Ibérica ou buscando oferecer suporte a um discurso de cunho iberoamericano, as representações portuguesas, assim como as americanas, também configuraram-se em metáfora do caráter nacional espanhol.

O capítulo quarto apresentará discursos idealizados sobre mulheres; formas e recursos utilizados para construir, referendar e disseminar essas concepções e representações simbólicas de mulheres espanholas. Na primeira parte, discutiu-se a problemática da mulher no século XIX utilizando-se das noções de inúmeros autores. As reflexões abordaram concepções e ideologias criadas e cristalizadas para definir espaços e funções femininas e o estabelecimento de uma dupla moral social e sexual, que impedia que as mulheres participassem do espaço público, limitando-as ao privado, ao âmbito doméstico. Entre os veículos que contribuíram com tal discurso, a literatura configurou-se em um meio de difundir tais valores e criar representações idealizadas e conformadoras das normas de condutas femininas.

Esta pesquisa pautou-se na idéia de surgimento de novos tipos sociais no século XIX - em função da nova ordem mundial e conseqüentes transformações nas conjunturas nacionais. Discute-se, neste capítulo, que a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* fez uso da simbologia feminina para representar esses novos indivíduos e espaços nacionais em transformação, pelos atributos idealizados que a mulher carrega, como altruísmo, submissão, amor, honra, fecundidade e abnegação. Apropriou-se dos valores que definiam a mulher idealizada – gerar e educar – para referenciar e conferir sentido para essas novas configurações sociais e nacionais que se avizinhavam.

Por fim, foram apresentadas as mulheres espanholas em suas singularidades. Nas narrações dos literatos elas foram igualmente idealizadas, enaltecidas como “a mais bela metade do gênero humano” sem, no entanto, deixar de estabelecer comportamentos e definir respectivos espaços e funções. O caráter moral das espanholas, a maternidade e a educação feminina foram destacados por esses escritores como elementos importantes para a conformação das novas sociedades. Nas cromolitografias encontraram-se

mulheres comuns, diferentes daquelas representadas na América. Dessa forma, refletiu-se sobre a singularidade dos trajes, ambientes, funções e atividades presentes nas representações femininas espanholas, assim como sobre a simbologia das cores. Juntos, a multiplicidade de elementos que as compõem mostraram personagens femininos, singularidade dos hábitos, trajes e costumes, revelaram tradição e originalidade e aspectos que remeteram à problemática do caráter nacional espanhol.

Capítulo 1

Las mujeres españolas, portuguesas y americanas

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* é composta por imagens (litografias) e exposições monográficas, e através dessa especificidade é possível perceber de que forma homens espanhóis da segunda metade do século XIX narraram sua existência e vínculo com aquele lugar e com algumas outras partes do mundo. Pode-se considerar que qualquer produção humana exprime não só o engenho de indivíduos, num dado momento histórico, mas a condição humana como um todo. Espírito, desejos, crenças, frustrações, expectativas, posturas políticas, concepções sobre mulheres e caráter nacional, além de outras questões que habitavam o recôndito do ser, fizeram-se presentes nessa produção artística. Encontram-se, nessa obra, a beleza das imagens e o político num mesmo compasso, ou seja, simultâneos e sobrepostos.

Tanto as imagens quanto as exposições monográficas constituem-se em formas eficazes de tocar os imaginários sociais porque representam, simbolicamente, o pensamento e as ideologias de sujeitos sociais num tempo histórico. O imaginário vincula-se ao exercício do poder, e assim é possível tomá-lo como artifício de manipulação. Por meio dele, inculcam-se novos valores e novos modelos. Mas só tem eficácia se produz sentido entre os sujeitos de uma determinada sociedade. As experiências vividas, concretas, contribuem para a constituição e produção do mesmo. Desta forma, essa obra, que evidencia tipos, hábitos, usos e costumes, possui condições próprias e importantes para a obtenção de tal objetivo.

O imaginário pode ser entendido e comunicado através de um discurso e a utilização de uma linguagem que reúnam as representações de uma coletividade. Os imaginários oferecem um sistema de orientação aos agentes sociais em relação ao seu grupo, à sociedade global, às hierarquias, às relações de dominação, fundindo verdade e norma, informação e valor, que são operados pelo simbólico.³⁴

Entende-se que a linguagem dos símbolos imbrica-se com a existência de um sentido, porque exprime sonhos, desejos e suporte de comunicação. A linguagem simbólica fala de homens e mulheres num tempo e num espaço. Essa perspectiva direciona o olhar para essa coleção de litografias e textos utilizada neste trabalho e permite a reflexão sobre o sentido de sua produção para as sociedades daquele momento; como ela representa anseios e expectativas dos indivíduos envolvidos na sua

³⁴ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Op. cit. p. 311. Sobre imaginário ver também: PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **RBH**, São Paulo, v. 15, No. 29, pp. 9-27. 1995.

concepção e elaboração e como imagens e palavras que a compõem atingem o imaginário social.

1.1 Impressão e aspectos editoriais na Espanha

Ao proceder à análise da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, parte-se do pressuposto de que essa obra carrega consigo e representa a epopéia política da nação que a produziu. O século XIX espanhol, partindo de 1808, apresenta um cenário de transformações, com revoluções, avanços e recrudescimentos característicos do seu sistema político e ideológico. O triunfo do liberalismo e o desenvolvimento da imprensa marcaram de forma indelével a cultura, a política e a economia desse espaço. Mesmo com o retorno de D. Fernando VII ao poder e as restrições à liberdade de expressão, novas relações sociais entre os indivíduos já haviam sido construídas, e para essa questão não havia mais como voltar atrás.³⁵ De acordo com Jean-François Botrel, desde 1836 a Espanha passou a viver sob o regime de livre empresa - “*libertad industrial*” -, e o exercício do ofício do livro, da imprensa e tudo que rodeia a comunicação ficou resguardado pela garantia do direito de propriedade – inclusive intelectual.³⁶

Mas naquele século, fatores peculiares e gerais já intervinham no processo social de comunicação. Desenvolviam os meios de impressão e de comunicação e a escolarização sofria também certa elevação, embora o crescimento considerável da alfabetização dar-se-ia somente entre os anos de 1860 e 1920. Desta forma, aumentavam os produtores de bens literários, os níveis culturais e os intermediários comerciais especializados – entenda-se, os livreiros.³⁷ Mesmo consideradas todas essas transformações, a leitura ainda não fazia parte da vida da grande maioria das pessoas; em 1890, segundo Botrel, somente uma terça parte da população sabia ler e escrever.

A partir de 1871, a sociedade espanhola assistiu a uma onda de crescimento com a criação de bancos, progresso do correio, crescimento e melhorias nos meios de comunicação e maior sociabilidade – desenvolvimento de fatores materiais,

³⁵ Sobre essa questão ver ARTOLA, Miguel. *La burguesía revolucionária (1808-1874)*. Madrid: Alianza Editorial, 1983. pp. 363 - 381.

³⁶ BOTREL, Jean-François. *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*. Tradução do francês por David Torra Ferrer. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid: Pirâmide. D.L., 1993. pp. 289-290.

³⁷ Id. *ibid.*, p. 98.

institucionais e culturais. Esse panorama contribuiu para o estabelecimento e auge da comunicação social, em especial pelos meios impressos. Reflexo desse quadro está no fato de que cresceram mais de três vezes as publicações entre 1868 e 1914.³⁸

A evolução técnica da produção do impresso constituiu-se em um dos fatores chave do desenvolvimento da comunicação, com a mecanização, barateamento dos custos e massificação da produção. A impressão com máquinas a vapor popularizou-se a partir de 1870 e possibilitou a produção de encadernações mais requintadas e pomposas.³⁹ Mas o progresso da comunicação impressa afetou o território espanhol de maneira desigual, pois “(...) *las zonas más rurales todavía permanecem con frecuencia alejadas de este fenómeno.*”⁴⁰

Devido ao quadro político instável que a Espanha apresentava, mesmo com o desenvolvimento da impressão, as publicações de livros e periódicos sofreram diversos reveses. Botrel lembra que depois da Revolução de 1868 permaneceu a liberdade para publicar, sem entraves, qualquer assunto. Neste ano foi instituída a liberdade de imprensa, reconhecida pelo *Decreto-Ley de 23 de octubre de 1868* e garantida pela *Constitución de 1869*⁴¹ – que deixou de ser cumprida a partir de 1874, devido à Restauração, ou seja, o retorno dos Bourbons ao poder. De 1868 até 1913, o número de títulos de periódicos passou de 521 para quase 2000, sendo que alguns aumentaram a quantidade de tiragens.⁴² Miguel Martínez Cuadrado também aponta o ano de 1868 como o propulsor das liberdades editoriais, através de decretos e ordens que acabavam com todos os tipos de censura, mas destaca que a liberdade total dar-se-á somente a partir de 1883, quando a imprensa alcançou importância e estabilidade.⁴³

³⁸ MORATO, Juan José, apud BOTREL, Jean-François. *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*. Op.cit. p.179. Também há que considerar que para este quadro contribuíram o reforço de produção de papel e sua conseqüente revolução – do papel de tecido, fios para o de pasta de madeira - e o desenvolvimento da comunicação por escrito, em função da alfabetização e elevação do nível cultural. Quanto à questão do papel, pelo fato de a Espanha não ser autossuficiente, os preços ainda ficaram altos e somente no final do século XIX e início do XX é que este problema seria amenizado. pp.180, 184, 185 e 206.

³⁹ BOTREL, Jean-François. *Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX*. Op.cit. pp.183, 224 e 229. Embora a Espanha tenha vivenciado a aceleração da impressão em função de meios mais modernos, não deixou de utilizar práticas antigas de impressão. p.234.

⁴⁰ Id. Ibid., p.281.

⁴¹ Id. Ibid., p.283. Uma lei promulgada em 1879 recuperou parte da liberdade de imprensa, determinando que somente folhas soltas, folhetos e encartes necessitariam passar pela censura para poder circular. Uma curiosidade é que, em função disto, alguns editores e impressores inflavam os folhetos até chegar às 201 páginas para burlarem a censura. No quesito imprensa, somente em 1883 os espanhóis recuperaram seus direitos integrais de publicação. p.285.

⁴² Id. Ibid., p.343.

⁴³ MARTÍNEZ CUADRADO, Miguel. *La burguesía conservadora (1874-1931)*. Madrid: Alianza Editorial, 1986. p .65-68. De acordo com Cuadrado, em 1874, com a Restauração a Espanha passou por uma fase contra-reformista, retornando a censura e somente em 1883 houve a reabertura dos direitos de

Outro aspecto que referencia as produções, publicações e impressões na Espanha refere-se ao intercâmbio intelectual que mantinha com a França. O consumo de bens culturais diversos, desde as notícias de Paris até os padrões de moda, denotavam o grau de dependência da primeira em relação à segunda nação.⁴⁴

Um fator que contribuiu para com o sistema de produção e disseminação de impressos alude à produção, reprodução e consumo de imagens. O século XIX foi a época em que a ilustração de livros propagou-se. A litografia como técnica menos complicada e onerosa contribuiu com a disseminação das imagens em periódicos e livros. Viveu-se, neste momento, a era da reprodutibilidade, e as artes gráficas ganharam espaço tal qual a imprensa.⁴⁵ Ilustrações foram colocadas em massa no mercado através dos diversos meios disseminadores de informação.

A Espanha produziu várias coleções compostas de litogravuras e textos desde a primeira metade dos oitocentos. Observa Contreras que,

*Enamorados de las bellezas de España, los artistas románticos ven en la litografía el medio de divulgarlas contribuyendo a la estimación de lo español en el romanticismo europeo. (...) A mediados del siglo XIX se publicaron en España libros ilustrados que pueden figurar entre los más bello que há salido de prensas españolas.*⁴⁶

As coleções *costumbristas* referenciadas neste capítulo consistem em representações dessa explosão de publicações editadas com gravuras. A capacidade comunicativa destas obras – e também dos periódicos ilustrados – atingem um maior número de pessoas, uma vez que oferecem dois tipos de linguagens, a escrita e a imagética.⁴⁷

expressão, através da *Ley de Policía de imprenta de 16 de julio de 1883*, (até a sua derrubada com o regime do General Franco). p.66.

⁴⁴ MARTÍNEZ CUADRADO, Miguel. **La burguesía conservadora (1874-1931)**. pp.301 e 543.

⁴⁵ BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. pp.166-167.

⁴⁶ CONTRERAS, Juan de. **História del Arte Hispanico**. 1ª. Edição. Barcelona; Madrid; Buenos Aires; Mexico; Rio de Janeiro: Salvat Editores, S.A., 1949. pp. 325 e 328. Vale lembrar que a França, que muito influenciou a Espanha no século XIX, em vários aspectos, também neste início de século utilizou este procedimento com grande êxito. Editou vários cadernos, com estampas e textos que muito agradava a população.

⁴⁷ Faz-se necessário considerar que tais publicações, exceto os periódicos, caracterizavam-se em obras com preços elevados, impossibilitando sua aquisição por grande parte da população. Nas maioria das vezes, era a própria classe instruída que podia adquiri-las. Por outro lado, há que se considerar o fato de que as classes sociais mais abastadas não viviam isoladas do resto da sociedade e também que a leitura nem sempre era um ato individual, mas muitas vezes coletivas e, dessa forma, tanto o produto quanto seu conteúdo podia chegar a um número maior de receptores. No caso da Espanha, como ação da política de proteção e estímulo, havia um grande investimento por parte do Ministério do Fomento, que adquiria obras científicas, literárias e artísticas que ficavam depositados em bibliotecas populares. Cf. BOTREL, Jean-François. **Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX**. Op. cit. p.294.

A obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, concebida e editada por Miguel Guijarro, insere-se nesse período de massificação das produções ilustradas. Livro extenso e pomposo – três volumes com boa qualidade gráfica e material luxuoso e cromolitografias de mulheres cuidadosamente caracterizadas –, marca pela sua pretensão, tanto em relação ao conteúdo – exuberância e glória da nação – como também pela forma como foi concebido, elaborado e editado.

Guijarro dedicou-se a publicar obras que se constituíram em sucesso editorial na segunda metade do século XIX, como é o caso da literatura satírica. Um dos exemplos diz respeito ao *Tesoro de los Chistes*, recompilação de piadas feitas por Manuel de Palácio e Luis Rivera, em dois tomos, que teve grande aceitação e vendagem entre o público leitor. Assim, fundou seu estabelecimento na década de 1860, adquiriu notoriedade e um capital considerável. Marie-Linda Ortega observa que poucas e obscuras são as informações que referenciam este editor, a ponto de não constar seu nome nos dicionários biográficos mais importantes. Muitos autores que colaboraram com a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* são nomes recorrentes no catálogo de publicações deste editor. Foi responsável por introduzir uma nova forma de relação entre editores/impressores por um lado e autores por outro, na medida em que transformava estes últimos em espécie de assalariados.⁴⁸

Miguel Guijarro, em um curto período de tempo, duplicou as atividades do seu empreendimento; de 1862 até 1864, encontrava-se nas publicações a caracterização *Librería de Miguel Guijarro* e, a partir do ano seguinte, somou-se outra função, ficando denominada como *Imprenta y Librería de Miguel Guijarro Editor*. Distinguiu-se também pelo tamanho e ambição das suas empresas editoriais.⁴⁹

⁴⁸Um dos exemplos refere-se a Enrique Pérez Escrich, que possuía contrato firmado com Guijarro que comprometia-se a publicar todas as suas obras. Nesta época, em que eram limitados os direitos dos autores, os editores possuíam muito mais vantagens no movimento de transmissão, divulgação das produções escritas. ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo**. Homenaje a Jean-François Botrel. Op. cit. pp. 151-163. Entre os indícios que atestam o seu reconhecimento e fama como editor, estão os números de obras publicadas – conforme referências constantes na Biblioteca Nacional de Madrid – e a quantidade de autores famosos que publicavam seus escritos nesta Casa Editorial. pp. 151-154.

⁴⁹ ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit. pp. 151 e 155. Com a finalidade de marcar a abrangência do seu empreendimento, em 1882 publicou o catálogo da própria imprensa e livraria denominado *Catálogo de obra de fondo y surtidos de la Librería y Casa Editorial*. Abarca os domínios da casa editorial, que vai desde publicações literárias, satíricas, até de divulgação científica (com 50 estudos

Outro indício de seu sucesso empreendedor está na ilustração como estratégia editorial. Grande parte de suas publicações contém imagens, principalmente por contar com a colaboração de muitos pintores da época. Uma das obras mais características, no que tange ao cuidado especial e esmero que mantinha com as ilustrações, refere-se à coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Ortega relata que na tradição *costumbrista* configura-se na sua obra mais importante, pela extensão e tamanho – 3 volumes de 42 cm com produções monográficas – e pela notável qualidade tipográfica e iconográfica – com as cromolitografias.⁵⁰ Quanto ao anúncio da obra, a autora credita “(...) a la mejor prosa publicitaria de la época (...)” Cita:

Esta lujosísima e importante obra esta terminada y consta de tres tomos marca folio mayor. La ilustran 82 primorosos tipos de mujer de cada una de las provincias de España, Portugal o Estados de América, hechos al cromo, a propósito, se si quiere, para adorno de un salón; constituyendo el conjunto de ellos una verdadera y magnífica galería de cuadros de los más célebres pintores españoles contemporáneos. Siendo esta obra un verdadero monumento del arte y de la literatura que há de honrar la España y las personas que la adquieran, en muestra de lo reconocimiento de las mismas, cada ejemplar llevará una hoja, que deberá colocarse al frente del tomo primero, con el nombre del suscriptor y número del orden de la suscripción. Su precio en rústica, 1640 reales. Tenemos tapas especiales de gran lujo para encuadernar esta obra, que se vendem por separado.⁵¹

Com parca divulgação, poucas são as informações sobre o processo de fabricação da coleção, exceto pelo evidente talento organizador do editor. Na seção de manuscritos da *Biblioteca de Madrid* existe uma grande relação de cartas trocadas entre editor e colaboradores, que evidenciam parte do processo de construção da obra.⁵² Segundo Ortega, nessas cartas alguns colaboradores requisitavam dinheiro, outros pediam - ou se ofereciam – para fazer parte de sua realização. Também são várias as correspondências trocadas entre ilustradores – litógrafos – e editor. Os sinais apontam para um projeto que gozava de grande fama no meio editorial e literário da época.⁵³

médicos e títulos relacionados à medicina). Encontra-se acervado na *Biblioteca de Madrid*. id. Ibid. p. 154.

⁵⁰ ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit. p.155.

⁵¹ Anúncio da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, citado por Marie-Linda Ortega em: ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit. p. 155.

⁵² Informações disponíveis em: <<http://catalogo.bne.es/uhtbin/webcat>> Acesso em: 20 nov. 2008.

⁵³ ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit. pp. 156 e 157.

Considerando as informações acima e a observação da coleção, notam-se, na concepção desse livro, manifestações artísticas, literárias e técnicas que simbolizam, exprimem e trazem elementos modernos. Sob os auspícios da modernidade estava também o tom político de sua produção e as formas de comunicação utilizadas pelo editor – textos e litografias.

D. Miguel Guijarro, editor dessa coleção e de várias publicações literárias e artísticas, desejou e produziu um livro para representar, além da modernidade, a capacidade de produção gráfica e existência de talentos na literatura e nas artes plásticas da Espanha, na segunda metade do século XIX.

As exposições monográficas não ficaram restritas à fórmula textual de periódicos e nem a cópias de artigos publicados nesses veículos. Foram convidados literatos que produziram artigos com a mesma seriedade com que se dedicavam aos escritos veiculados em periódicos, seus romances particulares ou à atividade política. É perceptível a valorização dos escritores evidenciada nessa coleção. Na folha de rosto, o editor ressalta que a obra é composta por artigos de literatos considerados por ele renome – mesmo alguns não sendo tão reconhecidos ou conhecidos – e, em nota, reitera essa informação:

buscó [o editor] para que formasen el texto a los primeros literatos españoles; que para acompañar dignamente los escritos de estos, buscó a los primeros artistas del país; y que para hacer cortejo honroso á la falange de ingenios distinguidos que acudieron en ayuda su idea, há acumulado los elementos industriales que aquí constan, todos los cuales, absolutamente todos, son españoles.⁵⁴

Esta referência também aparece em diversos autores que fazem alusão a essa publicação.

A linguagem imagética não ficou atrás. Técnica responsável por revolucionar a imprensa, a litografia constituía-se em referência de modernidade, principalmente em se tratando de estampas coloridas. A exuberância e beleza das cromolitografias embriagam o observador.⁵⁵ Além da multiplicidade de cores utilizadas,

⁵⁴ GUIJARRO, Miguel (editor). Nota do editor. In: *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Madrid imprenta y librería de D. Miguel Guijarro, 1872. Folha de rosto. (Tomo I)

⁵⁵ Pelo olhar observador de Marie-Linda Ortega, as cromolitografias constituem-se em representações simples, com colorido pobre e, na maioria dos casos, com somente duas cores dominantes. Argumenta, no entanto, que considerando os artistas renomados que as produzem, pela época da publicação e pelo tamanho de cada figura, não deixam de representar um conjunto surpreendente ao qual se pode atribuir o adjetivo “artístico”. ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de

apresentam-se em tons vibrantes e em variedade de detalhes admiráveis, principalmente por tratar-se de desenho e processo manuais de coloração. Pode-se considerar que os temas abordados associados à estética *costumbrista* permitem que os receptores/observadores possam se reconhecer nas imagens – e textos – porque estas não estão destituídas de sentido e transmitem elementos e cenas comuns, familiares para quem vê; a coleção apresenta tradições, usos, costumes, tipos, trajes, aspectos sociais e morais de cada uma das regiões.

A produção dessa coleção constituiu-se também em resposta a outra particularidade da Espanha, que é a adoção de hábitos e costumes estrangeiros. Alguns autores consideram esta prática como um complexo de inferioridade presente nas estruturas mentais do povo espanhol.⁵⁶ A nota que antecede o Prólogo, escrita por D. Miguel Guijarro na coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, demonstra como essa publicação também tem o sentido de dar resposta a provocações que sugeriam não ter a Espanha condições de produzir uma obra dessa magnitude (como já era feito em outros países). “*De hoy en más, no podrá decirse de España que carece de medios para llevar á cabo obras literarias y artísticas que sostengan parangon com las más bellas de otras naciones.*”⁵⁷

Por esse motivo o editor faz questão de reafirmar que essa coleção constituiu-se em uma obra genuinamente espanhola: “*(...) los primeros literatos españoles (...) busco á los primeros artistas del país (...) los elementos industriales que aqui constam, todos los cuales, absolutamente todos, son españoles.*”⁵⁸

A coleção faz referência a esse aspecto também quando discute as vestimentas das mulheres, tanto na América quanto na Espanha. Aquelas que faziam uso da moda francesa eram consideradas elegantes, usuárias de trajes apropriados para uma “dama da sociedade” – como eram chamadas as mulheres pertencentes ao meio social mais elevado na Espanha, e as descendentes de espanhóis que viviam nas ex-colônias.⁵⁹

sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo** Op. cit p.156.

⁵⁶ Cf. LOPEZ IBOR, Juan Jose. **El español y su complejo de inferioridad**. Madrid: Ediciones Rialp, S.A, 1954.

⁵⁷ Nota do editor. In: GUIJARRO, Miguel (editor). *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Tomo I.

⁵⁸ Id. *ibid.*

⁵⁹ Mas a luta entre o nacional e o estrangeiro – hábitos franceses - vigorava em toda espécie de costumes, como na literatura (modelo literário vindo de fora adaptado a temas nacionais), nos encontros sociais, no hábito de fumar (adquirido por senhoras da alta sociedade), na educação (maior brandura e carinho e menor rigor na educação e trato com os filhos), no teatro (cópias e adaptações de produções francesas), ou

Para Fernando Diaz-Plaja, neste momento, moda e gastronomia foram dois aspectos da cultura espanhola tocada pelos hábitos franceses. Cozinheiros vinham da França e disseminavam a idéia de que o espanhol comia mal. Vivia-se um constante enfrentamento dos hábitos e dos costumes com aqueles vindos de fora.⁶⁰

O estrangeirismo também foi tratado como um aspecto do comportamento mental dos espanhóis e forma de olhar o outro. O psicólogo Juan José Lopez Ibor escreveu sobre a importância que o homem espanhol dava às produções técnicas e científicas estrangeiras. Considerou que o problema estava na estrutura psicológica desse indivíduo, notadamente marcada por um complexo de inferioridade, o que dificultava que esse homem contribuísse com a ciência moderna. O espírito inventivo, a criatividade do outro era sempre considerada melhor e admirada, enquanto que o nacional ficava inferiorizado.⁶¹

Pode-se considerar que a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* posiciona-se, na sociedade daquele momento, entre a sensibilidade artística, o pragmatismo, posturas e anseios políticos. Sua complexidade está no fato de permitir que os expectadores, além de observarem o belo, possam se reconhecer e conhecer aos outros. A peculiaridade é representada por constituir-se em concepção individual e expressões coletivas, reflexo da conjuntura artística, histórica e política da época em que foi produzida. A atribuição de sentido a ela pode ser feita a partir de seu próprio contexto, porque reflete engenho, empreendimento, sensibilidade, desfrute, liberdade, modernidade, aperfeiçoamento técnico, identidade, transformação, conhecimento, compreensão, concepções, características nacionais, desejos e expectativas.

A obra, em toda a sua extensão, carrega os elementos da história da Espanha daquele momento. Toca na intrincada questão nacional, nas rivalidades vivenciadas com outras nações – mais especificamente com a França –, na diversidade de ideologias e posicionamentos políticos, cujas particularidades estão explícitas nas regências, reinados e guerras civis. Em termos estéticos, o gênero *costumbrista* foi utilizado para falar de pertencimento, sentimento e caráter nacional, sem fazer uso de instrumental político convencional. Como técnica, a litografia colorida simbolizou uma “era de

seja, em quase todos os setores da vida dos indivíduos daquela sociedade. Cf. DÍAZ-PLAJA, Fernando. **La vida española en el siglo XIX**. Madrid: Afrodísio Aguado S.A., 1952.

⁶⁰ Id. *ibid.* Nota à parte, nos discursos que compõem a coleção, o que se percebe é um outro entendimento sobre o ímpeto nacional e patriótico: estes são apresentados como inerentes a todas as mulheres – e homens – não importando a posição social.

⁶¹ LOPEZ IBOR, Juan Jose. **El español y su complejo de inferioridad**. Op. cit.

evolução” na forma de representar e ilustrar pensamentos e tudo o mais que refletia e disseminava a Espanha oitocentista.

1.2 *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas e o Costumbrismo*

Las mujeres españolas, portuguesas y americanas caracteriza-se como uma produção *costumbrista*. Este gênero artístico faz parte da história da literatura daquele século, da produção iconográfica e teatral espanhola. O *costumbrismo* consagrou-se por descrever tipos sociais – mulheres e homens – em seus hábitos, costumes, usos, trajes e tradições e por apoiar-se nas experiências específicas do ambiente retratado. Foi bastante utilizado na Espanha para apresentar cenas do cotidiano e do comum, mas também para questionar e revelar conflitos nacionais vivenciados por ela na segunda metade do século XIX.

Esse gênero literário remonta aos séculos XVII e XVIII espanhóis.⁶² Entre as obras desse período estão *Guia y Avisos de forasteros, adonde se les enseña a huir de los peligros que hay en la vida de la Corte*, de autoria de Antonio Liñán y Verdugo em 1620, *Los peligros de Madrid*, por Bautista Remiro de Navarra em 1646, *Recetas morales, políticas y precisas para vivir en la Corte*, de Gómez Arias em 1742, *Los fantasmones de Madrid y trampas de estafermos*, editado em quatro volumes por Ignacio de la Erbadá entre 1761 e 1763, e *Madrid por adentro y el forastero instruído y desengañado*, livro anônimo publicado em 1784.⁶³

As coleções *costumbristas*, com a particularidade de representar os hábitos e costumes, cenas e tipos, são uma especificidade das edições dos oitocentos e marcaram grande parte das produções artísticas desse momento. Na primeira metade desse século, já era possível encontrar produções com essa característica, principalmente em periódicos, e, se levados em consideração os episódios de cortes e censura à imprensa, só mesmo na outra metade é que esse gênero se propagará com mais facilidade.⁶⁴

⁶² Cf. GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España**. Barcelona: Editorial Labor S.A., 1943. p. 349 e AYALA ARACIL, María de los Ángeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988. pp.135-143.

⁶³ AYALA ARACIL, María de los Ángeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX** Op. cit., pp. 136, 142 e 143.

⁶⁴ Sobre as proibições editoriais e a liberdade de expressão, consultar: ARTOLA, Miguel. **La burguesía revolucionaria** (1808-1874). Op. cit.

Depois da Revolução de 1868, em função da transformação social e de outras formas de fazer literatura, a produção de caráter *costumbrista* começou a decrescer – embora ainda tenha vigorado até parte do século XX.⁶⁵

A partir de meados do século XIX, uma gama de coleções de caráter *costumbrista* apareceu e ajudou a compor a produção literária espanhola, e também de vários outros países. A primeira publicação na Espanha trata-se do livro que começou a veicular em fascículos semanais a partir de 1843, pela casa editorial de Ignácio de Boix em Madri, denominado *Los españoles pintados por sí mismos*, editado por Ramon Mesonero Romanos.⁶⁶ A inspiração veio das publicações francesas denominadas *Les enfants peints par eux mêmes* - editada em Paris no ano de 1840 – (**ilustração 2**) e *Les enfants peints par eux mêmes, types, caracteres et portraits de jeunes filles* (de Paris, em 1841).⁶⁷ Além desta há outra obra que apresenta a mesma perspectiva, inglesa, intitulada *Heads of the people: or, portraits of the English* (publicada na década de 1840)⁶⁸ que também influenciou a produção espanhola (**ilustração 1**).

⁶⁵**Costumbrismo (artículo de costumbres)**. Disponível em <http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz_id=4367>. Op. cit.; AYALA ARACIL, Maria de los Ángeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.

⁶⁶ Diversos autores estudaram ou fazem referência a esta coleção, e entre eles estão: MONTESINOS, José F. **Costumbrismo y novela: ensaio sobre el redescubrimiento de la realidad española**. Valencia: Editorial Castalia, 1960.; AYALA ARACIL, Maria de los Angeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. Cit.; RUBIO CREMADES, Enrique. Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988; GARCÍA MERCADAL Juan. **Historia del romanticismo em España**. Op.cit.; RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04695044388488372945635/p0000001.htm#I_1_> Acesso em: 07 nov. 2008.

⁶⁷MONTESINOS, José F. **Costumbrismo y novela: ensaio sobre el redescubrimiento de la realidad española**. Valencia: Editorial Castalia, 1960. pp. 106-107. Para este autor, em realidade, a publicação espanhola caracteriza-se em um evidente plágio da obra francesa.

⁶⁸ *Heads of the People: or Portraits of the English. Drawn by Kenny Meadows. With original essays by distinguished writers*. London, Robert Tyas, 1840. In: RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. Esta coleção inglesa encontra-se disponível para consulta e visualização no site <<http://www.archive.org/details/headsofpeopleorp00meadiala>> .Acesso em: 17 nov. 2008.

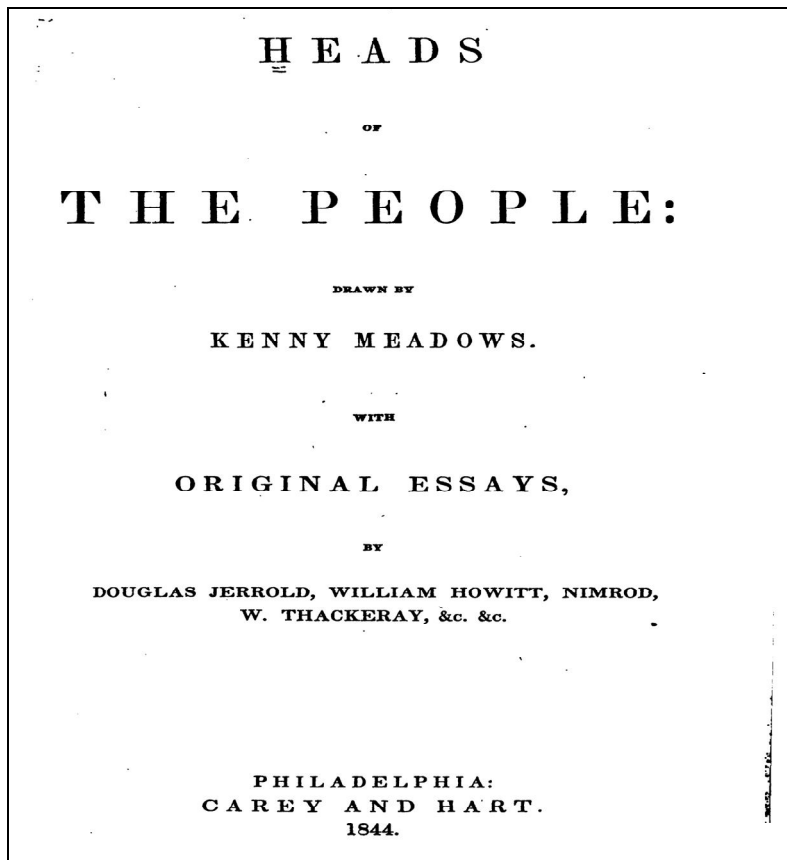


Ilustração 1 - Capa da Coleção Inglesa

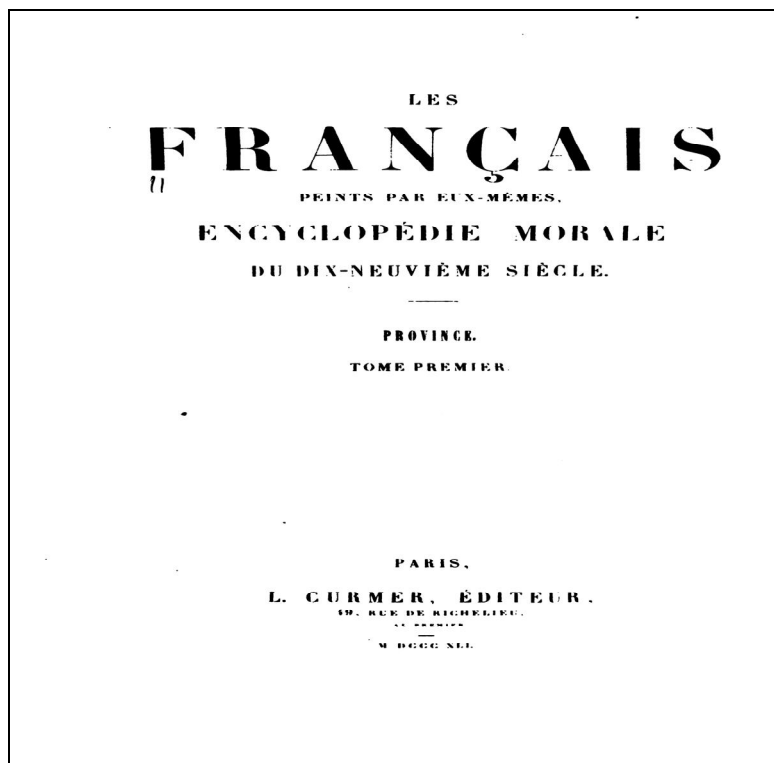


Ilustração 2 - Capa da Coleção Francesa de 1840

Em 1871, *Los españoles pintados por sí mismos* foi reeditado e contribuiu para o cenário literário juntamente com várias outras coleções que apareceram nesta linha. Nesse mesmo ano de 43, houve a tentativa de produção de uma obra semelhante, intitulada *El álbum del bello sexo o las mujeres pintadas por sí mismas*, mas não logrou muito êxito. De acordo com Cremades, somente dois escritores entregaram seus textos – Gertrudis Gómez de Avellaneda, com *La dama de gran tono*, e Antonio Flores, com *La colegiala*.⁶⁹

Essa tipologia de publicação, a saber, coleções retratando costumes, incidiu também em produções fora da Espanha. No ano de 1852, foi editada em Havana *Los cubanos pintados por sí mismos*⁷⁰, assim como outros países hispanoamericanos também se interessaram pelo gênero literário *costumbrista*. No México, apareceu o livro *Los mexicanos pintados por sí mismos* por Gaspar y Roig em 1851.⁷¹

Voltando à Espanha, nas décadas de 1870 e posteriores, além de *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, editada por Miguel Guijarro, apareceram *Las españolas pintadas por los españoles*, em dois volumes publicados em 1871 e 1872, *Los españoles de ogaño*, também em duas partes no ano de 72, *Madrid por dentro y por fuera*, em 1873, *Los hombres españoles, americanos y lusitanos pintados por sí mismos* e *Las mujeres españolas, americanas y lusitanas pintadas por sí mismas*, ambas no ano de 1882, e *Madrid y advertencias de forasteros*, obra de Manuel Ossorio y Bernard, escrita em 1892.⁷² Neste mosaico ainda aparecem as produções regionais como *Los valencianos pintados por sí mismos*, editado em Valência no ano de 1859 e *El álbum de Galicia*, em 1897, última publicação de coleção *costumbrista* do século XIX.⁷³

O gênero *costumbrista* carrega em seu bojo grandes nomes da literatura oitocentista espanhola. Entre eles encontra-se Mesonero Romanos, Mariano José Larra, Serafín Estébanez Calderón, Pedro Antonio de Alarcón – que escreveu, na obra aqui analisada, o artigo sobre *la mujer de Granada* –, Juan Valera – também colaborador

⁶⁹ Enrique Rubio Cremades informa que se trata de obra rara, tendo encontrado somente um exemplar na Hemeroteca Municipal de Madrid. CREMADES, Enrique Rubio. *Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX*. Cervantes virtual. Op. cit.

⁷⁰ GARCÍA MERCADAL, Juan. *Historia del romanticismo en España* Op. cit., p. 361.

⁷¹ RUBIO CREMADES, Enrique. *Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX*. Op. cit.

⁷² AYALA ARACIL, María de los Angeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). *Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX*. Op. cit., pp. 135 e 143.

⁷³ RUBIO CREMADES, Enrique. *Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX*. Op. cit.

com o texto retratando *la mujer de Cordoba* -, José Maria de Pereda, Benito Pérez Galdós, Emilia Pardo Bazán, Blasco Ibañez – com uma fugaz aparição neste gênero -, Fernán Caballero, entre outros.⁷⁴ São autores de romances – *novelas* – mas também de artigos veiculados em periódicos e revistas. Há também uma grande participação desses nomes nessas coleções de costumes e, segundo Cremades - que as define como “magnas coleções de tipos e cenas” -, essa colaboração obedece a várias razões, entre elas a remuneração lucrativa e a divulgação do nome do escritor.⁷⁵ De acordo com este estudioso do tema, muitos romances, personagens, cenas e espaços descritos por expoentes da literatura espanhola surgiram ou foram inspirados nos textos escritos por eles para compor as já citadas coleções. É o caso, por exemplo, dos romances *El niño de la Bola*, de Pedro Antonio Alarcón, *Juanita la Larga*, de Juan Valera, *Fortunata y Jacinta*, de Benito Pérez Galdós, e *Los pazos de Ulloa* e *La madre naturaleza*, de Emilia Pardo Bazán.

Os periódicos ou revistas constituíram-se nos veículos condutores que mais divulgaram e receberam esse tipo de literatura. Encontram-se produções *costumbristas* na revista *Cartas Españolas*,⁷⁶ *El Semanario Pintoresco Español*, *El Laberinto*, *El Museo de las Familias*, *El Museo Universal*, *El Imparcial*, *El Globo*, *Madrid Literario*, *El Eco da Europa*, *La Nación*, *La Ilustracion de Madrid* e *La Ilustración española y americana*⁷⁷ – onde os mais famosos publicavam e recebiam homenagens⁷⁸ –, e também o *El Álbum Pintoresco*, *La Iberia*, *La América*, *La Ilustración Universal*⁷⁹ e outros.

Várias são as nuances que caracterizam este gênero – além de configurar-se como descrição de tipos, cenas, hábitos, costumes, trajes –, mas a questão nacional e a

⁷⁴ MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX: historia de la cultura española**. Barcelona: Editorial Seix Barral S.A., 1957. pp. 143-144 e RUBIO CREMADES, Enrique. **Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.; RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. Neste artigo Rubio Cremades revela que houve um corte entre a literatura de costumes de caráter romântico, esta que surgiu na primeira metade do século XIX, que tem como os grandes mestres deste *costumbrismo* romântico Mesonero, Larra e Estébanez, e o posterior desenvolvimento desse gênero, aquele praticado na segunda metade dos oitocentos e muito mais próximo - e de certa forma influenciado – do realismo literário.

⁷⁵ RUBIO CREMADES, Enrique. **Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. p. 151.

⁷⁶ MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX: historia de la cultura española**. Barcelona. Op. cit. p.143.

⁷⁷ RUBIO CREMADES, Enrique. **Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit., p. 147.

⁷⁸ Ao pesquisar os escritores que colaboraram com a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, percebe-se a presença de muitos deles escrevendo e sendo objeto de atenção nas páginas da *La Ilustración española y americana*.

⁷⁹ RUBIO CREMADES, Enrique. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.

defesa do elemento tradicional/regional são preponderantes, além do destaque para a realidade social do país ou região/ões retratada/s.

O *costumbrismo*, gênero de amena literatura, segundo Manuel Alonso Martínez⁸⁰, foi matéria que valeu reflexão para diversos estudiosos. De acordo com Aracil, a vigência e influência dessa estética foi longa. Demonstra que o que se vê nas coleções que retratam costumes é a vida social espanhola através da descrição de determinados tipos sociais, publicações estas sempre enriquecidas com a participação de romancistas famosos. A descrição dos detalhes é a forma de expressão encontrada para - geralmente - mostrar o belo, o pitoresco, o agradável e os aspectos tradicionais da localidade apresentada.⁸¹ Para Cremades, o traço característico dos autores que escreveram a partir desse gênero é a xenofobia, perceptível na defesa da nação e da tradição nacional/regional/local. Além de retratar quadros sociais, aparecem os aspectos políticos e culturais. Mas, segundo esse pesquisador, se em Larra e outros escritores existia um fundamento ideológico para o *costumbrismo*, com o passar do tempo se converteu em descrição de usos e costumes, como é o caso das coleções que surgiram na década de 1870.⁸²

Outro autor, Ballester, ao refletir sobre o *costumbrismo* na pintura da Catalunia, argumenta que ali vigorou uma vertente patriótica que evidenciava o caráter local e folclórico do mundo dos pastores e pescadores dessa região. Percebeu uma exaltação da pátria – tradicional e arcaica no sentido da conservação das raízes, contrária aos elementos da modernidade - e do trabalho.⁸³ Para Mercadal, esse gênero retrata o físico e o moral e os escritores geralmente discorrem e descrevem sobre seus conterrâneos e sua terra natal.⁸⁴ Areal, em sua obra *Pueblos, hombres y cosas de Castilla*, dedicou-se a fazer um relato de sua viagem a Valladolid, e conta como sentiu a viagem, os lugares por onde passou, sua percepção dos costumes, cotidiano, hábitos,

⁸⁰ Assim denomina este gênero literário no artigo que escreveu para a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas. La mujer de Burgos*, Tomo I, p. 149.

⁸¹ AYALA ARACIL, Maria de los Angeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.

⁸² RUBIO CREMADES, Enrique. **Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. A crítica deste autor é feita, inclusive, para a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

⁸³ TRENC BALLESTER, Eliseo. *Costumbrismo, realismo y naturalismo en la pintura Catalana de la restauración (1880-1893)*. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988.

⁸⁴ GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España** Op. cit.

valores e religiosidades do povo. Ao ocupar-se com o estudo dos costumes, definiu: “*son diversos aspectos de los pueblos, las personas, las casas*”.⁸⁵

Montesinos estudou a conexão entre esse gênero e a novela espanhola. Demonstrou que o *costumbrismo*, a partir de suas características e formas, esteve presente nos romances, além de ter sido educador dos gostos e da sensibilidade dos literatos. No entanto, observa que ao mesmo tempo em que essa influência se fez viável, colocou também diversos limites, em função de sua vacuidade, do gosto pelas exterioridades, deixando as novelas quase vazias de conteúdo.⁸⁶

À literatura *costumbrista*, para Riba, pode-se atribuir diversos sentidos e características, como a tendência social, criação de tipos, almas e situações. Para ele, esse gênero manifestou-se como uma reação romântica enraizada no espírito regional e popular. Observa que no sul da Espanha surgiu uma escola de artistas antiacadêmicos e antipuristas, amantes do popular e renovadores do gênero pitoresco, com vasta raiz romântica.⁸⁷

1.2.1 *Costumbrismo* como face do romantismo espanhol

Esse gênero não existe descolado de outros movimentos literários, há uma vinculação entre romantismo e *costumbrismo*. O romantismo na Espanha veio, ainda na primeira metade do século, não só ao encontro do fenômeno nacionalista, mas também proporcionar-lhe a base para se assentar. Jacob Guinsburg, importante estudioso do tema, entende que o romantismo revolucionou a conceituação e a realização de todas as artes. Não significou somente um estilo, mas configurou-se em modos de formar e traduzir qualidades e estruturas de uma obra de arte. Como escola, surgiu dentro de um tempo que necessitava de respostas à situação daquele momento. Então, pode-se vê-lo como uma emergência histórica, especialmente européia e ocidental. Para esse autor, o romantismo foi um fato histórico que assinalou na história da consciência humana, o que foi pensado e como se pensou.

(...) o romantismo, na sua propensão historicizante, aglutina as sociedades em mundos, comunidades, nações, raças que têm antes culturas do que

⁸⁵ FERNÁNDEZ AREAL, Manuel. **Pueblos, hombres y cosas de Castilla**. Madrid: publicaciones españolas, 1956.

⁸⁶ MONTESINOS, José F. **Costumbrismo y novela**: ensaio sobre el redescubrimiento de la realidad española. Op. cit. pp. 12 e 13, 135 e 136.

⁸⁷ MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX**: historia de la cultura española Op. cit., pp. 143-144. A utilização da expressão “pitoresco”, neste contexto, constitui-se em uma reprodução da idéia e sentido dado pelo autor.

civilizações, que secretam uma individualidade peculiar, uma identidade, não de cada indivíduo mas do grupo específico, diferenciado de quaisquer outros.⁸⁸

Esse movimento, concebido enquanto uma visão de mundo ajudou o espanhol a se integrar na sociedade e a alcançar sua condição humana. Vários são os autores que apresentaram o romantismo e suas relações com o processo histórico espanhol. Sob a perspectiva de Miguel Artola,

*El pensamiento romántico proporciona la base en que se apoyan los movimientos nacionalistas. Todos ellos, sin excepción, se desarrollan en dos etapas, la cultural en que se produce la toma de consciencia del hecho diferencial que lleva a la afirmación, según los casos, de la realidad de la unidad o pluralidad de pueblos y la política en que se llega a la reivindicación de la libertad de decisión frente a la organización estatal existente.*⁸⁹

A linguagem romântica passou a ser, mais que uma simples forma de se comunicar, um meio particular de expressar a sensibilidade nacional.⁹⁰ O Romantismo pode ser definido como uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito, de acordo com J. Guinsburg⁹¹, ou como um grande movimento espiritual, segundo Nachman Falbel.⁹² Tem-se, como marca, a dificuldade de determinar seu início e seu fim.

Ainda de acordo com este autor, várias são as condições históricas que favorecem o início do período romântico. Entre elas, a ruptura com os valores antigos, ainda da Idade Média, e dois grandes fenômenos da história, que são a Revolução Francesa e suas derivações e a Revolução Industrial. Nesse momento, o nacionalismo começou a entrar em cena e boa parte da Europa adotou novas formas de governo, substituindo os Estados Monárquicos por Repúblicas. Ressalta que as massas passaram a participar mais das decisões políticas que tratavam do seu destino.

Para Falbel, as revoluções não se produziram sem marcar profundamente a vida social. Na França, demolindo verdades e atacando privilégios, a Revolução serviu de fundo ideológico para diversas teorias revolucionárias. Entraram em cena os “direitos do homem e da nação”, com ênfase na liberdade individual e na igualdade social. A

⁸⁸ GUINSBURG, Jacob. Romantismos, historicismo e história. In: **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 15.

⁸⁹ ARTOLA, Miguel. **La burguesía revolucionária** (1808-1874). Op. cit. p. 338.

⁹⁰ Id. Ibid.

⁹¹ GUINSBURG, Jacob. Romantismos, historicismo e história. In: **O Romantismo**. Op. cit. p. 13.

⁹² FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do romantismo. In: GUINSBURG, Jacob. **O Romantismo**. Op. cit. p. 23.

França apareceu, a princípio, como um espaço de inspiração no tocante às idéias revolucionárias e consciência nacional. Logo, a admiração caiu por terra em função das decepções causadas pela prática de opressão aos outros territórios. A reação contra a invasão dos exércitos napoleônicos também significou um despertar para o nacionalismo em diversos lugares da Europa, no século XVIII.⁹³

A Espanha também vivenciou tal conflito, ao ter que enfrentar as tropas napoleônicas em 1808. Mas, o ideal nacionalista ficou – para a Espanha e Europa toda – como algo em que se inspirar, e a liberdade, como herança concreta de toda essa movimentação. Assim, o nacionalismo e os movimentos sociais inspirados nessa revolução “incorpor[aram] e ger[aram], ao mesmo tempo, o espírito romântico”⁹⁴. Esse movimento atingiu, em espaços e tempos diferentes, a Europa.

A Inglaterra, com a Revolução Industrial, abriu caminho ao avanço tecnológico e à modernização, decisivo na história da economia ocidental. O reflexo desse progresso econômico-industrial e seu caráter revolucionário refletiu também de outras formas no social, porque permitiu crescimento populacional e atingiu as consciências, criando novos desejos e visões de mundo para o homem daquele momento.⁹⁵ Mas de tudo que se possa pensar sobre o romantismo, o mais relevante é que o homem passou a ser o centro de si mesmo, dando outro significado à sua existência e ao mundo.

Para J. García Mercadal, o romantismo foi historicamente um movimento revolucionário em termos sociais, políticos e filosóficos. Não significou uma moda literária, mas uma revolução geral da alma. Foi absorvido por diversos lugares, captado a partir do que era essencial para cada um. Na Alemanha, figurou como um programa nacional e, na França, como um tema sempre presente na ordem do dia, unido a uma aspiração nacional e, com ela, uma política. Dessa forma, três aspectos são importantes para conhecê-lo: o romantismo filosófico, o literário e o político-social. Ao fazer-se materialista, a política se fixou nele e os liberais o adotaram, abandonando o classicismo que até então os retinha. O movimento literário se converteu em um movimento revolucionário. Destaca-se nesse meio o desejo de liberdade.⁹⁶

⁹³FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do romantismo. In: GUINSBURG, Jacob. **O Romantismo**. Op. cit.

⁹⁴ Id, ibid, p. 50.

⁹⁵ Id. ibid., pp. 25-30.

⁹⁶ GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España**. Op. cit. p. 11-67.

“¿Quién que no es romántico?”⁹⁷A partir desta indagação é possível refletir sobre a influência do movimento romântico nas artes plásticas, literatura, arquitetura e pinturas espanholas. Guillermo Díaz-Plaja⁹⁸ afirma, na introdução da sua obra sobre romantismo espanhol, que, naquele momento, todos viviam dentro das conseqüências românticas, pelo menos em âmbitos muito vitais. Frederico Schelegel⁹⁹ escreveu que a poesia romântica deveria dar alma a todas as formas de arte, dar vida pelo humor.

Como resultado de um devir histórico, das peculiaridades do final do século XVIII e início do XIX, o romantismo é inegável. Mas também pode ser visto como produto da necessidade humana, da sensibilidade e desejos de homens modificados pelo Iluminismo, e cada espaço nacional pode vivenciá-lo em momentos diferentes, seguindo a conjuntura própria de cada lugar.

Juan de Contreras, ao escrever vários tomos sobre a história da arte hispânica, observa que

*(...) el siglo XIX fue, en España, una gran época para las letras y para las artes, comparable solamente al siglo de oro en esplendor y en robusta vitalidad” e “(...) brilla con pujanza inenarrable la pléyade de académicos, de románticos, de costumbristas, de pintores de historia tumultuosa, todavía no bien deslindada ni ordenada, de la pintura española en el siglo XIX.*¹⁰⁰

A Espanha apresentava uma tradição cristã muito arraigada. Para Contreras, os espanhóis reagiram energicamente contra a Revolução Francesa e outras mudanças e, no tocante às artes, a repercussão de uma “nova escola estética” foi tardia ali. Mesmo com a presença de uma corrente neoclássica no primeiro terço do século XIX, pintores acadêmicos ainda produziam imagens cheias de paixão barroca. A demanda de obras – principalmente esculturas – com assunto religioso era muito grande e, como ressalta o marquês, havia ainda a voz hispânica que não adiantava querer calar.¹⁰¹

O romantismo na Espanha – considerado por Contreras como uma fase do barroco – deu um novo sentido não somente à arte e literatura, mas também à vida de todos os indivíduos. Assim define Contreras:

⁹⁷ BIRUTÉ, Ciplijauskaité. El romanticismo como hipotexto em el realismo. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo em Espana em la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. p. 96.

⁹⁸ DÍAZ-PLAJA, Guillermo. **Introducción al estudio del romanticismo Español**. Op. cit.

⁹⁹ GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España**. Op. cit., p. 46.

¹⁰⁰ CONTRERAS, Juan de. **Historia del arte hispánico**. Op. cit. pp. 231-232.

¹⁰¹ Id, ibid. Op. cit.

*Coincidiendo en Francia con el derrumbamiento de la monarquía tradicional, y en España con la muerte de Fernando VII, prevalece una estética nueva en que se condensan todas las inquietudes de una generación que se había educado entre el estruendo de las guerras napoleónicas y de las dos grandes revoluciones. A este movimiento estético, que no es sino una forma de la constante barroca, apenas sojuzgada bajo la rígida tiranía académica – que se debilita cuando decae la monarquía la cual era su gran proctetora -, llamamos romanticismo, y se impone con fuerza arrolladora no solamente en la literatura y en la Bellas Artes, sino también en la vida toda, a la cual da un nuevo sentido. Como había sucedido en Francia, la nueva estética no triunfó plenamente en España sin empeñar una dura contienda con los clasicistas intransigentes.*¹⁰²

Se já estava presente em alguns estados europeus antes do findar do século das luzes, na Espanha só conseguiu tornar-se real depois do absolutismo fernandino. Para os espanhóis, o espírito romântico, que acima de tudo significou liberdade, funcionou como instrumento de luta e de questionamento de um modelo extremamente arraigado. O absolutismo e o catolicismo como baluartes da tradição levaram o homem espanhol a imprimir sentido próprio ao movimento.

Guillermo Díaz-Plaja diz que nem todas as definições que tentam captar o essencial do romantismo são carregadas do sentido religioso. Cita como exemplo a *Revista Española*, que surgiu em 1834: “*Entretener la imaginación, sorprenderla y conmover profundamente el corazón por outro médio que los hasta ahora empleados, es, a nuestro modo de ver, la definición mas exacta de nuestro genero naciente.*”¹⁰³

Para esse mesmo autor, a partir do avanço cronológico, o romantismo foi perdendo esse caráter cristão e foi sendo apreendido como revolucionário – uma vez que segue adiante ao período do reinado de Fernando VII. Então, o valor pleno desse movimento será o da liberdade. Assim, já dizia Mariano Jose de Larra, citado por Díaz-Plaja: “*La libertad en literatura, como en las artes, como en la industria, como en el comercio, como en la conciencia. He aqui la divisa de la época...*”¹⁰⁴

Para Juan de Contreras, o romantismo é predomínio do imaginado sobre o real.

Como hijo del barroco, el romanticismo se complace en lo anormal, en lo característico, en lo deforme; en los contrastes violentos entre bondad y traición, entre fealdad y hermosura, entre felicidad y desdicha. El mundo romántico está visto a una luz que altera las cosas: al suave resplandor del crepúsculo, que impregna el paisaje de matices dorados, o a la luz de la

¹⁰² CONTRERAS, Juan de. **Historia del arte hispánico**. Op. cit. p. 271.

¹⁰³ DÍAZ-PLAJA, Guillermo. **Introducción al estudio del romanticismo Español**. Op. cit. p.26.

¹⁰⁴ Id, ibid.

*luna, con sus violentos contrastes de claridad y de sombra. La verdad no importa, la belleza no importa; importa sólo la emoción.*¹⁰⁵

A Espanha e sua “essência barroca” inspirou literatos e pintores do mundo todo.

*La cultura barroca y la cultura romántica, que produce en la literatura y en las Bellas Artes una floración espléndida, son sin duda las expresiones más brillantes del espíritu hispánico. No hay que olvidar que España es el país de predilección del romanticismo universal. En España buscan inspiración literatos y pintores de todo el mundo.*¹⁰⁶

Ao tratar do eu romântico (do indivíduo e da nação), Díaz-Plaja diz que o romântico projeta ao seu redor o melhor do seu espírito e, para ele, isto se chama idealismo romântico. O artista sonha suas formas, sem travas nem restrições e então, a isto, pode-se chamar liberdade romântica. Mas existe um outro lado, o decepcionado, o que resulta do choque entre o mundo sonhado e o mundo real, a solidão da vida e os desenganos do mundo. Para ele, esses dois aspectos são importantes também para pensar esse movimento.¹⁰⁷

Interessante notar a relação entre a consciência de solidão evocada pelo romantismo e a Espanha como um estado solitário.

*No, escribir en España nos es llorar: ser romántico si que es llorar. Y llorar de soledades sin patria y sin eco. Vivir fuera del mundo en una geografía brumosa e una historia desvaída. Pero el mundo real existe: son los molinos y los borregos en torno a Don Quijote (héroe de moda romántica), las calles súcias ya la miseria nacional en torno a Fígaro. Y el choque sólo da esa espantosa soledad que conduce a la locura y la muerte.*¹⁰⁸

Para Díaz-Plaja, é possível dizer que as atitudes românticas que vêm da Europa têm precedentes em D. Quixote de Cervantes: é o constante confronto da realidade ideal com a realidade autêntica.¹⁰⁹ E o autor vai além, dizendo que os

¹⁰⁵ CONTRERAS, Juan de. **Historia del arte hispánico**. Op. cit. p. 272.

¹⁰⁶ Id. *ibid.*, p. 273.

¹⁰⁷ DÍAZ-PLAJA, Guillermo. **Introducción al estudio del romanticismo Español**. Op. cit.

¹⁰⁸ Id. *ibid.*, p. 55.

¹⁰⁹ Id. *ibid.*, pp. 52-56.

primeiros testemunhos do romantismo podem ser encontrados nos diários de Colombo pois lá está lançado o primeiro clichê romântico do selvagem ingênuo e pacífico.¹¹⁰

Por outro lado, Ana María Aguado Hicón afirma que, como ideologia, o romantismo contribuiu para a idealização da mulher, e marcou a diferença social entre os sexos, amparada na constituição biológica. O seu corpo passou a significar a representação de beleza e maternidade, convertendo-se em modelo ideal feminino.¹¹¹

O romantismo parece assentar genuinamente na Espanha, como se fizesse sentido ali, como se fosse o seu lugar por excelência, como se falasse especificamente do seu tempo, seu espaço, sua conjuntura político-econômica e, em especial, do homem desse espaço.¹¹² A estética romântica vai ao encontro da emergência histórica e humana dessa nação. O romantismo na Espanha superpõe-se e se imbrica a outros gêneros artísticos, todos com caráter social e político.¹¹³

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* foi produzida sob a perspectiva romântica, considerando-se serem os sentidos daqueles que apreciam essa produção tocados pela beleza, idealização e natureza artística. As cores das litografias são vibrantes e as mulheres são retratadas com formas delicadas para o deleite daqueles que as apreciam. Os textos são carregados de referências ao tipo ideal de mulher e mãe. Também foram exaltadas a beleza física e os convencionais bons

¹¹⁰ Com esta informação, Díaz-Plaja está tentando mostrar também que Rousseau iniciou a revolução ideológica que parte da exaltação do homem natural – o homem bom por excelência, corrompido pela vida social. pp. 117-119.

¹¹¹ AGUADO HICÓN, Ana María Aguado. La edad contemporánea en el siglo XIX. In: HICÓN, Ana María Aguado et al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Madrid: Ediciones Cátedra, S A, 1994. p. 329.

¹¹² Entre os gêneros pictóricos, outras formas de expressões artísticas também tiveram espaço nesse romântico século XIX espanhol. O *neoclassicismo davidiano*, marcado pelos símbolos religiosos na pintura; os *puristas*, que tomaram as aparências visuais para generalizar um tipo de imagem e responder a esquemas simbólicos; o *quadro de história*, cujo objetivo era adular políticos que iriam adquirir e premiar tais obras; o *paisagismo*, representando a luz e a emoção da natureza; o *costumbrismo*, com o intuito de mostrar a Espanha pitoresca, regional, sua substância castiça e captar o feito humano; além da influência parisiense do *humanismo* e do *impressionismo*. Todos, no entanto, traduziam, de uma forma ou de outra, o espírito do romantismo. In: MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX: historia de la cultura española**. Op. cit

¹¹³ Para Biruté Ciplijauskaitė, é difícil consagrar uma terminologia para o *realismo* sem tropeçar no movimento romântico. Sugere até uma terminação híbrida como “realismo-romântico” (O realismo na Espanha chegou na década de 1870, a partir da desilusão política e a conseqüente Revolução de 1868). Para esse autor, cada obra realista dá um enfoque especial ao romantismo. Pode ser abordado como crítica, como técnica, parodiando o tema e/ou técnica. Uma obra pode reunir várias facetas. O *modernismo*, que apareceu mais para o final do século XIX, não destituiu o romantismo de seu sentido naquele tempo e espaço; pelo contrário, potencializou a angústia do homem daquele momento em relação à nacionalidade e liberdade. Os modernistas espanhóis marcaram pelo seu desencanto com o universo da política. BIRUTÉ, Ciplijauskaitė. El romanticismo como hipotexto em el realismo. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.

hábitos e costumes. A aura religiosa está na forma da escrita, conteúdo e nos tons usados pelos litógrafos, marca do posicionamento ideológico e cultural dos indivíduos daquele espaço territorial e daquele momento histórico. Entende-se que essa coleção produz, apresenta e divulga um ideal hispanista e revela aspectos do caráter nacional espanhol sob uma perspectiva romântica e estética *costumbrista*. Configura-se em publicação de natureza artística que tematizou mulheres, com poder de tocar os imaginários sociais em relação aos aspectos políticos e sociais na Espanha.

A linguagem romântica passou a ser, mais que uma simples forma de se comunicar, um meio particular de expressar a sensibilidade nacional. Dessa forma, encontra-se uma simbiose entre esse movimento e a estética *costumbrista*. Ambos refletem as crises e questões tocantes à problemática nacional e aos indivíduos.¹¹⁴ Para Montesinos, livros e publicações editadas sob a perspectiva dessa vertente foram inspiradas numa onda de crise de nacionalidade.¹¹⁵

As obras românticas, produzidas sob a estética *costumbrista*, estavam a serviço das exaltadas imaginações.¹¹⁶ Contreras reitera que na literatura, no teatro e na pintura, a riqueza de tipos não se igualou a nenhuma outra forma de expressão artística do mundo. “(...) *el arte se enriquece con tipos populares pintados o esculpidos con el verismo y la vivacidad propios del arte hispánico.*”¹¹⁷ O interesse pela vida popular

¹¹⁴ É bastante interessante notar a semelhança do inconformismo patriótico de Mariano José de Larra, que atuou a partir da primeira metade do século XIX, com as angústias dos jovens intelectuais da geração de 98, até mesmo na forma de apresentar e representar seus aborrecimentos e amor pela nação. Mercadal diz que Estébanez Calderón (1ª metade do século XIX) não retratou senão ao povo. D. Ramón Mesonero Romanos (1ª metade do século XIX) registrou as transformações, ou seja, o que declinava e o que iria suplantar. Novelista e dramaturgo, na sua vertente satírica, Larra (1ª metade do século XIX), admirador da França e sua revolução, fazia sátiras políticas tentando estimular seus compatriotas à transformação. Era alguém aborrecido e inconformado com a Espanha no estágio em que ela estava. Patriota fervoroso e orgulhoso, não era benevolente com sua pátria justamente por esse ardor. Cf. GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España**. Op. cit.

¹¹⁵ MONTESINOS, José F. **Costumbrismo y novela**: ensaio sobre el redescubrimiento de la realidad española. Op. cit. p.121.

¹¹⁶ O *costumbrismo* apareceu como técnica, crítica, conteúdo, tema, sátira, sempre grávido da problemática nacional. Um quadro de costumes, ao tocar os imaginários sociais, pode enfatizar um núcleo de pessoas, seus sentimentos, assim como o próprio cenário. A pintura dos tipos e costumes foi uma herança que o romantismo recebeu do barroco do século XVII. Fenômeno presente em todas as nações ocidentais, fez-se mais manifesto e expressivo na Espanha. *El espíritu español, profundamente realista, se interesa por todo lo que le rodea, y especialmente por las clases populares de la sociedad, que en España ofrecen una asombrosa riqueza de matices y una pujanza extraordinaria de vida y color.* TRENC BALLESTER, Eliseo. **Costumbrismo, realismo y naturalismo en la pintura Catalana de la restauración (1880-1893)**. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. p. 305.

¹¹⁷ Id. *ibid.*, p. 306.

estava sempre em foco: os trajes, os ditos, os costumes do povo... Atribuiu-se à aura romântica a imposição da literatura de costumes.¹¹⁸“(...) *lo español estaba de moda.*”¹¹⁹

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* foi produzida na Espanha, em um período de grandes conflitos referentes a regimes políticos, ao caráter, territórios e constituição de um espaço nacional. Nesse momento, estava impregnada pelo ideal romântico, que facilitava as indagações sobre o caráter nacional espanhol pela especificidade que esta visão de mundo imprimia – e permitia.

Assim, o romantismo espanhol marcou essa sociedade e suas produções – literárias, artísticas, entre outras. A obra aqui analisada não foi exceção. O *costumbrismo* foi o gênero artístico utilizado na sua concepção. Descrever elementos nacionais como usos e costumes, hábitos, valores, tipos, enfim, tudo que é perceptível na exterioridade de homens e mulheres, configurou-se em uma estética artística bastante utilizada naquele momento. Havia um casamento perfeito entre o estilo romântico, a escola de *costumbres* e a afinidade nos temas que os marcavam, entre eles, as questões que envolviam aspectos da nação.

1.3 Entre Espanha e América encontra-se “uma história de si”...

O século XIX, na Espanha, é considerado por Díaz-Plaja e outros pensadores como o século da cultura, das letras e da educação, aspectos e elementos cada vez mais importantes e presentes na vida dos espanhóis. Ainda no período de Fernando VII já era dada grande importância à cultura (espetáculo teatral era tradição na Espanha), com o Estado subvencionando a educação. As letras foram tornando-se cada vez mais presentes na vida das pessoas desse século. Os literatos adquiriram grande importância e o Estado dava emprego aos escritores.¹²⁰

¹¹⁸ E, como alerta Contreras, a estética *costumbrista* não se trata de corrente estrangeira que penetrou na Espanha, e sim uma tradição que não sofreu rompimento ali.

¹¹⁹ TRENC BALLESTER, Eliseo. *Costumbrismo, realismo y naturalismo en la pintura Catalana de la restauración (1880-1893)*. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. p. 306.

¹²⁰ Vale lembrar que o mesmo acontecia com os pintores. Para Juan de Contreras (Marquês de Lozoya), o século XIX é o século das letras e das artes. CONTRERAS, Juan de. **História del Arte Hispânico**. Op. cit. Interessante notar também que, no século XIX, aparecem dos *empleados* (hoje são conhecidos como funcionários públicos, mas naquele momento eram denominados “dependentes do governo”). Díaz-Plaja diz que o número desses “dependentes” aumentava a cada troca de governo. A eles vinculava-se o “pouco trabalho” e a burocracia. DÍAZ-PLAJA, Guillermo. **Introducción al estudio del romanticismo Español**. Op. cit. pp. 142-144.

Las mujeres españolas, portuguesas y americanas é uma entre as muitas coleções *costumbristas* editadas a partir dos anos de 1870, na Espanha. Nos textos e imagens que a compõem são destacados os usos, tipos, costumes, cenas, moral e hábitos definidores da vida das mulheres – e dos homens – das regiões retratadas. Observada a “olhos nus” aparentemente sua concepção e execução não demonstram intenção política e nem mesmo configura-se em veículo propagador de posturas ideológicas. A obra revela, através das litografias e artigos, a mulher espanhola ou descendente, algumas representantes de raças miscigenadas, tipos sociais e personagens comuns em seu cotidiano e funções, na segunda metade do século XIX.

Pelo título que recebeu, mostra a intenção de abarcar a América e a região ibérica europeia. Dessa forma, constitui-se em uma obra extensa e pretensiosa por desejar mapear e apresentar grande parte do globo terrestre.¹²¹ Soma-se a essa questão o fato de retratar somente espaços territoriais que pertencem ou pertenceram à civilização espanhola, ou que de alguma forma sofreram sua influência. Sendo assim, na descrição dos hábitos, costumes, tradições regionais e nacionais, essa coleção foi construindo uma história que não é de todos os países e regiões que a compõem, mas que é sua, num tempo glorioso de conquista e numa perspectiva exuberante de retratá-la. No conjunto da publicação fica patente o desejo e afirmação de um poder moral e cultural sobre parte do mundo e suas potencialidades – se considerado o aspecto portentoso, moderno, empreendedor e oneroso perceptível na execução da obra.

1.3.1 A Espanha presente na materialidade da coleção

Vários são os indícios de que a Espanha prepondera nos discursos imagéticos e textuais que a compõem. Através de diversas formas de enunciar, ela “reina absoluta” nas linhas e páginas dos escritores que colaboraram com a coleção. Diversos sinais corroboram com esta afirmação, a saber, a forma como foi concebida e elaborada a obra. Dos três volumes monográficos, dois deles – tomos I e II - apresentam províncias espanholas, perfazendo o total de quarenta e nove localidades, ou seja, configura-se no mapeamento completo desse território nacional. O outro volume – tomo III - apresenta a hispanoamérica, descrevendo treze repúblicas, o Brasil, as Filipinas e

¹²¹ Sobre a sua extensão, verificar apêndice I.

cinco províncias de Portugal. Partindo desses números, da ordem de editoração e considerando a forma como foram divididas e privilegiadas as regiões apresentadas, percebe-se que outros países e regiões representados foram inseridos e retratados em relação à Espanha.

O *tomo primero* é datado de 1872 (MDCCCLXXII). A folha de rosto desse volume conta parte da história da concepção e publicação da obra (fig.1). A impressão foi feita em três lugares: em Madri, na imprensa e livraria do editor D. Miguel Guijarro, em Havana, pelo Sr. D. Ramon Molinas, e em Buenos Aires, na *Librería la Publicidad*. Cada casa editorial vem acompanhada de seus respectivos endereços.

Acima, posicionado em primeiro plano – lugar para onde são direcionados os olhos do leitor –, foi impresso o nome do livro, *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, destacado com dois estilos e três tamanhos diferentes de letras.¹²² Existe uma funcionalidade e explicação para a composição distinta e diferente das letras. No século XIX, de acordo com Albert Labarre, utilizavam-se nas tipografias caracteres clássicos em função da legibilidade. Eram utilizadas quatro famílias de caracteres: ELZEVIRES – com base triangular –, DIDOTS – com base filiforme –, EGÍPCIOS – cujas barras da base são mais espessas como o corpo da letra – e ANTIGOS – são os caracteres “bastões”, letras com espessura uniforme e desprovidas de “cheios”, de “finos” e de “bases”.¹²³

A dimensão das letras e a tipologia dos caracteres utilizados em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* conduzem o olhar e a conseqüente percepção do leitor. Nota-se que são as mulheres espanholas que protagonizam o título. Se observada a quantidade de espaços e número de lugares retratados, e a divisão desigual de territórios retratados entre Espanha, Portugal e Américas, percebe-se manifesto o destaque para a Espanha no conjunto da obra.

A informação que segue – que compõe parte do título da obra - também está diagramada utilizando a mesma estratégia de estilos e tamanhos diferentes e

¹²² A palavra “*las*” foi disposta na “primeira linha” da folha, sozinha, grafada em traços simples e finos; “*mujeres españolas*” aparece em letras com traços grossos e cheios; “*portuguesas y americanas*” também vem em letras com traçado mais grosso, porém menores.

¹²³ LABARRE, Albert. **História do livro**. Trad. de Maria Armanda Torres e Abreu. SP: Editora Cultrix, 1981. pp. 92-93.

desproporcionais.¹²⁴ Na informação seguinte as dimensões das letras voltam a aumentar.¹²⁵

A presença dos literatos na composição da obra parece possuir maior importância que a dos artistas litógrafos. Se a produção desse livro possui um sentido político, a condução do assunto pelos escritores é importante para comprovar essa questão. Idéias, posicionamentos, ideologias e visões de mundo são mais evidenciadas, nessa coleção, através das letras do que das imagens, e a folha de rosto do primeiro volume da obra ressalta tal característica.¹²⁶

As informações seguintes são menores em dimensão e importância.¹²⁷ O último dado refere-se à data de publicação do volume e foi impresso no menor tamanho. Utilizou-se numeração romana para grafá-lo – MDCCCLXXII.

Nas duas próximas páginas – que não são numeradas – aparece publicado um texto explicativo da obra, de autoria do editor.¹²⁸ A página seguinte traz o prólogo, escrito em quinze laudas, numeradas ao estilo romano, por D. Antonio Cánovas del Castillo, político e membro da *Real Academia Española*.¹²⁹

Após as apresentações encontram-se grafadas - numa página não numerada - as nacionalidades das mulheres que virão retratadas nos textos que seguem.¹³⁰ O

¹²⁴ “*Tales como son*” foi impresso com letras de traços simples e finos, e as letras que compõem a frase “*en el hogar domestico, en los campos, en las ciudades, en el templo, en los espetaculos, en el taller y en los salones*”, embora com dimensões pequenas, aparecem negritadas e em traços cheios. Abaixo, um traçado separa esta da próxima informação. A frase seguinte, “*descripcion y pintura del carácter, costumbres / trajes, usos, religiosidad, belleza, defectos, preocupaciones y excelencias de la mujer / de cada una de las provincias de España, Portugal y Américas españolas*”, foi dividida em três linhas com letras semelhantes ao estilo arial.

¹²⁵ “*Obra escrita*”, aparece como única frase na linha, e o que vem logo abaixo, “*por los primeros literatos de España, Portugal y América*”, foi grafado em letras simples.

¹²⁶ “*É ilustrada*” e “*por los mas notables artistas españoles y portugueses*” tem estilo arial.

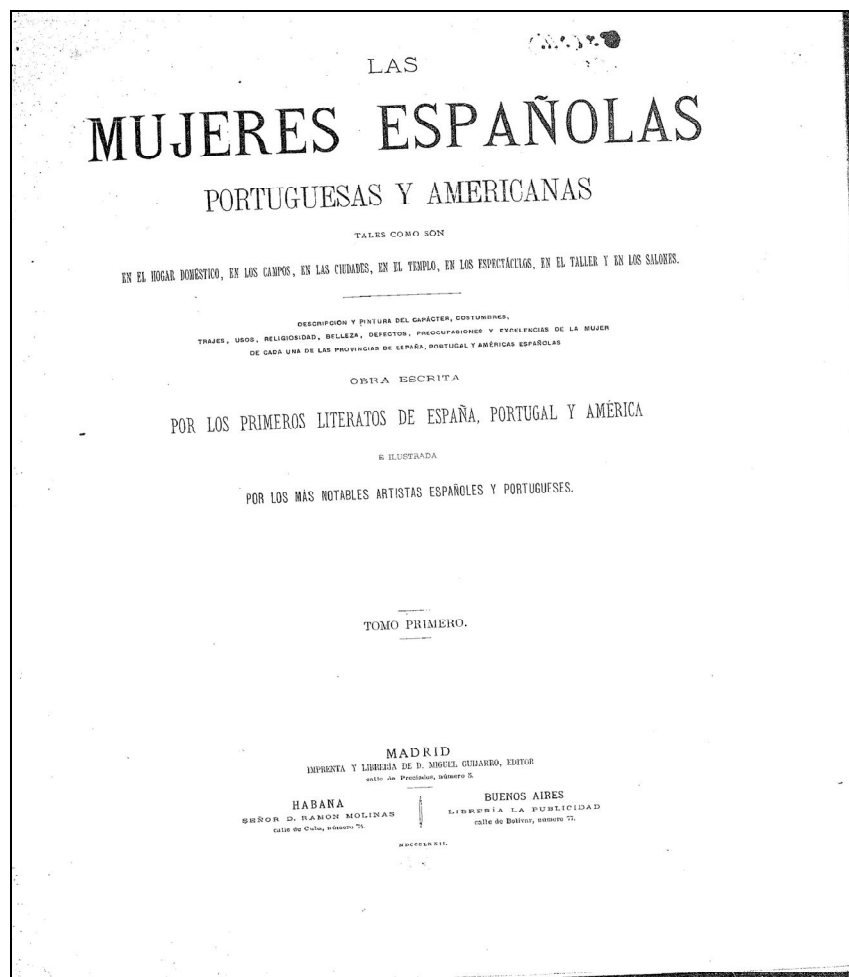
¹²⁷ Abaixo, na impressão das casas editoriais e respectivos endereços, a mesma prática de destacar um dado é utilizada. A casa editorial de Miguel Guijarro, em Madri, aparece primeiro e não divide espaço nas linhas com outras informações. Possui letra, altura e espaçamento diferenciados. As outras, de Havana e Buenos Aires, são menores, e dividem as linhas entre si.

¹²⁸ Texto escrito em Madri, em 18 de abril de 1872. (No verso da segunda folha vem a inscrição: “*es propiedad de D. Miguel Guijarro*”).

¹²⁹ Sobre este escritor e político consultar apêndice I.

¹³⁰ Em folha única, centralizada, com tamanhos de letras diferentes, está grafada a informação “*mujeres españolas*”. Nesta mesma folha, abaixo e à esquerda, em tamanho minúsculo, encontramos a inscrição “*Tomo I*”. As próximas páginas, que iniciam na numeração 3 e finalizam na 433, foram ocupadas com as exposições monográficas referentes às províncias da Espanha.¹³⁰ A última folha desta unidade – não numerada - traz o “*índice del tomo primero (mujeres españolas)*”. São vinte e um artigos neste volume.

segundo tomo da coleção foi tratado e organizado como continuação do primeiro¹³¹, e o terceiro também não apresenta página de abertura com informações sobre a obra.¹³²



(Fig. 1) Capa dos volumes de textos da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* – Tomo I

Chama atenção a apresentação do volume com as litografias.¹³³ De acordo com Marie-Linda Ortega, as imagens eram vendidas separadamente, muitas vezes

¹³¹ A folha de rosto do segundo tomo repete a primeira com a diferença da inscrição do tomo – *Tomo segundo*. Na primeira folha a informação “*Tomo segundo*” e o ano da impressão – *MDCCCLXXIII* – (ano 1873). Da página seguinte, número 1 até a número 541, vinte e oito artigos sobre mulheres das províncias espanholas foram publicados. A última folha desta unidade traz o “*índice del tomo segundo*” que inicia em *la mujer de Huelva* e finaliza com *la mujer de Zaragoza*.

¹³² A abertura do volume apresenta os seguintes dizeres: “*mujeres americanas*” e, logo abaixo, “*Tomo III*”. Da página 3 até a 229 foram publicados os textos referentes à América hispânica e portuguesa (além daquele sobre as Filipinas). Uma nova divisão entre os artigos, em página única, com os dizeres “*mujeres portuguesas*”, reparte – e diferencia – a nacionalidade das mulheres monografadas. Da página 233 até a 297 foram impressos os escritos sobre as mulheres de algumas províncias de Portugal. É esta a unidade que finaliza a coleção, com os dizeres “*fin de la obra*”, e retrata as mulheres americanas, as Filipinas, o Brasil e as mulheres portuguesas.

utilizadas como decoração – para adornar salões, por exemplo. As encadernações eram feitas quando vendidas, se encomendadas pelo comprador.¹³⁴ A parte iconográfica da coleção ficou marcada pelo uso e função decorativa. Nas palavras de Maria Angeles Ayala Aracil, deve-se

*(...) hacer mención de la indudable calidad de las ilustraciones que acompañan a los artículos de Las mujeres españolas, portuguesas y americanas, ilustraciones que van cromolitografiadas en cartulina, en impresión independiente del libro, montadas fuera de texto sobre otra cartulina de color especial, en la que van enmarcadas en filete de oro y con rótulo al pie, también dorado.*¹³⁵

Pelos indícios encontrados nas exposições monográficas, percebe-se que as cromolitografias foram produzidas antes ou concomitantemente aos textos, pois, através da leitura das produções monográficas, nota-se que alguns literatos tiveram acesso à litografia correspondente ao texto antes de escrever seus artigos.

Considerando a peculiaridade do componente iconográfico presente na concepção da obra, entende-se a ausência de elementos referentes à editoração das imagens. O volume de litografias – que compõe a totalidade da coleção analisada nesta pesquisa¹³⁶ - foi elaborado/encadernado como um álbum de fotos, sem folha de rosto, apresentação ou qualquer outra informação editorial e gráfica. A única informação está na primeira página – e primeira estampa também – que traz três mulheres sentadas em meio a um jardim de pedras, cada uma delas representando os grupos retratados na coleção, apresentadas pela inscrição “*mujeres españolas*” (lit. 1). Abaixo, nesta mesma página, encontra-se referência à casa editorial e ao litógrafo. Esta imagem, diferente das que virão a seguir – gravuras de uma mulher por página –, apresenta uma borda que circunda toda a pintura, composta pelas armas e brasões das províncias espanholas. Estes são os dados presentes nesta unidade da obra e nenhum deles data a sua produção e/ou publicação. Os outros três volumes do livro foram organizados com exposições monográficas, sendo que cada uma delas refere-se às respectivas províncias, repúblicas

¹³³ Para verificar a apresentação das litografias consultar apêndice III.

¹³⁴ ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo**. Op. cit. p.155.

¹³⁵ AYALA ARACIL, Maria Angeles. **Las colecciones costumbristas en la segunda mitad del siglo XIX: los españoles de ogaño**. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01475177766036428654480/p0000003.htm#I_6> Acesso em: 07 nov. 2008.

¹³⁶ A coleção acervada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro é composta de quatro volumes, sendo três com as exposições monográficas e um com as cromolitografias.

ou monarquias representadas na coleção – e trazem informações sobre a publicação e o período da impressão de cada unidade.



(lit. 1) Capa do álbum de cromolitografias da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Esses pontos ressaltados chamam a atenção para o aspecto comunicativo da coleção. As informações não estão somente no conteúdo dos artigos ou das litografias, mas, inclusive, na forma como a obra foi editada. A apresentação das informações nas páginas iniciais de cada item e/ou volume e também o modelo gráfico escolhido estão prenhes de sentido e, igualmente, atestam uma visão de mundo e posturas ideológicas. “Falam” da história, geografia, características, aspectos, hábitos, costumes e questões nacionais que envolvem o território espanhol.

1.3.2 A preponderância da Espanha através dos argumentos dos colaboradores

Em quase todos os autores é possível encontrar argumentos que justificam a hipótese de que a Espanha, nesta coleção, mesmo retratando diversas e diferentes províncias e espaços nacionais, acabou por fazer um registro sobre si, referenciando sua história e potencialidades. Os discursos que entronizam essa nação estão presentes tanto nos artigos que descrevem regiões e lugares da Espanha, quanto naqueles que apresentam os territórios independentes na hispanoamérica.

O catolicismo constitui-se em um dos elementos fartamente utilizados para colocá-la em lugar de destaque. É definida por Trueba como a “metade do mundo iluminada pelo Evangelho devido à religião católica”¹³⁷. Partindo da mesma concepção, Echevarría vai além, considerando-a como referencial de civilização e argumenta que essa nação foi responsável pela mudança de pensamento e concepção sobre a mulher, personagem influente e imprescindível para o destino da humanidade. Coloca como exemplo a Rainha Isabel, a católica, que, segundo ele, acreditou em Colombo e propiciou o “descobrimento” da América.¹³⁸

Os argumentos destacando a religião, explícitos ou subentendidos, continuam a referendar os discursos dos diversos autores. Rosell considera que a marca da Espanha está na guerra e religião¹³⁹ e, para *El Marqués de Molins*, não há ali diferenciação entre nobres e plebeus, porque todos participaram da reconquista¹⁴⁰. Outro autor, *El Conde de Palláres* eleva as mulheres da “Católica Nação Espanhola”.¹⁴¹ Referência ao catolicismo também é destaque nos discursos que descrevem espaços americanos, como é o caso da Venezuela, onde a Espanha aparece, nos escritos de Peraza, como a mãe que deixou como herança a religião e a família.¹⁴²

O passado glorioso e a história epopéica da Espanha constituem-se em outro foco dos discursos para sustentar a argumentação sobre a grandeza e a importância dessa nação. Nos escritos que descrevem os diversos espaços territoriais hispanoamericanos, abundam menções a uma Espanha heróica e salvadora. A miscigenação configura-se em argumento mais utilizado para referendar a idéia acima.

¹³⁷ *La mujer de Álava*. Tomo I.

¹³⁸ *La mujer de Albacete*. Tomo I.

¹³⁹ *La mujer de Guadalajara*. Tomo I.

¹⁴⁰ *La mujer de Ciudad Real*. Tomo I.

¹⁴¹ *La mujer de Lugo*. Tomo II.

¹⁴² *La mujer de Venezuela*. Tomo III.

De acordo com os diversos autores, foi através dela que antigos hábitos e costumes foram extirpados, que as mulheres – e homens - foram civilizadas e que a América pode assemelhar-se – nos aspectos físicos, culturais, religiosos, nos hábitos, usos e costumes – com a “mãe-pátria”.¹⁴³ Tal magnificência também é reiterada nas análises daqueles que escrevem sobre as províncias espanholas. Para Mañe y Flaquer, a Espanha constitui-se em uma federação de raças onde nenhum povoado se destaca¹⁴⁴; Martinez a retrata como gloriosa e importante por ter conquistado *el Nuevo Mundo*, e lamenta o esquecimento e desdém desse passado por parte de outras nações.¹⁴⁵ Saavedra lembra a grandiosidade e ostentação dessa nação ao tratar de Leon, a primeira capital espanhola¹⁴⁶. Escalante afirma que esta representa amor e inspiração, e Maldonado que a sua glória foi dada pelas mulheres – refere-se a figuras como a Rainha Isabel e D. Urraca (foi sobrinha de Fernando VII e filha de D. Alfonso VI, viúva do conde Raimundo de Borgonha e casada com Alfonso “*el Batallador*”, rei de Aragão, no século XII¹⁴⁷). Também relacionando-a a personagens femininos, Duro observa que são mulheres heróicas e fortes que a representam, e Castelar observa a particularidade das mulheres como sustentáculo da “idolatrada” Espanha.¹⁴⁸ Áviles, em *la mujer de Badajoz*, também relaciona mulher, civilização e futuro da nação espanhola. Argumenta que A Rainha Isabel moralizou e adoçou costumes espanhóis e, na atualidade, é chamada a influenciar e transformar o futuro da Espanha.¹⁴⁹

De acordo com Vicente Barrántes, que retratou as Filipinas, a Espanha constitui-se no berço e grande exemplo de civilização, e, para Nicanor Peraza, é a Pátria, a mãe e a glória; referência da Espanha como mãe também aparece nos escritos de Cervántes.¹⁵⁰

Embora em menor número, há também alguns autores que destacam aspectos negativos atribuídos a ela. No momento em que Valladares escreve, representa uma Espanha que vivencia um estado de ruína, tomada por males e vícios e, em sua

¹⁴³ Assim a Espanha aparece denominada em diversos autores que colaboram com a coleção aqui estudada. Sobre a relação Espanha e miscigenação, encontra-se em Teodoro Guerrero – *la mujer de Cuba e de Puerto Rico* -, Camilo Enrique Estruch – *la mujer del Peru e de Bolívia* -, e em César Olmedo – *la mujer de Nueva Granada*. Tomo III.

¹⁴⁴ *La mujer de Barcelona*. Tomo I.

¹⁴⁵ *La mujer Burgos*. Tomo I.

¹⁴⁶ *La mujer de Leon*. Tomo II.

¹⁴⁷ JOSÉ, Maria e VOLTES, Pedro. **Las mujeres en la historia de España**. Barcelona: Editorial Planeta, 1986. p. 87.

¹⁴⁸ *La mujer de Santander; La mujer de Teruel; La mujer de Zamora; La mujer de Zaragoza*. Tomo II.

¹⁴⁹ *La mujer de Badajoz*. Tomo I.

¹⁵⁰ *Las mujeres de Filipinas: La mujer de Venezue; La mujer del Uruguay*. Tomo III.

concepção, somente o trabalho poderia trazer de volta a prosperidade.¹⁵¹ Campamar tece críticas à “ vaidade luxuosa ” da civilização espanhola, considerada como um “ inconveniente para a vida social do presente ”¹⁵². Barrera e Olózaga possuem opiniões semelhantes por entender que na Espanha a educação – o ensino formal - de homens e mulheres fica abandonada.¹⁵³ Guijarro destaca que a Espanha passa por um período de decadência¹⁵⁴ e Cervántes, que escreve sobre o Uruguai, toma-a como cheia de vícios morais.¹⁵⁵

Entre aspectos positivos e negativos, abundam referências sobre um espaço que ocupou, história que construiu e que, através das páginas da coleção, objetiva disseminar e exaltar idéias em seu próprio território e para o mundo. Partindo da perspectiva *costumbrista*, hábitos e tradições ajudam a compor um passado glorioso e exuberante e o presente como reflexo dele. Com referências a aspectos do passado e do presente, outros costumes e movimentos são encontrados nas descrições manifestas nesses diversos artigos que compõem a coleção.

Sagrera, ao retratar a província de Alicante, diz que ali reina um espírito voltado ao progresso material e moral do país; Valcárcel argumenta que, para entender a história espanhola, é preciso analisar as mulheres – retórica ou não, é a idéia que procuram demonstrar os autores participantes dessa coleção.¹⁵⁶ Acompanhando o texto de Manuel Juan Diana, encontra-se o entendimento de que costumes e caráter não são vendidos na Espanha e que Madri, a capital, constitui-se em mãe/pátria para o espanhol e família para o estrangeiro; nos escritos de Frontaura há também a denominação pátria para referenciar a Espanha, enquanto que, frente à modernidade que as nações estão vivenciando, Collantes preocupa-se com os tipos espanhóis que, na sua percepção, estão desaparecendo.¹⁵⁷

Os textos sobre as repúblicas hispanoamericanas trazem mais referências sobre a importância da Espanha do que dos próprios países abordados. As cubanas, para Guerrero, são consideradas espanholas por “ possuírem a semente espanhola ” e, diferentes, somente por trazerem consigo o “ selo ” da terra onde nasceram; Barrántes

¹⁵¹ *La mujer de Almeria*. Tomo I.

¹⁵² *La mujer de las Baleares*. Tomo I.

¹⁵³ *La mujer de Jaen; La mujer de Logroño*, Tomo II.

¹⁵⁴ *La mujer de Málaga*. Tomo II.

¹⁵⁵ *La mujer del Uruguay*. Tomo III.

¹⁵⁶ *La mujer de Alicante; La mujer de Ávila*. Tomo I.

¹⁵⁷ *La mujer de Huesca; La mujer de Oviedo; La mujer de Palencia*. Tomo II.

lamenta os “laços frouxos” de sangue e nacionalidade entre Espanha e Filipinas e por não preponderarem ali os ideais e elementos da civilização espanhola.¹⁵⁸ As falas de T. Guido também são de lamento. A imigração vivenciada pela Argentina, em seu entendimento, corroeu a instituição espanhola e fez que se perdesse a semelhança com a Espanha. Atesta que ali a emancipação não se constituiu em algo bom para a população.¹⁵⁹

As argumentações presentes nos textos também indicam um sentido político na produção da coleção. Essa obra revela expressões das idéias políticas dos oitocentos espanhol através dos temas e múltiplas ideologias que a constituem; desde sua concepção até as simbologias ali presentes, demonstra os conflitos políticos e incômodos que aquele espaço territorial vivenciava no tocante ao encaminhamento dos rumos da nação.

1.4 Existe um sentido político em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas...*

O estudo dos aspectos políticos e da política, propriamente dita, para a historiografia mais recente, pode ser feito através das várias formas de expressão material do homem, mesmo não possuindo um caráter institucionalizado. Sendo assim, a história política voltou a configurar-se num campo da história e, mais do que isso, rejuvenesceu.¹⁶⁰

Na concepção de René Remond, após sua renovação e expansão na contemporaneidade – recuperou seu prestígio, buscou novos objetos, retomou temas antigos baseando-se em perspectivas diferentes –, o político passou a figurar como domínio privilegiado de articulação do social.

Por muito tempo, a história política era a do Estado, do poder, da conquista, das instituições (monarquias, por exemplo) e, nessa perspectiva, tinha grande prestígio entre os historiadores. O sentido atribuído à história, as ideologias, o modo de ver o mundo e o homem e as concepções científicas coadunavam-se com a facilidade colocada pelas fontes oficiais diplomáticas, produzidas pela própria política. Essas fontes refletiam o brilho do Estado e a história acompanhava essa glória, reproduzindo a

¹⁵⁸ *La mujer de la Isla de Cuba; Las mujeres de Filipinas*. Tomo III.

¹⁵⁹ *La mujer Argentina*. Tomo III.

¹⁶⁰ RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

trajetória dos soberanos e monarquias. Mesmo depois, com o fim do Antigo Regime, a história política voltou-se para o Estado e a Nação, ocupando-se com o estudo das guerras pelas independências, configuração dos Estados Nacionais, advento da democracia, revoluções políticas, entre outros.

Entende ainda Remond que, com as transformações vivenciadas pelas sociedades, essa forma de pensar a história deixou de ter sentido porque privilegiava o individual e a narrativa em detrimento do coletivo e das indagações. O social e todas as transformações e especificidades explicavam muito mais do que aquela história que ficava só nos detentores do poder. Dessa forma, a história política tradicional ficava limitada aos fatos e generalizações e desconsiderava os processos, privando-se de uma análise correspondente a um tempo histórico e às peculiaridades de um espaço.

Na atualidade, as novas orientações da pesquisa e que harmonizam com o ambiente intelectual estão voltadas para o social - entram em cena as massas, camponeses, operários, marginalizados e excluídos da sociedade e da história como os negros, mulheres, índios, pobres, homossexuais... Dessa forma, argumenta René Rémond, depois de um longo período na marginalidade, a história política voltou com força, reintroduzindo a dimensão política dos fatos coletivos. Acontecimentos como as guerras, neoliberalismo, relações internacionais, e outros, contribuíram para lembrar que a política incide nos destinos dos povos e na existência individual. Além disso, a reintegração da política na história deu-se em função da ampliação do domínio da ação política.¹⁶¹

Sobre esta perspectiva da história política, Michel Winock estuda o espaço e o reflexo das idéias políticas no social. Entende que é preciso reconsiderar o lugar das idéias na sociedade, uma vez que as idéias políticas não são apenas as dos filósofos e dos teóricos, mas também a dos homens comuns. A partir desta perspectiva, descobrir as marcas das idéias em todos os setores da sociedade, através dos diversos meios de expressão do homem, caracteriza-se numa renovação do campo da análise política. Para ele, o estudo de um fenômeno que teve grande reflexo ou sucesso na sociedade

¹⁶¹ Temos como exemplo os poderes públicos que começaram a legislar, regulamentar, controlar, subvencionar a construção de moradias, assistência social, saúde pública, difusão da cultura, etc. Tudo isso acabou passando para os domínios da política e, conseqüentemente, da história política. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Op. cit.

configura-se em um dos meios mais seguros de apreender as opiniões populares e de ver através dos ouvidos, olhos, mente, boca, ou seja, “através dos sentidos” da sociedade.¹⁶²

A coleção se ocupa das questões institucionais da época e vários são os indícios de que está prenhe de sentido político. Em primeiro lugar, ao eleger personagens comuns, como aqueles que, junto com a burguesia estavam insatisfeitos com os rumos políticos da nação¹⁶³, constitui em retrato de um espaço nacional que havia vivenciado um movimento revolucionário que questionava o poder vigente e que acabou por destronar uma descendente da dinastia bourboniana.¹⁶⁴ Outro aspecto diz respeito aos espaços retratados, todos representantes de instituições nacionais – repúblicas e monarquias - ou regionais - províncias. A escolha dos espaços territoriais que compõem a obra foi política e não aleatória. Uma terceira observação refere-se ao tema “mulheres”, claramente ligado, neste século, às questões republicanas, nacionais e de construção da nacionalidade¹⁶⁵ e aos assuntos na sua forma e preponderância como foram abordados.

Alguns autores iniciam informando o significado e sentido da mulher – “*la hermosa mitad del genero humano*” – para a sociedade e para os homens, para logo em seguida descrever aspectos históricos, geográficos, topográficos, climáticos, naturais, entre outros, da localidade apresentada. Muitos escritores optam por iniciar direto pelas informações acima. A parte seguinte invariavelmente trata da natureza bela, graciosa, imprescindível e agradável das mulheres. A maternidade configura-se em um dos aspectos mais elevados pelos diversos escritores. A abordagem das peculiaridades femininas do espaço territorial retratado, como os usos, costumes, raça, traços físicos, trajes, aspecto moral, posição social, semelhanças e diferenças, geralmente é feita na última parte das monografias. Há que se considerar que referências aos assuntos de

¹⁶² WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. Para isso, o historiador das idéias políticas deve ir além das fontes escritas, das fontes acadêmicas e científicas. “O público dito ‘culto’, assim como os ‘eleitores sem bagagem’, são submetidos sem cessar aos discursos infra e meta políticos, e esse contato é muito maior que seu acesso à obra dos teóricos”, diz Winock. p. 282.

¹⁶³ Sobre esta questão ver ARTOLA, Miguel. **La burguesía revolucionária** (1808-1874). Op.cit.

¹⁶⁴ Referência à Revolução que aconteceu em setembro de 1868 na Espanha, conhecida como Revolução Gloriosa e que destronou A Rainha Isabel II, filha de D. Fernando VII.

¹⁶⁵ Autores pesquisados: CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. Op. cit.; PRADO, Maria Lígia Coelho. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: **América Latina no século XIX**: tramas, telas e textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999; AGULHON, Maurice. Mariana, objecto de “cultura”? In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. A mulher como tema nesta coleção será abordada em capítulo à parte.

caráter político perpassam todo o texto - em maior ou menor grau, dependendo do escritor, seu ímpeto e verve política -, muitas vezes sem um lugar definido nas composições monográficas.

Além dos usos, costumes e tipos, entre os assuntos recorrentes nos discursos dos diversos autores, destacam-se a maternidade e sua relação com a pátria/nação/sociedade. Para a discussão da mulher e sua função social – educar os filhos e cuidar do marido -, vincula-se mulher e educação. A mulher e sua educação moral são perscrutadas em todos os tipos analisados; civilização e as transformações contemporâneas vivenciadas pelos espanhóis também preponderam nas linhas dos escritores.

Importante observar, para compor este quadro, os escritores que colaboraram com a coleção. Grande parte deles estavam ou foram envolvidos com a atividade política, atuando ou escrevendo em periódicos – além de dedicarem-se à literatura.¹⁶⁶ A apresentação da coleção é de autoria de Antonio Cánovas del Castillo, o último presidente que a Espanha teve no período em que vivenciou a efêmera experiência republicana.

Os destaques dados nos textos para a tradição, história e geografia da Espanha e das outras regiões também ajudam a reconhecer um sentido político presente na coleção.

Outra particularidade dessa obra que traz imagens e textos da América e da Espanha diz respeito à forma de representar espaços e personagens em perspectivas diferentes. Observadas as litografias das mulheres espanholas e das americanas, embora representem concepções idealizadas do feminino, percebe-se uma diferença na forma de retratá-las. As imagens das espanholas representam as mulheres do campo e *de los pueblos*, ou seja, as trabalhadoras. As representações americanas contrapõem a mulher do campo, mestiças, com as damas aristocráticas – as brancas. São vários os espaços territoriais hispanoamericanos ilustrados com mais de uma litografia, demonstrando dois tipos de mulheres pertencentes a estas sociedades, aquela que foi fruto da miscigenação entre as duas raças, e da representante – ou descendente – espanhola. (lits. 2, 3, 4 e 5)

Entre os discursos dos artigos e das imagens, também é possível perceber diferenças, pois comunicam conteúdos desiguais, embora complementares. O destaque

¹⁶⁶ Para mais informações consultar apêndice II.

das exposições monográficas é para a natureza e clima, para os aspectos político, histórico, geográfico, e sobre mulheres. Há uma diversidade de temas nas composições textuais. Quanto à representação iconográfica, o foco direciona-se especificamente para a mulher e sua atividade ou posição social, num determinado contexto – eleito pelo litógrafo. Captados os trajes, hábitos, tipos, costumes, aspecto moral, função, ela é a personagem que está sempre em primeiro plano.

Os artigos que retratam Espanha por um lado e Américas e Filipinas, por outro, da mesma forma, enfatizam conteúdos diferenciados. Quando representadas as Filipinas e Américas – tem-se que levar em consideração que o Brasil também está contemplado nessa coleção *costumbrista* –, são evidenciadas as diferenças étnicas. Encontra-se uma farta discussão sobre a raça nativa – denominada indígena – e as respectivas diferenças entre índias, mestiças e mulheres brancas. A mulher idealizada é a branca, considerada “dama da sociedade”. Elas são aproximadas em gosto, trajes, hábitos, costumes e aspectos morais às espanholas. Então, nota-se que, no caso destes territórios, a ênfase não está no peculiar ou nos aspectos que as diferenciam entre si, pois essa questão está implícita em função das diferenças e divergências raciais – e sociais - entre índias, mestiças e as descendentes de espanhóis. O objetivo está em mostrar as similitudes, o que tem de igual com a Espanha, ou seja, a presença cultural e biológica desta nação.



(lit. 2) - *Mujer de Almería*



(lit. 3) - *Mujer del Pueblo* - Almería



(lit. 4) - *Dama de Cuba*



(lit. 5) - *Señora de Habana - Cuba*

Quanto à Espanha, é recorrente nos escritos dos autores a dificuldade em demonstrar peculiaridades e especificidades que marcam as mulheres das localidades retratadas, devido às marcas e unicidade decorrentes da ação do progresso. Dessa forma, essa “mulher típica” e as conseqüentes tradições, os escritores vão buscar no campo, que, de acordo com os mais variados discursos, ainda mantém costumes, hábitos, trajes, ou seja, “lugares” onde estão assentados os resquícios e símbolos da tradição, onde o progresso não corrompeu as características típicas do lugar. Em relação à raça, a grande maioria dos artigos faz referência à presença árabe, tanto nos costumes quanto no aspecto físico mas, diferentemente da raça indígena, tal influência não é considerada como um problema – exceto no que tange à religião – e, ao contrário, é vista como benéfica para os povos das diversas regiões da Espanha, no aspecto físico, nas conquistas materiais e no desenvolvimento.

O sentido político e o caráter nacional que se revelam nesta coleção, caracterizados pelas diversas formas acima apresentadas, estão expressos segundo uma perspectiva ideológica hispanista. O hispanismo surgiu influenciado por outras ideologias e movimentos políticos do século XIX. A emergência das nações,

principalmente após a Revolução Francesa¹⁶⁷, constituiu-se em pano de fundo para essa nova forma de inclusão, ratificada no discurso pela hispanidade. As argumentações que embasam este ideário buscam atribuir um sentido de nacionalidade, ou seja, procuram por elementos comuns que deem sentido à existência de um povo, nas suas características particulares, em seus desejos, expectativas, transformações vivenciadas e idiossincrasias.

¹⁶⁷ HOBBSAWN, Eric. J. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p.125.

Capítulo 2

Las mujeres españolas, portuguesas y americanas: produção, materialização e difusão do discurso hispanista

O conjunto que se revela na concepção, produção e composição da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* sobressai pela multiplicidade de elementos que mapeiam a Espanha na segunda metade do século XIX, em suas diversas características. Além do gênero artístico – *costumbrismo* –, como foi apresentado no capítulo primeiro, outro destaque é para o discurso ideológico. Num contexto de perdas territoriais e recorrentes crises políticas, o hispanismo surgiu como vertente ideológica e expressão de uma mentalidade imperial, esta última abalada pelas diversas perdas e transformações que marcaram o oitocentos. Esse discurso hispanista baseou-se nas afinidades adquiridas através das experiências comuns entre Espanha e os espaços territoriais influenciados - ou tocados, de alguma forma em menor ou maior grau – por ela, difundiu a noção de uma comunidade cultural e espiritual e a consequente ligação mútua. A ameaça anglo-saxônica em sua cobiça pela América, igualmente, constituiu-se em força para o surgimento desse ideário.

No caso da coleção aqui analisada, parte-se da hipótese de que ela não só divulgou, mas contribuiu na elaboração de uma representação do ideário hispanista, na medida em que ressaltou aspectos do caráter nacional espanhol, divulgou uma história pautada num passado de poder e glória, propagou a noção de cultura, ser e indivíduo hispânico. A particularidade dessa obra diz respeito ao fato de ela não representar uma ofensiva americanista. Sua composição destaca especificidades e peculiaridades da Espanha, dentro e fora de seu território, com o intuito de recuperar a importância e poder que outrora havia desfrutado. De acordo com o contexto e conjuntura nacional, criou um discurso com maior valor interno, colocando em prática um modelo de comunicação com seus próprios conterrâneos.

Para compreender esse diálogo que *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* entabula com o século XIX, o desenvolvimento de tal ideário e constante presença em vários discursos e veículos de comunicação neste período, faz-se mister delinear os contornos históricos desse território que, de acordo com Pierre Vilar, ficou marcado por um encadeamento de intrigas, comédias e dramas.¹⁶⁸

¹⁶⁸ VILAR, Pierre. **Historia de España**. Tradução de Manuel Tuñón de Lara. Paris: Librairie espagnole, 1975.

2.1 A História Política da Espanha no contexto do século XIX

A Europa vivenciou, no século XVIII, um revolucionário movimento cultural, filosófico e estético chamado Iluminismo. Esse movimento permitiu uma evolução singular da cultura européia, inaugurando novas formas de representação na política, nas artes e em quase todos os aspectos. Essa renovação da liberdade e progresso como o desenvolvimento técnico e científico – fruto de uma nova concepção epistemológica –, aliada a uma nova dinâmica e formas do uso da razão, levou paulatinamente a uma transformação do imaginário e das práticas políticas, como o Absolutismo, Reformismo, e também a uma nova ordem de bem-estar público mas, primordialmente, tocou no gosto e na sensibilidade de homens e mulheres daquele momento.¹⁶⁹

Na Espanha, esses novos valores da contemporaneidade estão expressos não só nas imagens artísticas, mas também na mais ousada reforma vivida por esta nação, aquela feita pela dinastia bourboniana. O testemunho da sua evolução no campo da política é a Reforma Bourbônica, que se configura numa mistura de elementos da Monarquia Absolutista e do Iluminismo, conjugando a tradição com a modernidade, que criou um modelo próprio de moderno, numa tentativa de tornar nova e dinamizar a economia espanhola e racionalizar a exploração colonial.

É o século XIX, mais particularmente a década de 70 que se busca entender aqui, nesta pesquisa. Esse homem já transformado pelo "bom uso da razão"¹⁷⁰ tem correspondência com o período anterior e apresenta indícios dessa correlação. Com a dimensão pública da razão – liberdade para expressão e difusão de seu pensamento –, o homem deixou de ser guiado por outros que pensavam por ele e o conduziam. Tudo isso implicou desejo de mudanças e, conseqüentemente, crise de identidade e interrogações em relação àquele mundo já existente, nas fórmulas e formas já conhecidas.

¹⁶⁹ Museu Nacional de Belas Artes. **Séc. XVIII Espanha o sonho da razão**. RJ: Instituto Arte Viva, 4 julho a 25 de agosto de 2002. (exposição)

¹⁷⁰ Ao tratar o discurso de liberdade e direitos iguais que contrastava com as práticas cotidianas na América hispânica, o filósofo Leopoldo Zéa explica que essa concepção de igualdade entre os homens, presente na Declaração Norte-americana, de 1776, e na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, aparentemente contraditória, tem antecedentes nos escritos filosóficos de René Descartes. Segundo Zéa, a filosofia cartesiana prega que "todos os homens são iguais pela razão ou bom senso", então o que os torna diferentes é o uso da razão. "Não basta ter engenho, o principal é aplicá-lo bem". Este é o sentido que o europeu dá aos direitos do homem americano, espaço espetacular das diferenças (a começar pela cor de pele, sangue, cultura, posições sociais, língua, aspecto físico, etc). ZÉA, Leopoldo. Os direitos humanos na América. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). **A Revolução Francesa e seu impacto na América Latina**. SP: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF, CNPQ, 1990. pp. 151-163.

Ensimesmar-se e questionar a ordem vigente só foi possível depois dessa revolução humana que o Iluminismo, como uma proposta estética e teoria filosófica, permitiu.

A Espanha oitocentista foi representativa deste movimento no que tange ao desejo de superação de tudo que era velho e opressivo. Entrou o século buscando um sentido para a nação através do questionamento do modelo e práticas políticas. Pode-se considerar que a operação salvamento feita pela dinastia dos Bourbons no século anterior primou por uma atitude absolutista, de centralização do poder, o que deu ao homem do século XIX - já transformado - motivos para contestação.¹⁷¹

Até 1833, com Fernando VII, a Espanha ainda tinha um representante legítimo da tradição dinástica reformista. Após a sua morte, com as regências e reinados legítimos, o Estado espanhol esteve envolvido em uma gama de lutas políticas e guerras civis engendradas por moderados, liberais, progressistas, União Liberal, carlistas¹⁷² e, mais para o final do século – última década –, apareceram novas forças ancoradas na preocupação social (socialismo, internacionalismo, anarquismo). A partir da década de 1830, a nação ficou marcada pela presença de expoentes dos diversos partidos políticos nos ministérios.¹⁷³

¹⁷¹ Em função da debilidade militar, econômica e da fragilidade política, o Estado espanhol colocou em prática - com os Bourbons no poder a partir do início do século XVIII - um projeto de salvamento da estrutura econômica e do estado, adotando tradições e atitudes do absolutismo mercantilista francês. A Reforma Bourbônica mesclou elementos do Iluminismo e do antigo regime, através de uma versão seletiva do primeiro. A reforma consistiu em medidas internas no campo e no comércio, através de uma nova formulação do pacto nacional a partir de estímulos para a produção, continuidade da centralização do poder, maior independência da monarquia em relação à Igreja e fortalecimento dos laços coloniais com a América. No entanto, as reformas se mostraram insuficientes e tardias. Houve resistência da alta e baixa nobreza, do clero e campesinato espanhol, além da elite *criolla* americana. KAPLAN, Marcos. **Formação do Estado Nacional na América Latina**. Tradução: Lygia Maria Baeta Neves. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. pp. 83-88. Considera-se que as conseqüências dessa intenção de renovação são bastante perceptíveis no século XIX.

¹⁷² Carlistas eram aqueles que queriam que o infante D. Carlos, irmão de Fernando VII, assumisse o trono espanhol. O infante não pertencia à dinastia bourbônica. De acordo com Pierre Vilar, durante o período da regência de D. Maria Cristina - que fora pronunciada em 1833 e regeu até 1840 - ocorriam guerras carlistas por várias regiões da Espanha, inclusive sendo coroado rei pelos seus partidários. Havia três focos carlistas na Espanha: Navarra, País Vasco e Alta Cataluña. VILAR, Pierre. **Historia de España**. Op. cit. p. 89.

¹⁷³ Os *partidos moderado e progressista* foram sendo gestados após a morte de Fernando VII, e brotaram do liberalismo. Os *moderados* tendiam a dar seguridade ao trono e conferir-lhe prerrogativas e solidez. Estavam dispostos a parar as desamortizações dos bens eclesiásticos e conciliar com a Igreja. Os *progressistas* tendiam à diminuição dos atributos do monarca e descentralização do poder a partir de Juntas Revolucionárias de Províncias. A *Unión Liberal* surgiu como um terceiro partido, formada por ampla base heterogênea. Criticava a imobilidade conservadora e a demagogia progressista. Era formada por progressistas de direita, puritanos e sobretudo pelo exército. A partir de 1868, ainda aparecem os *democráticos* como uma derivação do progressismo, já que os moderados e progressistas acabaram sendo extintos como partidos. Os *republicanos* figuravam como oposição a qualquer forma de monarquia. MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX: historia de la cultura española**. Op. cit. pp. 76-78.

D. Maria Cristina, a esposa de D. Fernando VII, após a morte do marido assumiu o poder como regente - esperando a maioridade de sua filha Isabel, futura rainha. Governou por 7 anos. Sua regência transcorreu marcada por conflitos entre carlistas (absolutistas), liberais progressistas e moderados. Em 1837, o surgimento de uma Constituição mais conciliadora, da mesma forma, não impediu os conflitos citados acima. Em 1841, iniciou-se a regência de um progressista, o General Espartero, sempre lembrado pela quantidade de guerras e bombardeios durante o período em que esteve à frente, no poder.¹⁷⁴ Somente em 1843 Isabel conseguiu assumir o trono, antecipando sua maioridade aos 13 anos, em função da grande participação de moderados na corte.¹⁷⁵ A promulgação da Constituição de 1845, extremamente reacionária, negou o princípio de soberania nacional à população. Esta constituição deu caráter à vida política espanhola até a Revolução de 1868. A partir de 1854, iniciou-se um biênio progressista (com o General Espartero no ministério), mas sua gestão foi vacilante e desacertada, o que levou, em 1857, por apenas um ano, os moderados novamente ao poder. Em 1858, uma nova organização política denominada União Liberal¹⁷⁶, tendo à frente o general O'Donnell, deu o tom à política.¹⁷⁷ O seu ministério foi marcado, a princípio, pelo crescimento econômico, investimentos estrangeiros, continuação das desamortizações dos bens eclesiásticos, construção de ferrovias, ou seja, pelo progresso. Caiu em 1863, com a prosperidade fraquejando e em meio a revoltas sociais. A partir de então, a Rainha Isabel não conseguiu mais o domínio nacional e esteve sob constante ameaça até ser destronada em 1868.¹⁷⁸

Entre 1873 e 74, a Espanha viveu um efêmero período republicano – tentativa frustrada –, de acordo com a historiografia espanhola. Em dezembro, figuras

¹⁷⁴ VILAR, Pierre. **Historia de España**. Op. cit. pp. 80-81.

¹⁷⁵ A Rainha Isabel iniciou seu governo com um ministério moderado, que dominou a política espanhola por 10 anos. Este período ficou marcado pelas práticas políticas autoritárias, como a dissolução da Milícia Nacional (força armada liberal) e submissão da imprensa a uma severa censura. Tentou fazer algumas concessões à Igreja, na tentativa de reparar os prejuízos causados pelos seus antecedentes liberais e destruiu a autonomia do ensino, vinculando novamente as escolas ao Estado. Os moderados ficaram no poder até 1854.

¹⁷⁶ A *Unión Liberal* era uma junção da esquerda moderada e progressistas. AGUALDO BLEYE, Pedro. **Manual de historia de España**. Madrid: Espasa calpe, 1958. Tomo III.

¹⁷⁷ AGUALDO BLEYE, Pedro. **Manual de historia de Espanã**. Op. cit. De acordo com Pierre Vilar, de 1856 até 1868, estiveram no poder Narváez – representante dos moderados – e depois O'Donnell, representante de políticos de centro-esquerda (União Liberal). A partir de então foram nascendo partidos democráticos: republicanos, com Castelar e Salmerón e Federal, com Pi y Margall. A república foi proclamada em 11 de fevereiro de 1873, com tendência federalista, tendo como primeiro presidente Figueras e depois Pi y Margall. De 1875 até 1917 vivenciou-se o período de restauração. VILAR, Pierre. **Historia de España**. Op. cit. pp. 82-83.

¹⁷⁸ KIERNAN, Victor Gordon. **La revolucion de 1854 en Espanã**. Madrid: Aguilar S.A de Ediciones, 1970. pp. 281-284.

políticas liberal-conservadoras tomaram o poder e colocaram militares para ministérios importantes. Posteriormente, proclamaram Alfonso XII (filho da Rainha Isabel) como rei da Espanha. Inaugurou-se uma etapa de generais no poder – os caudilhos militares, como denomina Miguel Cuadrado –, sempre presentes em período de crise e "caos" político. O Estado liberal foi reestruturado, assim como a sociedade civil também. A Constituição de 1869, emanada do sufrágio popular, sofreu uma revisão, para dar lugar a outra com características mais conservadoras. A esquerda liberal não pôde participar da feitura desta última.¹⁷⁹

A história política da Espanha se apresenta como uma trama de intrigas e desajustes, a princípio. O dezenove não significou uma época estéril, pelo contrário, mostrou um contínuo enriquecimento material, progresso, e principalmente, uma transformação fundamental na mentalidade popular; em relação aos costumes, a instauração de novas formas de vida coletiva, ou seja, uma rica vida social e política. Para a Europa, a Espanha parecia um espaço atrasado; mas por outro ângulo, é possível verificar um momento de extrema vitalidade, mesmo com a perda de impérios, guerras civis e desacertos políticos.¹⁸⁰

Para Juan Petit, o período que se iniciou em 1808 (tomada da Espanha por Napoleão Bonaparte), assim como a descolonização da América, deu início a um movimento interno de aquisição de consciência nacional, levando a Espanha à maturidade e à era moderna.¹⁸¹ Miguel Martínez Cuadrado, partindo também desse pressuposto, entende que o problema histórico da Espanha remonta a um período de 90 anos, ou seja, até 1898, iniciado após as libertações das colônias americanas. Argumenta que a longa dominação colonial causou erosão na estrutura espanhola no que diz respeito ao seu devir nacional, ao seu encontro com a nação, e impediu a organização de um modelo político mais eficaz, além do desequilíbrio regional interno.¹⁸² Ou seja, o século XIX foi o espaço de uma reestruturação política, social e cultural da Espanha.

A marca política no transcorrer desse século XIX são os conflitos. A Revolução de 1868, também sinal das diferenças políticas, do desassossego desses

¹⁷⁹ MARTÍNEZ CUADRADO, Miguel. **La burguesía conservadora** (1874-1931). Op. cit. pp. 7-25.

¹⁸⁰ MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX: historia de la cultura española** Op. cit., p. 66. De acordo com Vilar, grande crescimento demográfico espanhol ocorreu entre os anos de 1808 até 1915: de 11 milhões em 1808 para 15,5 milhões em 1857, 18,5 em 1900 e 24 milhões em 1935. VILAR, Pierre. **Historia de España**. Op. cit. pp. 82-83.

¹⁸¹ In: MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX: historia de la cultura española**. Op. cit.

¹⁸² MARTÍNEZ CUADRADO, Miguel. **La burguesía conservadora** (1874-1931). Op. cit pp. 23-24.

indivíduos, configurou-se num apelo à soberania nacional, a um governo que representasse as forças vivas do país, a regeneração social e política.¹⁸³ Conforme apresentado no capítulo anterior, nesse momento, que foi iniciado com a Revolução de 1868, surgiram vários decretos e ordens para acabar com todo tipo de censura. Eclodiu um período de liberdade de expressão e imprensa livre, da literatura e dos meios de divulgação de pensamentos críticos e educação, como expressão da presença ativa dos burgueses na sociedade.

As transformações na Espanha, após a morte de D. Fernando VII, não ficaram somente no âmbito político. A partir desse quadro em que figuravam maiores liberdades, multiplicaram-se os meios para publicação e veiculação de idéias e valores através da imprensa, e a possibilidade de expressar as opiniões acabou por influenciar a cultura, de uma forma geral. Mesmo as posteriores proibições que a imprensa sofreu e também o caráter restritivo não chegaram a ser tão nefastos a ponto de afastarem tudo que era novo desse também “novo” homem. Diferentes correntes de pensamento (políticas, filosóficas, artísticas) contrastavam com aquela extremamente rígida do período fernandino. O século XIX, de acordo com Fernando Díaz-Plaja, foi o período em que se iniciaram as liberdades políticas. O surgimento dos cafés e a disseminação dos periódicos constituíram-se em espaços nos quais as pessoas podiam expressar suas opiniões, verbalmente e em conversas cotidianas. *La política estaba en todas las mentes porque estaba en todas las calles en forma de revoluciones y motines.*¹⁸⁴

Esse século foi também aquele no qual apareceu o movimento denominado hispanismo. Tal ideário, como bandeira ideológica, configurou-se em concepção de mundo e princípio de ação. Centrou a atenção nas experiências comuns entre Espanha e suas ex-colônias com o intuito de fortalecer a idéia de uma “tutela espiritual”, autoridade moral e cultural, no lugar da preponderância política, econômica e militar outrora exercida. Sendo assim, o movimento hispanista pode ser entendido se consideradas as peculiaridades históricas desta nação - política, econômica e cultural - no decorrer do movimentado e turbulento século XIX espanhol.

¹⁸³ AGUALDO BLEYE, Pedro. **Manual de historia de España**. Op. cit.

¹⁸⁴ DÍAZ-PLAJA, Fernando. **La vida española en el siglo XIX**. Op. cit. p. 122.



Mapa político da Península ibérica. SAINZ, Fernando. Historia de la cultura española.

2.2 O século XIX e o estabelecimento de um “regime espiritual hispânico”

No marco dos nacionalismos do século XIX, para parte da historiografia, a Espanha apresentava pouca relevância no tocante às relações internacionais e tinha como limite instituições liberais pouco consolidadas. Nos oitocentos, a imagem que apresentava era de uma nação bastante voltada para si mesma e pouco conectada com os acontecimentos europeus, inclusive deixando livre o espaço para ingerências franco-britânicas.¹⁸⁵ Outro limite do nacionalismo espanhol dizia respeito – e ainda diz - aos regionalismos, em especial na região da Catalunia e no País Vasco.¹⁸⁶

Leoncio Lopez-Ocon também entende que o modelo de crescimento espanhol deu-se de forma dependente aos interesses da França e Inglaterra, o que significou o “calcanhar de Aquiles” dessa nação. Mas esse período foi marcado por um certo otimismo, e a burguesia – ascendente - acreditava estar assistindo a uma nova fase de esplendor da Espanha.¹⁸⁷

No âmbito das transformações e progressos materiais, os destaques podem ser feitos para o surgimento de diversos veículos de comunicação, periódicos, revistas e coleções que se constituíram em símbolo de uma Espanha que apresentava traços de uma desejada modernidade – mesmo consideradas as idas e vindas da censura -, evolução tecnológica dos meios de impressão – e também de ilustração, tendo como expoente a cromolitografia –, surgimento de um novo grupo, sedento por espaço na cena social e na política, qual seja, a burguesia e, entre muitos e tantos conflitos, vai-evéns políticos, marcados pelo liberalismo.¹⁸⁸ Desde a década de 1850, percebem-se

¹⁸⁵ VILAR, Juan B. España en la Europa de los nacionalismos: entre pequeña nación y potencia media (1834-1874). In: PEREIRA, Juan Carlos (coord.). **La política exterior de España (1800-2003):** historia, condiciones y escenarios. Barcelona: Ariel, 2003. p. 401. Sobre as relações internacionais e ingerência francesa e inglesa, Vilar destaca cinco fases da Espanha relacionada a assuntos exteriores: “*De subordinación (1834-1839), de reactivación (1840-1847), de proyección exterior (1848-1863), de recogimiento (1864-1868) e de descalificación (1869-1874).*” p. 404.

¹⁸⁶ Cf. VILAR, Pierre. **Historia de España.** Op. cit. p. 100.

¹⁸⁷ LÓPEZ-OCÓN, Leoncio. **Biografía de “La América”:** una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Madrid: Departamento de Historia da América, Centro de Estudios Históricos, 1987. pp. 50-52.

¹⁸⁸ O século XIX ficou marcado pelas transformações e turbulências inerentes e características do processo de desenvolvimento engendrado nesse período. Em se tratando da Espanha, logo no início vivenciou a perda de grande parte das possessões ultramarinas além da tomada do território espanhol, em 1808, pela França e o consequente afastamento de Fernando VII do poder. Nesse tempo em que esteve alijado do poder, a Espanha passou por experiências liberais, incluindo as colônias americanas – que até então não tinham se emancipado –, o que marcou de forma indelével tais espaços, nas duas pontas do Atlântico. A volta do monarca e a retomada das posturas conservadoras e autoritárias não foram suficientes para apagar os sinais das liberdades que um trono vacante proporcionou. No caso da Espanha, têm-se como exemplo a maior liberdade conquistada pelos meios de comunicação e a imprensa que,

reflexos de uma nova mentalidade, prefigurada em olhares e políticas empreendidas pela Espanha. Nesse sentido, o discurso hispanista merece um destaque maior. Foi gestado neste momento de desenvolvimento das energias expansivas da burguesia espanhola, que se baseava na exaltação dos valores espirituais da nação.

Múltiplos traços, caracteres e intenções marcaram as manifestações ideológicas nas especificidades do hispanismo. Embora os diversos veículos que deram suporte a esse tipo de pensamento expressassem uma consciência hispano-americana, ou seja, com um discurso voltado às antigas regiões colonizadas, os elementos que conformaram e nutriram tal ideologia foram baseados numa história espanhola epopéica e gloriosa, trazida à tona em função das crises e deficiências vivenciadas naquele momento. Constituiu-se em retomar a glória imperial e direitos aos espaços que outrora lhe pertenceram pelo mérito da conquista.

Os estudos hispânicos estão marcados por uma multiplicidade de conceitos, formas de abordá-los e estudiosos de várias áreas.¹⁸⁹ Através de tais estudos pode-se encontrar a historicidade dos conceitos, a presença e funcionalidade nos variados veículos que os acolheram e divulgaram. Proliferam os termos encontrados, todos correlacionados com o desejo de superestimar a Espanha e seu intuito de perpetuar-se como um império, senão no sentido militar, político e econômico, por já não mais

embora tenham tido que retroagir em função das posturas autoritárias do monarca que havia reassumido o poder, conseguiram conservar alguns elementos da liberdade vivenciada (conforme apresentado no capítulo primeiro). No tocante às colônias, a suspensão do controle metropolitano proporcionou às elites descontentes com a metrópole os primeiros passos rumo aos movimentos das independências. Entre as expressões dessas transformações está o liberalismo. Na Espanha, ainda confrontando com o vigente sistema de valor – a monarquia – ele aparece em traços conservadores e progressistas, afinado em maior ou menor grau com as posturas e pressupostos aristocráticos, mas bastante significativo para mudar o colorido político de parte dos oitocentos espanhol. O liberalismo surgiu ao mesmo tempo em que atores e forças sociais emergentes e sem espaço – a burguesia – vinham se destacando no cenário econômico e político. É preciso lembrar, no entanto, que não havia no século XIX europeu a democracia como parâmetro, e que a idéia era combater o absolutismo, ou seja, o Antigo Regime e tudo o que a ele estava vinculado, como a aristocracia, por exemplo. De acordo com Remond, até as vésperas da Primeira Guerra Mundial, a Europa conservava-se bastante aristocrática, coexistindo aristocracia, burguesia e camadas populares. Cf. REMOND, René. **Introdução à história de nosso tempo: O século XIX, 1815-1914.** Trad. Frederico Pessoa de Barros e Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, 1976. pp. 33, 59-60.

¹⁸⁹ Entre os mais variados segmentos de pesquisadores, encontram-se aqueles que têm se dedicado aos estudos da literatura, ensino de línguas, elementos culturais, lingüísticos, estéticos, históricos, analisando a presença e manifestação de elementos culturais espanhóis em espaços e produções materiais. A ênfase no aspecto relacional é dada por aqueles que transitam pelos estudos que exploram o caráter comparativo entre nações e/ou espaços territoriais – tocados pela civilização espanhola e abundam pesquisas que enfatizam o surgimento e significado do conceito. Conforme Pedrero-Sánchez, o mundo hispânico estendeu as fronteiras para além dos limites da Espanha, e integrou outros mundos e outras línguas. Morejón também lembra que o mundo hispânico não se restringe somente ao espanhol. PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. História e cultura espanhola e hispano-americana no Brasil. **ABEH**, Suplemento El Hispanismo en Brasil, 2000, pp. 117-125; GARCÍA MOREJÓN, Julio. Creación y desarrollo del hispanismo en Brasil. **ABEH**, Suplemento El Hispanismo en Brasil, 2000, pp.17-31.

possuir as condições necessárias para justificar e manter, pelo menos no cultural, espiritual e religioso. Constituem-se em formas de entender e explicar um posicionamento ideológico, datado da metade do século XIX em diante na Espanha.¹⁹⁰

Diversas são as expressões que definem e identificam a manifestação ideológica, concepção de mundo e princípio de ação, concernentes às experiências comuns e compartilhadas; hispanismo, hispanidade, hispano-americanismo, União Hispânica, pan-hispanismo, ibero-americanismo, ibero-centrismo, além de outras concepções que roçam no ideal hispanista - ou que, em muitos casos, ofereceram elementos para esse discurso - como latinidade, panlatinismo, panamericanismo e América Latina.¹⁹¹

A abundância de termos e nomenclaturas refletem as aspirações que a Europa e Estados Unidos possuíam em relação à América. Há que se considerar que os interesses revelados mostravam-se prenhos de um conteúdo econômico e político. Para John Phelan, a idéia de América Latina sublinha um conteúdo ideológico implícito e explícito no termo, no entanto, reflete também o programa ideológico de Napoleão III, cujo interesse na América visava aventuras financeiras vantajosas.¹⁹² O panlatinismo (formulado nos anos 50 do século XIX, no reinado de Napoleão III, por um economista político famoso chamado Michel Chevalier) consistia em um programa de política exterior francesa. Considerava as raças de língua latina como Bélgica, Espanha, França e Portugal e pautava-se no catolicismo como elemento comum solidificante da língua. A panlatinidade tinha como finalidade “(...) *promover la homogeneidad cultural y política del llamado Nuevo Mundo, bajo el liderazgo paternalista de Francia.*”¹⁹³ Também teve

¹⁹⁰ Embora somente a partir da década de 1850 a ideologia hispanoamericanista comece a ganhar destaque, com as diversas publicações de revistas e periódicos, Mark Van Aken demonstra que as primeiras aparições deste discurso ideológico datam da década de 1830, com o militar George Dawson Flinter. AKEN, Mark J. Van. **Pan-hispanism: its origin and development to 1866.** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1959. pp. 18-20.

¹⁹¹ Sobre esta questão, verificar Ivette Orijel Serrano que estuda as idéias que giraram em torno do conceito de hispanoamérica até a 2ª. Metade do século XIX, em três revistas: *La revista española ambos mundos (1853-1854)*, *la Raza latina (1874-1883)* e *La América: crónica Hispano-americana (1857-1886)*. Alerta para o fato de que América Latina, Iberoamérica e hispanoamérica não se constituem em sinônimos, mas que, partindo desses conceitos, ao longo do século XIX foram produzidos imaginários sociais que permaneceram vigentes até a atualidade. ORIJEL SERRANO, Ivette. ***Ideas en torno a un concepto: la representación de Hispanoamérica en tres revistas madrileñas, segunda mitad del siglo XIX.*** Memoria para obtener el título de Magíster, Universidad Autónoma de Madrid, 2007.

¹⁹² Napoleão III desejava formar um canal ligando a Europa, América e Ásia – um espaço *pan* – para a promoção de um comércio mundial. PHELAN, John L. *El origen de la idea de latinoamérica.* In: ZEA, Leopoldo (org.). ***Fuentes de la cultura latinoamericana I.*** México; Fondo de Cultura Económica, 1995. pp. 463-475.

¹⁹³ PHELAN, John L. *El origen de la idea de latinoamérica.* In: ZEA, Leopoldo (org.). ***Fuentes de la cultura latinoamericana I.*** Op. cit., p. 474.

como função contrapor-se ao pan-americanismo, o ímpeto de expansão mercantil norte-americana e conseqüente interesse nos mercados da América Latina.¹⁹⁴

Considerando as perspectivas acima salientadas por Phelan, entende-se que a América Latina configurou-se no símbolo semântico do panlatinismo. A conceituação América Latina foi cunhada no período da expedição mexicana, empreendida por Napoleão III, em 1861-1867, motivado pelos interesses econômicos na América. A aventura mexicana não deu certo, mas a conceituação sim, pois as idéias essenciais do panlatinismo tiveram uma grande atração e acabaram sobrevivendo, embora a “empreitada napoleônica no México” não tenha dado certo. Para os americanistas, “(...) *América es, entre otras muchas cosas, una idea creada por europeos, una abstracción metafísica y metahistórica, al mismo tiempo que un programa práctico de acción.*”¹⁹⁵

As outras conceituações – hispanistas - têm como berço a própria Espanha, a conjuntura política e econômica do momento. Vários autores debruçaram-se sobre o seu surgimento, historicidade e importância enquanto manifestação ideológica.¹⁹⁶

Gómez-Escalonilla dá sentido ao conceito de União Hispânica apresentando-a como projeto político de uma burguesia ascendente - com possibilidades de expansão mercantil na América Latina - associado à teoria do panhispanismo. Concepção eurocêntrica de origem espanhola, em seu entendimento, ressalta valores espirituais da nação imbricados à problemática da unidade racial, lingüística, cultural, jurídica, histórica, entre outras.¹⁹⁷

Leoncio Lopez-Ocon destaca que esse conceito representa um esforço por estreitar os laços culturais entre a Espanha e as regiões colonizadas por ela – ou que, de alguma maneira, foram influenciadas ou tocadas por ela. Esta idéia amadureceu na década de 1850, expressando-se nas revistas americanas que surgiram nesses anos.¹⁹⁸

¹⁹⁴ Phelan, ao buscar o surgimento/nascimento do termo América Latina mostra que este apareceu pela primeira vez numa revista panlatinista chamada *Revue des Races Latines*. PHELAN, John L. *El origen de la idea de latinoamérica*. In: ZEA, Leopoldo (org.). *Fuentes de la cultura latinoamericana I*. Op. cit., p. 473.

¹⁹⁵ Id. *ibid.*, p. 475.

¹⁹⁶ De acordo com Júlio Morejón, Hispanismo é o estudo da cultura hispânica e representa um esforço intelectual de apreensão dos valores culturais hispânicos. MOREJÓN, Julio. *Creación y desarrollo del hispanismo en Brasil*. ABEH, Suplemento El Hispanismo en Brasil, 2000, pp. 17-31.

¹⁹⁷ DELGADO GÓMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo; GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo. *Identidad nacional y Proyección Transatlántica: América Latina em clave Española*. In: Nuova rivista storica, anno LXXV, fascicolo II, 1991. p. 162.

¹⁹⁸ LOPEZ-OCÓN CABRERA, Leoncio. “La América, crónica hispano-americana”: génesis y significación de una empresa americanista del liberalismo democrático español. In: *Quinto Centenario*, n. 4, Departamento de historia de América de la Universidad complutense; Instituto de cooperación iberoamericana, 1982. p. 162. Entre as produções que surgiram neste momento, Lopez-Ocon Cabrera ressalta a *Revista española de ambos mundos (1853-1855)*, *La América, crónica hispano-americana*

A revista quinzenal madrilenha *La América. Crónica hispano-americana*, fonte de pesquisa para este autor, publicada ininterruptamente de 1857 a 1875 e de 1879 até 1886, configurou-se em uma publicação burguesa liberal e de caráter progressista-democrático. Esse veículo teve como função indicar rumos para a opinião pública e exercer pressão sobre o poder político vigente, no sentido de encontrar saída para os problemas que a Espanha vivenciava em relação à América desde as independências – e para a perspectiva de uma retomada e reformismo colonial, através do pan-hispanismo como um movimento político e cultural. Dessa forma, a revista *La América* constituiu-se em símbolo de uma Espanha que procurava se modernizar.¹⁹⁹ A empresa *La América* significou, desde o início, a iniciativa e o desejo de expansão da burguesia espanhola.²⁰⁰

Para Leoncio López-Ocon, o ano de 1857 foi bastante significativo para a história do Liberalismo Democrático Espanhol. A revista nasceu sob a intransigência do governo antiliberal e reacionário de Ramón María Narváez, mas que neste mesmo ano caiu, ficando em seu lugar Leopoldo O'Donnell, figura mais tolerante que primou por experimentar uma política de modernização. Citando Cristóbal de Castro, López-Ocon diz que a “(...) partir del 15 de octubre de 1857 la política se emancipa y se robustece”.²⁰¹ Em 1857, segundo este mesmo autor, iniciou-se uma renovação intelectual do liberalismo espanhol; revisão democrática de seus princípios concernentes à concepção de soberania popular, do sufrágio e a defesa das liberdades individuais.²⁰² Neste período foram engendrados os primeiros conteúdos ideológicos da

(1857-1874 e 1879-1886), *El museo Universal* (1857-1869), *Revista hispano-americana* (1864-1867), *La Ilustración Española y Americana* (1868-1921), *El Correo de España* (1870-1872), *Revista hispano-americana* (1881-1882), *La Unión Iberoamericana* (1886-1926), *El Centenario* (1892-1894). p. 137.

¹⁹⁹ LÓPEZ-OCÓN, Leoncio. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Madrid: Departamento de Historia da América, Centro de Estudios Históricos, 1987. pp. 15, 25 e 27.

²⁰⁰ Id., *ibid.*, p. 55.

²⁰¹ CASTRO, 1911. Apud LÓPEZ-OCÓN, Leoncio. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Op. cit. p. 36.

²⁰² Entre 1844 e 1856 foi o período em que foram gestados os instrumentos do capitalismo financeiro. Nesse momento construiu-se uma série de fenômenos históricos que representaram a transformação da conjuntura econômica. A Espanha vivenciou uma crescente expansão das forças produtivas e se beneficiou de tudo isso, sendo que a população da década de 1850 experimentou, dessa forma, um considerável incremento. Em 1857 a produção industrial foi duplicada, construíram-se mais estradas de rodagem (*carrteras*), houve expansão das linhas férreas, crescimento do sistema bancário, duplicação do comércio exterior, etc. Mas o progresso econômico afetou de forma desigual e distinta a economia espanhola, sendo que os setores da economia capitalista cresceram mais do que os da economia tradicional. Entre os setores desta primeira que experimentaram crescimento na década de 1850 na Espanha estão a indústria têxtil, mineração, estradas de ferro, sistema de crédito e agricultura de exportação do litoral mediterrâneo-atlântico. Parte da economia tradicional que não se desenvolveu foi o artesanato, os serviços elementares, assim como a agricultura de subsistência. LOPEZ-OCÓN, Leoncio. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Op. cit. p. 51.

revolução de 1868. O conjunto de acontecimentos intelectuais permitiu realizar uma defesa radical dos princípios liberais e a ofensiva ideológica pautou-se num conglomerado de energias intelectuais originadas naquele momento, a saber, o krausismo, livrecambismo e democracia. São essas perspectivas ideológicas que formaram o liberalismo democrático triunfante da Revolução Gloriosa de 1868 e que ficaram expressos na Constituição espanhola de 1869.²⁰³

A ofensiva cultural para a formulação do panhispanismo na revista *La América* deu-se através de intelectuais e diplomatas, que protagonizaram o desenvolvimento desta doutrina e os projetos para criar uma União Hispânica. Para López-Ocon, o movimento panhispanista se inscreveu nos fenômenos denominados *panismos* e surgiu num momento em que eclodia no cenário internacional a agitação pela construção das nacionalidades. O panhispanismo também se constituiu em um dos critérios orientadores da política exterior de O'Donnell, entre os anos de 1858 e 1863.

Sobre o fenômeno da construção dos *panismos*, define da seguinte forma:

*Los Estados, como los cuerpos celestes, ejercen sobre los demás pueblos una atracción que está en razón directa de sus masas, ley que regula la armonía de las esferas y que há sugerido a la diplomacia moderna la teoría brillante y devastadora de las grandes nacionalidades para regular la armonía entre ellas.*²⁰⁴

Um dos argumentos que fortificaram esta empreitada diz respeito ao medo gerado pela tendência expansionista norte-americana. Dessa forma, espanhóis e hispano-americanos começaram a crer que somente o retorno da “solidariedade hispânica” poderia “prevenir a aniquilação” da raça pelos predadores anglo-saxões. Neste sentido, segundo López-Ocon, surgiu o conceito de hispanidade que se baseou “*en la idea de que el mundo de habla española constituía una especie de cuerpo místico del que España era cabeza visible.*”²⁰⁵ Esta ideologia estava assentada na concepção de

²⁰³ A finalidade americanista da Revista *La América*, no contexto da ideologia panhispanista, apresentava três grandes objetivos, quais sejam, a manutenção do sistema colonial espanhol, o reencontro da “jovem América” com a “moderna Espanha” e a união ibérica. Num contexto de relações frágeis entre ex-metrópole e ex-colônias, sentia-se a necessidade de revitalizar as relações hispano-americanas pois, no século XIX, após as independências americanas, surgiu na Espanha a “questão da América”. A Espanha levou dos anos de 1836 a 1894 para que aceitasse a independência das repúblicas hispano-americanas e reconhecesse e firmasse o último tratado de reconhecimento. Até o ano de 1857 mantinha relações diplomáticas somente com nove estados: México (1836), Equador (1840), Chile (1844), Venezuela e Uruguai (1845), Bolívia (1847) Costa Rica e Nicarágua (1850) e República Dominicana (1855). LÓPEZ-OCON, Leoncio. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Op. cit. pp. 36,39 e 60.

²⁰⁴ NAVARRO y RODRIGO, 1869. Apud LÓPEZ-OCON, Leoncio. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Op. cit. p. 78.

²⁰⁵ DURÁN, 1979, Apud LÓPEZ-OCON, Leoncio. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). p. 80.

solidariedade de raça, influenciada pelas idéias racistas de Goubineau,²⁰⁶ que colocava em enfrentamento a “raça latina” com a “raça anglo-saxônica”, além da necessidade de repensar a própria história de conquista e civilização empreendida pela Espanha. A *Leyenda Negra* representava um aspecto nocivo para a formulação e fundamentação da idéia de União Ibérica, considerada um obstáculo.²⁰⁷ Gomez –Escalonilla e Calleja, neste mesmo sentido, advertem para o caráter conservador do hispano-americanismo por reivindicar um passado glorioso e rechaçar a *Leyenda Negra*. Para eles, preservar os restos do império pelos liberais configuraria numa forma de facilitar uma abertura política reformadora. Acrescentam que foi Menéndez Pelayo quem sistematizou uma concepção conservadora nacionalista, tradicionalista, providencialista e católica da história da Espanha, que forneceria, no futuro, elementos conservadores para a formulação da idéia de hispanidade. O hispano-americanismo apresenta traços conservadores por haver buscado em seu passado colonial os valores tradicionais e também pelos interesses econômicos vinculados à União Ibero-americana.²⁰⁸

Outra questão colocada por esses dois autores muito interessa nesta pesquisa, pois toca tangencialmente em uma das hipóteses aqui levantadas, qual seja, a de que a Espanha, através da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, fala, em verdade, sobre si mesma. Gomez–Escalonilla e Calleja consideram a perspectiva de que o hispano-americanismo constitui-se em um redescobrimiento da Espanha a si mesma.

*El hispano-americanismo estaría integrado en un contexto de ‘redescubrimiento’ de España a sí misma, en una revisión de los principios del nacionalismo español con una clara intención regeneracionista, donde el referente ultramarino jugaría un papel de primer orden como ámbito de expansión cultural, espiritual y económica.*²⁰⁹

Aimer Granados García estuda o hispanismo no final do XIX, em especial a última década desse século, quando se deu a comemoração do Quarto Centenário do descobrimento da América, em 1892. Embora não corresponda temporalmente com o período deste trabalho, algumas questões relacionadas por esse autor contribuem com as

²⁰⁶ De acordo com Mark Van Aken, a idéia de “raça hispânica” não apareceu com Goubineau, como apresenta parte da historiografia. Essa expressão/conceito já havia aparecido anteriormente, em outros autores e pensadores. AKEN, Mark J. Van. **Pan-hispanism: its origin and development to 1866**. Op. cit. pp. 72-73.

²⁰⁷ LÓPEZ-OCÓN, Leoncio. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Op. cit. pp. 59-86.

²⁰⁸ DELGADO GÓMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo; GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo. **Identidad nacional y Proyección Transatlántica: América Latina en clave Española**. Op. cit. pp. 272-274.

²⁰⁹ Id. ibid. p. 271.

discussões empreendidas aqui sobre o hispanismo. Conceitua o hispano-americanismo como as relações culturais entre Espanha e América Latina e define-o da seguinte forma:

*Por hispanamericanismo entonces, entenderé el conjunto de ideas que sustentaban un panhispanismo dentro de una región geográfica que comprendía las naciones que en la Península Ibérica como en América hablaban el español y el portugués, aunque en realidad no hacía mucha insistencia en la presencia de Portugal y Brazil. Las alusiones a estos dos países se daban más en el ámbito de las formalidades diplomáticas y de las relaciones internacionales.*²¹⁰

Alguns princípios presentes nesta festa comemorativa foram recuperados dos discursos anteriores, utilizados para justificar o ideal de hispanidade, como os laços de raça e também outros elementos como tradição, idioma, religião cristã, cultura material e o sentir-se espanhol. As histórias que decoraram esse hispano-americanismo apareciam com caráter heróico, recordada sob uma perspectiva patriótica para fundamentar ideologicamente a comunidade hispano-americana. Buscou-se evidenciar um “espírito espanhol” para dar força ao hispano-americanismo e para limpar a imagem ruim que atores da conquista deixaram (referência à *Leyenda Negra*).²¹¹ Todas essas noções que fundamentaram discursos e práticas por ocasião da comemoração do quadricentenário da conquista não diferiram das formulações feitas 20 ou 40 décadas antes, quando o ideal hispanista vinha sendo engendrado. À medida em que passaram os anos, foram transformadas as conjunturas políticas, econômicas e até mesmo aspectos da cultura nacional, mas permaneceram similitudes e evidências dos reflexos desse ideário imperialista - baseados na exaltação dos valores epopéicos, gloriosos e espirituais - nas mentalidades da nação espanhola.

A persistência na idéia de império espanhol, constituído de grande força nos oitocentos, igualmente aparece nos estudos sobre o panhispanismo feitos por Mark Van Aken. Para ele, este se configura em uma resposta para a desintegração do império espanhol. Deste modo, a chave para a emergência do espírito panhispanista está na forma como a Espanha reagiu às independências. Ressalta que a noção e idéia de império sempre estiveram refletidas nos escritores e nas declarações emocionais panhipanistas do século XIX. “*The decline of Trans-Atlantic commerce, the pinch of economic depression, and the realization that the former possessions were irrevocably*

²¹⁰ GRANADOS GARCÍA, Aimer. Características del proyecto cultural español en América Latina a finales del siglo XIX. In: **III Congreso Internacional de Historiadores Latinoamericanos (ADHILAC)**. p. 1.

²¹¹ Id., *ibid.*, pp. 13-15.

*lost the empire, brought the decision to recognize the independence of the young republics.”*²¹²

Este autor recupera a história espanhola desde a morte de Fernando VII para explicar como o “programa panhispânico” começava a ser gestado. Os primeiros passos, argumenta, buscaram a reconciliação com os filhos republicanos, movidos pelo sonho de estabelecer a confederação da nação hispânica.²¹³

Em 1833 morreu Felipe VII e deixou grave crise política acompanhada de uma depressão econômica. Assumiu D. Maria Cristina de Bourbon, mas houve reação carlista. Menos de um mês depois da morte de Felipe VII, um oficial do tesouro sugeriu como solução para a crise econômica da Espanha o estímulo do comércio com a América. Em 1833, o conselho governamental recomendou que a Espanha reconhecesse a independência da América Hispânica – o que foi rejeitado, embora em 1834 a nova política tenha sido implantada. Argumentos convincentes – a própria pressão econômica, ou seja, a crise – contribuíram para esta tomada de decisão. Deve-se a um militar, que serviu por 20 anos no Novo Mundo, George Dawson Flinter, a publicação do primeiro discurso de reconhecimento, em 1834, no qual pintou a Espanha como “a salvadora”.²¹⁴

*In early March, 1834, Colonel George Dawson Flinter, a Hispanicized Irish resident of Spain, Published an important pamphlet that urged the prompt recognition of Hispanic American independence and set forth a program for reconciliation. (...) In his opinion the “premature” political separation of the Spanish colonies should be accepted as an irrevocable fact. But Spain’s mission in the Western Hemisphere was not thereby terminated, for there yet remained what Flinter called ‘the great work of mutual return to friendship’. But this he meant that the mother country should first extend the blessing of diplomatic recognition to the young republics and then work diligently to unite the nations of the Hispanic world through the bonds of commerce and the common ties of religion, language, and kinship.*²¹⁵

²¹² “O declínio do comércio transatlântico, a ameaça de uma depressão econômica, e a consciência de que as posses anteriores eram irrevogáveis, uma vez perdido o império, trouxeram a decisão de reconhecer a independência das novas repúblicas.” AKEN, Mark J. Van. **Pan-hispanism: its origin and development to 1866.** Op. cit. p.115. (Tradução de Guilherme Donadio)

²¹³ Id. ibid. p.1

²¹⁴ Id. ibid. pp. 17-18.

²¹⁵ “Em meados de março de 1834, o coronel George Dawson Flinter, um irlandês com cidadania espanhola e residente na Espanha, publicou um importante panfleto, em que urgia o reconhecimento da independência da América Hispânica e encaminhava um programa de reconciliação. (...) Em sua opinião, a separação política “prematura” das colônias espanholas deveria ser aceita como um fato irrevocável. Mas as missões espanholas no hemisfério ocidental não haviam, até então, terminado, já que ainda restava o que Flinter chamava de “grande trabalho de retorno mútuo à amizade”. Mas isso significava que a metrópole deveria, primeiramente, ampliar a vantagem de um reconhecimento diplomático às novas repúblicas, e, então, trabalhar diligentemente para unir as nações do mundo hispânico, por meio dos laços comerciais e comuns, como religião, língua e parentesco.” AKEN, Mark J. Van. **Pan-hispanism: its origin and development to 1866.** Op. cit. pp. 18-19. (Tradução de Guilherme Donadio)

Além do panfleto de Flinter, outros veículos com opiniões favoráveis ao reconhecimento também veicularam opiniões sobre o retorno das relações com a América, como *El Vapor*, de Barcelona, *La Revista española*, de Madri, o liberal *Eco del Comercio* e o conservador *La Abeja*. Neles apareceram posturas a favor de um processo diplomático de reconhecimento das independências, imbricado à reconciliação. Outros motivos, além do puramente econômico, incentivaram essa política hispânica, como por exemplo assegurar regras coloniais em Cuba e Porto Rico. A Principal característica da conciliação foi a idéia de persistência do império, baseada no discurso da Espanha como mãe das jovens nações.²¹⁶

*An essential feature of Spanish conciliatory thought at this time was the idea of the persistence of empire. Spaniards hoped that the renewal of economic bonds might create a semblance of the old imperial unity, even though political ties might be absent. (...) To encourage this tendency Spanish diplomats attempted to obtain a privileged position for the mother country within the tariff walls of the daughter nations.*²¹⁷

Na retórica panhispanista, contribuiu o Coronel Flinter, que entendia ser necessário criar um sentimento panhispânico. Outro aspecto deveu-se à criação de uma nova imagem da Espanha, baseada no crescimento do comércio, religião, linguagem e costumes: “*Herein was the beginning of the Pan-Hispanic movement.*”²¹⁸ De acordo com Van Aken, os diplomatas levaram mais de 60 anos para consumir esse processo de reconhecimento.

A hipótese racista constituiu-se em outro forte argumento para dar densidade ao movimento panhispanista. Considerou-se vital criar, na década de 1840 – partindo de uma força étnica de coesão denominada ‘raça’ –, a noção de uma “raça hispânica” para dar conformidade ao *pan-hispanic*.²¹⁹

²¹⁶ Id. *ibid.* pp. 19-27.

²¹⁷ “Um atributo essencial do pensamento conciliador espanhol, a essa época, era a idéia da persistência do império. Os espanhóis esperavam que a renovação dos laços econômicos pudesse criar uma semelhança com a antiga unidade imperial, ainda que os laços políticos estivessem ausentes. (...) Para encorajar esta tendência, diplomatas espanhóis tentaram obter uma posição privilegiada para o seu país natal, com barreiras tarifárias para as nações descendentes.” AKEN, Mark J. Van. **Pan-hispanism: its origin and development to 1866.** Op. cit. p. 27. (Tradução de Guilherme Donadio)

²¹⁸ “Aqui foi o começo do movimento Pan-Hispânico.” Id. *Ibid.*, p. 28.

²¹⁹ Em 1853 na *Revista española ambos mundos*, um artigo escrito por Francisco Muñoz del Monte divulgou argumentos para o desenvolvimento da hipótese racista. Era muito mais fácil proclamar com entusiasmo a necessidade de uma unidade racial do que fazer deste ideal uma realidade; durante a década de 1850, panhispanistas formularam uma variedade de planos para a união hispanica com o intuito de preservar a ‘raça hispânica’ e perpetuar regras espanholas nas antilhas. Vale relembrar também que, segundo Van Aken, a elaboração de “raça hispânica” não surgiu com Goubineau, como apresenta parte da historiografia. Um oficial, em Madri, na década de 1830 reporta-se a Crown utilizando a expressão *spanish race*; o coronel Flinter em seu panfleto, menciona “ties of blood”. O conceito étnico foi utilizado também por alguns jornalistas, sendo um exemplo a expressão *hispano-indian race*, e membros

Nas páginas da história oitocentista espanhola, o observador depara-se com os primeiros indícios de um programa concebido a partir da necessidade, em primeiro lugar, de voltar a relacionar-se com as ex-colônias. Sem deixar os traços e partindo da mentalidade imperial, esse território empreende uma busca por soluções políticas e práticas para o *déficit* financeiro espanhol – gérmen da ideologia hispanista, pautada na imprescindibilidade da Espanha, mentalidade imperial, em vivências e experiências comuns e no “ser espanhol”.

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* foi amplamente representativa deste movimento ideológico que referendou o desejo de “reentronização” da Espanha. Em sua concepção e composição, abundam informações e simbologias que marcam seu posicionamento hispanista, através dos discursos nela elaborados e presentes na própria história de muitos dos colaboradores da obra.

2.3. *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*: produção e transmissão do discurso hispanista

Em meio à construção dos perfis das mulheres que tematizam a coleção, revelam-se traços que corroboram a hipótese hispanista como discurso ideológico presente na composição da obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Neste contexto, pode-se pensar que ocorre uma construção de figuras emblemáticas a representar personagens como espanhóis, portugueses, americanos e filipinos através de imagens e narrativas. A mulher configura-se em tema central e eixo condutor do discurso.

A obra significava um esforço de reflexão e elaboração alegórica da Espanha e sobre a configuração do povo. Significava um desafio e ao mesmo tempo uma resposta à questão da unidade cultural – interna e externa. Compreende-se que os princípios norteadores do ideário hispanista ajudam mapear as especificidades deste povo e a tocar os imaginários em relação a uma história de glória e honra espanholas. O teor dos discursos manifestos nos artigos e litografias evidencia a ambição da Espanha expressa no desejo de expandir-se novamente – agora não mais territorialmente – e

das Cortes ocasionalmente usavam a idéia de uma “unidade racial hispânica”, além do fato de que esta idéia também fora usada fora da Espanha. AKEN, Mark J. Van. **Pan-hispanism**: its origin and development to 1866. Op. cit. pp. 72-79.

patentear uma suposta imprescindibilidade na vida cultural – e também econômica – da América e outras regiões com as quais manteve algum tipo de contato.

Embora o ideário hispanista apareça embasado na idéia de comunidade formada por um conjunto hispânico de nações, a concepção e conteúdo da coleção analisada neste trabalho não objetiva, de forma direta e primeira, relacionar-se econômica ou politicamente com esse mundo hispânico em toda a sua extensão. Essa publicação não representa a intenção de uma cooperação mútua entre Espanha e demais nações pelo editor Miguel Guijarro. Constitui-se, sim, em um meio de divulgação das potencialidades, grandiosidade, importância e dimensão do império espanhol. Caracteriza-se por construir a imagem de uma tutela e hegemonia espiritual, poder cultural e referendar a representação de “Pátria Mãe”. É sobre o ser hispânico, a tradição e a peculiaridade espanhola que trata a coleção, e o hispanismo como discurso ideológico teve função de uma via de mão dupla nessa obra: ao mesmo tempo em que deu suporte e referendou o ideário, por outro lado buscou atingir os indivíduos espanhóis, divulgando a concepção de uma unidade política, espiritual e cultural espanhola. Para isso, fez uso de argumentos como a tradição, a idéia do “ser espanhol”, a concepção de modelo de civilização e também nos hábitos, trajes, religiosidade, enfim, costumes que constituíram a natureza e peculiaridades do indivíduo espanhol oitocentista. Tais questões remetem às palavras de D. Manuel Alonso Martínez, na monografia que escreve sobre *la mujer de Burgos*.

*los franceses, me decia yo, se envanecen, con razon, de haber impuesto su lengua á la diplomacia, y de haber generalizado su conocimiento y uso entre las clases más cultas de la sociedad europea. Pero ¿qué vale esto para lo que hicieron nuestros abuelos? ¿Conquistar un Nuevo Mundo, é implantar en él nuestro idioma, nuestros usos y costumbres, nuestra religion y nuestra raza! ¿Hay un título más legítimo de orgullo? Y sin embargo, ¿qué es hoy la pobre y desconsiderada España?(...) ¡Ah, desdichada pátria mia! ¿Quién te habia de decir que tan pronto te darian al olvido y te mirarian con desden los mismos que oian pronunciar tu nombre con respecto y con envidia, cuando difundian el espanto por toda la Europa los famosos tercios castellanos? ¿Qué ha sido de tu antigua pujanza y tu grandeza? ¿Qué han hecho tus valerosos hijos, enervados hoy por el genio infernal de la discordia, de la rica herencia que sus padres les dejaron? ¿Como es que al menos su corazon no se inflama y su patriotismo no se despierta y enardece al recuerdo de tu gloriosa Historia?*²²⁰

Entre os traços hispanistas encontrados nas exposições monográficas e litografias, nota-se, nos variados assuntos abordados pelos autores, a referência à questão racial - no caso americano pela presença de nativas/os e mestiças/os. O diálogo

²²⁰ *La mujer de Burgos*. p. 149. Tomo I.

com esta demanda, na América, surge através de comparações produzidas entre a mulher branca, de origem, traços e costumes espanhóis e aquelas que não pertencem a este grupo – ou raça. Este contraponto embasa o discurso ideológico hispanista denominado de “espírito espanhol”, qual seja, o indivíduo de natureza e tradição espanhola. Nas imagens e conteúdos, abundam referências a essas personagens, destacadas e valorizadas como modelo do “ser” espanhol. Na América, essas mulheres figuravam através das penas dos escritores como aquelas pertencentes à “boa sociedade”, conhecidas como “damas por excelência” e descendentes de espanhóis. A Espanha, por outro lado, constituiu-se no lugar da presença do “ser hispânico”, embora a modernidade tenha empreendido transformações e trazido novos hábitos. Mesmo em meio a todas as mudanças, os discursos dos diversos colaboradores da obra apontam para a existência e conservação do tipo espanhol genuíno em suas respectivas tradições, hábitos e trajes. Revelam que ainda podia ser encontrado nas províncias mais afastadas, naquelas de difícil acesso devido aos acidentes geográficos, assim como nas regiões de campos e montanhas.

Um outro elemento balizador do hispanismo, assaz evocado, alude à religiosidade católica. Constitui-se em um dos traços encontrados na construção do princípio hispânico e que, de acordo com Pérez Montfort, no âmbito do discurso hispanista, religião e unidade espiritual imbricam-se.²²¹ O catolicismo embasa os argumentos dos literatos, tanto para destacar a Espanha como um lugar escolhido por Deus, assim como para referenciar a moral e honra de mulheres. Língua e sociedade hierarquizada também são colocadas como elementos característicos deste ideário; a primeira, inerente à cultura espanhola, garante a unidade cultural, argumenta Pérez Montfort, enquanto que a segunda expõe a desigualdade das sociedades e “(...) *el reconocimiento de seres humanos ‘superiores’ a otros y por ende más capacitados para ejercer el poder (...).*”²²² Para alguns hispanistas, observa este autor, “(...) *el lenguaje era ‘la sangre del espíritu español’(...).*”²²³

²²¹ PÉREZ MONTFORT, Ricardo. **Hispanismo y Falange**: los sueños imperiales de la derecha española. Op. cit. p.17.

²²² Id. ibid., p. 17.

²²³ Id. ibid. p. 17.

2.3.1 Raças: indígenas, mestiços e espanhóis

Foi no século XIX que os estudos sobre a questão racial teve maior impacto e grande prestígio. Dante Moreira Leite expõe que, entre as razões que outorgaram relevância para este campo, estão a justificativa do domínio do branco sobre o resto do mundo e que – originada na teoria darwinista –, entre as raças em diferentes estágios de evolução, as mais desenvolvidas estariam aptas a destruir aquelas ainda em estágio menor no grau de desenvolvimento.²²⁴

O argumento da raça, como um problema social apoiou-se na produção científica do século XIX e as idéias raciais surgiram das ciências biológicas e conduziram vários estudos, como os de Darwin, Spencer, Gustav Le Bon, entre outros, que utilizaram esta forma de caracterização para interpretar e explicar o homem. De acordo com Patrícia Funes e Waldo Ansaldi, mesmo em estudos de ordem sociológica, nos oitocentos a genética social se ligava à identidade e à ordem política. Positivismo e raça fizeram parte do tecido ideológico deste período.²²⁵ Para Lilia Moritz Schwarcz, o conceito de raça em muitos aspectos une definição biológica e interpretação social e se transforma em excelente argumento para estabelecer as diferenças sociais. Tal conceito migrou da biologia para a política e a cultura e, humanizado e sociologizado, postulou uma nova forma de olhar para as diferenças sociais/étnicas e naturalizá-las.²²⁶

Moisés Gonzáles Navarro explica que as classificações raciais que aparecem nos periódicos – e aqui, neste trabalho, entende-se que em outras produções também – tinham um propósito político e não científico.²²⁷ Acrescenta que, em 1906, o periodista Andrés Molina Enríquez, refletindo sobre os problemas raciais que surgiram com a

²²⁴ Além da questão acima levantada, também observa este autor que a ideologia racista não significou uma tentativa de interpretar objetivamente a realidade, nem mesmo possuía um caráter racional; era, antes de tudo, uma justificativa para diferenciar e subjugar classes e povos. LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: histórias de uma ideologia.** Op. cit. p.31.

²²⁵ FUNES, Patrícia e ANSALDI, Waldo. Cuestión de piel: racialismo y legitimidad política em el orden oligárquico latinoamericano. In: ANSALDI, Waldo (org.). **Calidoscópico latinoamericano: imágenes para un debate vigente.** Ariel: Buenos Aires, 2004.

²²⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 – 1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993. Nesta obra a autora constrói uma história social das idéias raciais.

²²⁷ GONZÁLEZ NAVARRO, Moisés. Las ideas raciales de los científicos, 1890-1910. In: **História Mexicana: El Colégio de México.** No. XXXVII, vol. 4, 1988. Faz-se necessário registrar duas observações sobre os estudos deste autor: primeiro, seu artigo trata das idéias raciais de científicos sobre a colonização na América hispânica – especificamente no México – e, segundo, o período que trabalha é posterior a publicação da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Cabe ressaltar que, mesmo considerando estas questões, suas idéias não são anacrônicas e cabem para as reflexões deste trabalho, uma vez que representam parte da ideologia e visão de mundo do século XIX, especialmente na sua segunda metade.

colonização da América, lembrava que um dos argumentos mais usados para explicar as diferenças dos grupos sociais era o tipo morfológico. Nas palavras de Navarro, “*Raza Y Pátria (unidad del ideal común) casi se confundem. Algunas veces identifica raza y clase, otras admite la existencia de razas superiores e inferiores.*”²²⁸

As imagens que ilustram a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, assim como as composições monográficas, fazem referência a questão racial. As cores, os traços físicos, a vestimenta e a postura de cada mulher estão de acordo com a história territorial e civilizatória de cada espaço. A cor da mulher americana geralmente tem tons mais escuros, e a tonalidade muda de acordo com a maior ou menor presença indígena na região retratada. Vale lembrar também que, tanto nos textos como nas imagens, as questões raciais e as sociais não estão separadas, imbricam-se e definem-se reciprocamente.

Estas particularidades estão presentes na litografia que apresenta o Brasil (lit.6). Retratando *la mujer de Bahia* – embora a parte textual refira-se ao Rio de Janeiro –, o litógrafo não descuidou da tez acobreada, mesmo tendo representado uma figura feminina pertencente à elite, perceptível pela delicadeza da gestualidade e do olhar, espaço físico e respectivos ornamentos, como vaso e tapete. Sobre uma veste branca, cobre-se, da cabeça até quase os pés, com manto em tom castanho e listras vermelhas. A imagem faz menção a uma dama da sociedade, ao mesmo tempo em que revela o exotismo – nos elementos, personagem e exuberante natureza – que caracteriza a cena. No Chile (lit.7), espaço com menor miscigenação, a representação feminina que caracteriza esse espaço prima pela semelhança física e nos trajes com mulheres da Espanha e de Portugal.

No Paraguai, a relação da imagem da mulher com as características físicas dos indígenas é bastante recorrente e evidencia uma postura e ideologia racista.²²⁹

²²⁸GONZÁLEZ NAVARRO, Moisés. Las ideas raciales de los científicos, 1890-1910. In: **História Mexicana: El Colégio de México**. op. cit. p. 571.

²²⁹ Patrícia Funes e Waldo Ansaldo traçam a linha de pensamento racista na América Latina e fazem uma distinção entre racismo e racialismo, destacando que ambos configuram-se em ferramenta analítica para entender o problema das raças (entendo que não somente na América, embora esse discurso pseudocientífico “caia como uma luva” para a situação latino americana). Definem racismo como um sentimento de menosprezo e ódio a grupos que possuem características físicas diferentes (uma vez que o racismo representa uma sensibilidade universal, que remonta a tempos distantes). O racialismo apresenta-se como uma doutrina, com pressupostos próprios, que reproduz um conjunto coerente de proposições próprias da modernidade ocidental (século XIX). Funda-se na relação entre poder X biologia X ciência. As proposições dessa doutrina estão pautadas no pensamento positivista. No patamar científico e em um período de urgência na definição do nacional, o problema social, da heterogeneidade racial dos indivíduos e de redimensionamento político, o racialismo como categoria analítica trouxe para o centro do debate sobre a nação e seu significado a questão da raça. FUNES, Patricia e ANSALDI, Waldo. Cuestión de piel.

Além desta questão, a representação da República do Paraguai (lit.8) assinala outra perspectiva além da racial, qual seja, a decrepitude. As cores são todas muito escuras, inclusive o tom utilizado para retratar o céu e o horizonte, um marrom acobreado, que evidencia a idéia de um tempo instável. Alguns pássaros pretos sobrevoam a localidade. A imagem que representa o Paraguai não contempla nenhum sinal de civilização e modernidade: uma mulher descalça, com cigarro na boca, um seio descoberto e um jarro de água na cabeça aparece em primeiro plano. Algumas pessoas, ao fundo, caminham por perto de uma



(lit. 6) *Brasil - mujer de Bahia*



(lit.8) *Republica del Paraguay - la aguatera*

casa muito simples e, ao lado desta, entrevê-se uma construção semelhante a uma oca/cabana. O lugar parece ser um vale desprovido de vegetação. Quando algum verde aparece, está sufocado entre as pedras ou representando o infinito. Considerando o período em que foi produzida a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* - década de 1870 -, verifica-se que o Paraguai já tinha sido devastado pela

Racialismo y legitimidad política en el orden oligárquico latinoamericano. In: ANSALDI, Waldo (org.). *Calidoscopio latinoamericano*. Imágenes para un debate vigente. Op. cit. pp. 451-488.

guerra, e essa litografia não parece ignorar isso. A mulher tem uma gestualidade e expressão frias e o trabalho configura-se no tema principal desta pintura.

Duas são as estampas que representam *las Islas Filipinas* e, em ambas, as representações são de mulheres indígenas, sendo uma habitante dos arredores de *Manilla* (lit.9) e a outra, uma nativa *Chichirica* (lit.10). Nota-se que a excentricidade do lugar, natureza, personagens, cores, gestualidade e vestimentas são colocadas em perspectiva, produzindo e estabelecendo uma noção deste espaço territorial e seus habitantes.



(lit.10) *Isla Filipinas- Índia Chichirica*

(lit.9) *Isla Filipinas/ Indigena de Manilla*

A litografia da *mujer del pueblo*, que representa a República do México (lit.11), preza pela simplicidade da cena e da pessoa retratada, por referir-se a uma personagem da baixa classe social. Posiciona-se em pé, em meio à parca vegetação, tendo ao fundo uma habitação bastante rudimentar. Veste-se com trajés de duas partes – saia e blusa –, um tanto quanto singelos, trazendo somente colar e xale como adereços e uma longa trança enfeitando os cabelos. Sua pele denota um tom acobreado, e seus traços físicos lembram as misturas inter-raciais que a América vivenciou.

As mulheres que representam as Repúblicas do Peru (lit.12) e do Uruguai (lit.13) possuem características semelhantes, tanto no aspecto físico como nas vestimentas.



(lit. 11) *Republica de Mejico – mujer del pueblo*

Foram retratadas em ambientes requintados, demonstrando uma arquitetura moderna, e ornamentados com muitos vasos floridos. Apresentam pele clara e suas feições em nada lembram a miscigenação. As vestimentas - nas cores, tecidos e modelos - assemelham-se àquelas usadas pelas damas espanholas.

Entre as imagens femininas que mostram espaços territoriais espanhóis, uma delas chama a atenção para o aspecto racial: trata-se da *mujer gitana*, representante de Andaluzia (lit.14). Encontra-se solitária e em um ambiente abandonado, encostada numa construção em ruínas. Sua tez é escura e não olha para o horizonte – pose mais recorrente nas litografias -, e sim para o chão, como quem disfarça ou está à espera de alguém. Suas vestimentas são simples e coloridas; veste saia verde escura com bolinhas brancas e blusa branca, coberta com um pequeno xale vermelho. Seu cabelo é preso e enfeitado com flores também vermelhas. A cena representada nesta litografia lembra uma história de existência e condição marginal, se considerados a decrepitude, o isolamento do lugar e o aspecto físico da personagem ilustrada. Não há como negar que esta imagem toca e mexe com os imaginários sociais.



(lit. 13) *Republica del Uruguay/Monteideo*



(lit. 12) *Republica del Perú/ Señorita de la Capital*

Um dos elementos mais recorrentes nas exposições monográficas da coleção diz respeito à questão racial na América, figurada pelas mulheres nativas e mestiças. Nas falas dos literatos, a existência dessas personagens causa certo desconforto; incomodam mas servem para fazer o contraponto com as brancas, representantes da civilização hispânica. Nos traços físicos, na cor, nos hábitos e costumes, religião e educação ou no tocante às suas maneiras, de uma forma geral, são destacadas como seres de poucas virtudes, avessas à demanda civilizatória empreendida pelos espanhóis.

A miscigenação, que por um lado pode significar o casamento do vício e da virtude, é também um expediente aceito, como diz Guerrero, para acabar com antigos usos e costumes selvagens. A mestiça não tem o mesmo reconhecimento que a branca, mas conseguiu uma aceitação que a nativa dificilmente terá.

A proposta editorial estabelece a apresentação e construção de imagens de mulheres por intermédio da descrição em diversas situações, e assim foram representadas, sem muitos preâmbulos e floreios. Encontra-se nessas exposições monográficas uma análise/descrição da tipologia feminina.

No artigo de Ildfonso Antonio Bermejo sobre a mulher do Paraguai, nota-se o incômodo do autor por ter que retratá-las. Não vê beleza nem consegue evidenciar



(lit. 14) Andalucía - mujer Gitana

algum aspecto positivo. Resume-se a descrever qualidades físicas, costumes e algumas questões do caráter moral das representantes da raça nativa. Sobre a mulher payaguá, diz:

*La india payaguá es bien formada, y su color tira á cobrizo. Su frente tiene una prominencia desagradable, sus ojos son pequeños y un tanto inclinados como los de los asiáticos, su nariz ancha y aplastada, sus mejillas ajuanetadas, su boca grande, y la barba un tanto pontiaguda. Esta fisionomia poco seductora aumenta su deformidad con los adornos y acicalamientos repugnantes con que presumen ellas alindarse.*²³⁰

Sobre a tribo Matacos, observa que “(...) las mujeres son el tipo de las demas poblaciones paraguayas. Son tan desaseadas como los hombres, e cuyos cabellos erizados les dan un aspecto repugnante.”²³¹

Ignacio Gómez, tentando definir a mulher da América Central, nem faz distinção de gênero no tocante à raça nativa. No aspecto físico e em relação aos hábitos, considera que a natureza as tratou como verdadeira madrasta. “(...) el pelo liso, la nariz aplastada, los labios gruesos, el color cobrizo y la estatura pequeña atestan su origen (...)”²³² A mulher do Peru – procedente dos Quíchuas - na pena de Camilo Enrique Estruch, aparece num tom “um pouco mais colorido”, embora o literato não se detenha

²³⁰ *La mujer del Paraguay*. p. 112. Tomo III.

²³¹ *Id. ibid.* p. 114.

²³² *La mujer de Centro-América*. p. 167. Tomo III.

muito na sua descrição. “*Empezaremos por hacer un rápido bosquejo de la mujer indígena (...).*”²³³ Com esta afirmação, mostra que passará por elas de forma sucinta.

Para este autor, as mulheres Quíchuas são muito apegadas aos antigos costumes e pouco se interessam pelos modos mais modernos. Considera-as portadoras de uma índole especial. São altas, robustas, com tez acobreada e se parecem fisicamente aos mongóis. Andam descalças, com roupas toscas e trabalham muito. São inteligentes, abnegadas, astutas e possuem integridade varonil. Embora não tenham sido representadas de forma depreciativa, também não foram eleitas como aquelas que dão formosura à espécie humana – utilizando uma expressão do próprio autor e recorrente na coleção, através das argumentações de outros colaboradores.

Este mesmo literato escreve sobre a mulher boliviana e também a divide em duas categorias: a de raça branca e a representante da família dos Aymaras. Um aspecto interessante nos escritos deste autor (mas presente em alguns outros também) é que, ao falar da mulher nativa, enfatiza com mais veemência os aspectos físicos dessas mulheres, enquanto que das brancas destaca mais os hábitos, costumes, moda, entre outros aspectos do cotidiano, e educação, ou seja, traços civilizacionais, enquanto que na indígena, aspectos raciais.

Sobre a nativa, pinta-a como infeliz criatura, que vive sob o jugo despótico do marido, resignada, à espera do momento da sua emancipação. “*Semejante en todo á la de los Quíchuas, nada podemos añadir referente a sus hábitos peculiares, que guardan completa analogia con los de la generalidad de las mujeres pertenecientes al pueblo que antiguamente gobernaron los Incas.*”²³⁴

Estruch, também autor do artigo sobre as mulheres do Brasil, igualmente faz divisão entre nativas (índias tupinambás) e descendentes dos portugueses. Para o literato, a nativa brasileira apresenta um aspecto físico agradável. Veste-se ao modo das mulheres pobres e procura imitar suas maneiras civilizadas. Retrata-as como espertas e inteligentes - por aprender com facilidade -, astutas e dissimuladas. Descreve seus utensílios, habitação, alimentação e afirma que, por natureza, são ferozes e cruéis. Apegam-se à liberdade como signo de sua raça. “*Su natural fiereza y el amor á una vida libre constituyen los signos gráficos de su raza.*”²³⁵

²³³ *La mujer del Peru*. p. 142. Tomo III.

²³⁴ *La mujer de Bolivia*. p. 174. Tomo III.

²³⁵ *La mujer del Brasil*. p. 212. Tomo III.

Interessante notar em seu escrito que sobre a mulher indígena aparecem poucas observações e são apresentadas em meio à história e à natureza do Brasil. História natural, geografia, flora e habitantes nativos estão imbricados e complementam-se nas linhas traçadas por este autor.

Nicolas Ampuero, da mesma forma, apresenta a mulher equatoriana dividindo-a em dois tipos distintos; a nativa – *la índia del Ecuador* – e a originária do povo espanhol. Informa ser a descendência das mulheres nativas a mesma das indígenas do Peru e da Bolívia, e identifica-as a usos e costumes do povo Quíchua. Em seu artigo, somente um item – muito sucinto, diga-se de passagem – foi dedicado às mulheres nativas e mestiças. Para aquelas que tiveram maior contato com os brancos – filhos/as de espanhóis com indígenas – destaca a beleza de seu físico, cultura e inteligência.²³⁶

As mestiças, assim como o tom da sua pele, ocupam um espaço intermediário entre nativas e brancas. Os atributos que recebem não são comparados com a deferência feita às damas da sociedade, mas são admirados pela beleza e sensibilidade que apresentam, aspectos tidos como importantes no âmbito da civilização.

Em Vicente Barrantes, a mestiça é descrita como um tipo mais aprimorado que a nativa. “*Perezosa como ella, como ella preocupada y fantástica, es sin embargo más aristocrática que ella (...).*”²³⁷ Diferenciam-se no gosto pelos trajes e cores - não usam *tapís* ou *taparrabos* (veste sumária) -, na educação - seguem os preceitos espanhóis -, no aspecto moral e religioso – educadas para temer a Deus.

Nos escritos de Ignacio Gómez, a mestiça aparece denominada como mulata – fusão da raça branca com a nativa. Dessa mistura, argumenta, apareceram mulheres belas, robustas e mais claras, equilibrando vícios e virtudes, como a propensão ao trabalho (no caso das mulheres, trabalho doméstico). Vivem numa condição de servidão e assim são vistas por quem as retrata. Sob o olhar dos europeus, são afáveis, honradas e fiéis. E, para completar este “tipo”, são descritas como mulheres de alma sensível.

*(...)Son más robustos que los índios, y la hermosura, especialmente en el bello sexo, es bastante comun. Bajo el punto de vista moral, la suma de sus virtudes equilibra la de sus vicios. (...) Las mulatas son sumamente útiles en el hogar doméstico. (...) El sórdido interes no há penetrado felizmente en esos almas sencillas.*²³⁸

²³⁶ *La mujer del Ecuador*. Tomo III.

²³⁷ *Las mujeres Filipinas*, p. 63. Tomo III.

²³⁸ *La mujer de centro-América*, pp. 167-168. Tomo III.

Nas palavras do escritor José T. Guido, na Argentina, cuja história e cultura foram marcadas pela massiva imigração, a mestiçagem deu-se não somente com espanhóis, mas com povos de todos os lugares da Europa, o que resultou numa alteração do tipo primitivo.

Desde que la corriente de la inmigracion há traído á estas playas peregrinos de todas las nacionalidades, el tipo primitivo há experimentado alteracion. La mezcla de la sangre europea en la americana se advierte en las nuevas generaciones, hermoeadas con las pálidas rosas del norte ó con las áureas del ya olvidado Apolo. La mujer, desde su generacion por el Cristianismo, se ha sustituido ventajosamente á las divindades domésticas de la pagana antigüedad.²³⁹

As paraguaias, segundo Ildefonso Antonio Bermejo, constituem-se em uma mescla de guaranis e europeus. As nascidas nos campos andam desnudas – somente se cobrem com uma túnica de algodão quando chegam à idade adulta – e conservam hábitos primitivos. Embora um tipo mestiço, apresentam certa graciosidade e inocência, na concepção do escritor que as retratou.

A raça que ganha maior espaço e destaque na coleção é a branca, descendente de espanhóis e representante dos costumes e hábitos civilizados hispânicos introduzidos na América pela colonização espanhola. São essas mulheres brancas que evidenciam a postura conservadora da obra, nas figuras do editor, literatos e litógrafos. No entanto, antes de abordá-las, é preciso chamar a atenção para uma outra raça que também - de um outro jeito, às avessas - foi destaque nesta coleção, não por sua visibilidade, mas justamente pela sua marcante ausência nos artigos que perfazem a história de espaços territoriais na América, através da simbologia feminina: a negra. Nas exposições monográficas, uma única referência vem de Teodoro Guerrero, no artigo que escreve sobre as mulheres de Porto Rico. Este autor abomina negros e camponeses pela falta de cultura e educação, pela cor da pele e outras características. Recusa-se a dedicar algumas linhas a elas, mesmo considerando que estas passaram da condição de “coisas” para a categoria de “pessoas” após a abolição. Guerrero deixa claro que se posiciona contrário à escravidão, mas que não se senta à mesa com qualquer pessoa que pertença à raça africana e que também não permitiria que entrassem em sua sala. Desse modo, justificada está a ausência deste “tipo” que também habita espaços da América hispânica e ajudou a construir e compor a história das sociedades desses lugares. Essas afirmações reforçam a nossa hipótese de que a coleção, embora não homogênea entre os autores dos artigos, apresenta fortes traços racistas.

²³⁹ *La mujer Argentina*. p. 87. Tomo III.

Retornando àquelas de descendência européia, as que causaram tanto êxtase nos literatos, novamente se depara com hierarquias sociais, o que é percebido na forma como foram divididas e retratadas as mulheres, especialmente as brancas. Pode-se classificá-las em três condições e espaços diferentes: as mulheres do campo, as pertencentes aos *pueblos* e as que nasceram nas capitais.

De acordo com Guerrero, que escreve sobre a mulher porto-riquenha, a campesina está fora do quadro que o editor desejava conservar, pois constitui-se em um tipo não adequado de mulher. “(...) *esa mujer, sin necesidades, sin educacion, sin idea de lo bueno, sin temor al dia de mañana, no es el tipo que marca la importancia de un pueblo.*”²⁴⁰.

Mas nem todos as vêem desta forma. Na pena de vários autores, tanto as campesinas como *las mujeres del pueblo* são descritas conservando hábitos mistos, menos afeitas às modas e costumes europeus – em função da especificidade das funções que exercem – e apresentam-se bastante adaptadas às necessidades locais. São virtuosas – boas mães e esposas, trabalhadoras, sedutoras, graciosas, cristãs, corajosas e destemidas, além de serem varonis. Embora representadas a partir de suas qualidades morais e conduta irrepreensível, ainda não representam as que ocupam o lugar da “mulher por excelência”²⁴¹, a dama da elevada esfera social, indolente²⁴² e graciosa como entendem que deveriam ser as pertencentes à aristocracia.

As mulheres brancas são as que se assemelham fisicamente e em hábitos às da raça espanhola.²⁴³ Segundo Idelfonso Antonio Bermejo, oriundas de famílias distintas, aristocratas, conservam a linhagem e não a adulteram em função de casamentos com membros de origem duvidosa.²⁴⁴ Configuram-se na “senhora paraguaia”, descritas como boas esposas, que se mostram bem em público e que conservam hábitos civilizados.²⁴⁵ Apresentam extremado amor materno, são destemidas e heroínas.

²⁴⁰ *La mujer de Puerto Rico*. p. 27. Tomo III.

²⁴¹ Expressão utilizada por Camilo Enrique Estruch no artigo sobre a mulher chilena.

²⁴² A mulher indolente era aquela que não tinha que envolver-se em atividades domésticas braçais, por pertencer à aristocracia. A ociosidade feminina, para aqueles/as que ocupavam esta posição social não era vista como pecado e sim como merecimento.

²⁴³ A mulher branca (ou a da elite) é mais evidenciada nos artigos referentes aos países com mais expressão política e extensão geográfica. Nos espaços territoriais menores, as mulheres também são vistas e descritas de um jeito menos epopéico. São retratadas no coletivo, num aparente contragosto por muitos dos literatos.

²⁴⁴ *La mujer de Paraguay*. Tomo III.

²⁴⁵ O problema com a mulher do Paraguai, segundo Idelfonso Antonio Bermejo, é que com a guerra, as pessoas mais ilustres, ricas, lúcidas e educadas tiveram que refugiar-se nos campos e lá adquiriram

A mulher branca também simboliza a “dama de alta classe”, nas palavras de Camilo Enrique Estruch. Formosa, de boa educação nos hábitos, na moda, religiosa e ociosa (a ociosidade era valorizada e vista como característica intrínseca à aristocracia), apresenta-se altruísta e de sentimento nacional pronunciado. No entendimento deste autor, *la mujer del pueblo*, embora esmerada, bela, patriota, abnegada, trabalhadora, não configura-se na “mulher por excelência”. É a mulher chilena de “elevada esfera” – as damas de uma maneira geral – elegante, de classe alta, a que ocupa, em sua forma de conceituar, o lugar de primazia, por estas possuir hábitos e costumes semelhantes aos da espanholas.

Camilo Enrique Estruch, no artigo sobre o Peru, ressalta a boa índole da indígena, representa-a de forma íntegra e muito próxima aos atributos masculinos. É precisamente na limenha, na dama da capital, que transparece todo o seu encanto e admiração pela mulher de tipo europeu, ou seja, branca. Fica explícito o tipo que o autor realmente considera. Esta, de “marcada distinção”, sentimentos e costumes identificados com o progresso do século XIX, significa para ele “(...) *otro tipo femenino (...) cuyas relevantes cualidades estimulan al hombre estudioso a inquirir con vehemencia las causas que contribuyen á su brillante conjunto. (...) A esa noble raza pertenece la mujer limeña de la cual vamos a ocuparnos preferentemente.*”²⁴⁶

O modelo de mulher limenha que encanta, para ele, é representado pela branca. Em outro artigo, ao descrever as mulheres bolivianas, também as divide em brancas e indígenas. Em primeiro lugar fala da nativa, aquela que acha importante constar no texto e na obra, mas percebe-se que não aparece tão relevante assim no contexto que cria sobre a Bolívia e suas mulheres. Logo a seguir, retrata então com esmero o modelo que mais lhe agrada, a descendente de espanhóis. Para descrever este tipo de mulher retoma o seu conceito de natureza exuberante e harmoniosa na Bolívia, aspectos que, para ele, combina com seus habitantes. “(...) *sus habitantes están dotados de las cualidades que enaltecen á los tipos más distinguidos de la familia humana.*”²⁴⁷ Depois desta observação, introduz sua análise sobre a mulher boliviana oriunda da raça espanhola, considerada mãe terna, piedosa e instruída. Destaca, ao final: “*dejamos*

hábitos, costumes e práticas dos camponeses ou povos mestiços e, mesmo com o retorno às cidades, não deixaram tais hábitos.

²⁴⁶ *La mujer del Peru*. pp. 146-147. Tomo III.

²⁴⁷ *La mujer de Bolivia*. p. 174. Tomo III.

apuntadas as variadas cualidades de primer orden que adornan á la mujer blanca de Bolívia (...).”²⁴⁸

Tratando das mulheres do Brasil, Estruch escreve que

Las mujeres de raza blanca reunen en general las condiciones físicas que constituyen la hermosura. Son decidoras, amables, amantes á la vida alegre, y se distinguen por su notable ingenio. Cultivan la religion católica con todo el fervor de su alma esencialmente piadosa.²⁴⁹

Assim são retratadas as mulheres descendentes dos portugueses. Figuram dentro do modelo ideal de comportamento, de beleza e costumes propagados naquela época. São descritas como católicas fervorosas, afeitas às reuniões familiares, cuidadosas com as convenções referentes à sua classe e posição social e, nos trajes, adotam aqueles que mais realçam a sua beleza. Na forma como evidenciou essas personagens, destacou-as como exemplo de distinção. São descritas como sendo muito belas, elegantes e possuidoras de mágicos poderes, angelicais, ricas, aristocráticas e muito bem instruídas. O objetivo do autor foi “exibir o tipo distinto à curiosidade pública”. “*En los centros aristocráticos de la sociedad brasileña podemos admirar la educacion esmerada é incuestionable belleza que realzan al tipo distinguido que nos proponemos exhibir á la pública curiosidad.*”²⁵⁰

Para Nicolas Ampuero, a mulher equatoriana originária do povo espanhol foi dotada de notória beleza. Diferencia-as das limenhas, chilenas e bolivianas somente em alguns aspectos da educação e em função do clima característico da região. Para ele, essas mulheres assemelham-se às inglesas e alemãs. São pessoas doces, de caráter humanitário e, no tocante à instrução, possuem conhecimento para se distinguir na sociedade. Levado por uma peculiaridade do Equador – a divisão geográfica, política e comercial entre Quito e Guayaquil, que gera rivalidades, inclusive entre mulheres da sociedade –, este autor tende a ressaltar mais o lado pitoresco, descrevendo sempre o que se mostra de diferente.

*La guayaquileña ama mucho los placeres, y se entrega al **dolce far niente** de las italianas, como consecuencia de la predisposicion de su naturaleza ó del clima ardiente en que vive. (...) La quiteña no es muy vehemente em cuestion de amores, sin duda por efecto de las cumbres heladas que habita, pero tiene los instintos naturales de la afeccion más sincera cuando se trata de vincular su existencia por medio del matrimonio.²⁵¹*

²⁴⁸ *La mujer de Bolivia.* p. 174. Tomo III.

²⁴⁹ *La mujer del Brasil.* p. 217. Tomo III.

²⁵⁰ *La mujer del Brasil.* p. 219. Tomo III.

²⁵¹ *La mujer del Ecuador.* pp. 188-189. Tomo III.

Embora a referência à tipologia racial quase não apareça nos artigos que retratam mulheres espanholas – e também nos que apresentaram portuguesas –, as diferenças continuaram sendo enfocadas pelos autores, mas sob outra perspectiva. A mulher da “fina sociedade” contrasta com as de classe baixa nos hábitos, o que implica em outros costumes e até mesmo em outra índole moral. As mulheres que são reverenciadas pelos literatos são as da alta sociedade, consideradas as verdadeiras damas, puras de sentimento, sóbrias e íntegras nos costumes e na raça.

No caso das províncias espanholas representadas, algumas referências que tocam nas questões raciais, mesmo que tangencialmente, podem ser encontradas e, na maioria dos casos, objetivam mostrar indivíduos – na figura de mulheres, cabe lembrar – idealizados por possuírem traços e características espanholas. Trata-se de elementos que diferenciam o “ser espanhol”.

Saturnino Estéban Collantes inicia seu artigo parabenizando o editor pela iniciativa em “conservar os tipos espanhóis”, que, em seu entendimento, estariam desaparecendo. Pode-se concluir, partindo desta fala, que Collantes faz menção a uma raça em extinção, qual seja, a espanhola.

Echevarría, em *La mujer de Albacete*, ressalta mulheres de feições proporcionais e perfeitas; Llofriú y Sagrera, descrevendo *La mujer de Alicante*, observa a influência do povo árabe, seja no tipo físico ou nos costumes. Curioso perceber que tal influência não aparece como um problema para este autor e outros que compuseram artigos para a coleção, com exceção de Valladares, em *la mujer de Almeria*, demonstrando que somente *las mujeres del pueblo* conservam traços típicos árabes e por este motivo pertenceriam ao último grau da sociedade. Picó y Campamar, ao contrário, em *la mujer de las Baleares*, indica a influência dos árabes nas formas e características físicas dos indivíduos dessa localidade, sem demonstrar desconforto por isto.

Interessante notar o argumento de Mañe y Flaquer sobre raça. Para ele, a Espanha caracteriza-se por um conjunto formado por uma federação de raças distintas, onde nenhum povoado destaca-se. Ponderando tal argumento, pode-se depreender daí que, em se tratando de Espanha, não existem tipos diferentes, como pede o editor da obra para que os colaboradores destaquem, mas sim um tipo único, o espanhol. É o caso, por exemplo, do raciocínio de Rios y Rosa, em *la mujer de la Canárias*, que ressalta a dificuldade de se definir raça e tipo neste espaço, em função da mescla de sangues ali presente.

Cueto, em *la mujer de Guipuzcoa*, defende a noção de que somente com o estudo das raças – influências genéticas herdadas por um povo – seria possível entender as diferenças dos indivíduos de uma determinada região – e cita a craniologia²⁵² como a ciência adequada para estudar as peculiaridades raciais e conseqüentes diferenças regionais.²⁵³ Em *la mujer de Lérida*, Balaguer defende a idéia de que os tipos e costumes pertencem a uma região, composta por vários povos, como é caso da Catalunha, que engloba, além de Lérida, Barcelona, Tarragona e Gerona. Para ele, a origem – raça – desses povos só pode ser encontrada em sua história comum.

Além das noções que envolvem aspectos étnicos e diferenças sociais baseadas nos tons de pele dos indivíduos pertencentes ao “mundo hispânico” – e que marcou fortemente o século XIX, sob a perspectiva da problemática racial -, outro traço que patenteou o “ser espanhol” e, conseqüentemente o discurso hispânico, foi o catolicismo. A expansão da Espanha e a propagação da civilização, além de promoverem a religião, muito se beneficiaram dela para conquistar, subjugar e colonizar. Sendo assim, outro elemento balizador dos discursos – textuais e iconográficos - refere-se à manifestação cristã, especificamente o catolicismo.

2.3.2 Princípios religiosos

A religiosidade marcou de forma indelével a história espanhola em todos os aspectos, desde o político até o social. Espanha e catolicismo se complementam nos discursos que representam a ela e ao homem espanhol. Para Juan José Lopez Ibor, a essência da Espanha é a hispanidade, definida por ele como “(...) *el conjunto de pueblos que surgieron al calor de la expansión española (...)*”.²⁵⁴ Acrescenta que a crença religiosa representa uma característica dessa condição. Assim, fundem-se pátria e religião, que juntas sustentam e dão sentido à hispanidade. Este sentimento constitui-se em um dos aspectos do “acontecer histórico” – expressão do autor – do povo espanhol e

²⁵² O termo raça apareceu na literatura especializada no início do século XIX, introduzido por Georges Cuvier e partia do pressuposto da existência de heranças físicas permanentes entre grupos humanos. Tomando por base a crença de que os comportamentos humanos podem ser entendidos a partir de uma análise biológica, surgiram teorias como a **frenologia** e a **antropometria**, que explicavam a capacidade humana através do exame do tamanho e proporção do cérebro dos povos, ao mesmo tempo que a **craniologia técnica** – que media o índice cefálico – influenciava, neste modelo científico, na aprendizagem e conhecimento das variedades do cérebro humano e conseqüentes potencialidades dos indivíduos. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. Op. cit. pp. 47-49.

²⁵³ No caso de Guipúzcoa, relata que houve influência genética da raça vascongada e euskera.

²⁵⁴ LOPEZ IBOR, Juan Jose. **El español y su complejo de inferioridad**. Op. cit. p. 181.

supõe uma postura perante a vida. “*La Hispanidad es un modo, un estilo, una forma de vida, y como tal llena todavía de posibilidades creadoras.*”²⁵⁵

A crença religiosa aparece nas exposições como inerente ao indivíduo espanhol, conformando a moral, natureza e conduta das mulheres que personificam os espaços territoriais retratados. O fenômeno religioso cumpriu várias funções na Espanha, como justificar a conquista de territórios não cristãos – a América foi um exemplo –, legitimar a permanência da Monarquia no poder, expulsar os mouros de seu território, propagar hábitos e costumes dos indivíduos, entre outras funções, enfim, perpetuar e referendar práticas e posturas conservadoras na e para a sociedade espanhola. O hispanismo, retomando Pérez Montfort, ao pregar a indissolubilidade do ser espanhol e do catolicismo, reforça os vínculos católicos da mãe pátria com suas filhas latino-americanas.²⁵⁶

As exposições monográficas e algumas litografias que compõem a coleção trazem a marca da religião. Na definição dos costumes e do caráter das diversas mulheres retratadas, o aspecto religioso foi destacado como forma de definir o caráter moral e honra dessas personagens, tanto para as espanholas, como para as americanas e portuguesas. Para verificar esta especificidade, basta observar outras informações que seguem o título, na capa da coleção, que elencam os respectivos espaços onde elas deveriam ser analisadas e descritas pelos colaboradores da obra:

*Tales como son: en el hogar domestico, en los campos, en las ciudades, en el templo, en los espectaculos, en el taller y en los salones. Descripción y pintura del carácter, costumbres, trajes, usos, religiosidad, belleza, defectos, preocupaciones y excelencias de la mujer de cada una de las provincias de España, Portugal y Américas Españolas.*²⁵⁷

Na parte iconográfica da coleção, somente algumas litografias referenciam diretamente a devoção religiosa. A representação da República do Chile (lit.7) destacou a religiosidade através da figura de uma senhora chilena com trajes de missa. Seu corpo foi meticulosamente coberto com vestido e manto, e as cores de suas vestes pintadas em tonalidades bastante sóbrias (um manto marrom cobriu seu vestido de cor rosa, muito

²⁵⁵ Id. *ibid.*, p.184. O cristianismo na Espanha contribuiu na atribuição de sentido para o movimento romântico. Para Ciplijauskaitė, o poder da Igreja e o catolicismo como única religião se prolongou mais nesse espaço, e nos anos de 1860 ainda não havia rechaçado como o resto da Europa. Cf. BIRUTÉ, Ciplijauskaitė. El romanticismo como hipotexto em el realismo. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit. p. 92.

²⁵⁶ PÉREZ MONTFORT, Ricardo. **Hispanismo y Falange: los sueños imperiales de la derecha española**. Op. cit. p.17.

²⁵⁷ GUIJARRO, Miguel. *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Madrid imprenta y librería de D. Miguel Guijarro, 1872-1876. 3 vls. Grifos meus.

sutil). O único matiz mais claro aplicou-se ao missal – azul celeste – que delicadamente foi colocado nas mãos da mulher representada.

A devoção também está representada por um tecido – talvez um tapete – que a chilena traz consigo, utilizado para ajoelhar e fazer as orações. Outra mulher – esta já em posição de reverência – também aparece na litografia, estampa executada com os mesmos tons e evidenciando os mesmos aparatos e gestualidade.



(lit. 7) *Republica de Chile/ señora en traje para misa*

Para representar a Província de Granada (lit.15), o litógrafo optou por pintar *La Emparedada*. Tal representação simbólica constitui-se numa forma de mostrar que há muitas delas ali. São movidas por um amor platônico, que não se realiza em forma de casamento. Suportam uma vida de martírio em uma reclusão quase absoluta – saem somente para ir à igreja – em suas casas. *Las emparedadas* levam uma vida de padecimento.²⁵⁸

A litografia revela um espaço sóbrio, com pouca claridade, desprovido de mobílias, sugerindo tratar-se de um espaço de reclusão. Percebem-se alguns símbolos religiosos, como um rosário envolto no pulso da granadina, uma folha pregada na parede, timbrada com uma cruz, com escritos que parecem mencionar a condição da mulher retratada. O véu negro que cobre sua cabeça faz menção ao recolhimento e subserviência à religião. Sua feição lembra ingenuidade e candura. Possui um olhar

²⁵⁸ *La mujer de Granada*. pp.378-384. Tomo I.

imaculado. Chamam a atenção as cores escuras de suas vestes e calçado – na tonalidade marrom, quase preta, deixando transparecer uma pequena parte do traje em vermelho, na altura do pescoço, único destaque em outro tom. Até mesmo o leque que segura está matizado com o marrom na parte inferior e seda branca com pequenas estampas em verde e vermelho na superior. Nesta cromolitografia, *La emparedada* está posicionada em pé, na frente de uma imensa porta de madeira, também marrom, onde transparecem vários pontos de ferro, como se fosse o portal de uma fortaleza. A imagem, na forma como foi representada, nas cores utilizadas e expressão do rosto, sugere espaço de reclusão, mortificação e retraimento.



(lit.15) Província de Granada – La Emparedada

Na representação de *las Islas Filipinas* (lit.16), tanto a natureza quanto o clima da imagem são outros. Abundam cores vibrantes como o vermelho, amarelo e verde. Nota-se que a personagem da imagem apresenta tez acobreada, olhos levemente repuxados e trajes pouco convencionais – diferentes da quantidade de tecidos e sobriedade das cores utilizadas pelas espanholas e suas descendentes diretas –, vestindo saia com listras vermelhas e amarelas, blusa branca e transparente, com pequenos riscos em azul. No lugar do leque – adereço característico das damas – traz uma sombrinha, e carrega na cabeça uma cesta com aves. A abundância e extensão da natureza quase tomam conta da litografia, enquanto que ao longe e em meio a essa vegetação se vislumbra uma casa, que mais se assemelha a uma cabana. Não há referências nem indícios de civilização, mas de natureza, simbolizada pelas aves e flora. A natureza está

vinculada a um espaço mais primitivo, logo, selvagem. Mas, em meio ao entusiasmo que a beleza da imagem produz, nas cores e exotismo que revela, chamam a atenção os variados colares utilizados pela filipina. Eles representam sua religiosidade – um rosário e o outro pode ser um escapulário – mas evidenciam exagero e simbiose de crenças. Esta litografia liga-se diretamente com a descrição da ilha feita por Vicente Barrántes, que descreveu este espaço como um lugar de intensa migração e miscigenação com outros povos e outras crenças.



(lit.16) *Islas Filipinas (Indigena de los alrededores de Manilla)*

Referindo-se aos volumes monográficos, logo no primeiro artigo, Antonio Trueba inicia e estabelece o diálogo com a religiosidade: exalta a Espanha e coloca-a como referência, por constituir-se na metade do mundo iluminada pelo evangelho católico.²⁵⁹ Entre os bons costumes e hábitos femininos está o de constituir-se em boa cristã, de acordo com quase a totalidade dos colaboradores da coleção. Em Albacete, para Echevarría, as mulheres são “(...) *buenas esposas, buenas madres y buenas cristianas*”²⁶⁰; em Almería, Valladares apresenta-as “*dotadas de esta religiosidad é impregnadas en tan sanas creencias*”²⁶¹, enquanto que as avilesas, na descrição de Valcárcel, figuram como religiosas, embora sem fanatismos. Na província de Cáceres,

²⁵⁹ *La mujer de Alava*. Tomo I.

²⁶⁰ *La mujer de Albacete*. p.36. Tomo I.

²⁶¹ *La mujer de Almería*. p.72. Tomo I.

Hurtado destaca uma divisão por raça e crença. Nesta província, segundo este literato, reina um espírito religioso cristão imposto pelas rivalidades entre cristãos novos e velhos, sendo as mulheres descritas como fiéis na religião católica. Segovía, retratando a mulher de Cádiz, observa o vínculo entre religião e política no povoado desta região, considerado o mais liberal, cristão e devoto da Espanha. Para ele, ali não ocorre separação entre liberalismo, democracia e cristianismo. Juan de Valera diferencia homens e mulheres no tocante ao desenvolvimento e ao progresso, argumentando que a cordobesa se apegava às crenças e religião, ao contrário dos homens, que se envolvem com ideologias materialistas. Caballero, sobre as mulheres de Cuenca, lembra o espírito religioso das mulheres, denominadas de “sexo devoto”. Canaléjas destaca a grandeza das virtudes cristãs e cívicas da mulher de Gerona, enquanto Alarcón evidencia que, em Granada, expulsos os mouros, triunfaram os cristãos e as mulheres tornaram-se muito católicas e devotas à Virgem Maria.

Cayetano Rosell, que apresentou a mulher de Guadalajara, expande a questão da religiosidade, e descreve-a como signo da província e da nação; segundo este literato, as marcas desta região estão nas guerras e na religião, na mesma medida em que referenciam a história de toda a Espanha. Caracterizando a mulher de Guipuzcoa, Cueto afirma ser “*El modelo de la mujer cristiana, que hace de la familia un culto y del hogar doméstico un santuario,*”²⁶² enquanto Barrera, ao descrever o povo de Jaén, percebe que embora celebrem considerável número de festas religiosas por toda a província, ainda conservam mistura de hábitos e costumes religiosos com outras de características pagãs. As leonesas, para Saavedra, mantêm a devoção ao Santíssimo Sacramento, como ilustres mulheres do passado, e as leridanas, nos argumentos de Balaguer, fazem do espaço doméstico uma “verdadeira” religião. Cristãs e hospitaleiras também são as valencianas, reitera Escrich, e as zamoranas - religiosas e submissas -, tratam a educação de seus filhos com esmero, pautando-se numa profunda religiosidade e moral, de acordo com as observações de Fernández Duro.

Castro y Serrano, em seu artigo sobre Madri, tenta promover o cristianismo, mas relata uma peculiaridade desta província, que revela o embate entre a devoção e a descrença. Atribui tal especificidade ao fato de tratar-se de uma capital, onde transitam indivíduos de toda natureza, lugares, hábitos, costumes e, também, crenças religiosas. Sélgas y Carrasco mostra que a murcianas são educadas nos princípios religiosos, sendo

²⁶² *La mujer de Guipuzcoa*. p. 433. Tomo I.

que a piedade, fé, esperança e caridade formam a base de seus costumes, assim como as de Oviedo, que Frontaura apresenta como sendo educadas à moda cristã, enquanto se destacam pela piedade. Em Palencia, “emancipadas pelo cristianismo”, segundo Collantes, as mulheres da modernidade são criadas na fé católica: “(...) *la mujer siempre há sido y será la mujer, sobre todo desde que dejó de ser cosa, desde su emancipacion por el Cristianismo*”²⁶³. Esta mesma concepção de “liberdade feminina através do cristianismo” aparece nos escritos de Gavira y Maldonado, sobre a mulher de Teruel. Em Pontevedra, mulheres de todas as posições sociais conservam-se religiosas, de acordo com Cuveiro, assim como as de Salamanca, conforme também observa Aguilera. Escalante, falando das montanhas de Santander, encerra seu texto ressaltando a devoção e religiosidade da mulheres desta região; na província de Segovia, segundo Cuesta, existe uma grande devoção a Santa Águeda.

Na província de Toledo, de acordo com Paz, a religiosidade feminina fica expressa no lema: *religión, patria y libertad*. As últimas palavras deste literato reafirmam a importância da fé cristã nesta localidade: “*¡Felices las madres que enseñan á sus hijos á cuidar del desarrollo de los intereses materiales, sin olvidarse de la religion! (...) Felices los pueblos que trabajan y rezan.*”²⁶⁴ Seu artigo está repleto de referências em defesa do catolicismo: Eva aparece como símbolo do pecado e, em contraposição, a Virgem Maria a simbolizar a reabilitação e a salvação do mundo moderno. Se os partidos políticos estão entre os aspectos nocivos na Espanha, a religião e o progresso salvam e reabilitam essa nação, de acordo com seus argumentos. Quem escreve sobre a mulher de Zaragoza é Emílio Castelar que teve extensa trajetória política e foi o último presidente da efêmera República Espanhola.²⁶⁵ Exalta-as e as cultua. Elege a Virgem Mãe como símbolo religioso e vincula-a às mulheres, embora observe que também os homens, nesta região, adoram e cultuam a mencionada santa.

Entre as mulheres americanas de origem espanhola, é parco o destaque para a presença da religião católica na formação dos indivíduos. Neste território são mais fortes e representativas as menções sobre raça e costumes locais, o que denota uma posição inferior da América em relação à Espanha. Presume-se que a diferença entre essas mulheres e suas conterrâneas dá-se pela mistura de raças. As de origem nativa ou mesmo as mestiças, segundo os autores, nem sempre são devotadas à fé cristã ou

²⁶³ *La mujer de Palencia*. p.273. Tomo II.

²⁶⁴ *La mujer de Toledo*. p.439. Tomo III.

²⁶⁵ Conferir Apêndice II.

consideram o catolicismo como importante na formação da moral social dos indivíduos. Esta questão é apontada por Guerrero, quando relata sobre a mulher cubana, e, no caso de Porto Rico, este autor sequer toca na questão, por considerar este espaço bastante atrasado. No caso das Filipinas e sua peculiar história de encontro e “desencontro” com a Espanha - pois houve ali a presença e conseqüente miscigenação com outras nações -, Barrantes refere-se como um povo com tendência religiosa cristã, pois o processo colonizador não foi completado. O caso Argentino, segundo T. Guido, também ficou marcado pela excessiva imigração e influência de outros povos, que acabavam por impor diferentes vertentes religiosas. Por outro lado, embora em tom direto e pragmático, Cervantes declara que, em termos religiosos, no Uruguai permaneceram os ensinamentos católicos, e Esctruch, falando das chilenas, revela suas características religiosas, como a nobreza de sentimentos, amor, altruísmo, piedade e abnegação; sobre as brasileiras, pinta-as como católicas fervorosas, enquanto que Mobellan, ao falar das mexicanas, também lembra a devoção cristã. Nicanor Peraza, ao retratar o território Venezuelano, alega que a Espanha deixou como herança para este lugar, o que considera “dois tesouros”, quais sejam, a família e a religião, e ali, segundo ele, as mulheres dominam a doutrina religiosa.

O caso do Equador é singular. Ampuero denuncia a intolerância religiosa e faz críticas ao clero, julgando-o conservador. Esse autor possui uma postura ideológica liberal, contrária à reação autoritária dominante nos expoentes do catolicismo.

Nos escritos monográficos sobre Portugal, poucas são as referências à religiosidade; Bastos destaca a religiosidade da extremas e Mendonça a religião e hospitalidade como hábitos das mulheres de Beira.

Interessante notar que, embora os autores estejam falando de hábitos e costumes dos diversos povos descritos na coleção, que se modificaram e permanecem em processo de transformação, a religiosidade consiste em traço inalterável em todas as personagens que representam os espaços abordados. Está na base mental dos indivíduos e constitui-se em hábito definidor de uma moral social. Nos argumentos dos escritores, a religião compete às mulheres assim como a educação dos filhos, além de indicar um aspecto distintivo da civilização e cultura espanhola. O “ser espanhol” e a fé cristã imbricam-se, nos discursos monográficos.

Cabe lembrar, no entanto, que a fé cristã, nas composições monográficas que compõem a coleção, trata-se de uma característica feminina, uma vez observada a ausência das manifestações religiosas masculinas, exceto quando algum autor resolve

abordá-la como característica do conjunto da região, e não somente como prática de mulheres.²⁶⁶

Considerada a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* obra que enuncia o caráter nacional de um povo, outras peculiaridades vernáculas também delinham valores e refletem a mentalidade espanhola. Pode-se destacar a produção e reprodução de sociedades hierarquizadas, baseadas principalmente nas diferenças raciais, sexuais e sociais. Conquista e glória, poder e submissão e discursos pela dependência fazem parte das falas e argumentos que norteiam e referendam a concepção da coleção aqui analisada.

2.3.3 Sociedades hierarquizadas

Além das diferenças de sexo e de raça, os responsáveis pelas composições monográficas e litografias, para descrever e apresentar especificidades e peculiaridades das mulheres/regiões representadas fazem uso da diversidade de funções e lugares ocupados por mulheres, nos respectivos lugares e espaços territoriais descritos. Desse modo, para construir imagens de mulheres, um dos princípios utilizados para delimitar as diferenças regionais e sociais diz respeito à hierarquia social. De acordo com os colaboradores da obra, hábitos, costumes e trajes trazem particularidades conforme a classe social do indivíduo.

Nem sempre os autores referem de forma explícita às diferenças de classes e hierarquias sociais, mas, em todos eles, ficam expressas as diferenças que marcam posições desiguais no âmbito social. São traços e indícios que revelam uma trama maior, qual seja, a relação de poder entre indivíduos, classes, povos e nações. Destacar-se-á, neste item, os espaços territoriais espanhóis, pois, quanto às hierarquias sociais referentes aos espaços americanos e filipino, estas não se desvinculam da questão da raça, apresentada acima. Das diferenças raciais, são feitas as variações sociais.

²⁶⁶ Parece contraditório mencionar a ausência de referências aos homens e sua religiosidade em uma obra que tematiza mulheres, mas há que se considerar que, em muitos outros aspectos dos hábitos e costumes abordados, inclui-se a apresentação da figura masculina, revelando que eles não foram alijados ou marginalizados nas discussões dos literatos. Por outro lado, amparando-se nas discussões sobre a relação entre positivismo e religião, Jorge Lagarrigue – que escreve em 1883, no Chile - defendendo o caráter ultrapassado, ineficiente e caduco da religião católica, afirma que são as mulheres o seu principal apoio e que subsiste porque estas não o abandonam. Complementa suas observações argumentando que o homem ataca e despreza o catolicismo por perceber a base mental inferior desta religião. LAGARRIGUE, Jorge. **Positivismo y catolicismo**. Disponível em: <<http://www.antologiadelpensamientohispanico.com>> p. 1-25. Acesso em: 15 dez. 2008.

Assim como nos textos, as imagens, através dos símbolos, igualmente destacam diferenças entre as mulheres de distintos níveis sociais, a começar pela tonalidade e iluminação preponderantes na litogravura.

Em uma das imagens que representa a mulher da Ilha de Cuba – são três litografias –, o tom escuro dominante – o marrom – sugere o cair da tarde e certa melancolia, talvez provocada pela intensidade do calor – a casa aberta evidencia o fator climático (lit.17). A cena retratada visualiza dois espaços, o privado – interior da residência – e o público – rua e horizonte. Em ambos se percebe a ausência de elementos materiais – utilitários, utensílios e arquitetura. Não há quadros, cortinas e poucos são os móveis: cadeiras e mesa, esta última que sustenta um vaso. Bucólico também é o espaço externo, que, exceto por uma construção, apresenta-se vazio, inclusive destituído de natureza. A natureza foi retratada sem brilho, um tanto quanto embaçada e fosca, seja no vaso ou no pequeno coqueiro que aparece ao longe. As mulheres que personificam a litografia – uma descansa em casa e a outra passa pela rua – evocam tristeza mas possuem feições belas e delicadas.

O destaque fica naquela mulher que ocupa o interior da casa; com aparência cansada, aparece confortavelmente sentada, descansando os pés em um pequeno banco e segurando um leque – outra referência à temperatura do lugar. Aquela que passa pela rua observa curiosa através da porta aberta. Esta litografia refere-se à representação da Senhora de Havana – da capital – em trajes simples, modos, aparência e ambiente singelos, provavelmente por tratar-se da mulher campesina. A imagem chama a atenção para a rusticidade que caracteriza toda a cena – casa, natureza, ambientes, decoração, trajes – e a falta de privacidade. Os tons escuros e a pequena quantidade de cores utilizadas na composição da gravura, somados ao “espírito” da cena, transmitem ao observador a sensação de melancolia.

A outra imagem (lit.18) apresenta a Dama de Havana e traduz um outro olhar para a mulher cubana. As cores utilizadas são mais vibrantes, a luz e outras estratégias representacionais indicam uma situação vivenciada no período da manhã. Constitui-se em uma cena interna, privada, numa casa confortavelmente organizada e mobiliada, distintamente decorada. Bela cortina colorida - prevalece o tom vermelho –, grande quadro enfeitando e contrastando com o preto da parede, duas cadeiras e um suporte para o vaso, que por sinal é bastante colorido com flores diversas, de múltiplas cores. O chão, quadriculado em preto e branco, compõe com a tonalidade escura dos móveis, que, no conjunto – decoração e mobília –, refletem o conteúdo aristocrático e o

tradicionalismo sugeridos pela imagem. Todos os elementos presentes na imagem e nos detalhes revelam o conteúdo da tradição. Da janela, através de uma pequena fresta, vê-se ao fundo o horizonte, marcado pelo azul celestial. A mulher representada possui cabelos negros e pele alva. A gestualidade da mão e as expressões faciais indicam delicadeza e beleza. Ela encontra-se em pé, segurando em umas das mãos um crochê enquanto que com a outra brinca com um pequeno cachorro – branco e delicado –, puxando a linha que ele parece querer desenrolar. Veste ainda trajes de dormir, de cor branca, enfeitados com leves rendas azuis. Todos os elementos – materiais, cromáticos e humanos – revelam a distinção social da Dama de Havana e os sinais da civilização. Pela expressão facial e gestualidade corporal faz referência ao instinto maternal – jeito como brinca com o animal –, à generosidade e prendas femininas. Padrão ideal de mulher, tradição e riqueza material, eis o que sugere esta litografia.

Uma terceira litografia sobre Cuba (lit.19) retrata uma camponesa - *la guajira* – numa bela região de vegetação esparsa mas vigorosa, alimentando e brincando com algumas aves. Ao fundo, vê-se uma residência simples, de aspecto agradável – assim como toda a cena. Esta cubana, de pele clara, possui olhar meigo e angelical, o que combina com a cor branca de seu singelo vestido, e anda descalça. O que chama a atenção nesta imagem é o pertencimento e simbiose entre personagem e natureza: ambos se complementam, formam um só conjunto, harmonioso pela delicadeza, beleza e singularidade. Trata-se de um outro tipo social que ajuda a compor a sociedade cubana.

As litogravuras que retratam mulheres espanholas também as apresentam, muitas vezes, em seu cotidiano simples, singelo, no entanto sempre muito altivas. Nesta imagem que ilustra a Província de Almeria (lit.3), destacam-se as cores, o cenário, as situações e a beleza feminina, que estimulam o olhar do observador. Nela o litógrafo pintou uma andaluza *del pueblo* – Almeria pertence a esta província. A natureza domina parte da litografia; folhagens sobem pelas grades de uma grande janela, vaso com flores vermelhas e floreira aparece ao fundo na imagem. A mulher - em primeiro plano - vestida com simplicidade – provavelmente se trata de uma vestimenta mais confortável e funcional para uma mulher que não possui hábitos aristocráticos - tem os cabelos arrumados, enfeitado com flores, uma das mãos na cintura e a outra segura delicadamente um leque enquanto “faz pose” para o litógrafo. Em seu rosto é possível encontrar traços árabes – referência à presença desses povos na região. As cores são múltiplas, embora não muito vibrantes. O tom ocre da imagem revela um entardecer sob

os últimos reflexos dos raios solares onde a mulher descansa. A simplicidade sugerida pela cena está longe de representar decadência ou infortúnio. Beleza e certo estado de graça saltam aos olhos do observador.



(lit.19) *La guajira – Habana*

(lit.17) *Isla de Cuba – Señora de Habana*

As litografias difundem as informações através de uma multiplicidade de signos – cores, gestualidade, traços físicos, feições, espaços e lugares, atividades, entre outros. Cabe evidenciar, entretanto, o caráter subjetivo das litografias. Conquanto haja uma intencionalidade do pintor naquilo que quer comunicar e informar através da imagem produzida, são mesmo os olhos do destinatário, daquele que as observa e aprecia que empregam sentidos a ela. Diferentemente das litografias, as referências que marcam as posições sociais e hierárquicas nas composições monográficas são mais explícitas, diretas e pragmáticas e constituem-se em dizeres certificados pela formalidade e credibilidade que a manifestação escrita possui.²⁶⁷

²⁶⁷ Mesmo considerando que a linguagem escrita pode traduzir, de forma mais explícita que a linguagem imagética, concepções, posicionamentos ideológicos e pontos de vista.



(lit.18) Isla de Cuba - Dama de Habana

Partindo deste pressuposto, Echevarría, em *La mujer de Albacete*, revela que não existe mais uma verdadeira aristocracia, e que as “damas da sociedade” pertencem a uma classe mais acomodada, enquanto que as outras às classes mais humildes. Llofriú y Sagrera, em *La mujer de Alicante*, destaca três tipos de classe social: a mulher de elevada posição social, a mulher de classe média e *la mujer del pueblo*. No texto redigido por Valladares, em *la mujer de Almeria*, as diferenças sociais aparecem nos costumes e hábitos peculiares a cada posição social, ou seja, as mulheres da “fina” sociedade e as de classe baixa. Quanto às primeiras, refere-se à “verdadeira dama”, semelhantes às de Madri, enquanto que as últimas, tidas como *las mujeres del pueblo*, pertencem, em seu modo de considerar, ao último grau da sociedade. Mas a mulher típica de Almeria, argumenta, insere-se num meio termo entre a aristocrática e a *del pueblo*. Para Aviles, no artigo sobre *la mujer de Badajoz*, as distinções sociais de classe baseiam-se na mulher nobre e na *mujer del pueblo*. Mañe y Flaquer, em *la mujer de Barcelona*, considera que esta localidade, por tratar-se de uma metrópole, configura-se no lugar da heterogeneidade e multiplicidade de povos e classes sociais.

No artigo sobre *la mujer de las Canarias*, Rios y Rosas descreve características físicas, morais e costumes das mulheres que pertencem às classes altas e o trabalho árduo das mulheres das classes mais humildes. Diferente aparece o discurso

de Togóres, em *la mujer de Ciudad Real*. Em suas observações, defende que não existe diferença entre nobres e plebeus na citada província pois, para ele, todos tomaram parte da reconquista. Da mesma forma argumenta Castro y Serrano, ao retratar *la mujer de madrid* argumentando que ali não existe diferenciação de classe; todos se relacionam e casam-se entre si, independentemente das diferenças e posicionamentos sociais. Fulgoso também apresenta outra peculiaridade ao descrever *la mujer de la Coruña*, dividindo-as em três regiões da Galícia: *la coruñesa*, apresentada como mulher de bom gosto, numa região de comércio e altos empregados; *la ferrolana*, considerada graciosa e ligada ao ambiente marinho e *la santiaguesa*, concebida como “dama”, de vida quieta e afastada. Em item separado, traça o perfil *de la mujer del campo*.

D. Fermin Caballero retrata, em sua produção sobre *la mujer de Cuenca*, a dama aristocrática e separa-as em três tipos: aristocracia de antiga nobreza, aristocracia de riqueza e aristocracia de saber. Em *la mujer de Guadalajara*, Rosell registra duas classes sociais, sendo uma menor, a aristocracia, e a outra, a classe média, representando o “verdadeiro povo”, e composta por moradores dos campos e das regiões urbanas. Mentaberry, em *la mujer de Huelva*, tentando evitar uma construção hierarquizada das classes possuidoras de prestígio social, prefere denominá-las como aristocracia, de sangue e a de capital, embora por esta última pode-se entender que seja a burguesia em ascensão. A outra parte dos indivíduos de Huelva se localiza nos campos, lugar onde se encontram os tipos verdadeiros desse povo. Em Saavedra encontram-se descritos quatro tipos de mulheres e duas classes sociais. As leonesas da capital figuram como herdeiras da distinção, cortesia, com graça, elegâncias e outros tributos inerentes às damas da sociedade; os outros três tipos – ribeirinhas, camponesas e montanhesas – caracterizam as mulheres com características populares. Olózaga divide *la mujer de Logroño* em dois grupos sociais: as mulheres das classes mais abastadas – a senhora de sangue azul, aristocráticas, e as burguesas que, para o autor, parecem ser uma espécie de aristocracia por dinheiro – e as pertencentes aos povoados – serras, ribeirinhas e vales vizinhos. Guijarro, em seu artigo sobre *la mujer de Málaga*, especifica que nesta região já não existe aristocracia por sangue, embora as famílias pertencentes ao “alto comércio” tenham tomado o lugar desta categoria social e as mais típicas da província constituam-se nas mulheres da classe média.

Sélgas y Carrasco demonstra que em Murcia existem dois tipos de mulheres: a da cidade, que se veste à moda de Paris, e a do campo, plebéia, que usa trajes pitorescos e tradicionais, e complementa: a peculiaridade do povo está na diferença

entre campo e cidade. Villoslada destaca na narração que faz sobre *la mujer de Navarra* a existência de uma aristocracia, aos moldes ainda do século XVI, ao passo que o trabalho fica ao encargo das ribeirinhas, montanhesas e *las mujeres del pueblo*. Frontaura, em *la mujer de Oviedo*, diferencia as mulheres dos grandes centros, que vestem a moda vinda da França e as aldeãs, que constituem-se nos “verdadeiros tipos populares”. São elas que guardam as tradições, recordações, simplicidade e encanto. Collántes assim divide *las mujeres de Palencia*: “(...) *las palentinas, pues, se dividen en propietarias, labradoras, harineras, manteras, hortelanas y empleadas ó transeuntes.*”²⁶⁸ Cuveiro descreve três classes sociais em Pontevedra: a artesã, que possui educação semelhante à da mulheres da classe média; a senhora – classe média –, educada para a sociedade, e uma aristocracia, que não se distingue muito desta última citada. Em Salamanca, Aguliera descreve a existência de uma aristocracia e destaca três outros tipos, mais populares, como *la artesana, la charra* e *la de candelario*. Amós de Escalante, apresentando *las montañesas* da província de Santander, apresenta alguns tipos campesinos – trabalhadoras – e outras de classes mais acomodadas.

Um pouco mais sucinto em suas observações, Cuesta, em *la mujer de Segovia*, faz referência e descreve a denominada classe média e particularidades da classe popular. Landa, para falar das diferenças e peculiaridades das mulheres de Tarragona, divide-as em cinco posições sociais e regiões: *señora, menestrala, labradora, obrera* y *la mujer de la costa*. Paz, em *la mujer de Toledo*, descreve dois gêneros: *la Señora* e *criadas*, habitantes da capital e *la lugareña*, pertencente aos povoados e subdivididas em *labradoras* e *campesinas*. Em Zamora, para Fernández Duro, as diferenças entre homens e mulheres dão-se a partir da posição social, clima e espaço a que pertencem, e que definem as diferenças entre mulher do campo, cidade e *de lo pueblos*.

Na parte que se refere a Portugal, em *la mujer de Extremadura*, Teixeira Bastos divide as lisboetas em três classes principais: as de classe elevada – composta pela aristocracia de sangue e a alta burguesia –, as de classe média – compreendendo o comércio, a pequena indústria e os empregado públicos – e as de classe baixa, composta por artistas e operários. Mendonça apresenta senhoras e mulheres do campo, no artigo sobre *la mujer de Beira*. As primeiras, embora se vistam com modéstia, começam a voltar os olhos para a moda francesa, enquanto que as segundas vestem-se com mais

²⁶⁸ *La mujer de Palencia*. p.273.Tomo II.

simplicidade. Este mesmo autor, descrevendo *la mujer de Alemtejo*, mostra-as como robustas, simpáticas e formosas, tanto as do campo como as da cidade, tanto as ricas quanto as pobres.

Interessante notar que, nos argumentos dos mais variados autores, a imagem da aristocracia não corresponde mais aos tipos e práticas sociais aristocráticas. Muitos deles expressam, literalmente, a decadência da nobreza, mas em seus discursos não apresentam esse novo grupo de indivíduos como representantes da burguesia.²⁶⁹ Ainda são utilizados instrumentais gramaticais e formas de conceituar referentes ao estilo de vida dos fidalgos – “damas da sociedade”, “sangue azul”, “aristocracia”, “caráter nobre”, entre outras expressões -, assim como são caracterizados e valorizados hábitos, costumes e práticas aristocráticas. Nos oitocentos – e no momento em que foi elaborada a coleção -, se a Espanha ainda olhava para si como um monumento imperial, se buscava criar/conservar nas mentalidades um passado glorioso e de poder, expressar com exatidão o termo que caracterizava essa nova categoria de cidadãos – burguesia -, representaria reconhecer que um dos símbolos que referendava o império agonizava no sorvedouro das tradições em que havia se transformado o século XIX.²⁷⁰

Entre tantas formas de conceituar e expressar o movimento e ideário hispanista, que se caracterizou pela idéia de uma comunidade espiritual, cultural e baseada em experiências comuns, optou-se, neste trabalho, por utilizar a expressão/conceituação hispanismo por considerar que essa coleção não representa nem constitui uma ofensiva americanista. A coleção revela, em imagens e textos, aspectos do caráter nacional espanhol, muitas vezes resvalando em características xenófobas,²⁷¹ por objetivar sublinhar e destacar a qualidade do povo espanhol. As presenças americanas, filipina, brasileira – e por que não dizer também portuguesa, embora pertencente ao contexto ibérico – acabam por constituírem-se em espaços territoriais passíveis de comparação por denotarem feições tidas como inferiores - ou melhor dizendo, por

²⁶⁹ Mesmo porque, segundo Maria Isabel Cabrera Bosch, na Espanha a burguesia constituía-se em um grupo pequeno, político e socialmente frágil. CABRERA BOSCH, Maria Isabel. *Las mujeres que lucharon solas: Concepcion Arenal y Emilia Pardo Bazan*. In: FOLGUERA, Pilar (comp.). **El feminismo en España: dos siglos de historia**. Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 1988. p. 33.

²⁷⁰ Sobre esta questão, faz-se necessário considerar que esta forma de classificação social está vinculada diretamente à experiência monárquica, referência de regime político que a Espanha conhecia. A burguesia, como uma classe social em ascensão, vivia e definia-se através das experiências já conhecidas e valorizadas socialmente – alguns hábitos, costumes e até mesmo os trajes - pertencentes à nobreza.

²⁷¹ Pode-se considerar como xenofobia a rejeição aos grupos nativos encontrados na América, expressa nas formas como são descritos hábitos, costumes, trajes, aspectos físicos e culturais, religião, entre outras diferenças enfatizadas pelos colaboradores da coleção que escreveram sobre os espaços territoriais americanos e sobre as Filipinas.

constituírem-se em espaços marcados por raças, tipos, hábitos, costumes e culturas diferentes.²⁷²

No contexto dos nacionalismos do século XIX, encontra-se nesta obra um enredo – exaltação da história, cultura, língua, crença, raça, heranças - para afirmar uma história de poder e grandeza do povo espanhol, voltado para o próprio olhar do povo espanhol. É sobre esta hispanofilia que tratam as litografias e produções monográficas - expressões iconográficas que formataram e adensaram a coleção. Neste sentido, *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, simultaneamente, concebe e produz o discurso hispanista ao mesmo tempo em que transmite e divulga este ideário.

Considerada esta questão, voltam-se os olhos para outra peculiaridade, qual seja, a mulher como tema e objeto desta coleção. Constituem-se em imagens de mulheres - construídas e representadas através de dois tipos de linguagem, a iconográfica e a textual – utilizadas para simbolizar a construção e difusão do ideário hispanista.

Chama a atenção, encanta e desperta curiosidade o fato de essa publicação fazer uso da simbologia feminina para dialogar com o século XIX – neste caso, especificamente, com a década de 1870. Através de personagens femininos, espaços territoriais são representados, aspectos do caráter nacional espanhol apresentados, tradições, hábitos e costumes que contribuíram na elaboração dos imaginários sociais tocados através do sentido artístico e político que carrega consigo esta obra. Percebe-se nela, ao mesmo tempo, a criação e idealização de um tipo de mulher, com traços – nas imagens - e argumentos – nas produções monográficas – que procuram aproximar mulheres espanholas, portuguesas e americanas, objetivando revelar o “espírito” e “ser” hispânicos existente nos lugares onde a Espanha produziu e naqueles nos quais deixou suas sementes.

Assim, a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* proporciona a reflexão sobre o significado histórico de um tempo e de um espaço e por meio de imagens e textos, apresenta características e perfis de mulheres, evidenciando hábitos, costumes, tipos, trajes, aspectos morais, visões de mundo, ideologias, expectativas políticas e os novos indivíduos e espaços sociais que a segunda metade do século XIX apresentava.

²⁷² LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: histórias de uma ideologia.** Op. cit.

Capítulo 3

Las mujeres americanas y portuguesas: olhares, conteúdos, concepções e a problemática do outro

A composição iconográfica da coleção estudada tanto atribui sentido à perspectiva heróica e gloriosa da Espanha²⁷³ presente na concepção e conteúdo dos textos e litografias, como se encontra também nas representações das *mujeres americanas y portuguesas*. Para se conhecer a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, há que se considerar que existe um discurso hispânico sobre espaços nas Américas e outro sobre espaços na Espanha. Diferentes foram os olhares que literatos lançaram sobre as repúblicas americanas e as províncias portuguesas, assim como diferentes também foram as concepções que os litógrafos utilizaram para retratar costumes, vestimentas e tipos sociais nesses espaços.

Além de apresentar mulheres, lugares, ambientes e características culturais, são imagens, discursos e perspectivas que se destacam das representações espanholas, denotando um outro caráter e direcionamento na exposição das idéias e representação visual sobre a América e Portugal. Percebe-se que textos e imagens comunicam conteúdos distintos dos destacados sobre a Espanha, sendo que até mesmo os volumes foram editados separadamente daquele que retrata Américas e Portugal.

Nas cromolitografias sobre as americanas, sobressaem suntuosidade, luxo e fidalguia de mulheres – e conseqüentemente das repúblicas – descendentes dos colonizadores. A marca da presença e a semente da civilização espanhola em detrimento da miscigenação referenciam tais imagens. Nas narrações sobre a América, figuram os discursos sobre a tipologia das raças e miscigenação; no entanto, para esta questão, o destaque fica com as mulheres de ascendência espanhola, com similitude nos hábitos, trajes e aspectos morais. A estreita relação entre mulheres americanas e a pátria também se constitui em outro aspecto da população feminina revelado pelos literatos; entretanto, a peculiaridade das produções monográficas sobre a América está na ordem política, na natureza, geografia e processo histórico das repúblicas – e monarquia brasileira. Nos vários artigos, os literatos, antes mesmo de apresentar as mulheres e seus respectivos costumes, abrem a discussão evidenciando as belezas naturais do lugar, contornos que a geografia oferece e a configuração política dos espaços representados.²⁷⁴

²⁷³ As quais serão apresentadas no próximo capítulo.

²⁷⁴ É necessário deixar claro que a maioria dos escritores, embora não sejam americanos, mantinham ou mantiveram contato de alguma forma – cargos políticos, moradia ou outros – com as respectivas regiões que apresentaram. Alguns deles - como é o caso do literato que escreveu sobre a mulher chilena - eram extremamente apaixonados e admiradores do lugar.

Assim, literatos e litógrafos colocam diante dos olhos dos destinatários da obra personagens e espaços territoriais formatados à semelhança dos espanhóis, embora marcados também pelas características dos lugares, das raças, dos usos e costumes.

3.1 Mulheres na América

Como tocam e qual o sentido dessas imagens construídas através de palavras, presentes nos artigos que compõem a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*?

Tocam, porque o olhar que nestes textos é lançado sobre o outro é o olhar de se ver. É encontrar-se ali, refletidos, refletidas nos hábitos e costumes de mulheres que estão distantes no tempo e no espaço. Encontrar-se ali, naquelas que, “meio irmãs”, revelam a graça de ser mulher e uma conduta heróica de sobreviver em terras distantes e dar sentido e prolongamento ao empreendimento epopéico da conquista e colonização.

As narrativas textuais chamam a atenção para as semelhanças com a Espanha – a metrópole colonizadora – e a herança deixada. Quando os literatos apresentam mulheres que representam diversos espaços geográficos na América, buscam elementos em sua própria cultura para marcar pontos de encontro e desencontro entre as sociedades latino-americanas e as européias – em especial, a espanhola. O sinal desta especificidade está no fato de que a Inglaterra e particularmente a França constituem-se em pontos de referência e ícones de civilização e bons costumes, sempre citados pelos diversos literatos na obra.

François Hartog problematiza o processo de fabricação do outro através da narrativa. Para ele, a narrativa se constrói entre um narrador e um destinatário e traz consigo a questão de como ela apresenta – traduz, na expressão do autor – o outro e quais estratégias são utilizadas para que a narrativa torne-se crível para aquele que a recebe. A produção escrita que “conta o outro” é feita a partir de marcas que levam ao sentido da verdade, que são as operações “eu vi, eu ouvi, eu digo, eu escrevo”.²⁷⁵ Há um desprezo inicial pelo diferente, pelo ininteligível, por aquilo que não é conhecido. A comparação é outra forma de dizer o outro, mas é preciso que tenha equivalência direta no mundo daquele que recebe a narrativa, a escrita.

²⁷⁵ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Op. cit. p. 228.

Outra característica da retórica da alteridade refere-se às narrações e imagens permeadas do que é considerado maravilhoso e curioso no outro. Esta categoria da narrativa ressalta a beleza e a raridade como forma de traduzir a diferença e funciona como um critério de classificação. Hartog evidencia que a narrativa é uma atividade de nomeação, que contribui para construir uma figura e o domínio sobre o que foi construído e nomeado. “(...) nomear o outro implica classificá-lo”, diz ele.²⁷⁶

Na coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, quem nomeia, traduz e classifica são os litógrafos e literatos. Os volumes com as exposições monográficas trazem o outro sob a ótica de quem escreve, perspectivados pelo conhecimento e experiências culturais do narrador e a respectiva composição de mundo presente em seu imaginário.

Dizer o outro, enfim, é muito evidentemente uma forma de falar de *nós*, se é verdade que a narrativa não pode escapar da polaridade *eles/nós*, a qual constitui sua armação infrangível. Um dos efeitos do texto é, portanto, contribuir para cercar o *nós*.²⁷⁷

Traduzir o outro, mesmo que pela ótica particular do narrador, daquele que vê/viu, configura-se numa forma de exercício de poder porque revela a supremacia de um povo sobre o outro. Assim é o olhar que se pode ter para esta coleção, pois, segundo Hartog, o nós – quem conta – está sempre implícito, é um espectro perpétuo insinuante na narrativa.²⁷⁸

Como enunciado, foi o olhar do outro que concebeu e constituiu esta coleção; o olhar do espanhol para a América, do homem para as mulheres, daquele que concebeu a obra e possuía o capital – simbólico e financeiro – para produzi-la (o editor) para a sociedade, do literato e litógrafo para um lugar, assim como também é o olhar de homens de um tempo e espaço para outros tempos e espaços.

Dessa forma, falar do outro, daquele que está além-mar e que foi tocado pelo “espírito civilizador dos conquistadores espanhóis”, é falar de si mesmo. A especificidade do espanhol também pode ser traduzida pelo modo de ser daquele que outrora fora tocado pelos seus princípios. Busca-se revelar que ex-metrópole e ex-colônias compartilham de experiências comuns e atribuir significado a essas similitudes.

²⁷⁶ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Op. cit. p. 258.

²⁷⁷ Id. Ibid. pp. 365-366.

²⁷⁸ Id. ibid. p. 372.

O espaço americano, marcado pelo velho, novo, diferente e semelhante está expresso nesta coleção registrado pelo olhar do espanhol - e hispanistas - e representado na forma como eles o absorveram. Desta forma, nesta pesquisa, buscando a América encontrou-se a Espanha, buscando o novo, deparou-se com o antigo, desejoso por evidenciar sua presença civilizacional e cultural. A América, nas páginas desta coleção serviu aos propósitos espanhóis de referendar a superioridade, magnificência e poder que outrora tinha desfrutado numa outra conjuntura geográfica, social, política e econômica do contexto ocidental.

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* apresenta mulheres das diversas províncias e repúblicas – eleitas para constar nesta coleção –, evidenciando a beleza e peculiaridades destas personagens, além dos costumes, hábitos, trajes e muitos outros aspectos que constituem o cotidiano e representam aspectos socialmente esperados e aceitos para elas.²⁷⁹

Essas mulheres, na maioria dos textos, são divididas em duas categorias seguindo a definição de raça: mulher denominada índia, remanescente da população nativa, e mulher branca, de ascendência espanhola. A mestiça, embora não configure uma raça, também é representada. Já a negra, sequer é mencionada. Características diversas a até conflitantes são ressaltadas e, paulatinamente, ajudam a construir imagens de mulheres e símbolos femininos em vários espaços onde a Espanha semeou seu ideal de civilização.

Aos diversos autores, imbuídos de uma poética romântica, agrada-lhes falar da beleza, da graça, da imprescindibilidade da mulher para a constituição e condução das sociedades. “*El alma de la mujer es el eje de la sociedad*”, diz Teodoro Guerrero.²⁸⁰ Para José T. Guido, são as mulheres “(...) *las más bella mitad de nuestra especie*”,²⁸¹ e seguindo este mesmo raciocínio, Camilo Enrique Estruch as considera “(...) *preciosa mitad del genero humano (...)*”.²⁸² A mulher como parte imprescindível da sociedade é idéia recorrente também nos textos que discutem a América. O significado deste conceito pode ser encontrado nos escritos positivistas que abordaram a importância e o lugar da mulher no espaço social daquele momento.

Por outro lado, a mulher, para os literatos, também significa a contradição – simboliza, ao mesmo tempo, Eva e Maria, anjo decaído e de candura, pecado e

²⁷⁹ Para maiores detalhes e as respectivas regiões ver o Apêndice I.

²⁸⁰ *La mujer de la isla de Cuba*. Tomo III.

²⁸¹ *La mujer de Argentina*. Tomo III.

²⁸² *La mujer de Chile*. Tomo III.

santidade, destruição e criação, perdição e encanto, vício e virtude, entre outros simbolismos – e vem dessa forma representada refletindo o temor que gera.

Teodoro Guerrero entende que mulheres são “Evas” que destroem “Adãos”. Dessa forma, a mulher pode ser a destruição do homem, caso não seja enxergada com os olhos da razão. Sobre a idéia de que o eixo da sociedade é a mulher, complementa:

*(...) pero la idea es exacta si se atiende a la importancia cual a mujer adquirió desde la seducción del Paraíso terrenal, en que Eva destruyó la felicidad del Universo hasta las seducciones particulares con que las Evas de los tiempos sucesivos han destruído y destruyen la felicidad doméstica, utilizando sus encantos para hacer de cada individuo un Adán, más o menos inocente, pero tan débil como el padre de todos los hombres. – ¿Quién puede negarles esta importancia?*²⁸³

Nas palavras de Vicente Barránte, analisando as mulheres das Ilhas Filipinas, novamente a figura de Eva representando o pecado é evocada: “(...) *que por algo está aquella tierra tan cerca del Paraíso donde Eva escribió el primer capítulo de las fragilidades femeninas (...)*”.²⁸⁴ José T. Guido faz referência à imagem mitológica da sedução do canto das sereias para apresentar esta outra faceta de gênero: “*Necesario es que me afiance en él para evitar abismos ó no correr la suerte de los compañeros de Ulíses, demasiado sensibles al canto seductor de las sirenas.*”²⁸⁵

A referência à imagem bíblica da mulher inclinada ao pecado aparece também em outras partes da obra. Mateo Magariños Cervantes, ao escrever sobre a mulher do Uruguai, entende que seja necessário oferecer novidade aos leitores dos artigos (ou da coleção toda), “(...) *especialmente á las lectoras, mas inclinadas ao primitivo pecado, segun la leyenda bíblica (...)*”.²⁸⁶ Este mesmo autor, justificando a inexistência da “miséria humana” na América, atenta novamente para este aspecto venal da mulher: “*por lo demas, también la envidia, los celos, el amor al lujo y todas las malas pasiones que suelen atormentar el corazon de las mujeres, ha producido y produce monstruos femeninos (...)*”.²⁸⁷

Sobre o conjunto de questões referentes às imagens e noções construídas sobre o feminino, Stéphane Michaud observa que, nos modelos que a sociedade propõe às mulheres, elas podem aparecer como madonas, anjos ou demônios, mas sempre em forma de símbolos e ícones. Argumenta que essas mulheres do dezenove são imaginárias, ídolos que fascinam e seduzem, mas que existem nas imagens, e destaca

²⁸³ *La mujer de la isla de Cuba*. p. 2. Tomo III.

²⁸⁴ *Las mujeres de Filipinas*. p.59. Tomo III.

²⁸⁵ *La mujer de Argentina*. p. 86. Tomo III.

²⁸⁶ *La mujer del Uruguay*. p. 100. Tomo III.

²⁸⁷ *La mujer del Uruguay* . p. 105. Tomo III.

uma fala de Balzac para representar o modo como vão sendo construídas essas imagens e o conteúdo dos discursos: “a mulher é uma escrava que é necessário colocar no trono”.²⁸⁸

Imagens e discursos revelam mulheres, constroem símbolos idealizados, disseminam concepções sobre o feminino e referendam modelos e padrões de comportamentos. No momento em que mulheres são idealizadas ou colocadas em contraposição a exemplos perniciosos, como fazem os autores da coleção aqui analisada, condutas e valores são impostos, definindo o que e como deve “ser a mulher”.

3.2 Sobre a mulher americana e sua inclinação para os feitos patrióticos

Entre costumes, hábitos e qualidades características das denominadas mulheres da sociedade, campesinas e as *de los pueblos*, quase todos os escritores ressaltam outra peculiaridade dessas mulheres da América, que é a inclinação para a vida política e os feitos heróicos voltados à pátria. Na maioria dos casos, os autores evidenciam positivamente esta qualidade das mulheres, demonstrando um vínculo maternal dessas personagens com o espaço territorial que representam. Esse envolvimento político em assuntos de ordem pública, no entanto, só é aceito porque remete aos atributos femininos socialmente aceitos que é o ato de maternar - cuidar, criar, educar. A coragem para defender seu espaço territorial é relacionada à sua verve protetora e cuidadosa. Num período em que as nações estavam se conformando, os predicados femininos, considerados como próprios de seu ser, tornam-se referências preciosas.

Mas o olhar não é o mesmo pelos diferentes autores. No caso de Cuba, o comentário que tece o autor sobre esta qualidade mostra que não é muito favorável à participação das mulheres na vida política do país. Conta a história das mulheres de *Camagüey (Ciudad de Puerto-príncipe)*, que, segundo ele,

(...) lloran hoy las consecuencias de un terrible extravío de la razón; dominadas por la calentura de una pasión política, obedeciendo á la exaltación del espíritu belicoso que abrasaba sus almas, se levantaron como

²⁸⁸ MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Op. cit. pp. 145-148.

*un solo cuerpo al grito de la guerra para lanzarse á los campos, encendiendo en los hombres el ardor producido por su fanatismo patriótico (...).*²⁸⁹

Diferente do autor acima, Mateo Magariños Cervantes observa que, no aspecto político, a mulher oriental – uruguaia – mostrou, quando precisou, seu esplendor e prendas morais no período de conflitos políticos (entende-se que o autor se refere ao período de lutas pelas independências). Diz que, por amor à pátria, abriram mão da sua comodidade e até de seus pertences como os utensílios domésticos e jóias, em prol da revolução. Movidas pelo sentimento patriótico, acompanhavam seus maridos, cuidavam dos enfermos de guerra e, com graça e encanto, deixavam mais humanas as situações e lugares de conflito naquele momento de penúria. Tem-se que considerar, neste caso, que era usual as mulheres acompanharem seus maridos nos momentos de confronto.

A História do Paraguai, também sob o ponto de vista do literato Ildefonso Antonio Bermejo, é marcada por tragédias e conflitos bélicos. Esta particularidade influenciou o jeito de ser da mulher paraguaia, cuja manifestação de carinho beirava o heroísmo. Destemidas, de acordo com o autor, muitas vezes colocavam os maridos em má situação por afrontarem o ditador Francia, coisa que os homens não faziam.

*En aquel país, donde tanto ha abusado la dictadura, el hombre ha obedecido ciegamente el mandato de su opresor, y guardado el más medroso silencio; la mujer, por el contrario, ella es la que murmura del Gobierno, la que le maldice y la que casi siempre pone en gran aprieto la existencia del marido. El hombre suele ser hipócrita y reservado, y la mujer franca y arrogante en sus manifestaciones.*²⁹⁰

As mulheres argentinas, do mesmo modo, são afeitas ao exercício da política, de acordo com José T. Guido, e sobressai sua exaltação patriótica. Este autor ressalta a influência das mulheres argentinas nas condutas políticas do país desde as lutas pelas independências de 1810.

*La argentina, por sus calidades y aun por sus defectos, há ejercido incontestable influjo en la suerte del país desde la época de la Revolucion en 1810. La intuición de las altas verdades que en el orden político se proclamaban, la fascinación de las nuevas teorías, el aire vivificante de la libertad, la fiebre que se apodera de la multitud en las grandes crisis de su historia, todo agitó y elevó el espíritu de mis paisanas. Su exaltación patriótica llegó á la altura del heroísmo.*²⁹¹

O autor que escreve sobre o Chile, Camilo Enrique Estruch, também evidencia esta especificidade da índole feminina chilena. Para ele, o patriotismo está no

²⁸⁹ *La mujer de la isla de Cuba*. p. 10. Tomo III.

²⁹⁰ *La mujer del Paraguay*. p. 123. Tomo III.

²⁹¹ *La mujer Argentina*. p. 90. Tomo III.

conjunto de nobres sentimentos que a define e, independentemente da classe social a que pertence, fica patente o entusiasmo pelo progresso e sagrado amor à família.

*Si el sentimiento nacional esta pronunciado por consecuencia del sagrado amor á la patria, la chilena se inflama, recorre los lugares públicos, se hace visible, perora, induce y promueve todo lo que sea capaz de exaltar el deber que sus conciudadanos tienen de procurar su engrandecimiento ó defenderla de una agresion extranjera. (...) la mujer chilena de elevada esfera (...) hermosa sin pretensiones, amoldada a los usos de la más refinada elegancia, es benéfica, hábil, esposa, leal, tierna madre y amante de las glorias de su país.*²⁹²

Este mesmo autor, escrevendo sobre a peruana, destaca que a mulher de Lima inspira-se nos sentimentos mais elevados. Enrique Estruch dedica a este tema doze páginas de seu artigo, contando uma lenda histórica que ressalta a coragem e o destemor dessas mulheres no tocante aos assuntos políticos e sua índole patriótica.²⁹³

Também sobre a Bolívia, destaca a faceta patriótica da mulher deste país afirmando que “*la boliviana manifiesta grandes aptitudes para la vida social. Es buena esposa, madre tierna, piadosa, instruída y muy entusiasta por su país.*”²⁹⁴

Nicanor Bolete Peraza, falando sobre *la mujer de Venezuela*, relata que, em circunstâncias de risco para pátria, a venezuelana desafia os perigos – sem perder a graça, elegância e beleza. Entre as virtudes dessas mulheres estão a abnegação e o heroísmo: “*busquen otros para la mujer de sus respectivas naciones derechos y progresos; nosotros no pediremos para la nuestra sino altares como para una divinidad.*”²⁹⁵

Percebe-se, pelos relatos, que a colaboração feminina com movimentos revolucionários e o envolvimento em questões políticas constituíam-se em uma faceta comum e aceitável da vida das mulheres americanas.

Maria Lúcia Prado, também refletindo sobre este assunto, demonstra que a participação feminina nas lutas pelas emancipações hispano-americanas foi significativa, embora não apareça referenciada nas pesquisas que abordam este tema. Percebe, a partir dos panfletos que analisou, que aos homens daquele momento, envolvidos com as causas independentistas, parecia importante convencer as mulheres sobre os problemas que afligiam e atingiam os territórios que buscavam autonomia e aproximá-las das causas em questão. Foram representadas como símbolos de mulheres

²⁹² *La mujer de Chile*. p. 140. Tomo III.

²⁹³ O caso começa por volta de 1839, período em que o país vivia uma época de crise e turbulências políticas porque a Bolívia ameaçava o Peru.

²⁹⁴ *La mujer de Bolívia*, p. 181. Tomo III.

²⁹⁵ *La mujer de Venezuela*. p. 189. Tomo III.

ideais, abnegadas, dedicadas, modestas, altruístas, generosas, construindo um padrão de respeitabilidade ao seu redor. Embora as mulheres representadas não fossem as mais adequadas e corretas, seguidoras das normas e padrões de comportamento estabelecidos, acabavam transformando-se em heroínas, pois seus “desvios” eram justificados em função do amor à pátria. O problema, segundo esta historiadora, está na forma como os biógrafos – sempre homens - retrataram tais revolucionárias. Suas ações, a forma como foram apresentadas nas biografias, ligavam-se aos apelos do coração. Prado reitera que o campo que atribuía sentido às suas atuações era o da emoção – amor à pátria, paixão, caridade, altruísmo - e não o da razão. Através das biografias, passaram de rebeldes a exemplos de mães e esposas. Materializados seus feitos heróicos, foram retiradas da cena pública e recolocadas ao considerado espaço “por direito”, o âmbito doméstico.²⁹⁶

Mesmo não se tratando de biografias, as mulheres apresentadas nos textos que fazem parte da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* também foram retratadas e enaltecidas pelos atributos ligados à emoção e ao sentimento em detrimento de uma predisposição intelectual e física, assim como de uma provável orientação para as causas de índole política e pública. Assim, de certa forma se desqualificava sua atuação no espaço político.

Além da questão patriótica feminina, dois outros aspectos chamam a atenção para a construção nestes discursos que apresentam a América e o povo americano. O primeiro deles diz respeito à perspectiva masculina do olhar daqueles que pintaram e dos que transformaram a mulher americana em palavras – no sentido generificado, pois inexistiu participação de mulheres nesta coleção. O outro aspecto do discurso revela uma vertente marcadamente política, qual seja, a incursão pelos territórios, retratando-os em suas características históricas, geográficas e políticas. Assinalam a constituição de espaços nacionais e o alinhamento destes com a denominada “pátria-mãe”.

²⁹⁶ PRADO, Maria Lígia Coelho. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. Op. cit. pp. 29-51.

3.3 A América e a construção de imagens de espaços territoriais independentes

Referências ao aspecto político, histórico, natural e às peculiaridades geográficas fazem parte da composição das exposições monográficas que apresentam diversos países da América hispânica.

Alguns literatos foram convidados a apresentar mais de uma província – assim foram denominadas as regiões representadas na coleção – e, dessa forma, nem sempre conseguiam manter o mesmo êxtase narrativo para identificar mulheres que não apresentavam tantas diferenças assim de um lugar para o outro. Teodoro Guerrero produziu os artigos de Cuba e Porto Rico. No primeiro, buscou imagens belas e idealizou a cubana. No segundo, pouco interessado – não possuía simpatia por este lugar e pelo seu povo - e com menos adjetivos para construir a imagem da mulher que simbolizou este espaço territorial independente, lançou mão de outros assuntos para iniciar o texto. É como se um fosse continuidade do outro.

Camilo Enrique Estruch escreveu sobre a mulher do Chile, Peru, Bolívia e Brasil. No primeiro artigo, datado de março de 1878, o autor demonstrou muito carinho pelo Chile e admiração pelas mulheres. Descreveu-as como preciosa metade do gênero humano. Para falar do Peru, material que terminou em maio do mesmo ano, usou a natureza e a diversidade como introdução à temática principal. Como forma de estabelecer diferença entre chilenas e peruanas, descreveu estas últimas como tendo características peculiares em função da exuberância da natureza dali. No artigo que produziu sobre a Bolívia, iniciou relatando a excursão que fez pelas terras do antigo Alto Peru e ressaltou a beleza dos aspectos geográfico e geológico da região. Ainda sem elementos para iniciar seus escritos sobre a mulher boliviana, passou por outros temas históricos, como a construção arquitetônica dos antigos nativos, fontes arqueológicas/hieróglifos, etimologia da raça, e continuou a excursão pela geografia e história desta república até chegar ao que ele chama de ensaio descritivo da mulher da Bolívia. Este, ele terminou em julho de 1878. Sobre o Brasil, a mesma estratégia de iniciar com outros temas referentes ao aspecto natural e histórico da região foi utilizada neste último artigo, finalizado em outubro. Em todos, é bom referenciar, o autor utilizou como recurso pedagógico, para fazer-se crível, narrações exemplares através de lendas, contos ou histórias da vida de algumas pessoas. Empregando este método de servir-se de representações já construídas do lugar e da mulher, este autor reafirmou imagens e

simbologias sobre os povos e os costumes femininos, evitando ficar sem palavras para descrevê-las.²⁹⁷

São textos escritos para o deleite da leitura e do conhecimento. Chamam a atenção para as mulheres, os povos, a história, a geografia e aspectos políticos das províncias referenciadas. É dessa forma que o autor do artigo sobre Cuba brinda o leitor com uma versão interessante da passagem do descobrimento da América.²⁹⁸ Admirador da coragem e inteligência de Cristóvão Colombo, Guerrero atribui a duas mulheres a

²⁹⁷ No texto que escreve sobre a mulher do Chile, ocupou várias páginas narrando uma lenda oriunda da classe trabalhadora, que conta a história da menina Maria Cruz proclamada “*hija predilecta y amada del pueblo*”, representante da virtude, mérito e amor da mulher chilena. *La mujer del Chile*. pp.128-135. No artigo que versa sobre a peruana encontramos uma lenda, correspondente ao ano de 1312, na qual evidencia a astúcia, inteligência, abnegação e integridade das mulheres de Manco-Capac ao salvarem a vida de pessoas queridas – pais, esposos – da ira do irritado monarca Yupanqui. Neste mesmo texto traz também diversas histórias exemplares de mulheres (brancas) que exaltam virtudes femininas. Descreve personagens como Emília, representação do ideal de mulher apaixonada e amante; Júlia, representa o interesse da mulher pela política e pelo patrimônio e Eloísa, representação da mulher formosa e cétrica no que tange ao amor dos homens. Para ressaltar a índole política da mulher do Peru, narra outra lenda histórica que evidencia a coragem e o destemor de duas mulheres – Rosa e Clara Urismendi – e a forma como se entregaram pela Pátria juntamente com o jovem Enrique Pérez. Tratava-se de uma época de turbulências no ano de 1839, em que o Peru via-se ameaçado pela Bolívia. *La mujer del Peru*. pp.144-162). Sobre aquelas que representam a Bolívia, Estruch utiliza-se novamente de histórias de mulheres como referência de virtude nas diversas regiões e espaços sociais. Uma mulher chamada Juanita representa a liberdade e generosidade: é a mulher da cidade, da capital – La Paz; Andréa pertence *al pueblo*, é inteligente, possui grande amor filial e é sempre cumpridora de seus deveres; Maria é uma menina que nasceu no campo e representa a angelical beleza e virtude feminina, mas que morreu aos dez anos; e, por fim, relata a história de Mercedes, inteligente e “(...) *dedicada al cultivo de todos los conocimientos humanos, representa la imagen de la diosa Razon, condenando las doctrinas del hombre, casi siempre refractarias á la completa participación de la mujer en todos los casos de la constitucion social*”. Para terminar seu ensaio descritivo – assim o denomina – sobre a mulher boliviana, transcreve um “manuscrito original” – que conta a história de Ângela, uma menina branca adotada por um índio ancião e exemplo do sentimento de gratidão. *La mujer de Bolivia*. pp. 175-180. O ensaio que tece sobre o Brasil também é recheado de expedientes literários para apresentar singularidades sobre as mulheres desta região. Neste artigo, faz cópia de fragmentos de um antigo manuscrito feito por um prisioneiro dos Tupinambás, Diego de Sousa, que relata sua história no cativo, sua relação com os nativos e como se livrou da execução casando-se com Popilca, neta de um dos chefes da tribo. A história desta jovem tupinambá demonstra a dedicação, amor, fidelidade e abnegação como características da mulher nativa, que foi capaz de converter-se ao cristianismo por amor ao seu esposo. Estruch, sem perder o hábito de construir imagens através de exemplos, ainda neste texto conta a história de Elena que, perdendo os pais cedo e tendo herdado grande fortuna, recusou casar-se com um homem mais velho pelo qual não nutria sentimentos e, contra o desejo da tia, sua tutora, casou-se com um jovem oficial por quem estava apaixonada. Outro exemplo é a história de vida de Dolores que ficou por dois anos sem receber notícias do esposo que havia navegado em direção à China. Após tempos de espera, retornou o seu companheiro com muitas riquezas, o que recompensou a virtude conjugal da esposa. A última história é a de Adélia, jovem viúva, rica, bela e com qualidades incomparáveis, que optou por não se casar novamente quando seu marido morreu e somente dedicar-se a deveres filantrópicos. *La mujer de Brazil*. pp. 212-222.

²⁹⁸ Os termos “descobrimento” e “colonização” são utilizados aqui porque assim os autores das exposições monográficas se reportam a estas passagens da história. Autores contemporâneos questionaram esta denominação. Sobre esta questão ver O’GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. São Paulo: Editora UNESP, 1992; VAINFAS, Ronaldo. O encontro de dois mundos. **Revista Ciência Hoje**, v. 15, n. 86, nov/dez. 1992. pp. 6-10; BRUIT, Héctor Hernán. Derrota e simulação: os índios e a conquista da América. **Resgate: Revista de Cultura**, Campinas, n. 2, 1991. pp. 9-19; GIUCCI, Guillermo. A colonização Acidental. **Revista Ciência Hoje**, vol. 15, n. 86, nov/dez. 1992. pp.19-23.

possibilidade deste citado fato histórico, Beatriz Enríquez e Isabel de Castilha.²⁹⁹ Essa versão que evidencia a participação feminina no “descobrimento” da América remete às questões do uso simbólico das mulheres para atribuir sentido aos espaços nacionais que se configuravam. Neste caso, o surgimento de um novo continente – “novo” porque desconhecido pelo europeu – deveu-se ao atributo considerado essencial para a mulher, que é a maternidade. A ela, na figura de Isabel de Castela, foi atribuído o nascimento do Novo Mundo, na perspectiva deste autor. Entende-se, neste caso, que a América constitui-se em obra de mulher.

Um outro olhar tem Guerrero para Porto Rico, a outra ilha que retratou. Neste lugar, Guerrero permaneceu por dois anos como magistrado, nomeado pelo governo espanhol. É perceptível a pouca simpatia que tem por esta ilha. Em suas palavras, um “*improbo trabajo*” escrever sobre este espaço geográfico. De acordo com o autor, este lugar foi esquecido até mesmo por Colombo e ficou quinze anos até que, em 1508, Ponce de Leon voltasse e a colonizasse. Questiona seus nomes – *Puerto Rico*, *Puerto Príncipe*, *Santo Domingo* -, considera-os impróprios por não representarem o que dizem. Neste espaço, segundo este literato, a civilização não foi acolhida. A miscigenação não teve a eficácia de colocar fim aos costumes dos nativos, principalmente no tocante à moralidade. E é com a história dos primeiros habitantes da ilha que Guerrero principia a falar das mulheres portorriquenhas. No entanto, não deixa de ser um olhar de quem olha para bárbaros, embora uma virtude ou outra apareça de vez em quando.

No artigo que apresenta a mulher do Uruguai, Mateo M. Cervantes, após apresentação rápida sobre o tema, passa a considerar aspectos da geografia e história de Montevidéu. Faz referência ao “tipo primitivo” que naquela região habitava e questiona a versão do historiador Mr. Bouillet sobre a história desta capital.

En la edicion de 1871 del ‘Diccionario de Geografía y de Historia’ de este autor, se atribuye la fundacion de Montevideo á una colônia bonaerense. Se supone que en 1821 los brasileños la arrebataron al Estado de Buenos Aires, y que, hecha independiente en 1828, bajo el nombre de República Cisplatina, se unió a la República del Uruguay, suponiendo asi la existência de dos repúblicas en el mismo territorio. No se pueden decir más desatinos en

²⁹⁹ Teodoro Guerrero diz que Fernando rei de Aragão tomou Colombo como louco. Foi uma mulher, a rainha da Coroa de Castela, que acreditou nele a despeito da incredulidade dos sábios de Salamanca. Dessa forma, Isabel, a Católica, transformou-se em patrona do descobrimento do novo mundo. Mas uma outra mulher teve também grande importância para a concretização deste feito. Em sua estada na Espanha, Colombo conheceu Beatriz Enríquez e apaixonou-se por ela, ficando um tempo a mais neste território, tempo suficiente para que Isabel o chamasse e oferecesse o financiamento para a expedição – que acabou resultando na chegada às Américas. *La mujer de la isla de Cuba*. pp. 4-5. Tomo III.

menos palabras. El territorio que forma hoy esa República fué descubierto por Solís antes que Buenos Aires, y formó parte del antiguo Virreinato de ese nombre. Desde el año de 1811, socolor de dominar la anarquía, y en aire de amigo, el gobierno portugués hizo penetrar en el territorio oriental un ejército al mando de D. Diego de Souza. El año 1817 ocupó el General Lecor, Baron de la Laguna, á Montevideo, y en 1821, el cabildo de esta capital firmó el acta de incorporacion del Estado Oriental del Uruguay al imperio del Brasil con el nombre de 'Provincia Cisplatina', la misma que, en virtud de la Convention preliminar de paz de 1828, celebrada entre aquel imperio y la Confederacion argentina, vino á constituir lo que hoy se conoce como la Nacion Oriental del Uruguay.³⁰⁰

Ao leitor fica a impressão de que para o literato seria muito mais aprazível continuar sua exposição monográfica tratando da constituição geográfica e política deste país. Essa primazia aos aspectos políticos em detrimento do tema principal da coleção, as mulheres, denota uma subordinação destas aos primeiros temas e reforça a concepção de que a obra foi escrita tendo também como fim a discussão política.

O texto de apresentação da mulher do Paraguai igualmente vem entrecortado com a história do país. Assim inicia o autor o seu escrito:

Para hablar de esta mujer con el esmero y puntualidad que el caso requiere, necesito primeramente empeñarme en la tarea de describir el suelo en que nació, porque sus costumbres tienen por necesidad que relacionarse mucho con las condiciones á que se vió sometido aquel país durante muchos años. En los treinta que precedieron al de 1840, nadie supo lo que en el Paraguay pasaba.³⁰¹

Ildefonso Bermejo apresenta em seu texto o ditador Francia e o sistema de isolamento que impôs ao país, a beleza pluvial que constatou nas viagens que fez pela América e os nativos e seus costumes, os quais denominam de *salvajes habitantes* – tribos *Guaycurú* e *Payaguá* – que alguns europeus se propuseram a catequizar. Somente depois de contextualizar o espaço geográfico, Bermejo toca no tema central, começando pela especificidade dos hábitos e costumes das mulheres nativas. No tocante ao aspecto político do Paraguai, faz referência à Guerra do Paraguai,³⁰² considerando-a desastrosa para o caminho que a civilização tomaria naquele lugar.

³⁰⁰ *La mujer del Uruguay*. pp. 100-101. Tomo III.

³⁰¹ *La mujer del Paraguay*. p. 109. Tomo III.

³⁰² A denominação Guerra “do” Paraguai foi objeto de discussão semântica entre estudiosos por colocar em foco a representação de um conflito a partir de uma perspectiva tradicional unilateral, com um único interessado pela sua deflagração, qual seja, o Paraguai, na figura de Solano Lopes. Porém esta guerra envolveu também outros territórios, como o Brasil, Argentina e Uruguai e que, de igual maneira, constituíram-se em partes ativas e interessadas nesta contenda. Questionando sucessos editoriais da década de 1960 e 70, como **La Guerra del Paraguay: gran negocio!** de Leon Pomer e **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**, de Julio José Chiavenatto, outros trabalhos surgiram com o intuito de renovar esta historiografia e colocar novas questões para a reflexão sobre este tema. Alguns estudiosos deste tema como Ricardo Salles que escreveu **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**, André Amaral de Toral em **A participação dos negros escravos na Guerra do Paraguai**, Francisco Doratioto com **Maldita Guerra**, Vitor Izecksohn em **O Processo de Formação dos Estados**

O Chile – país de verve altamente conservadora, que surgiu sob um centralismo autoritário - foi representado sob o efeito da paixão. As mulheres ganharam cor e brilho especial a partir dos olhos do escritor, que assim as percebeu e descreveu. O mesmo acontece no tocante ao aspecto político desta república. É grande admirador do sistema político-administrativo e defensor incondicional desse espaço territorial. O Chile é apresentado por ele como um espaço iluminado pela razão, direito e justiça; estado próspero, república modelo, lugar onde a cultura e a moral progredem e se solidificam. Ali, a educação transformou-se em um direito de todos porque “*hay una instruccion al alcance de cada jerarquía social, privativa y peculiar, pero siempre encaminada a la ilustración de las masas populares (...)*”.³⁰³ E conclui sua exposição monográfica brindando a hospitalidade e generosidade chilena:

*¡Salud, patria de Portales y de Molina, nacion que corre con pasos de gigante a su apogeo! Aunque las tempestades políticas me hayan alejado de las playas del Pacífico, no pierdo la esperanza, único consuelo del hombre, de poder admirar de nuevo á tus encantadoras mujeres y vivir al amparo de tus leyes inspiradas por la Santa Libertad.*³⁰⁴

Em relação ao Peru, Estruch também demonstra bastante atenção, encanto e admiração pelo regime político. Tece crítica à forma violenta como foi empreendida a colonização espanhola e à crueldade do colonialismo. Lembra, no entanto, que elevados princípios tomaram o lugar que fora da crueldade, instituindo uma república em evidência. Soma-se a isto sua clara admiração a tudo que vinha da França, como moda, política, hábitos, educação, ou seja, aos costumes e modelos que simbolizavam a civilização européia.

*El Peru, después de haber sufrido las duras condiciones del coloniaje, pudo al fin proclamar su independencia, adoptando la forma republicana y las ideas filosóficas propagadas al fines del siglo XVIII por la inmortal revolución francesa. Tras de la opresión vino la libertad. Con la libertad, la razon y la justicia. Con la justicia, la protección humana. Sentadas esas verdaderas bases del edificio social, llegaron despues la instruccion pública, el libre examen, la tolerancia de cultos, la fraternización con todos los pueblos civilizados y la inviolabilidad de la vida del hombre. Fundada la teoria del derecho, procedióse al cumplimiento del deber, que dió por resultado el respeto mutuo.*³⁰⁵

no Rio da Prata: comércio, navegação e guerra, 1810-1864 e outras publicações, Carlos Guilherme Mota em **A Guerra contra o Paraguai**, revisitaram a história do Paraguai e ofereceram outras formas de entender os motivos e interesses que levaram ao conflito que envolveu as citadas nações da América hispânica e portuguesa.

³⁰³ *La mujer del Chile*. p. 136. Tomo III.

³⁰⁴ *La mujer del Brasil*. p. 141. Tomo III.

³⁰⁵ *La mujer del Peru*. p. 148. Tomo III.

Sobre a Bolívia, no tocante ao aspecto político, este autor nada diz. Faz uma longa exposição sobre a particularidade geográfica, geológica e histórica desta região, porém não expressa opinião sobre a condução política desse espaço territorial (que também se configurou numa república, tal qual as outras que retratou).

O Equador, representado literariamente por Nicolas Ampuero, também está carregado de informações sobre a natureza e política da região, dividindo espaço com o tema principal - a mulher equatoriana – nas páginas que lhe cabem. Nos quatro primeiros tópicos, situa-o geograficamente, relata sobre a capacidade produtiva e a de comércio. Também descreve a especificidade atmosférica, animais característicos, habitações – pintura, arquitetura, decoração – e as ruas. Antes de descrever o *tipo mujeril del Ecuador* - este foi o termo utilizado por Ampuero-, detalha espaços desse território, compondo o mapa geográfico do lugar. “*Tales son en compendio dos datos que hemos creído necesarios para el conocimiento del país que sustenta el tipo mujeril que nos proponemos describir. Sentados estos antecedentes, comenzaremos nuestra tarea.*”³⁰⁶

No último tópico, aquele que encerra seu manuscrito, o destaque é para os aspectos que parecem ser relevantes em seu texto, quais sejam, a política e a geografia do Equador.

Descreve os motivos que, em suas palavras, opõem-se ao aperfeiçoamento das equatorianas – podemos entender que a referência é para o povo equatoriano, sem distinção de gênero. Para o autor, o problema consiste no fato de que a República do Equador tem como base uma riqueza positiva, porém, não faz muitos progressos em função de debilidades que prejudicam este espaço territorial, como falta de caminhos para transportar a produção, falta de administração pública, intolerância religiosa e ambição política. Trata-se de mais uma evidência do sentido político que moveu a produção da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

*Aparte de las anteriores consideraciones, hay descuido en la educacion popular, ora sea efecto de las turbulencias políticas, ora sea por la falta de un plan de estudios completamente libre, ó por consecuencia de la sistemática propaganda del clero, siempre contrario á las innovaciones, que considera peligrosas para su conservacion, y cuyas doctrinas, refractarias al progreso, influyen, por desgracia, sobre una masa popular inconsciente.*³⁰⁷

³⁰⁶ *La mujer del Ecuador*. p. 186. Tomo III.

³⁰⁷ *La mujer del Ecuador*. p. 191. Tomo III.

Ignácio Gómez, sobre a América Central, construiu de outra forma o seu texto. Utilizou-se de poucas páginas, foi direto ao assunto principal, sem prolegômenos e manteve-se objetivo.

Principia observando e mostrando os limites políticos e geográficos do território, constituído por cinco repúblicas: Guatemala, Nicarágua, San Salvador, Honduras e Costa Rica. Detém-se em cada uma delas para comentar o aspecto que ressalta e destaca tais espaços territoriais – aspecto político, geográfico, econômico ou populacional. Para ele, o estado de civilização somente progride em função das relações que mantém com a Europa e com os demais estados da América do Norte e do Sul. Considera que as verdadeiras capitais e centros de saber – Londres e Paris – estão na Europa. Curioso notar que neste, assim como em outros autores, Madri não aparece como referência para nenhuma questão abordada.

Gómez, crítico do sistema republicano, não incorpora a idéia de estados democráticos, refere-se a eles como portadores de anomalias – e constrói a imagem de espaços dominados pela anarquia. Observa que a miscigenação – fusão do índio com o branco, que deu origem aos mulatos – é resultado da democracia, e a mescla deu abertura às rivalidades. O autor deixa explícito que não aprova a prática – mistura de raças – e nem o sistema – democracia.

Em relação ao Brasil, não é a temática feminina, seus usos e costumes que encerram o artigo. É com a história política brasileira que Camilo Estruch termina seu último texto produzido para a coleção, o que possibilita pensar ser este – o aspecto político – o tema de maior importância e o objetivo da sua produção monográfica, havendo possivelmente uma simpatia pelo sistema monárquico em detrimento do republicano. Para ele, a opulência do Brasil reside no fato de ter adotado a monarquia como sistema político.

*Emancipado el Brasil, estableció leyes basadas en los principios representativos y en las doctrinas de la filosofía moderna. Sus eminentes hombres de Estado rehusaron adoptar las formas excesivamente democráticas, votando en pro de una dinastía constitucional que asegurase dos legítimos derechos del pueblo y sirviese de respeto al nuevo sistema político.*³⁰⁸

A análise das monografias permite vislumbrar para além do tema da mulher o debate político pelo qual a sociedade espanhola passava então. A discussão entre

³⁰⁸ *La mujer del Brasil*. p. 222. Tomo III.

monarquistas e republicanos, nas suas mais diversas tendências, transparece pela pena dos literatos ao descrever as mulheres e os espaços americanos.

O oitocentos começou imprimindo um ritmo diferente aos espaços hispano-americanos, pois diversas regiões desataram os laços que as prendiam à metrópole e adotaram outro regime político, diferente do da Espanha colonizadora. A América, o Novo Mundo, como foi denominada pelos europeus, não se prendeu a modelos e práticas políticas antigas, e iniciou o novo século – o XIX – empreendendo mudanças e erigindo instituições novas e mais modernas.

Nasceram repúblicas, espalhou-se o ideal da democracia, liberdade e igualdade, onde antes apenas a Monarquia Absoluta reinava. As sociedades que se constituíram no continente americano foram marcadas pelo novo – novas nações, novos homens, desejos, expectativas, concepções e ideologias destoantes da metrópole – e pelos ares de outro território, somados a experiências e modelos que uma nova ordem mundial proporcionava. O discurso representacional escrito buscou referendar singularidades e peculiaridades hispano-americanas através da apresentação desses territórios que se constituíam enquanto nação. As abordagens dos elementos históricos, políticos e geográficos referendam a característica institucional desses espaços e representam uma parte dos discursos concernentes à problemática nacional.

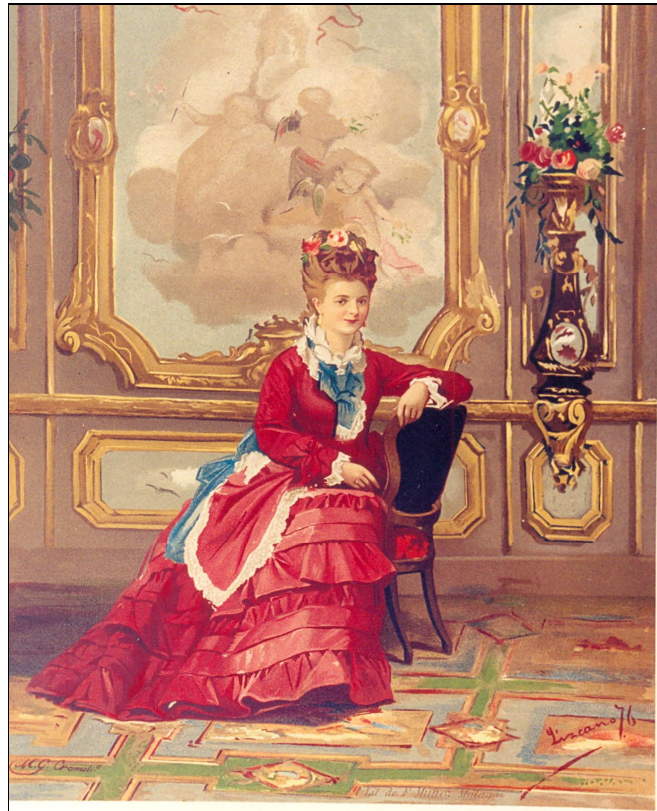
O discurso iconográfico, também representativo das questões que envolvem tradição, especificidades e singularidades de uma nação, direcionou os olhares para outros conteúdos, igualmente prenhes das particularidades que abrangem os “seres nacionais”.

3.4 Cromolitografias de mulheres americanas: trajas e ambientes

A história visual revelada pelas litografias de mulheres que representam a América remete o observador à descendência, civilização, trajas e costumes espanhóis. Mateo Magariños Cervantes explica em seu escrito sobre *La mujer del Uruguay* que nem todos os trajas das mulheres dos campos foram europeizados. Encontra-se nas imagens americanas da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* a idéia de um passado glorioso e imperial da Espanha, além de sua influência em outros territórios – na raça e nos hábitos. Excetuando poucos exemplos de mulheres comuns

representadas na vida do trabalho, a maioria das imagens evidenciam senhoras e damas da sociedade, em ambientes opulentos, bem ornamentados e um vestuário que enuncia ao observador a descendência e o lugar a que pertencem na hierarquia social das respectivas sociedades. Cores e roupas, como poderá ser observado, identificam e qualificam mulheres e espaços territoriais americanos.

Este pode ser o olhar para *la señorita en traje de sociedad de confianza*, que simboliza a República de Chile (lit.19). Porta-se elegantemente sentada em uma cadeira forrada em veludo preto e vermelho, em um salão espaçoso, ornamentado com quadros e outros adereços que remetem à nobreza, onde prevalece a cor dourada nas molduras e detalhes. A cerâmica do chão apresenta múltiplas cores e formas – losangos e retângulos. A vestimenta da chilena sugere pomposidade: um vestido vermelho, realçado com pregas, tecidos sobrepostos, franzidos e acabamento com delicadas rendas brancas. Uma outra peça, em azul, desce-lhe do pescoço até a cintura; quanto ao cabelo, castanho, está impecavelmente preso em cima da cabeça, enfeitado com flores vermelhas e brancas, que ajudam a realçar a pele alva da jovem e bela senhora. Luxo, ostentação e nobreza compõem esta litografia e conduzem o olhar e a concepção do observador da imagem.



(Lit.19 a) *Señorita en traje de sociedad de confianza*

Também é o luxo e a riqueza dos detalhes que marcam a República Argentina, na representação de *Buenos Aires* (lit.20). Os móveis e o acabamento de cada um deles, as molduras do espelho e quadro, os objetos que ornamentam o ambiente, assim como a modernidade da porta sanfonada e a delicadeza da cerâmica constituem um conjunto que sugere opulência e magnitude. Da mesma forma, os trajes suscitam a condição social elevada da mulher que personifica a buenairense, pela qualidade e grande quantidade de tecido que leva o seu vestido verde, sobreposto a outra peça em verde claro, além das rendas, barrados, franzidos e véus. Ela também possui pele muito alva e cabelos castanhos.



(Lit.20) República Argentina (Buenos-Aires)

As representantes de *la isla de Puerto Rico – Dama de la Capital* (lit.21) e *Señora de Guatemala* (lit.22), embora também reproduzam uma classe em destaque na sociedade, apresentam aspectos peculiares como a cor da pele – mais escura, suscitando a miscigenação - e um aspecto singelo. O ambiente em que se encontra a guatemalteca também é composto por ricos adereços, mas em menor quantidade, e constitui-se em um lugar escuro. O litógrafo optou por tons e sobretons marrons, muito sombreado e contornos menos definidos. O traje da senhora é igualmente marrom, abotoado à frente, com poucos ornamentos; por baixo ou preso como uma cauda, uma longa peça branca

vai da cintura até o chão, numa mostra de abundância de tecido. Traz um lenço azul e branco preso no pescoço, cabelos presos enfeitado com uma única rosa vermelha. A portorriquenha encontra-se em meio a um jardim, usando um vestido marrom com franjas da mesma cor, e uma delicada e longa capa transparente, branca, cobrindo o vestido. A transparência do traje, o semblante, somados ao jardim rico em folhagens e flores, criam nesta jovem senhora um aspecto e clima de sedução. Mas, beleza, graça e notável posição hierárquica são as evidências que notificam essas litografias americanas.



(lit. 21) *Isla de Puerto Rico (Dama de la Capital)*



(lit.22) *Señora de Guatemala (Centro de America)*

A iconografia americana, além de referenciar a suntuosidade dos trajes e dos ambientes, remete especialmente à problemática do vestuário e sua analogia com as cores. O código e o funcionamento da química da coloração, no interior de uma sociedade, também se relacionam à qualidade dos tecidos e, conseqüentemente, à questões materiais e ideológicas.³⁰⁹ Nem todos os têxteis eram apropriados para absorver totalmente o tingimento e fixar a intensidade das cores e, para que isto acontecesse, era necessária uma quantidade maior e melhor de tinta. Essas duas

³⁰⁹ Cf. PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade.** Op. cit. p. 163-164.

questões – qualidade dos tecidos e porção e química da tinta –, somadas à quantidade de tecido utilizado na composição dos trajes, indicavam a posição social da mulher que a usava. Segundo Pastoureau, “(...) a cor é um dado essencial de todos os códigos relacionados ao vestuário. A sua função é taxinómica e emblemática (...) antes de ser psicológica ou estética.”³¹⁰

Consoante esta perspectiva, os trajes e suas cores não se constituíam somente em uma realidade ou gosto individual, pessoal, mas, antes de mais nada, obedeciam a normas, a convenções sociais e relacionavam os indivíduos a hierarquias, espaços e comportamentos.

No vestuário das épocas antigas, todas as coisas têm significado: os tecidos (matéria, textura, proveniência, decoração), as peças e as formas, o trabalho de corte e de montagem, os acessórios, a maneira de o usar e, evidentemente, as cores. Trata-se de exprimir, por meio de sinais convencionais, mais ou menos regulamentados, segundo as épocas, as regiões e os meios sociais, um certo número de valores, e de assegurar os correspondentes controlos. Consciente ou inconscientemente, cada pessoa utiliza o vestuário correspondente ao seu estado e ao seu nível.³¹¹

Partindo da perspectiva de que o vestuário serve também ao propósito de classificar, novos sentidos podem ser agregados aos trajes referenciados na coleção estudada. A relação vestimenta e cores nas litografias que representam a América - e também Portugal – constitui-se em uma linguagem amplamente utilizada para apresentar mulheres, ambientes, lugares e a perspectiva histórica da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

3.5 *Las mujeres portuguesas* simbolizadas nos textos e cromolitografias: condição social, tipos, trajes e lugares*

Portugal pouco figura em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Perpassa nos discursos referentes aos cinco lugares retratados a idéia de um território que, tal qual a Espanha, lutava e empreendia uma caminhada rumo ao

³¹⁰PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Op. cit. p. 164. Diz-se taxinómica e emblemática por classificar indivíduos por grupos e os grupos em relação à sociedade.

³¹¹Id., ibid. p.164.

* Optou-se por retratar as províncias de Portugal juntamente às repúblicas americanas por considerar que a própria coleção, na forma como abordou, representou e delimitou seu lugar aproximando-o muito mais à América do que à Espanha. Esta consideração pode ser justificada ao observar a imagem de abertura do volume litográfico, aproximando na forma de representação e postura as mulheres que simbolizam a América e Portugal. No volume monográfico – Tomo III -, Portugal foi o último território a ser representado, elencado depois dos espaços americanos.

restabelecimento da nação. A menção à necessidade da educação feminina e a importância dada ao progresso, liberdade e civilização, como lembra Reis Damaso, configura-se em indícios para tal observação.³¹² Beleza, simplicidade, maternidade e religiosidade das mulheres, assim como o árduo trabalho e pobreza, são temas recorrentes e que contribuem para a composição das imagens de mulheres portuguesas.

O literato acima citado escreveu sobre a Província de Algarve, em Portugal. Dividiu o artigo em cinco itens, numerados ao estilo romano. No primeiro item, introdutório, apresentou a província em seus aspectos geográfico, natural e humano.

Para Damaso, a temperatura dessa província propicia a seu povo um jeito de ser alegre e um caráter expansivo, e a geografia define a índole desses indivíduos. São alegres, embora rígidos e austeros, tal qual a natureza do lugar. Possuem forte sentimento de liberdade, o que justifica o caráter independente do algarviano. Esta região foi habitada pelos árabes que influenciaram os habitantes no tocante ao trabalho, nas características físicas e no temperamento. Este autor também chama a atenção para o fato de ali a classe popular ser bastante numerosa e a aristocracia seguir o compasso da decadência.

Sobre a mulher, o escritor descreve-a nos diversos aspectos, usos e costumes. Ele a apresenta, no geral, como dócil, submissa, simples e com pouca instrução (educação). Diz que neste espaço territorial a mulher é tratada como escrava e não como senhora, não possui igualdade perante o marido e nem superioridade moral. Por este motivo, entende que o adultério e a prostituição acabam tornando-se consequência da rudeza e barbárie dos maridos. Para Damaso não existe diferença entre campo e cidade e nem um tipo especial de mulher. No geral, a condição feminina, nesta província, é sempre muito ruim: “(...) *á parte la felicidad natural que disfruta por la belleza y bondad del clima, es de los más desgraciados en los tiempos modernos*”.³¹³

Este literato considera que para as mulheres algarvianas a virgindade é o único tesouro, “rico dote” (expressão do autor). Trabalham muito, por isso as aparições públicas são escassas; são religiosas, mas sem fanatismo. Para ele a salvação para esta província está no tripé progresso, liberdade e civilização. Entende que os meios sociais é que prejudicam essas mulheres, submetendo-as à escravidão e que somente a educação poderá tirá-las desta condição e reverter os problemas sociais e políticos de Algarve. “(...) *Creemos que la educación es necesaria á la mujer como el alimento*

³¹² *La mujer del Algarve*. Tomo III.

³¹³ *La mujer del Algarve*. p. 266. Tomo III.

(...).”³¹⁴ A educação, para este literato, não significa somente a libertação da mulher, mas uma saída para todos, uma vez que é ela que educa homens e mulheres para viverem em sociedade.

*¿Por qué razon se priva á la mujer de la instruccion de que tanto carece para sus ocupaciones maternas, más delicadas que todas las demas, de esta luz divina que ilumina el espíritu del hombre, que le civiliza y evangeliza y le anima á proseguir por la senda de la adversidad hasta alcanzar su admirable ideal? Qué bellos resultados se obtendrían con la enseñanza de la mujer, sobretudo en la familia! ¡Ella, que salva millares de veces al hombre de caer en el abismo.*³¹⁵

Percebe-se, neste texto, uma idealização da mulher enquanto mãe, que educa e produz educação. Num período em que as questões sobre o caráter das nações tornavam-se pungentes, a utilização da simbologia feminina a partir desses aspectos contribuiu para edificar, consagrar e conduzir esses espaços territoriais que se transformavam em função da nova ordem mundial – política, social e territorial. A representação da mulher submissa ao homem, que deve educar-se, instruir-se para transformar sua condição equivale à dos indivíduos e à relação com o espaço onde vivem, com a missão de atribuir sentido à nova conjuntura e organizações que se avizinhavam.

Convidado para escrever sobre a mulher de Extremadura, o literato Teixeira Bastos seguiu caminhos e idéias muito parecidas com as de Damaso. Bastos iniciou seu texto citando um preceito indiano significativo para compreender como era vista a mulher naquele momento: “*no pegues a una mujer, aunque ella haya cometido cien faltas, ni tan siquiera con una flor.*”³¹⁶ Em seguida, assinalou a condição de inferioridade da mulher nesta província e a necessidade de buscar igualdade com os homens.

A idéia de que a natureza define o biotipo e a capacidade intelectual de um povo também apareceu em seu discurso. “*La naturaleza influye poderosamente en los organismos, y particularmente en los fenómenos complicados de la inteligencia, cuyos agentes son las sensaciones recibidas por los órganos ó por los nervios del mecanismo orgánico.*”³¹⁷

Considerou ser a natureza, neste lugar, triste e severa e que oferece aos extremenhos predisposição à melancolia e contemplação. Para ele este jeito de ser está

³¹⁴ *La mujer del Algarve*. p. 268. Tomo III.

³¹⁵ *La mujer del Algarve*. p. 268. Tomo III.

³¹⁶ *La mujer de Extremadura*. p. 269. Tomo III.

³¹⁷ *La mujer de Extremadura*. p.272. Tomo III.

traduzido no fado lisbonense e constitui-se em uma característica de todo o povo português: “(...) *canto monótono, lastimero y suave que nos habla al corazón* (...).”³¹⁸

Sobre as mulheres de Extremadura, descreveu-as como agradáveis e melancólicas, dispostas ao misticismo - com fetiche pela virgem de Dolores - e supersticiosas.³¹⁹ Quanto ao aspecto físico – rosto e formas, incluindo a cor da pele –, relatou que são possuidoras de feições regulares e alguma beleza (diz o autor que não são bonitas a ponto de figurar um quadro, mas são simpáticas e ternas).

Bastos, assim como Damaso, chamou a atenção para a brutalidade marital e a carência de instrução – esta última como um problema para toda a sociedade. Mostrou ser a mulher a mais necessitada de instrução, e educá-la significaria elevá-la à altura do século. Em suas palavras, a caminhada da humanidade rumo ao progresso está na educação feminina.

*Es preciso derramar la instruccion y fortalecer os espíritus con naciones positivas, a fin de que todos puedan tener el verdadero sentimiento del honor y formar la conciencia. La mujer es la que más carece de instruccion. Edúquenla, elévenla a la altura del siglo, y la humanidad se lanzará conciente en la via luminosa del progreso.*³²⁰

Bastos apresentou três classes principais de mulheres: a de classe elevada – composta pela aristocracia de sangue e alta burguesia - a de classe média – que compreende o comércio, a pequena indústria e os empregados públicos - e as de classe baixa – composta por artesãos, artistas e operários.

Em resumo, para ele as mulheres extremenhas apresentam-se belas, simpáticas, compassivas e carinhosas, porém pretensiosas e gostam de ser admiradas. Mas, observou o autor, embora trouxessem esse defeito, possuíam um excelente coração que lhes compensava tal falta.

Para tratar sobre *La mujer del Minho y Trás-os-Montes*, J. D’Araújo destacou aspectos naturais da província, como a natureza e geografia e características dos indivíduos, como os traços físicos dos habitantes – homens e mulheres –, e o correspondente caráter. Ao referenciar as mulheres e evidenciar sua concepção sobre o sexo feminino, citou uma passagem de Rousseau, na qual diz que (...) *la mujer nació para amar al hombre*.³²¹ Nesta região, destacou a vida simples das mulheres, sua

³¹⁸ *La mujer de Extremadura*. p. 272. Tomo III.

³¹⁹ Quanto à superstição, Bastos relata que se trata de um defeito das mulheres e que, mesmo aquelas de países mais civilizados e com instrução mais sólida, como a Itália e a França, apresentam igualmente este problema.

³²⁰ *La mujer de Extremadura*. p. 274. Tomo III.

³²¹ *La mujer del Minho y Trás-os-Montes*. p. 265. Tomo III.

ligação com a religião, a elevada moral e simplicidade, sendo a vida limitada ao amor e ao trabalho. Citou as mães de família como modelo ao mundo.

Juan de Mendonça, da mesma forma, tanto no artigo sobre *la mujer de Beira* assim como no de *la mujer do Alemtejo*, fez uma incursão aos territórios, destacando a geografia, produção agrícola, topografia, população e localização, no caso da primeira, e acrescenta a influência árabe, no caso da segunda. Sobre as mulheres de Beira, descreveu-as como belas e elegantes, além de religiosas, hospitaleiras, trabalhadoras e castas. Ressentiu-se, em suas narrações, o paulatino desaparecimento das tradições e origens – embora tenha observado que as mulheres do campo, vestindo-se com mais simplicidade, ainda conservavam alguns elementos peculiares nas vestimentas, hábitos e costumes. Relatou que se percebem os indícios de essas mulheres estarem trocando os acessórios típicos dos trajes pelos franceses, enterrando, na moda europeia, o traje nacional.³²²

Em Alemtejo, denominadas de *bello sexo*, Mendonça retratou-as como robustas, simpáticas, formosas e boas donas de casa. Notou que as campesinas, em consequência da pobreza, possuíam pouca instrução formal e apresentavam-se embrutecidas pelo trabalho, vida árdua e privações. Terminou seu escrito relacionando essas mulheres com o progresso da nação: “*la mujer influye en todas las cosas de nuestra vida: y todo lo que pensamos, hacemos y emprendemos, por difícil y espinoso que sea, es por la mujer, principal móvil de la civilizacion y el mayor estímulo del progreso.*”³²³

Depara-se, nestes artigos que apresentam mulheres portuguesas, com a valorização da educação feminina como forma de responder aos problemas sociais da época. Tais autores, ao argumentar favoravelmente pela instrução da mulher, não buscaram reparar ou dirimir o funcionamento social baseado nas diferenças entre os sexos, e sim delinear o caminho para o progresso de um espaço territorial. A transformação da ideologia dominante não foi colocada como um problema, ou seja, a defesa da instrução para elas não revela uma forma de acabar com a dominação cultural masculina.

Também na parcela que apresentou Portugal, percebem-se conteúdos distintos nas duas linguagens utilizadas na publicação de *Las mujeres españolas*,

³²² *La mujer de Beira*. Tomo III.

³²³ *La mujer de Alemtejo*. p. 297. Tomo III.

portuguesas y americanas. O trabalho nos campos constitui-se em ponto alto do destaque das portuguesas, e a fração imagética da coleção abordou e destacou tal particularidade. Os trajes, lugares e espaço/atividade que ocupam não só complementam, mas ajudam na construção dos perfis femininos portugueses. Nas representações visuais as mulheres estão, quase sempre, relacionadas a algum tipo de atividade ou trabalho rural. A penúria e a simplicidade estão simbolizadas no tipo singelo das vestimentas, os ambientes retratados e funções que desempenham.

3.5.1 As portuguesas nas litografias

As litografias que retratam Portugal referenciam o território nacional e revelam lugares, tipos femininos e atividades. São elas: *muger de Obai, vendedora de pescado en Lisboa, labradora de los arrabales de la Ciudad de Oporto, Muger del Minho o Trás-os-Montes, Segadora de la probincia do Minho e muger del pueblo de Coimbra*.

As representações simbólicas das portuguesas também evidenciam personagens comuns. São mulheres simples, pobres, trabalhadoras do campo, apresentadas nas suas singularidades e no cotidiano de suas tarefas que figuram e simbolizam espaços e províncias em Portugal. Uma das peculiaridades está no aspecto técnico da representação dessas personagens: não há intensidade e brilho nas cores, enquanto que os contornos das figuras demonstram menos definição se comparados ao das litografias de outras regiões. Abundam gradações de cores, na forma de sombreados e elementos que estão sugeridos pela forma e cor, moderados nos traços e contornos, e que deixam de dar exatidão à forma de grande parte das figuras que compõem a imagem.

Assim vem representada *la muger del pueblo de Coimbra* (lit.23). Com trajes singelos porém belos, veste um longo vestido vermelho e longa capa marrom, ambos em tonalidades descoradas e sombreadas. Até mesmo o lenço amarrado na cabeça, amarelo com barrado em verde e vermelho, apresenta tais características e lembra as cores nacionais portuguesas. Dessa forma, o que chama a atenção nesta imagem não é o realce das cores, mas a arquitetura bela e enfeitada por folhagens que crescem acompanhando as paredes.



(lit.23) *Muger del pueblo de Coimbra*

Além das características técnicas citadas acima, *la segadora de la Provincia do Minho*, (lit.24) e *la labradora de los arrabales de la Ciudad de Oporto* (lit.25) revelam simplicidade e pouca condição social. Ambas apresentam-se no campo, descalças, com os tornozelos à mostra e chapéu marrom, de abas largas, colocados por cima de um lenço listrado de vermelho e amarelo. Usam saias marrons e, na parte superior dos trajes, combinam camisa de manga comprida branca – com as mangas arregaçadas – e corpete vermelho - a ceifadora - e azul - a lavradora -, coberto com lenço vermelho. A primeira, figura encostada em uma grande pedra onde se percebe uma foice e um feixe de algo ceifado – que pela cor dourada sugere ser trigo ou arroz. Ao fundo e ao longe é possível divisar árvores e terras; posiciona-se e olha de frente, com cabeça erguida, revelando olhar e atitude altiva. A segunda, embora também tenha sido representada em posição frontal, tem o olhar voltado para o lado, numa forma que não permite revelações. A vegetação está mais próxima de si, e ao fundo se avistam embarcações, mar, casas, pássaros sobrevoando e montanhas. A condição apresentada

nestas duas litografias não remete à penúria, mas denota simplicidade e pobreza, pelas vestimentas modestas, desgastadas e pelo ofício das mulheres.



(lit. 24) *Segadora de la probincia do Minho*



(lit. 25) *Labradora de los arrabales de Oporto*

As portuguesas que representam *la muger de Obai, vendedora de pescado en Lisboa* (lit.26) e *la muger del Miño oTrás-os-Montes* (lit.27) figuram em espaços que fazem alusão à civilização pela presença de uma arquitetura mais moderna - ao fundo das imagens. Os trajes singelos, porém belos, foram destacados pelas cores e peças que compõem o visual de cada uma delas. A vendedora de pescado, sentada em uma mureta que a separa de um jardim florido, veste saia azul, camisa de manga longa branca coberta com um lenço vermelho, estampado em branco; usa um grande chapéu marrom por cima de um lenço amarelo enquanto segura uma capa marrom em uma das mãos. Um tamanco preto e vários colares e brincos completam seu visual, compondo o tipo da mulher de Obai. *La del Miño* usa saia e capa marrons, corpete vermelho e blusa branca, de mangas longas. Prende os cabelos com um lenço branco, suspende o que parece ser uma linha com as mãos e traz uma sacola com algo parecido a frutas. Cores, traços e contornos estão mais definidos nestas duas imagens, pois se fez menos uso dos

sombreados. Tanto os lugares quanto as personagens apresentam-se mais zelosas com a vestimenta e beleza que as pertencentes ao campo.



(lit. 26) Muger de Obai – vendedora de pescado



(lit. 27) Muger del Miño o Tras-os-Montes

A presença de Portugal nesta obra que procura recuperar um passado de poder e glória espanhola pode constituir-se em uma referência diplomática, relatando a passagem da união ibérica quando Portugal e Espanha tornaram-se uma só nação. Pode denotar um anseio de um ideal de unificação futura, tema presente em muitos intelectuais hispanistas espanhóis e mesmo em alguns poucos portugueses. Sendo assim, também há traços espanhóis neste território. Uma outra perspectiva diz respeito à idéia de pertencimento das Américas hispânica e portuguesa a estes dois países, pela ligação e similaridade cultural e civilizacional entre as ex-colônias e ex-metrópoles. Além disso, poder e prestígio também tinham marcado a história de Portugal, pela conquista e colonização do Brasil e de vários outros espaços.

Tanto a condução da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* assim como o caráter dos discursos apresentam diferenças entre Espanha e

América. As litografias espanholas revelam a preocupação em apresentar mulheres comuns, tipos sociais, atividades, ambientes e trajes originais. Nas produções monográficas, da mesma forma, diferentes foram os olhares que os literatos lançaram sobre as províncias espanholas e repúblicas americanas. Os elementos basilares que compõem as narrações sobre a Espanha são os da mulher vinculada à maternidade, educação, beleza e atributos morais. A maternidade remete à essência de cada mulher e sua função de dar ao mundo novos indivíduos bem educados nos valores morais; a educação aparece como necessária para o progresso e civilização; a beleza suscita a poética de sua existência e os valores morais, importantes e necessários para a honra da família.

Capítulo 4

Las mujeres españolas como símbolo do carácter nacional

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* constitui-se numa obra fecunda em imagens, discursos e concepções sobre Espanha - e respectivos espaços colonizados por ela - na segunda metade do século XIX. O *costumbrismo*, como estética artística, aplacou o caráter político da sua concepção, versando sobre o cotidiano, hábitos, costumes, práticas, vestimentas, características físicas e moral de mulheres em múltiplos espaços territoriais. O **hispanismo**, baseado na idéia do espírito espanhol e experiências comuns, trouxe à cena a postura ideológica do editor e colaboradores, e contribuiu para referendar e reforçar a crença na magnitude cultural e civilizacional espanhola, em detrimento da perda dos poderes econômico, político e territorial.

A outra faceta da manifestação discursiva da obra encontra-se na sua temática. As representações ali encontradas remetem a uma paisagem social formada por **mulheres**. A concepção e execução são masculinas - incluindo o conteúdo dos discursos -, mas são personagens femininos que ilustram os volumes textuais e o iconográfico.

Os discursos sobre a mulher que surgem no século XIX versam sobre sua beleza física e moral e sua imprescindibilidade para a espécie humana. A literatura e as artes plásticas deleitaram-se por longo tempo com a imagem da mulher como objeto, tomada como tema por excelência. Transformadas em símbolos, lembram Michelle Perrot e Geneviève Fraisse, constituíram-se em “(...) musas das belas-arts, ilustrações, personagens de romance e gravuras de moda, reflexo ou espelho do outro, [como] dizem os filósofos.”³²⁴ O positivismo, tratando do aspecto social e moral da mulher, também se utilizou da figura feminina para simbolizar e disseminar um sistema de interpretação de mundo, justificado pelo seu caráter altruísta. A existência feminina vincula-se ao outro, eleva-se como mãe, esposa e filha e representa aquela que desperta e desenvolve sentimentos generosos nos homens.

A coleção aqui estudada serviu-se da simbologia feminina para registrar aspectos da história espanhola e divulgar uma vertente histórica baseada num passado epopéico, de poder e glória desta nação. Apresentou e retratou espaços territoriais espanhóis e outros colonizados pela Espanha amparando-se na multiplicidade de

³²⁴ FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Op. cit. p. 14.

significados que o signo feminino retém. Por outro lado, contribuiu para difundir concepções e normas de comportamento femininos, ao mesmo tempo que justificava as desigualdade entre o sexos, a dupla moral sexual e delimitava o espaço social para homens e mulheres. Os autores, imbuídos de uma poética romântica e estilo *costumbrista*, sofismam com propriedade sobre beleza, graça e importância da mulher para a constituição e condução das novas sociedades.

4.1 Tematizar mulheres: concepções, ideologias e espaços femininos no século XIX

Nunca se falou tanto das mulheres como no século XIX. (...) o assunto está em todo o lado: nos catecismos, nos códigos, nos livros de boa conduta, nas obras de filosofia, de medicina, de teologia, e, evidentemente, na literatura. Alguma vez se legislou tanto, se dogmatizou tanto, se sonhou tanto sobre as mulheres? (...) Qual é então essa força que supera as ideologias e exclui a mulher do registro dos factos? (...) É a das imagens. A mulher aqui é imaginária. Ídolo, ela fascina o século. (MICHAUD, Stéphane. *Idolatrias: representações artísticas e literárias*. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Op. cit. p. 146)

Da antiga Espanha para a do século XIX, a paisagem social sofreu algumas transformações. Alterou a demanda de serviços e mão-de-obra e a relação entre aqueles que pagavam e os que recebiam. Nas famílias aristocráticas, desapareceu o grande número de serviçais e surgiram os empregados assalariados; os contatos “mais afetivos” deram lugar a relações funcionais e reservadas. Foi no dezenove que definiu e consolidou-se, na Espanha, a classe média, embora com muitas dificuldades de sobrevivência e reconhecimento social. Coube a esta classe empenhar-se para se assemelhar à nobreza, acercando-se dela, misturando-se – através de casamentos – e até mesmo imitando e reproduzindo seus modos e estilo de vida.³²⁵

Além dos novos tipos sociais, novas práticas e valores morais apareceram como importantes e definidores dos padrões dos comportamentos e sociabilidade. Se em séculos anteriores o “poder” da mulher estava muito mais assentado em sua herança, seu dote – o que relegava a segundo plano a exigência da virgindade feminina e até mesmo a fidelidade da mulher, uma vez que os casamentos eram feitos via acordos

³²⁵ VOLTES, Pedro e JOSÉ, Maria. **Las mujeres en la historia de España**. Op. cit. pp. 159-165.

comerciais³²⁶ - nos oitocentos, com a nova composição social e familiar burguesa – é nova também a forma de constituição da fortuna e bens das famílias – outras formas de relação social e constituição familiar surgiram. Passou-se a conjugar amor e matrimônio. Advieram daí novas exigências e padrões de comportamentos e uma nova configuração de moralidade para preservar as fortunas e heranças familiares. Acirraram, dessa forma, as diferenças entre homens e mulheres em relação às práticas, experiências e funções sociais. De acordo com Pedro Voltes e Maria José, a desigualdade entre os sexos – que já existia antes do século XIX – sofreu uma defesa mais rígida a partir dos avanços da modernidade e do surgimento da burguesia enquanto uma classe mais ativa politicamente. Para eles, os costumes das mulheres na Renascença, mesmo com uma tonalidade severa, ainda contemplavam práticas e ações contraventoras.³²⁷ A diferença sexual e a virtude feminina eram necessidades estipuladas pela Igreja Católica, tal qual dogma religioso. Mas a honra ficava entre o abstrato e o concreto.³²⁸

Na Espanha - baluarte do catolicismo, símbolo e berço da tradição e moral religiosa - a contextualização de uma nova ordem pública e privada começou a ser traçada no século anterior. Mesmo com a dinastia borbônica no poder - reformada -, a consideração sobre a mulher não variou em seus pressupostos ideológicos segundo Margarita Ortega López. Fez eco a concepção de Rousseau, na qual defendia o pertencimento da mulher ao âmbito doméstico, assinalava e associava-as aos valores que vinham do coração, do sentimento, como sensibilidade, paciência, humildade e amor. Segundo a autora, nem mesmo mentes ilustradas como a deste pensador

³²⁶ Sobre a transformação do poder social da mulher verificar FRANCO, Jean. **Las conspiradoras: la representación de la mujer en México**. México: El Colegio de México; Fondo de Cultura Económica, 1993. pp. 119-121. Quanto aos matrimônios, seu estado e forma de contraí-los, Bridget Hill descreve que no século XVIII estes foram declaradamente comerciais – sendo a castidade parte da transação concernente ao casamento. O amor ficava relacionado mais aos laços consangüíneos do que à paixão sexual. Foi no século seguinte que o seu *status* modificou-se. HILL, Bridget. **Eighteenth-Century women: an anthology**. London: Allen & Unwin, 1987. pp. 26 e 71. Ainda sobre essa questão, segundo alguns autores, na época de Felipe IV, a moda feminina baseava-se em saias franzidas e afofadas. Esse tipo de vestimenta servia para proteger o feto contra possíveis lesões e golpes que porventura as gestantes pudessem sofrer mas, apropriadamente, contribuiu também para dissimular situações ilegais de gravidez. Esta prática representa e ilustra uma vivência diferente da configuração de moralidade burguesa e oitocentista. VOLTES, Pedro e JOSÉ, Maria. **Las mujeres en la historia de España**. Op. cit. p. 78.

³²⁷ Id. *ibid*.

³²⁸ Abundavam violações sexuais, gestações fora do matrimônio, casa de senhoras. Alguns acreditavam que o sexo não era pecado (a despeito dos processos inquisitoriais) e outros que, para ser um bom cristão, era necessário praticá-lo (desde que não fosse contra a natureza). Dessa forma vivia-se entre o rigor cristão e a crença nas práticas pagãs, o que significava que as mulheres ainda encontravam certa abertura e espaço naquela sociedade. VOLTES, Pedro e JOSÉ, Maria. **Las mujeres en la historia de España**. Op. cit. pp. 75-78.

escaparam das tradições multisseculares que determinavam os espaços e ações femininas.³²⁹

Raimundo Teixeira Mendes, partindo dos escritos comtianos, utiliza-se do discurso do caráter afetivo e sentimental para estabelecer diferenças entre os sexos. Argumenta que, para refletir sobre as mulheres, é preciso empregar mais sentimento do que raciocínio e demonstra que as diferenças entre feminino e masculino relacionam-se também à expressão dos sentimentos. Para ele, a capacidade para a sensibilidade e emoções, simbolizada pelo coração, manifesta-se de forma distinta entre mulheres e homens: às primeiras, o coração representa a afetividade, expressão do sentimento; aos homens, remete à coragem, representação do seu caráter. Alega que o homem que não possui coração também não possui coragem. Em relação aos tipos – feminino e masculino –, outras classificações que os distinguem entre si e na sociedade são feitas. O masculino refere-se ao tipo destruidor, pelo inerente instinto sexual, enquanto que o feminino carrega o tipo construtor, pelo natural instinto materno. No discurso positivista, os homens possuem maior aptidão para modificar o meio natural e as mulheres, a natureza humana.³³⁰

No século seguinte, com o início da sociedade contemporânea, marcada pelas revoluções liberais e pelo capitalismo, as contradições sociais e a diferença entre os sexos foram acirradas, demonstram Ana Maria Aguado Hicón e Maria Dolores Ramos. Neste momento, não só o religioso passou a determinar o lugar e a função da mulher, mas também o político. A constituição de uma sociedade liberal, que proclamava os direitos universais do homem como liberdade, igualdade e cidadania, não atingiu a todos da mesma forma. As mulheres foram excluídas de tais direitos, ficando evidentes as contradições dessa nova sociedade no tocante aos avanços legais e realidade social. Para essas autoras, essa nova configuração social, a burguesa, primou pela divisão sexual e social do trabalho e a definição dos espaços e funções específicas do homem e da mulher.³³¹ Durante todo o século XIX, a linha entre o público e o

³²⁹ ORTEGA LÓPEZ, Margarita. “La defensa de las mujeres” en la sociedad del antiguo régimen: las aportaciones del pensamiento ilustrado. In: FOLGUERA, Pilar (org.). **El feminismo en España: dos siglos de historia**. Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 1988. pp. 21-22.

³³⁰ MENDES, Raimundo Teixeira. **Sobre a preeminência moral e social da mulher de acordo com o positivismo**. Op. cit. Esta obra, embora tenha sido produzida no início do século XX, portanto posteriormente ao período estudado nesta pesquisa, ampara-se nos preceitos positivistas de Augusto Comte, fortemente divulgados no século XIX.

³³¹ AGUADO HICÓN, Ana Maria et al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Op. cit. pp. 321-323.

privado, entre homens e mulheres, entre política e família, fez-se muito mais rígida³³² e a família se converteu em importante fronteira desses espaços duais.

Tudo isto representou a criação de um modelo de família e mulher ideal, dando lugar a uma cultura do amor em função dessa estrutura bipolar. O casamento deixou de constituir uma moeda de troca para tornar-se o feito absoluto do amor romântico e desejo entre duas pessoas, e a virgindade feminina, signo de uma conduta moral cristã e honrada. Elevada moral e socialmente, a mulher passou a significar o pilar e centro das novas famílias, e amor, cuidado, educação, honra, entre outros se configuraram em atributos que davam sentido à existência feminina.

4.2 Narrações exemplares e discursos conformadores da função social da mulher

As concepções e discursos que pautaram esse novo paradigma social feminino foram desenvolvidos, compostos e representados de diversas formas e em uma gama de veículos. Esses novos modelos e padrões de comportamento feminino que aparecem em tons pedagógicos, em forma de pronunciamento religioso, nas intimidações médicas e em outras configurações, fizeram-se verdade no seio das sociedades, tocaram e produziram grande impacto nos imaginários sociais, conformando condutas, práticas, visões de mundo e vivências.

Pode-se destacar a literatura como meio de difundir esses valores incipientes e criar representações de indivíduos ideais. Segundo Stéphane Michaud, “a literatura participa desse peso que domina o imaginário social.”³³³ Nela, encontra-se uma multiplicidade de romances e publicações direcionadas às mulheres, que possuem em seu cerne um caráter pedagógico. Apresentam exemplos de personagens virtuosas e degeneradas, ou seja, imagens de mulheres que se constituíram em modelos e contra-modelos nesta nova conjuntura social, política e econômica das nações.

³³² HUNT, Lyn, 1989, apud AGUADO HICÓN, Ana Maria et.al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Madrid. Op.cit. p. 323. Sobre a construção das diferenças entre os sexos ver também: FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino: história filosófica da diferença entre os sexos. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Op. cit. pp. 59-95.

³³³ MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Op. cit. p. 149.

Embora surgido no século XVI – portanto, três séculos antes –, um dos grandes exemplos refere-se ao livro do Frei Luis de Leon, *La perfecta casada*, publicado em 1583, que expõe o modelo cristão e de virtudes da mulher católica.³³⁴ Jean Franco relata que esta obra traduz o ideal católico de família, ancorada na unidade econômica e aliança para a reprodução.³³⁵ Carolyn Richmond também faz referência a ela, apresentando *la perfecta casada* como uma mulher “(...) *fiel y dócil compañera del esposo y madre de sus hijos [que] dedica toda su vida a producir la felicidad doméstica dentro del hogar.*”³³⁶

Analisando o romance *La Regenta*, de Leopoldo Alas “Clarín”³³⁷, Richmond estuda a representação feminina e demonstra a galeria de tipos femininos encontrados nos escritos deste literato: “(...) *la beata, la esposa déspota y mandona, la literata, la coqueta, la adúltera, la poliándrica...(...)*”, ou seja, personagens boas, más, mais e menos chamativas e até as de “pouca inteligência”, como define a autora. Ressalta que, em Clarín, a diferença entre os sexos baseia-se na fisiologia e que a mulher *normal*, nas palavras dele, é “(...) *aquella cuya existencia gira en torno al hombre.*”³³⁸

Em outro estudo, Jean Franco expõe sua análise a respeito do romance *La Quijotita y su prima*, do escritor e periodista mexicano José Joaquín Fernández de Lizardi, publicado em 1818. Salienta que esta obra veio a público num período em que os intelectuais esforçavam-se por reclassificar a posição das mulheres dentro da sociedade, através do discurso da importância da mulher-mãe como geradora de novos indivíduos, assim como defensora da vida privada, “refúgio da agitada vida política”.³³⁹

³³⁴ Curioso notar que, ainda no século XX, entre os anos de 1938 e 1968, uma editora espanhola – laica – publicou nove edições desta obra. VOLTES, Pedro e JOSÉ, Maria. **Las mujeres en la historia de España**. Op. cit. p. 72.

³³⁵ FRANCO, Jean. **Las conspiradoras: la representación de la mujer en México**. México: El colégio de México; Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 120.

³³⁶ RICHMOND, Carolyn. En torno al vacío: la mujer, idea hecha carne de ficción, en “la Regenta” de Clarín. In: LISSORGUES, Yvan. **Realismo y naturalismo en España**. Op. cit. p. 345. Também em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, vários são os autores que fizeram, em suas monografias, referências positivas a esta publicação.

³³⁷ Publicação feita em dois volumes, entre os anos de 1884 e 1885. Embora se constitua em obra editada na década seguinte a que apresenta este estudo, a intenção, ao referenciá-la aqui, é mostrar como a literatura pode configurar em uma forma de manipular os imaginários sociais e disseminar modelos e padrões de comportamento para os indivíduos.

³³⁸ RICHMOND, Carolyn. En torno al vacío: la mujer, idea hecha carne de ficción, en “la Regenta” de Clarín. In: LISSORGUES, Yvan. **Realismo y naturalismo en España**. Op. cit. pp. 342-345.

³³⁹ Para Jean Franco, neste momento o cuidado com a educação das crianças transformou-se em função dessa nova perspectiva social. Estas, que até então eram amamentadas e educadas por amas, passaram a ser criadas desde o nascimento pelas mães, instruídas, para garantir o bem-estar e futuro da nação. FRANCO, Jean. **Las conspiradoras: la representación de la mujer en México**. Op. cit. p. 116.

Argumentavam que a grande preocupação e estratégia para essa transformação estava na educação das mulheres. A perspectiva liberal representativa dessa classe de pensadores movia-os a acreditar que a educação necessitaria deslocar-se do campo religioso para o laico, no sentido de criar uma nova geração de mulheres patrióticas – e conseqüentemente homens, uma vez que eram elas que geravam e educavam –, de ética no trabalho e fé no progresso. Além de enfocarem a família e a educação da mãe, esses intelectuais progressistas defendiam o desenvolvimento da imprensa como meio de divulgação dessa nova ordem social e divisão dos papéis.³⁴⁰ As mulheres, neste cenário, “(...) participaban en este discurso sobre todo como lectoras pasivas: como recipientes de la literatura didáctica, que se dirigia a ellas como alumnas, a las que había que enseñarles, o como mentes que habría que modificar (...)”³⁴¹

Além da imprensa e da literatura romântica, outros meios e formas seguiam ensinando as mulheres e condenando hábitos, costumes e tipos fora dos padrões estabelecidos, como os calendários – diferentes para homens e mulheres – e as revistas femininas.³⁴²

Entre os romances de caráter didático estava *La Quijotita y su prima*, um tipo de literatura que parecia “falar com as leitoras”, segundo Franco, pois apresentava o ideal da nova família e criava paradigmas femininos – através de personagens boas, obedientes, malvadas e outras. Debilidade física e maternidade, convenientemente, matizavam este romance. Esta literatura, com o propósito de educar as leitoras, tinha como função divulgar uma nova cultura e abolir os costumes da velha família aristocrática. Através das palavras de Franco, assim vem apresentada a função da mulher presente no discurso de *La Quijotita y su prima*:

*Antes que nada es madre y una vez que su hija entra en la escuela, tiene poco que hacer como no sea cumplir con sus devociones religiosas, vigilar la instrucción moral de su hija y de sus criadas y procurar la mayor comodidad en la vida de su esposo.*³⁴³

Mas o mundo hispânico não foi o único a investir numa produção literária com caráter e função educativa. Bridget Hill apresentou um estudo, em forma de antologia, composto por trechos selecionados de escritores que versaram sobre modelos,

³⁴⁰ FRANCO, Jean. **Las conspiradoras**: la representación de la mujer en México. Op. cit. pp. 115-117.

³⁴¹ Id, ibid. p. 117.

³⁴² Nos calendários para mulheres incluíam-se poemas, contos, conselhos, artigos sobre modas e ciência, além dos dias das festas religiosas; entre as revistas femininas figuravam *El Semanario de las Señoritas Mejicanas* (1841-1842) e *El Panorama de las Señoritas* (1842). FRANCO, Jean. **Las conspiradoras**: la representación de la mujer en México. Op. cit. pp. 125-126.

³⁴³ Id. ibid., p. 120.

comportamentos e funções femininas no século XVIII inglês. Demonstrou que este território produziu uma literatura – representadas por homens mas não somente por eles – que trazia como objeto a educação feminina e cujo conteúdo consistia em guia de conduta e comportamento feminino para jovens e senhoras. Versava sobre deveres e responsabilidades para com seus pais e futuros maridos. Hill demonstrou que tais escritores constituíam-se em defensores de um modelo perfeito de mulher, cujas produções, além de orientar, colocavam regras para a etiqueta feminina e, principalmente, estabeleciam uma moralidade sexual ortodoxa e padrões rígidos de costumes. O vocabulário referente a esta moralidade baseava-se na modéstia, passividade, discrição, complacência, submissão, delicadeza e, o mais importante e valorizado de todos, a virgindade, símbolo da inocência e valor moral.³⁴⁴

Considerando o exposto acima, depreende-se que, além de representar materialmente a conjuntura política e social da época em que foi produzida, a literatura possui também, em parte, uma função educativa, que representa e dissemina concepções, idéias e valores de um determinado tempo histórico; pode marcar, delimitar e conduzir práticas e comportamentos de indivíduos – homens e mulheres.

Além da literatura, o século XIX está repleto de narrações, argumentos e concepções que ajudaram a compor e consolidar um modelo ideal de mulher, baseado na biologia como sustentáculo para o discurso da diferença social. A exposição e manifestação de uma dupla moral sexual acabaram por transformar beleza e maternidade como referência feminina. Assim, determinado o “modelo ideal”, a função social da mulher ficou caracterizada e relegada à sua exterioridade e natureza emocional, afetiva e altruísta: “(...) *Debilidad de la mujer por sú carácter físico, gran poder sobre el hombre, influencia en la sociedad por su carácter moral* (...)”.³⁴⁵

A noção de sensibilidade física feminina marcou fortemente os discursos de cientistas, médicos, religiosos, políticos e outros formadores de opinião. Nas primeiras décadas do século XIX, Franz Joseph Gall empregou a frenologia – teoria de estudo do cérebro - para demonstrar e comprovar a inferioridade do cérebro feminino, preceito habilmente utilizado para justificar a suposta diferença da capacidade intelectual entre

³⁴⁴ HILL, Bridget. **Eighteenth-Century women**: an anthology. Op.cit. pp.17-28. Faz-se necessário acrescentar que Briget Hill refere-se a mulheres pertencentes à burguesia.

³⁴⁵ Assim ela foi apresentada, em 1847, por Anastasio Chinchilla, no *Discurso de apertura de la Academia de Medicina y Cirugía de Valencia*. AGUADO HICÓN, Ana Maria et. al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Op. cit. p. 329.

os sexos e a educação desigual para homens e mulheres. Concepción Arenal, em 1869, questionou o resultado de tal estudo em seu livro *La mujer del porvenir*, argüindo que

*¿Cómo las mujeres vencerán esta resistencia natural, cuando para vencerla no ven objeto; cuando se les dice que no la pueden ni la deben vencer, y cuando tienen para ello hasta imposibilidad material?(...) Y decimos **grande**, porque la mujer no aparece privada de ninguna de las facultades el hombre: como él, reflexiona, compara, calcula, medita, prevé, recuerda, observa, etc. La diferencia está en la intensidad de esas funciones del alma y en los objetos a que se aplican. Su esfera de acción es más limitada, pero no vemos que en ella revele inferioridad. (...) Ni el estudio de la fisiología del cerebro ni la observación de lo que pasa en el mundo autorizan para afirmar resueltamente que la inferioridad intelectual de la mujer sea **orgánica**, porque no existe donde los dos sexos están igualmente sin educar, ni empieza en las clases educadas, sino donde empieza la diferencia de la educación.*³⁴⁶

Refletindo sobre a problemática das incapacidades femininas e desigualdade social, o panamenho Justo Arosemena, em seus *Apuntamientos para la introducción a las ciencias morales y políticas*, em 1840, expressou suas noções sobre a inaptidão para a razão. Arosemena ressalta o lugar e a importância da mulher dizendo que

*(...) la sensibilidad de las mujeres parece mayor que las dos hombres, su salud es más delicada, y generalmente son inferiores en la fuerza del cuerpo, en el grado de instrucción, en las facultades intelectuales y en la firmeza del alma. (...) la mujer vale más para la familia y el hombre es más propio para los negocios del Estado.*³⁴⁷

Mas a formulação da noção de inferioridade intelectual feminina já ocupava as páginas das composições literárias do século anterior. Para a maioria dos escritores, de acordo com Hill, as mulheres apresentavam diferentes e inferiores capacidades intelectuais, crença que justificava projetos educacionais distintos para homens e mulheres. Em seu relato é flagrante o sentido utilitário da educação que cabia às mesmas no quesito educação,

*At the beginning of the century a suitable education for the daughters of the middle and upper classes consisted of essentially useful accomplishments – cooking, sewing, embroidery, spinning, housewifery – all of which would later enable her as wife and mother to run the household economically and efficiently, and to entertain elegantly.*³⁴⁸

³⁴⁶ ARENAL, Concepción, 1869, apud AGUADO HICÓN, Ana Maria et. al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Op. cit. pp. 337-338. Grifos da escritora.

³⁴⁷ DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. La mujer en el pensamiento latinoamericano del siglo XIX. In: SAMARA, Eni Mesquita (org.). **As idéias e os números do gênero**: Argentina, Brasil e Chile no século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, CEDHAL/FFLCH-USP, Fundação Vitae, 1997. pp. 222-223.

³⁴⁸ HILL, Bridget. **Eighteenth-Century women**: an anthology. Op.cit. p.45. “No começo do século, uma educação adequada às moças das classes médias e altas, constituía-se, essencialmente, de realizações úteis - tais como cozinhar, costurar, bordar, dançar, cuidar da casa - todas as quais, posteriormente, permitiriam que as moças, no futuro, fossem donas de casa e mães econômicas e eficientes, que entretêm com elegância.”

Embora a concepção da inaptidão feminina fizesse um forte eco naquele momento, algumas práticas – socialmente aceitas e até mesmo dignificadas – conflitavam com o discurso da incapacidade da mulher para atos que desafiavam a idéia da sua debilidade física/biológica e intelectual. Trata-se da participação ativa de mulheres nos processos de invasão ou emancipação territorial, vivenciados tanto na Espanha como na América. Vários exemplos colocam as mulheres no campo de batalhas, como este referente à invasão napoleônica na Espanha, no início do século XIX.

*(...) y las mujeres, dando agua y vino, excitaban a todos a que no dejasen un francés vivo. Ánimo, les decían, que el cielo nos asiste (...). En el ataque de 16 de junio doscientos dragones franceses pudieron penetrar en la ciudad, y fueron rechazados y muertos por el pueblo: cinco de ellos que iban a escaparse (...) son embestidos por un tropel de mugeres (sic) valientes, y perecen a sus manos (...).*³⁴⁹

Alguns anos à frente, esta mesma situação, em que a mulher surge ativa no cenário de revoltas políticas, mais uma vez coloca em xeque a incapacidade física feminina.

*En los distintos proyectos nacionales que lucharon por realizarse en la sociedad española en la edad contemporánea encontramos también este símbolo: la mujer sin nombre de la batalla de Arrigorriaga, una de las leyendas en las que se apoyó la defensa nacionalista de la secular independencia de los vascos, La Ben Plantada catalana, elaboración literaria de Eugeni d'Ors, o Augustina de Aragón, figura simbólica basada en la actuación de una mujer en la Guerra de la Independencia (...).*³⁵⁰

Se no cenário público as mulheres, em alguns momentos, estiveram em evidência – efêmera - pela contribuição prática nos assuntos nacionais, no âmbito simbólico, desde o século XVIII, no tocante a esta questão, já figuravam nos discursos e nas representações iconográficas e plásticas. Utilizada como símbolo da pátria, a alegoria feminina foi empregada por identificar-se à função maternal, servindo como instrumento de coesão da comunidade nacional ao mesmo tempo em que servia ao propósito de reforçar o papel tradicional feminino.³⁵¹

Na historiografia encontram-se alguns autores que refletiram sobre a personificação feminina de entidades políticas nacionais ou para representar ideais democráticos. Encontra-se em José Murilo de Carvalho um estudo que tematiza a

³⁴⁹ AGUADO HICÓN, Ana Maria et. al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Op. cit. pp. 340-341. Passagem descrita por Agustín Alcalde Ibieca, em *Historia de los dos sitios que pusieron a Zaragoza en los años de 1808 y 1809 las tropas de Napoleón*.

³⁵⁰ Id. *ibid.*, p. 338. Sobre a batalha de Arrigorriaga.

³⁵¹ Id. *ibid.*, p. 338.

batalha pelo imaginário republicano no Brasil. O autor mostra que entre os símbolos utilizados para dar sentido àquela nova ideologia política, estava a mulher associada ao surgimento de um novo imaginário sobre a nação. Enquanto a Monarquia era associada à figura do rei, masculina, que representava a própria nação, a simbologia feminina marcou o imaginário republicano. Essa associação teve início na França, lugar onde primeiro apareceu e se apropriou de uma imagem idealizada da mulher para representar a República. Fazia referência à sua veia maternal, sua função protetora, sinônimo de segurança e solidez.

Para Maurice Agulhon, a utilização da simbologia feminina na França pode constituir-se em um fato “cultural”, explicado pela convergência de uma mentalidade antiga – a “deusa da liberdade” presente nos imaginários - com um cenário mais recente, que cultuava a feminilidade em bustos e estátuas. De qualquer forma, ressalta que imagem e idéia se conectam porque “as representações visuais têm [...] correspondência com as grandes opções ideológicas”.³⁵²

Para Maria Lígia Prado, a aceitação de mulheres nas lutas pelas emancipações da América Hispânica também está fundamentada no reconhecimento da mulher como representação da família e, conseqüentemente, da nação. Se na prática as lutas tiravam-na do espaço do lar, por outro, colocavam-na num cenário social como fundadoras, mães da Pátria.³⁵³ Então, mesmo sendo um espaço masculino, mesmo sendo a guerra algo que remetia às capacidades do homem, era um espaço que possibilitava a inserção feminina por aquilo que as mulheres representavam, que era amor, fidelidade, paixão, caridade, desprendimento material, altruísmo, fermento para o surgimento e crescimento de uma nação.

O positivismo como concepção de mundo também contribuiu para a elaboração e disseminação de noções e conceitos sobre relação entre simbologia feminina e a nação. A mulher, segundo os preceitos positivistas, constituía-se em zeladora do altruísmo humano, procurando fora de si os motivos para sua existência. O amor materno consistiu no símbolo máximo desta particularidade ao subordinar a

³⁵² AGULHON, Maurice. Mariana, objecto de “cultura”? In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Op. cit. p.117. Neste artigo o autor também comenta a figura de Mariana como um emblema da república. República representava a idéia de liberdade, diferente de monarquia, que vinculava ao poder absolutista. Monarquia é representada pelo rei, figura masculina e castradora da liberdade. Na França, atribuir a república à simbologia feminina – representação de liberdade – foi uma decisão da Convenção Nacional de Setembro de 1792. p. 113.

³⁵³ PRADO, Maria Lígia Coelho. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999. pp. 46-51.

existência feminina à existência de outro indivíduo. Como demonstrou Teixeira Mendes, coube a ela, na condição de mãe, disciplinar a sociedade – uma vez que nascia pronta para o desprendimento, qualidades supremas do altruísmo. “É assim que a sociedade moderna, no meio de todas as vicissitudes revolucionárias, sustenta-se pelo sentimento, graças à solicitude materna, graças à ação moralizadora, santificadora da mulher.”³⁵⁴

A representação positivista da mulher coloca-a em primeiro lugar na hierarquia social por constituir-se em elemento principal da ordem humana. Sua importância política fica traduzida pela dependência entre sociedade – ou país - e massa feminina e por serem tomadas como aquelas que formam os homens da nação.³⁵⁵

Conferem-se ao século XIX transformações e novos preceitos para os espaços nacionais. Produto editorial deste período, a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* apresenta múltiplos aspectos e objetivos, entre eles tocar os imaginários sociais em relação a esses novos grupos humanos que surgiram a partir da intensificação do capitalismo e passaram não só a compor o cenário social mas também – em função de posturas e pressupostos ideológicos divergentes dos existentes - a participar e influenciar nos rumos da economia e da política.

4.3 As espanholas na pena dos literatos: idealizar mulheres, estabelecer comportamentos, definir funções

Determinadas as diferenças e delimitados os seus espaços de ação – para a mulher o privado e para o homem o público – e função social de cada um - para o homem o trabalho e para a mulher as ocupações no âmbito doméstico -, os discursos conformadores da importância social de cada sexo, no tocante à mulher, não buscam depreciá-las. Em termos comparativos, nos discursos e representações as mulheres são exaltadas, idealizadas e consideradas necessárias para o complexo cenário social e nacional.

A importância atribuída restringe-as ao espaço privado, à exterioridade, à capacidade emocional no lugar da intelectual, à submissão, altruísmo e desprendimento.

³⁵⁴ MENDES, Raimundo Teixeira. **Sobre a preeminência moral e social da mulher de acordo com o positivismo**. Op. cit. p. 47.

³⁵⁵ Id. *ibid*.

A responsabilidade feminina, nos argumentos dos literatos que colaboraram com os volumes de *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* que apresentaram províncias na Espanha, é, principalmente, para com o futuro, o devir: novos indivíduos bem educados, heróis e construtores de uma nova sociedade. Quanto ao que lhes resta como importante para o presente está o cuidado: para consigo, com sua beleza, sua alma, sua honra e a da família, para com seus pais, filhos, companheiros e os necessitados. Amor, altruísmo e abnegação são os atributos que as definem e sublimam.

As narrações que apresentam as mulheres espanholas representam-nas idealizadas, perfeitas e enaltecidas, à imagem e semelhança da Virgem Maria e em conformidade com as concepções sobre o “ser feminino” presente nos imaginários sociais deste século. A coleção aqui estudada, além do significado político, edifica uma ode à mulher; ficam ausentes do quadro “desenhado” as mulheres indesejadas, párias, incompatíveis com os padrões e normas estabelecidos, ideal de beleza e caráter moral.

Podem-se divisar três categorias ou formas de representação nas análises feitas pelos literatos. Uma delas refere-se à definição da mulher no seio da humanidade, à sua concretude; a outra diz respeito ao caráter poético, romântico e moral atribuído à existência das mulheres – beleza, imprescindibilidade, conduta, entre outros; e, por último, a definição e atribuição dos valores, papéis, funções e atributos sociais. Nas formas pelas quais foram desveladas – consideradas suas singularidades - em todas são evidenciadas como necessárias e importantes para a construção e condução dos espaços nacionais.

4.3.1 “Formosa metade do gênero humano”

A idéia de que a parcela feminina da humanidade sobressai pela beleza e formosura e está para o encanto e admiração dos homens é recorrente nos discursos dos literatos que contribuíram com os volumes de textos sobre a mulher espanhola. São comumente evocadas expressões como formosa metade do gênero humano, mais bela metade do gênero humano, parte mais bela dos habitantes, belo e frágil sexo – *las hijas de Eva*, bela metade do homem, flores para adornar o jardim da vida do homem, metade do gênero humano destinada a embelezá-lo e dirigir o homem pelo caminho da vida, “(...) *la cara mitad del linaje humano* (...)” e “(...) *precioso puñado de barro en el que*

há infundido Dios (...) el soplo inmortal de su divina esencia”,³⁵⁶ formosa metade do gênero humano e fonte de todos os males e todos os bens, o homem é o mundo e a mulher o seu céu, anjo da família sem o qual o homem não seria nada, arremate da obra de Deus e representação da história da humanidade, metade mais frágil, delicada, digna de consideração e respeito entre outras.³⁵⁷ Leopoldo Augusto de Cueto define a mulher em quatro palavras que, segundo ele, caracterizam-se na forma mais bela de significá-las: imaginação, razão, sensibilidade e fortaleza.³⁵⁸

Estas formas de referência às mulheres e sua existência revelam uma concepção e olhar masculino sobre o mundo, as relações sociais, o espaço e função determinados para cada um – homem e mulher – ocupar nele. Encontram-se nesta coleção narrações exemplares, que, além de criar um paradigma feminino, também se constituem em veículo disseminador de uma conduta moral e força reguladora dessa categoria social; colocam em evidência uma dupla moral sexual. No mesmo sentido, revelam a forma como essas personagens eram perscrutadas através do olhar e pensamento do outro, daqueles que publicizavam suas concepções, idéias e manipulavam o terreno das imaginações sociais.

4.3.2 Beleza, importância e caráter moral

A outra forma de evidenciar essas mulheres baseia-se na descrição do caráter físico e moral. As descrições através das exposições monográficas objetivam expressar e exaltar valores, bons hábitos morais e singularidades das respectivas mulheres que caracterizam as diversas regiões retratadas. Os adjetivos e atribuições se repetem em todos os escritores, oferecendo a dimensão do quão legítimo eram essas qualidades na sociedade espanhola oitocentista. Além de boas filhas, mães e esposas, são referenciadas como honradas, católicas, dignas, respeitadas, virtuosas, belas, perfeitas, altruístas, submissas, obedientes, abnegadas, prudentes, ternas, sensíveis, doces, enamoradas, caridosas, pacientes, inteligentes, responsáveis, fiéis, corajosas, patrióticas, íntegras, atraentes, sensuais, amantes, modestas, caseiras, compreensivas,

³⁵⁶ *La mujer de Murcia*, Tomo I.

³⁵⁷ Argumentos retirados dos textos dos literatos que participaram da composição dos tomos I e II da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Verificar Apêndice I.

³⁵⁸ *La mujer de Guipuzcoa*, Tomo I.

amorosas, fortes, conformadas, vigorosas, puras, bondosas, heroínas, devotas, piedosas, exemplares, humildes, econômicas, compassivas e outros tantos atributos positivos.³⁵⁹

Os atributos acima, longe de colocar a mulher no centro das decisões dos rumos da humanidade – ou das sociedades –, dignificam-nas, mas excluem; criam ícones femininos, mas convertem-se em ação moral e reguladora. Elas permanecem, como definem Michelle Perrot e Geneviève Fraisse, “no plano da figura”, sempre conectadas e caracterizadas por uma imagem. Assim, tais atributos femininos caracterizam-se como signos e espelhos: conferem dignidade aos espaços nacionais espanhóis apresentados - pelas qualidades que representam simbolicamente – e refletem a potencialidade e caráter moral da nação em questão.

4.3.3 Maternidade, educação e transformação da sociedade

Além de idealizadas, elevadas e transformadas num vaso de flores raras enfeitando e perfumando a humanidade, os literatos, em seus discursos, desenham, discorrem e justificam os espaços e papéis definidos para as mulheres. As funções atribuídas a elas surgem nos discursos – e concepção da coleção - revestidas de importância fundamental para a fluência das sociedades e espaços nacionais, ancoradas na inerente capacidade feminina de gerar e no preceito de educar e formar indivíduos.³⁶⁰

Para delimitar espaços e funções - justificar uma dupla moral –, esses escritores utilizam da idéia da diferença entre homens e mulheres. Nas proposições de Antonio Trueba, a diferença foi definida pela natureza; Manuel Valcárcel vai além e argumenta dizendo que o grande fundamento da sociedade está nos homens que fazem as leis e as mulheres os costumes. A noção da mulher como sexo frágil aparece em vários autores, além de Antonio de los Rios y Rosas; Saturnino Estebán Collantes retifica tal argumento, dizendo que mulheres nascem frágeis e os homens, fortes; elas estão para o amor e voltam seus instintos para essa questão, idealizada pelo casamento. Salustiano de Olózaga salienta que a mulher está mais para o sentimento do que para as palavras, enquanto Cesáreo Fernández Duro complementa essa observação, afirmando que a educação – diferenciada para homens e mulheres – é tratada com esmero, moral e

³⁵⁹ Adjetivos retirados dos textos dos literatos que participaram da composição dos tomos I e II da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Verificar Apêndice 1.

³⁶⁰ Cabe lembrar que neste trabalho não se parte do princípio de que o cuidado e educação sejam inerentes à capacidade feminina, mas que são determinados socialmente como função da mulher. A noção de essência feminina, no campo desta pesquisa, refere-se à ideologia presente na coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

profundamente religiosa, pois nas escolas, para as meninas, dá-se ênfase nos ensinamentos que exercitam as habilidades em trabalhos de utilidades e adornos – cimento para o futuro – em detrimento da gramática e aritmética ensinada aos meninos.³⁶¹

Na mesma direção da desigualdade, a emancipação aparece como outra forma de definir e configurar o “ser feminino”. Esta idéia constitui-se em noção recorrente nas narrações desses literatos.

Uma das facetas do discurso religioso do século XIX apresenta a idéia de que a Igreja Católica foi responsável pela emancipação feminina.

*Antes del cristianismo, la mujer estaba oprimida bajo la tiranía del varón, poco elevada sobre el rango de esclava; como débil que era, veíase condenada a ser la víctima del fuerte. Vino la religión cristiana, y con sus doctrinas de fraternidad en Jesucristo y de igualdad ante Dios, sin distinción de condiciones ni sexos, destruyó el mal en su raíz, enseñando al hombre que la mujer no debía ser su esclava, sino su compañera (...) así se convirtió el instrumento de placer en digna madre de familia, rodeada de la consideración y respecto de los hijos y dependientes.*³⁶²

A idéia de emancipação e valorização da mulher espanhola pela religião católica aparece em alguns colaboradores da coleção. Para Francisco Perez Echevarría, pelo cristianismo houve uma mudança no pensamento e concepção sobre a mulher, pois esta “passou do estado de coisa para a imprescindibilidade e influência nos destinos da humanidade”.³⁶³ Saturnino Estebán Collantes também reproduziu tal noção, afirmando que “*la mujer siempre há sido y será la mujer, sobre todo desde que dejó de ser cosa, desde su emancipación por el Cristianismo.*”³⁶⁴ A emancipação também foi assunto para José Muñoz Gavira y Maldonado, ao salientar que o cristianismo as colocou em igualdade com o homem e as libertou da opressão, noção que retomou no texto que produziu sobre *La mujer de Valladolid*, reiterando que a religião cristã presenteou a mulher com a emancipação e o respeito e deu-lhe o reconhecimento do direito de mãe e esposa.³⁶⁵

Outro ponto recorrente entre autores da coleção, pensadores e ativistas políticos diz respeito à educação feminina. A problemática da educação remete aos projetos sociais e rumos da nação, ou seja, através dela vislumbra-se o futuro. Para isso

³⁶¹ *La mujer de Alava, La mujer de Ávila, La mujer de las Canárias, La mujer de Palencia, La mujer de Logroño e La mujer de Zamora*, respectivamente. Verificar Apêndice I.

³⁶² AGUADO HICÓN, Ana Maria et.al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. p. 367. Discurso do Presbítero espanhol Jaime Balmes, em 1842.

³⁶³ *La mujer de Albacete*. Tomo I.

³⁶⁴ *La mujer de Palencia*. p. 273, Tomo II.

³⁶⁵ *La mujer de Teruel e La mujer de Valladolid*, respectivamente.

dois aspectos são destacados como essenciais na e para a mulher e imbricam-se, nos diferentes discursos: maternidade e educação.³⁶⁶

Convergingo com a concepção acima, revelam-se então, nos escritos dos literatos, a “intocável” designação feminina e suas derivações, qual seja, a maternidade.³⁶⁷ Pela possibilidade de gerar indivíduos, a mulher surge simbioticamente vinculada à educação, sociedade, pátria, nação e progresso. A expressão metonímica da mulher na coleção estudada tem na mulher-mãe a representação de maior valor simbólico. Como será possível perceber através das narrativas que as idealizam e as tomam como ícones, primordialmente pela fecundidade, as mulheres atribuem sentido a tudo que é novo: tipos sociais emergentes, sociedades em transformação, novas ideologias e conjunturas políticas e, conseqüentemente, novas configurações nacionais.

Em conformidade com tais concepções, Antonio de Trueba, em *La mujer de Alava*, destaca o sagrado destino da maternidade, associado à ocupação feminina: amar, rezar e trabalhar. Francisco Perez Echevarría relaciona *la mujer de Albacete* à pátria e à nação, alegando estar nela a glória da nação espanhola. Para este autor, o grande exemplo está em Isabel, A Católica. Eleutério Lofriu y Sagrera nutre especial admiração pelas mães considerando-as eixo e base da sociedade por entender que tudo passa por elas. Argumenta que a educação formal da mulher leva à transformação material do meio social, ao progresso, desenvolvimento, pois são elas produtoras de heróis.³⁶⁸ Em *La mujer de Almeria*, escrito por Antonio Alcalde Valladares, encontra-se o discurso do enobrecimento e elevação da mulher-mãe e o argumento de que cabe a elas a transformação e prosperidade futuras.

Angel Aviles parte do princípio de que a mulher é chamada a modificar o futuro da Espanha, sendo a educação feminina importante para a reorganização da sociedade: o futuro, para ele, está nas mãos dessa mulher educada. Para ele a família como âncora da sociedade e a capacidade de produzir heróis resumem-se no grande

³⁶⁶ O portorriquenho Eugenio María de Hostos, em um discurso positivista sobre *la educación de la mujer*, defende a necessidade da educação científica da mulher como forma de atingir a igualdade **moral** entre homens e mulheres e de investimento no futuro eficaz das sociedades: (...) *madres que enseñen científicamente a sus hijos, ellas os darán una patria que obedezca virilmente a la razón*. DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *La mujer en el pensamiento latinoamericano del siglo XIX*. In: SAMARA, Eni Mesquita (org.). **As idéias e os números do gênero**: Argentina, Brasil e Chile no século XIX. Op. cit. p. 228. Passagem de um discurso proferido em *la Academia de Bellas Letras de Santiago de Chile*, em 1873. Grifos meus

³⁶⁷ Segundo Perrot e Fraisse, a maternidade foi sobrevalorizada no século XIX. FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Op. cit. p. 14.

³⁶⁸ *La mujer de Alicante*, tomo I.

poder feminino. Aviles constrói um quadrinômio formador da nação: educação, sociedade, família e pátria, e constitui-se em outro autor que se refere à Rainha Isabel como um exemplo; em suas palavras foi ela que moralizou e adotou os costumes espanhóis.³⁶⁹

A maternidade como índole natural; a beleza moral relacionada ao tipo ideal de mãe; a integridade de caráter, pudor e responsabilidade como necessária na educação da família; sacrifício do melhor da vida pelos filhos; decadência feminina e conseqüente declínio do homem e da sociedade; obrigação no ensino do amor pátrio à família e responsabilidade para com o progresso, equilíbrio da nação, salvação da pátria e da sociedade, são concepções comuns em quase todos os autores.³⁷⁰ Juan Valera, literato *costumbrista* ordinariamente referenciado nos estudos e artigos sobre esta estética, resume o pensamento que se tem sobre a mulher no século XIX. Relata que houve uma transformação na essência dos tipos, tirando-as da condição de objetos e possibilitando a elas maior visibilidade. Dessa forma, mudou o sentido de “ser mulher” para o de ser mãe, educadora e redentora da sociedade, num movimento rumo ao desenvolvimento e progresso das nações.³⁷¹

Amós de Escalante menciona o instinto maternal *de la mujer de Santander* apresentando-a como fonte fecunda de amor e inspiração e infere, em sua narrativa, o imbricamento entre maternidade e pátria. José Muñoz Gavira y Maldonado, referindo-se ao cristianismo como redentor da mulher, assim constrói a sua imagem: se o homem foi induzido ao pecado por Eva, Maria trouxe-lhe a salvação, oferecendo-lhe uma nova simbologia, positiva. A mulher passou, a partir daí, a representar o olho, a voz, o sorriso, o coração, a força, a beleza e a esperança e, como esposa, o amor e a alma da casa. Em suas palavras, “*lo que el hombre adquiere, la mujer lo conserva, porque lo ama; lo que el hombre construye, lo adorna, lo embellece, porque la ama; cuando el hombre castiga, ella, siempre fiel á su misión de ternura y de amor, perdona.*”³⁷² Gavira y Maldonado vai além, dizendo ser a glória da Espanha fruto da obra de mulheres, como a da Rainha Isabel e de outras. As mesmas idéias definindo Eva como perdição e Maria como reabilitação e salvação do homem no presente, aparecem no texto sobre *La mujer de Toledo*, escrito por Abdon de Paz. Em sua composição,

³⁶⁹ *La mujer de Badajoz*, Tomo I.

³⁷⁰ Tais noções podem ser encontradas em *La mujer de Barcelona*, *La mujer de Cuenca*, *La mujer de Cáceres*, *La mujer de Vizcaya*, *La mujer de las Canarias* e *La mujer de Ciudad Real*.

³⁷¹ *La mujer de Córdoba*, tomo I.

³⁷² *La mujer de Teruel*, p. 414, tomo II.

relaciona maternidade e religião: “*¡Felices las madres que enseñan á sus hijos á cuidar del desarrollo de los intereses materiales, sin olvidarse de la religión! (...) Felices los pueblos que trabajan y reza*”³⁷³. Define como lema da alma da mulher a tríade religião, pátria e liberdade, vinculando o sentimento patriótico a atributos femininos como a paciência e a obediência.

Emilio Castelar, além de último presidente da primeira república espanhola, também se configura em autor *costumbrista* comumente citado por estudiosos do tema e colaborador da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. São suas as palavras que fecham o volume de textos sobre a Espanha. Retoma a Virgem mãe como símbolo religioso, ideal feminino de ternura, delicadeza, misericórdia, bondade, poesia, inspiração, adoração, virgindade e maternidade. Defere à mulher a referência de amor e, em função disto, sua ligação com a pátria. Explica que estas mulheres amam e sustentam a pátria e os louros pela existência de heróis cabem somente a elas: “*Pues si amáis la patria, deben aparecer á vuestros ojos (...) las mujeres de Zaragoza sosteniendo nuestra idolatrada España. ¡Benditas sean!*”³⁷⁴

Tomando por base as noções presentes nas narrações dos literatos, percebe-se que a opção temática desta coleção pelo feminino é bastante significativa. A figura da mulher como referencial simbólico está ligada ao criacionismo por gerar, cuidar, proteger e zelar pelo crescimento, funções tidas como inerentes à mulher e mãe. Para isso, utilizou-se de ícones femininos como catalisadores desses novos indivíduos que contribuíam para a elaboração de novos significados e sentidos aos espaços nacionais. Numa perspectiva historiográfica, mulheres foram evocadas por entidades políticas, transformadas em objetos estéticos, emblemas de posicionamentos ideológicos, signos de mudança, transformação e progresso, entre outros significados.³⁷⁵ Segundo Stéphane Michaud, “nunca se falou tanto das mulheres como no século XIX”.³⁷⁶

O que apresenta a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* são símbolos idealizados de mulheres e discursos conformadores de normas e padrões de sociabilidade e funções femininas. Nos oitocentos, o progresso em evolução influenciava de maneira indelével o cenário mundial - diferentes pressupostos

³⁷³ *La mujer de Toledo*, p. 439, Tomo II.

³⁷⁴ *La mujer de Zaragoza*, p. 541, Tomo II.

³⁷⁵ Têm-se como exemplo nações e instituições políticas que se auto-representaram visualmente através de ícones femininos como *Marianne* para figurar a República Francesa, *Columbia* que simbolizou os Estados Unidos, *Germania* a Alemanha e *Britannia* a Inglaterra.

³⁷⁶ MICHAUD, Stéphane. *Idolatrias: representações artísticas e literárias*. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Op. cit. p. 145.

políticos e econômicos, emergência de novos tipos sociais, nova configuração de poder territorial e ideológico – e a Espanha sentiu necessidade de representar-se nesta nova conjuntura que avizinhava. Além de argumentos, proposições políticas e estéticas, ideários e ideologias utilizaram-se do ícone feminino para criar – e também referendar – paradigmas nacionais, como o caso da tradição.

As mulheres aparecem nesta coleção como transmissoras dos valores nacionais e morais, ao mesmo tempo em que dão vida ao “novo homem”; defensoras da pátria, ao mesmo tempo em que empreendem e cuidam da construção do “novo espaço”; responsáveis por esse “novo mundo”, porque geram e instruem. Elas simbolizam, nesta publicação, o surgimento dos novos tipos sociais, que não podem mais ser ignorados em função da sua presença e atuação política, mas precisam ser cuidadosamente incluídos, para que não se percam a tradição e o “espírito” espanhol.

No entanto, a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* - como já foi apresentado - é composta não só por textos mas também por imagens e cabe refletir sobre a forma como foram representadas iconologicamente. Vale lembrar que o uso da litografia no século XIX representava a modernidade da época e a capacidade tecnológica, principalmente em se tratando da sua modalidade colorida - cromolitografia. Por outro lado, desejando uma obra que destacasse a Espanha no contexto europeu – pela grandiosidade e temática abordada – a escolha de imagens como forma de comunicar e tocar os destinatários, por parte do editor, configurou-se numa proposta ousada para o momento. São lugares, costumes, padrões e ideologias que se esperava transmitir pelas litografias.

4.4 Cromolitografias de mulheres espanholas: trajés, ambientes e atividades

As litografias de mulheres que representam a Espanha trazem mulheres comuns - pertencentes *a los pueblos*, campesinas ou urbanas, em atividades, lugares e funções diversas. Entre os objetivos e características dessas imagens, está o propósito de demonstrar, além do cotidiano, hábitos, costumes e autênticos trajés espanhóis femininos, que ajudam a compor a história visual espanhola. Ao considerar algumas falas dos literatos nos volumes de textos, a despeito do estrangeirismo, a tradição

genuinamente espanhola conservava-se inalterada nas populações mais afastadas das regiões centrais.³⁷⁷ Mesonero Romano, literato do século XIX, dizia que o amor ao nacional e a inimizade pelo estrangeiro, com o tempo, foram relegados cada vez mais às classes baixas³⁷⁸ – o que justifica a especificidade das personagens retratadas nas lâminas que representam a Espanha. Dessa forma, o campo e a camponesa surgem como depositários do verdadeiramente nacional. Essa visão denota um entendimento estático da formação do “ser nacional”. A cidade e o mundo moderno mais suscetível às transformações, inclusive as estrangeiras, são vistos como contaminados.

Consoante a proposta do editor Miguel Guijarro, os litógrafos seguiram representando-as em seu cotidiano, enfatizando as vestimentas, funções, atividades e aspecto físico. Materializaram, na perspectiva iconográfica, o testemunho de um tempo, recordações, memórias e valores não só de uma geração, mas de um tempo histórico. Num tempo em que o progresso engendrava transformações e uniformizava indivíduos, subtraía particularidades e apresentava novos grupos humanos, as litografias cumpriam a função de guardar para a posteridade – através da memória visual - a particularidade de um povo e recordações de um tempo – que no caso da Espanha havia sido de glória e poder.

Três aspectos sobressaem na iconografia que representa a Espanha: são os ambientes, os trajés e atividades de mulheres comuns, pertencentes a este território. No conjunto de ilustrações dessas mulheres, não aparecem damas e senhoras pertencentes às classes sociais mais elevadas. Estas, habitantes das capitais e espaços urbanizados - expostos às idéias vindas de outros lugares, outras nações –, tiveram hábitos, usos, trajés e até mesmo o cotidiano transformados pelas concepções estrangeiras, transfigurando o que tinha de peculiar e específico dos valores e costumes espanhóis. Para María José e Pedro Voltes, o século XIX espanhol vivenciou a imposição do traje estrangeiro –

³⁷⁷ Assim define Eleutério Llofriu y Sagrera, mostrando que as tradições populares foram conservadas pela mulher alavesa; Manuel Valcárcel critica a unificação dos costumes e progresso como responsáveis pela perda da tradição, encontrada somente *en los pueblos*; Ramón Picó y Campamar também tece críticas ao estrangeirismo da moda e outros hábitos vindos de Paris, sendo a tradição e o caráter da nação encontrados *en los pueblos* e não nas capitais – em função do contato com outros lugares; Fernando Fulgoso alerta que campo e pequenas populações são os que conservam hábitos e costumes típicos da região com trajés peculiares e originais; Cayetano Rosell demonstra ser a campesina o exemplar genuíno de Guadalajara, justificando que os tipos mais autênticos são encontrados na “pobreza e falta de instrução”, e Adolfo Mentaberry entende que os tipos originais – tipos da antiga raça, vestimentas características, pintorescas, originais e elegantes - são encontrados somente onde a civilização moderna não entrou, como nos campos e aldeias. Volumes I e II pa parte textual que compõem a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas: La mujer de Alava, La mujer de Ávila, La mujer de las Baleares, La mujer de la Coruña, La mujer de Guadalajara* (referentes ao Tomo I) e *La mujer de Huelva*, (Tomo II), respectivamente.

³⁷⁸ GALDÓS, Pérez. Apud DÍAZ-PLAJA, Fernando. **La vida española en el siglo XIX**. Op. cit., p. 121.

francês ou inglês – sendo que a indumentária feminina basicamente passou a ser importada da França revolucionária.³⁷⁹

Olhando as composições litográficas referentes às províncias espanholas, o observador tem a oportunidade de conhecer e inteirar-se do cotidiano e ofícios exercidos por mulheres, além dos trajes e espaços territoriais. Uma particularidade das representações espanholas está no fato de que, nelas, as mulheres, via de regra, aparecem vinculadas ou exercendo algum tipo de trabalho. Interessante notar, entretanto, que não são as funções de mãe e esposa que caracterizam as litografias sobre a Espanha. As atividades ou funções figuradas nas imagens não correspondem àquelas estabelecidas socialmente como femininas, nem mesmo estão diretamente relacionadas ao âmbito doméstico ou à casa.

As representações imagéticas referentes à Espanha podem ser divididas da seguinte maneira:

Funções e atividades: *vendedora de pollos, labradora, pagesa, campesina, labradora de la huerta, Vaquera, panadera de Brijota, Charra, Vegas de pás – pasiega, criada de la capital, cosechera de seda, casera, menestrala de la capital;*

Condição: *la Emparedada, mujer del pueblo, Plebe, mujer Gitana;*

Lugares: *Hellin – Mancha alta, Valles de Becho y Ansó, Barrios bajos, Paleta, Barrio del Perchel en la capital de Málaga, Valle del Roncal, Puzol;*

Trajes e tipos: *traje de fiesta, castellanas de Salobral, labradora del Vallés, manchega, andaluza, Alcarreña, serrana de San Millan de Fuarros, labradora de los alrededores de Palma de Mallorca, Terraleza, Catalana, Riojana, asturiana.*³⁸⁰

Considerando outro aspecto, observa-se que estas litografias foram concebidas à semelhança de uma fotografia, com poses e planos que focalizam o objeto – a mulher – e dão perspectiva de aproximação e afastamento para os outros elementos que compõem a imagem. A multiplicidade de ambientes e locais representados despertam a atenção: foram retratadas em diversos espaços e lugares, como no campo, no interior e exterior de residências, em jardins, nas montanhas, no mar, num ateliê, entre outros lugares.

As cores utilizadas comparam e deleitam o observador pela multiplicidade de matizes, tonalidades fortes e harmonias marcantes em cada imagem. Segundo Michel Pastoureau, há funções e significados nas cores; como um produto cultural, elas

³⁷⁹ VOLTES, Pedro e JOSÉ, Maria. **Las mujeres en la historia de España**. Op. cit. p. 160.

³⁸⁰ Vide tabela de litografias, Apêndice III.

exprimem sentido num tempo, num espaço, numa determina civilização e em relação àquilo que se colore. Colorir pode significar mais do que aplicar cor a uma superfície, uma vez que a cor traz brilho, vida, movimento, enfeita, embeleza, torna original e sedutor. Para uma parcela de filósofos e antropólogos, a percepção que se tem não é de cor, mas sim de luz. Historicamente, as cores sucederam dos três polos da Antiguidade - branco, vermelho e preto – para uma nova ordem, com mais três cores – amarelo, verde e azul. Com a Revolução Industrial, o homem passou a ser capaz de fabricar outras cores, criar e fazer experiências com as tonalidades. Significou, de acordo com Pastoureau, uma alteração cultural de considerável alcance.³⁸¹

A perspectiva das cores remete a um dos elementos que compõem os traços da vestimenta espanhola, que sempre prezou pelo forte e abundante colorido. Com a adoção da moda estrangeira, a policromia que assinalava e tornava típico o vestuário feminino aos poucos foi sendo substituída por tonalidades mais claras e discretas. Pérez Galdós, literato da época, comenta em tom de lamento que as vestimentas caminhavam da natural alegria das cores para aquelas mais sóbrias, que eram a moda importada. A utilização dos tecidos coloridos e vibrantes, de acordo com Galdós, passou da aristocracia para a classe média e depois desta para o povo.³⁸² Não são muitas as perspectivas cromáticas utilizadas na coloração das litografias, mas destacam-se pela intensidade dos tons. Vermelho “forte”, preto, amarelo e branco são as mais recorrentes e que destacam as imagens, em especial as vestimentas, o que poderia denotar mais uma relação com as cores nacionais da Espanha (vermelho e amarelo). Em segundo lugar aparece uma variação de tons com as cores verde, azul e marrom.

Além da concepção iconográfica, das cores, ambientes e personagens, o outro elemento de destaque diz respeito às feições dessas mulheres. Qualquer que tenha sido a província espanhola retratada, todas, independentemente da função, espaço territorial, lugar ou atividade, apresentam semblantes ora circunspectos, ora sérios, ora resignados; poucas apresentam postura de altivez, e traços de sorriso inexistem nestas representações. Embora dignidade seja traço comum em todas elas, em algumas percebem-se olhares voltados ao longe, em outras melancólicos e até mesmo expressões de abatimento, que deixam ao observador a impressão de certa tristeza e pesar.

³⁸¹ PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Op. cit. pp. 14-15, 65-66.

³⁸² GALDÓS, Pérez. Apud DÍAZ-PLAJA, Fernando. **La vida española en el siglo XIX**. Op. cit., p. 81.

Este parece ser o caso da mulher que representa Almería (lit.28). Em alto mar, fazendo a travessia para algum lugar em uma embarcação pequena e precária, sentada sobre fardos enquanto um homem sem camisa a conduz, seu semblante denota tristeza. Ao fundo e ao longe é possível perceber as velas de um navio desaparecendo no mar. Embora em uma embarcação pouco adequada e mal acomodada, a mulher representada está bem vestida. Ressalta o tom vermelho da sua saia em contraposição com o verde da blusa. Uma *mantilla* branca, leve, compõe sua vestimenta. Em sua feição séria enquanto olha para o remador, é possível notar traços muito delicados em sua face. A luz é predominante nesta litografia. Michel Pastoureau revela que, na história simbólica das cores da cultura ocidental, entre os vários significados, o verde está ligado ao Destino, ademais de figurar de forma ambivalente: ao mesmo tempo em que traduz a cor da fortuna, pode ser também a do infortúnio; pode significar ventura mas também desventura.³⁸³



(lit. 28) *Provincia de Almeria*

Histórias são “contadas” através de todas as perspectivas dessas imagens e os artigos dos literatos conduzem o olhar daqueles que as examinam. No texto sobre

³⁸³ PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Op. cit. p. 157.

Almería, Antonio Alcalde Valladares faz referência à presença dos mouros e à expulsão dos árabes da região de Andaluzia.

*(...) en el primer tercio del siglo XII, cuando el rey moro Aly dispuso la expulsion de los muzárabes de toda Andalucía, por sus inteligencias y conspiraciones con los demas cristianos, las familias de Almeria se embarcaron en aquel puerto para Marruecos (...).Y aquellas hermosas mujeres, que iban mesclando sus lágrimas con las amargas olas del mar. Lloraban al perder de vista el suelo que meció su cuna, al separarse de los felices recuerdos de su querida patria (...)*³⁸⁴

Esta travessia dolorosa a que o autor se refere parece ser o sentido desta litografia. A expressão de tristeza, a embarcação inadequada para transporte de pessoas – principalmente em se tratando de uma mulher daquela época – e os fardos que sugerem ser os pertences da passageira levam o observador a “sentir” a dor de quem parte.

Entre tantas imagens que tocam os sentidos de quem as contempla, algumas foram escolhidas para figurar nesta pesquisa como representantes da concepção, característica e objetivo da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. As litografias analisadas congregam singularidades presentes nas representações visuais da Espanha, que imbricam cores, tipos, atividades, trajes e ambientes. A principal característica, no entanto, que as diferencia das representações dos outros espaços territoriais – América e Portugal – está no fato de que se constituem em mulheres comuns, simples, trabalhadoras, que representam e sustentam aspectos da tradição, hábitos e costumes espanhóis.

Trajes e atividades

A mulher que representa a Província de Palencia – *una panadera* – (lit.29), além da sisudez de sua expressão, foi retratada em tons escuros, que realçam o caráter circunspecto desta personagem. O preto é a cor predominante numa longa capa que cobre suas vestes, mas aparecem também a cor azul do vestido e a vermelha de um lenço que lhe cobre a cabeça. Conduz, por uma estrada, um animal – um pequeno cavalo – coberto com uma manta, indicando o cuidado e asseio com a mercadoria presa nas costas do mesmo. Entre os vários significados da cor preta, além de austeridade, luto e renúncia, estão também o da tristeza, solidão e melancolia, o que não passa incólume ao espectador da litografia.³⁸⁵

³⁸⁴ *La mujer de Almería*. p.64. Tomo I.

³⁸⁵ PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. pp. 141-142.

A *Vaqueira dos los alrededores de la Capital* constitui-se em uma das representantes da Província de Oviedo (lit.30). O destaque nesta imagem é para sua vestimenta e função. Litografada de perfil, em meio a uma pastagem, num terreno acidentado, com morros e barrancos, suas feições sugerem beleza mesclada com certa tristeza. Usa vestido vermelho com corpete preto, coberto por uma pequena capa também vermelha de barrado preto. Por baixo aparecem as mangas longas de uma camisa branca, sendo branco também o lenço que circula e cobre-lhe a cabeça. Como adereço, usa colares de pérolas. Traz em suas mãos uma vara – instrumento de trabalho – uma sombrinha e outro objeto, na cor marrom, que se assemelha a um cata-vento – provavelmente outro instrumento de trabalho - para orientar-se, conduzir os animais amparar-se na direção do vento. A vegetação é abundante na imagem – árvores e vegetação rasteira -, aspecto que faz referência à fertilidade da terra e do lugar. Dois animais bovinos pastam e descansam enquanto a vaqueira “posa” neste ambiente. Seu calçado é preto, delicadamente adornado com fivela dourada, e usa meias brancas. A litografia é executada harmoniosamente em todos os elementos... fortes e saudáveis, denotando uma sociedade harmoniosa e equilibrada.



(lit. 29) *Prov. de Palencia – Panadera de Grijota*



(lit. 30) *Vaqueira de los alrededores de la capital*

Uma atividade recorrente nas representações litográficas é a de lavradora. Por exemplo, veja a que simboliza a Província de *La Coruña*, uma *labradora de los alrededores de la capital* (lit.31). Ela traz em suas mãos instrumentos de trabalho que simbolizam a variedade de funções que exerce: uma vara, para cuidar de bois e vacas, e uma foice. O espaço em que se encontra é aberto, claro e traz várias características geográficas: morros em um canto da imagem, planície em outro e no meio um pequeno lago. Ajudam a compor o ambiente uma casa pequena, ao longe, um animal bovino, vegetação rasteira, tudo sob um céu azul e aberto. A lavradora, outro “assunto” da imagem, aparece em primeiro plano, possui pele alva e foi retratada de perfil, com vestido preto e vermelho e blusa branca, de mangas longas. Os sapatos são pretos e as meias brancas. No cabelo, trançado e preso, traz um pequeno lenço branco e delicado. Acha-se recostada em um barranco, ao lado de uma cesta contendo milho e capim, simbolizando os múltiplos encargos, com o campo e com a pecuária.



(lit. 31) *Labradora de los alrededores de la capital*



(lit.32) *Labradora de los alrededores de la capital*

A representação da Província de Huesca (lit.32) faz referência a uma geografia acidentada e sem vegetação. Considerando o aspecto desértico/árido, pedregoso, despossuído de natureza – de verde - e pelos jarros que a *labradora de los*

alrededores de la capital carrega consigo, pode-se considerar que a região seja carente no aspecto pluvial. A posição que a figura feminina ocupa na litografia é de quem está em deslocamento, pelo movimento das roupas e disposição dos pés, como quem vai – ou vem - da busca de água. Outros elementos ajudam a construir o visual da região, como um céu iluminado – sem sinais de nuvens -, horizonte azul, uma casa entremeada de pedras e uma pessoa ao longe, parecendo estar agachada, recolhendo alguma coisa – provavelmente água. A lavradora constitui-se em um tipo mais modesto e apresenta trajes mais rústicos que outras descritas. Exibe cabelos escuros, presos na altura da nuca e veste uma saia – ou vestido - não muito longa, num tom verde desbotado, deixando transparecer em barrados de duas outras peças, uma na cor vermelha e outra branca. Usa um avental cor-de-rosa, também sem viveza de cor. Na parte superior, traz uma camisa branca de mangas longas e uma *mantilla* vermelha, única peça - e cor - com tonalidade vívida na imagem. Entrevê-se sua pele branca pelo rosto, mãos e parte da perna desnuda - tornozelo. Calça uma sapatilha preta, com lacinho da mesma cor, sem nenhum outro adereço ou acompanhamento. Embora com semblante sério, não denota tristeza nem inconformidade. A peculiaridade do lugar somada ao tipo retratado revela e conserva aspectos, tipos e trajes de uma região marcada pela seca.

Indícios de penúria suscitam a litografia que apresenta a província de Álava, figurando uma *vendedora de pollos* (lit.33). A caracterização do ambiente é o espaço urbano, pobre e decrépito, apresentando construções antigas e um tanto deterioradas. Duas mulheres compõem a cena: uma mais jovem, de pele alva, traz um balde na cabeça e carrega um cesto debaixo do braço. Encontra-se descalça e veste trajes simples e multicoloridos: saia vermelha com barrado dourado, blusa preta - já sem brilho – adornada com largas golas bordô, lenço vermelho prendendo os cabelos atrás da cabeça, brincos da mesma cor e um avental azul, amarrado na cintura. Na cintura também transparece um pedaço de outro tecido, na tonalidade branca. A posição e movimento de uma das mãos sugerem tratar-se de uma compradora das aves expostas para venda. A senhora que as vende, mais velha, possui uma aparência rústica e revela pobreza. Traz um lenço branco descuidadamente amarrado em sua cabeça, um brinco preto como adereço e uma *mantilla* multicolorida – vermelho, amarelo e branco -, estampada em formas quadriculadas e listradas. A blusa é marrom, de mangas longas, a saia azul, da mesma cor da meia – frouxa e velha, assim como a sapatilha branca. Usa um avental longo, listrado e desbotado, onde sobressai a cor rosa. Encontra-se sentada em um cesto e faz algum trabalho manual com linhas, enquanto comercializa seu produto. O

desbotado, segundo Pastoureau, pode revelar a precariedade de condições e técnicas para o tingimento dos tecidos e também signo de pobreza e de peças utilizadas no trabalho.³⁸⁶ Nesta litografia - que representa um espaço urbano - decadência, pobreza, rusticidade e penúria não passam despercebidas ao observador que a contempla. Encanta pelas cores, ao mesmo tempo em que frustra pela condição das mulheres e do lugar retratados.

Sobre a Província de Toledo foi retratada uma *criada de la capital* (lit.34). Nesta litografia aparecem três mulheres, duas ao fundo, desfocadas, enchendo potes de água em um poço enquanto outra, em primeiro plano, segura jarros e olha para trás, como quem se afasta do local. Suas vestes são bem coloridas; uma saia longa vermelha, um avental verde, blusa de manga longa preta e *mantilla* da mesma cor, estampada com várias cores. Usa um lenço vermelho amarrado no pescoço e cabelos presos na nuca. Sua pele é alva, assim como parece ser a das outras que estão ao fundo. O ambiente em que se encontram sugere um lugar aberto, próximo a uma casa antiga. A vegetação é parca, há somente umas flores que sobem pela parede da casa até atingir o patamar de cima. Nesta litografia observa-se que o destaque está no tipo feminino que a imagem apresenta: a criada que busca água com seu traje singelo e peculiar.



(lit.33) Vendedora de pollos – Prov. de Alava



(lit.34) Criada de la capital – Prov. de Toledo

³⁸⁶ PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo: simbólica e sociedade.** pp. 70-71.

Trajes e ambientes

A Província de Orense (lit.35) evidencia-se pelas cores escuras, exceto pelo céu e horizonte, onde predominam um azul em tonalidade clara. A personagem, de perfil, aparece jovem, bela, com uma longa trança nos cabelos e brincos vermelhos. Para aquele que contempla o seu semblante, a sensação é de conformidade e pertencimento ao lugar. Nesta imagem o vestuário aparece em primeiro plano: o traje é delicado, embora prevaleça a cor preta da saia, adornada com barrado amarelo intenso e uma parte superior vermelha e preta, com rendas, que cobrem a camisa branca, de mangas longas. Um lenço branco, rendado, circunda seu pescoço; usa meias brancas e traz em seus pés um sapato preto, delicado, com pequeno salto e um laço para o enfeite. Posiciona-se sentada e encontra-se apoiada em uma cesta, em meio a uma vegetação baixa, disforme, em tons verdes e marrons muito escuros, enquanto olha para o horizonte. Nas proximidades evidencia-se uma notável casa – pelo tamanho e arquitetura - alusão à residência. Nesta litografia, personagem e ambiente estão em conformidade e complementam-se, retratando um espaço bucólico e tranquilo do território espanhol.



(lit. 35) *Província de Orense*



(lit. 36) *Província de Oviedo (Asturiana)*

A vestimenta e o ambiente também são destaques na imagem que apresenta a Província de Oviedo (lit.36). Nela estão representados a mulher asturiana e o campo - o espaço rural. Uma mulher séria e altiva posa ao lado de uma porteira de acesso a uma propriedade. Há uma natureza abundante, muitas árvores à frente e ao fundo da imagem e uma vegetação rasteira, que juntas fazem predominar tonalidades verdes – que entre seus significados está o da natureza, ecologia, saúde e liberdade.³⁸⁷ Quanto ao traje, embora simples no modelo, adornos e cores, ajuda a compor o caráter e o modo altivo como se apresenta: veste uma longa saia vermelha e camisa branca, de manga comprida. Vermelho também é o lenço que cobre sua cabeça e pretas as botas que calça. Uma grande *mantilla*, preto com franjas da mesma cor e rendas verdes, completa o visual singelo, porém belo desta mulher espanhola.

Trajes modestos, postura imponente e altivez marcam a mulher que representa a Província de Guipúzcoa (lit.37). Chama a atenção a vestimenta e as cores, semelhantes às de outras mulheres/lugares descritos: alternam as cores das peças, mas o modelo permanece muito parecido. Com exceção de um avental, branco com listras vermelhas na parte superior e inferior, as demais peças continuam as mesmas: vestido longo preto, camisa branca de mangas compridas e *mantilla* vermelha envolvendo o pescoço e amarrada na cintura. A sandália é delicada, em duas tonalidades de marrom, e usa meia branca. Esta mulher, em “pose frontal” e feições muito delicadas, segura um balde na cabeça e está cercada por ovelhas. Encontra-se em uma região bastante acidentada, de vales, perceptível pelas montanhas ao fundo e imperfeições do terreno onde se encontra. Os matizes foscos que colorem o horizonte e a natureza contribuem ainda mais para destacar o tipo feminino, comum, guipuzcoano.

A Província de Navarra (lit.38) está representada por uma mulher pertencente ao *Valle del Roncal*, pequena e de semblante circunspecto, cabelos negros longos e preso na altura da nuca, encostada em uma grande pedra, enquanto atrás de si entrevê-se o horizonte, marcado por montanhas e uma vegetação espessa e escura. Ao seu redor notam-se algumas flores rasteiras, pintadas e um tanto quanto disformes. Seu vestuário diferencia-se em modelo e cores das outras que foram descritas: a saia franzida e longa traz a cor bordô e a parte superior – um pequeno casaco - preta. Por baixo desta peça, bastante ajustada ao corpo e fechada na altura da cintura com cordões brancos, transparece outra branca, completamente bordada com múltiplas cores. Um

³⁸⁷ PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Op. cit. p. 157.

sapato preto e meias brancas completam o visual delicado mas austero, tal qual a sua feição e o ambiente em que se encontra.



(lit. 37) *Provincia de Guipuzcoa*



(lit. 38) *Prov. de Navarra – Valle del Roncal*

Três cores destacam-se nos vestuário das mulheres que representam as províncias espanholas, quais sejam, o vermelho – sangue –, o preto e o branco.

Branca é a cor das camisas que compõem o vestuário dessas mulheres – e camisas brancas denotam elegância. Também aparecem brancas as meias, alguns lenços da cabeça e adereços como avental e *mantilla*. Entre os significados e funções das cores, segundo Pastoureau, a cor branca encerra uma conotação social e moral. Afirma que durante muito tempo a roupa ou o tecido que tocassem o corpo deveriam ser brancos, por razões higiênicas, materiais e morais. Evoca também outros significados plenos de sentido no contexto das litografias, como pureza, simplicidade, discrição, paz e modéstia da aparência.³⁸⁸

³⁸⁸ PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Op. cit. pp. 42-43.

O preto pode ser a cor da morte, do luto, da infelicidade, tristeza e solidão, mas também representa a cor da elegância e da autoridade.³⁸⁹ A utilização dessas cores nos trajes das espanholas habitualmente está vinculada à beleza e elegância das suas vestimentas, e combina com a postura de dignidade e feições sérias. Vem, na maioria das vezes, composta com o vermelho, outra cor predominante e que atrai o olhar do observador – além de evidenciar a formosura da peça na cor em questão.

O vermelho, além de ser considerado a cor arquetípica, a primeira de todas as cores, simboliza a cor da marca e da distinção. Representando o luxo e a festa, na Idade Média era tida como a cor mais nobre, imperial, reservada à vestimenta da aristocracia – devido à grande quantidade de corante utilizado no tingimento dos tecidos para que tomassem uma cor intensa e pelo alto preço destes. Até o século XIX, na sociedade rural, vermelha era a cor da melhor vestimenta das mulheres.³⁹⁰ A cor vermelha nestas imagens, além de atrair a atenção do observador, também remete a aspectos da tradição dos lugares e trajes femininos retratados. Retomando a consideração de que a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* objetiva, através de textos e imagens de mulheres, contar um aspecto da história espanhola, referenciando um passado de glória e poder. A utilização do vermelho como cor da nobreza, da excelência e do luxo ratifica esta suposição porque traz, na cor das roupas e particularidades da indumentária, referências às origens espanholas.

As litografias oferecem prazer aos olhos pela beleza plástica, elaboram uma representação da história visual do território apresentado e convidam o observador a demorar-se sobre elas pela multiplicidade de cores, detalhes e as situações apresentadas.

A fração iconográfica que compõe a coleção analisada se inscreve na sensibilidade daquele momento histórico e responde às demandas - política, social, cultural - da segunda metade do século XIX, período em que foram produzidas. Expressam o imaginário e expectativas de um tempo e espaço, em um tempo e espaço.³⁹¹

³⁸⁹ PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Op. cit. pp.141-142.

³⁹⁰ Id. ibid. p. 160-162.

³⁹¹ Preocupado com o estudo das expressões visuais, Ulpiano Bezerra de Meneses entende que é necessário deslocar as fontes visuais para a visualidade como objeto, como dimensão importante da vida e dos processos sociais. A proposta de uma problemática visual está assentada na função cognitiva da imagem, que permite apreender uma concepção de mundo. MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol.23, n. 45, 2003. pp. 11-36.

Sobre a problemática das expressões visuais, Ulpiano Bezerra entende que é preciso situar as imagens em um contexto.

É a interação social que produz sentidos, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para dar existência social (sensorial) a sentidos e valores e fazê-los atuar.³⁹²

Pode-se considerar que as litografias desta coleção situam-se entre a capacidade de comunicação das mesmas numa temporalidade específica, sua intencionalidade e funcionalidade. Também podem ser consideradas como desejo de catarse, de colocar para fora algo que agita e perturba a alma.

As imagens que dão significado às províncias espanholas remetem às singularidades das suas origens, enfocando o específico e o peculiar nas mais variadas regiões. As mulheres representadas nas litografias aparecem desempenhando funções ou envolvidas em alguma atividade, mostrando que tanto aquela região quanto aquela determinada ocupação feminina constituem-se em importantes e representativos aspectos do caráter nacional hispânico. No mesmo sentido, configuram-se em uma forma de tocar os imaginários sociais - através da representação iconográfica - no que diz respeito aos trajes, hábitos e costumes de uma parcela das mulheres espanholas, representantes das tradições deste território nacional.

Como apresentado, a Espanha na segunda metade dos oitocentos vivenciou um período de intensos conflitos políticos, ao mesmo tempo em que estiveram pungentes questões que tocavam na problemática do caráter nacional espanhol. É preciso considerar que este território, neste período, ainda era considerado como o baluarte do conservadorismo, pois muito marcante e com muita influência ali eram o catolicismo e o absolutismo (na figura dos remanescentes dos Bourbons).³⁹³ Por esse motivo, as questões que envolviam a nova conjuntura política, em decorrência da nova ordem mundial, absorveram parte do tempo e de reflexões sobre a configuração do novo “ser nacional”, ou seja, dos novos tipos sociais que entravam em cena. A segunda

³⁹² MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. Op. cit. p. 28.

³⁹³ Sobre essa questão, Eric Hobsbawm relativiza tal afirmação dizendo que a Espanha do século XIX não inovava em termos de progresso ideológico; no entanto, atribuir o rótulo Estado-nação a ela não seria totalmente incorreto. Para ele, a Grã Bretanha ou a França, no século XVIII, como Estados-nação não diferiam do que foi a Espanha no século XIX. HOBBSAWM, Eric. J. A nação como novidade: da revolução ao liberalismo. In: **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Op. cit. pp.27 – 61.

metade do dezenove, na Espanha, constituiu-se em um período de “auto-reflexão nacional”, conscientização, organização e elaboração das novidades e transformações que a modernidade empreendia. Há que se considerar que mudar, transformar pode ser desejado mas ao mesmo tempo temido, pois mexe com o conhecido, com o lugar comum. Repensar um espaço social, transformar posturas, práticas e conceitos já estabelecidos torna-se algo complicado, não só ao ameaçar o lugar de uma nobreza – secularmente adquirido -, mas também ao tocar na essência, no “ser” daqueles indivíduos daquele espaço social constituído.

A coleção tomada como objeto e tema nesta pesquisa, periódicos e outros tipos de publicações e produção material serviram ao propósito de tocar os imaginários no que diz respeito às novidades e mudanças que esse novo momento propunha. O destaque para *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* está na temática – mulheres – e o sentido político que a obra desvela. A simbologia feminina constituiu-se em uma forma singular de imergir no imaginário político da Espanha pelo significado e sentido da sua representação: altruísmo, fecundidade e abnegação. Além de configurarem-se em signos da concepção, criação e desenvolvimento de uma nova sociedade – por gerar, cuidar e educar –, também representavam os novos tipos sociais que começavam a alterar a dinâmica das nações, pois também elas passavam a pertencer e tanger os rumos da história da humanidade.

Considerações finais

A coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* encanta pela concepção, tema e beleza estética. O exemplar brasileiro encontra-se acervado na Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, composto por quatro volumes, sendo três com textos monográficos e outro com imagens litográficas. Na forma como foi comercializada na Espanha, a parte iconográfica era adquirida à parte, sem encadernação, ficando à escolha do consumidor levar ou não as litografias ou até mesmo selecionar somente algumas. No caso do Brasil, a totalidade das litografias acabaram compondo a coleção, e foram organizadas em forma de álbum. De acordo com Marie-Linda Ortega –, devido ao aspecto agradável e gracioso das imagens –, estas acabavam, muitas vezes, sendo utilizadas como decoração em salões ou residências.³⁹⁴ A beleza das composições litográficas consiste em algo inquestionável. São produções coloridas – portanto denominadas cromolitografias – e prendem o olhar do observador pela intensidade das cores, habilidade técnica e possibilidades de interpretação e atribuição de sentidos.

Este estudo procurou apresentar a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* na sua materialidade, na proposta editorial, no sentido político e social, nos conteúdos, temas e significados naquele tempo e espaço nacional. Buscou conhecer aspectos da sociedade espanhola no final do século XIX.³⁹⁵ Ao contextualizá-la, apresentá-la e analisá-la, justificou-se a utilização da obra nesta pesquisa como fonte e objeto, apresentada nas singularidades e especificidades simbólicas. Esta característica do trabalho recorda Nestor Canclini num estudo sobre a função social da arte, embora seja importante lembrar que nesta pesquisa a coleção estudada não foi tomada como arte. Para ele, a arte pode contribuir para o conhecimento da sociedade. Para definir seu contexto social, é preciso situá-la em seu ambiente, ou seja, determinar o contexto ao qual ela se vincula; o caráter dessa vinculação; as semelhanças e diferenças dos fatos artísticos em relação aos demais fatos sociais; em que medida é deformada pelos seus condicionamentos; de que forma age sobre tais condicionamentos e produz um conhecimento efetivo; as determinações socioeconômicas que agem sobre ela e os aspectos inconscientes e afetivos perceptíveis

³⁹⁴ ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo**. Op. cit. pp. 151-163.

³⁹⁵ Somente depois de perceber que não era mesmo a América que figurava em suas linguagens.

na sua produção.³⁹⁶ A coleção analisada configurou-se em produção expressiva, marcante e carregada de potencial comunicativo, que dá visibilidade a uma noção de mundo, possui uma função política, além de constituir-se em uma bela e instigante publicação. Assim, conjecturou-se que as imagens e perfis construídos “fazem/fizeram falar sentidos”, além de tocar no gosto e na sensibilidade de homens e mulheres daquele momento.³⁹⁷

A procura e o “encontro com a fonte” expôs a presunção – ou falta de noção – da pesquisadora na busca incessante por uma produção material – fonte – que harmonizasse temas que lhes eram apazíveis: mulheres, América, século XIX e imagens. No entanto, mediante uma busca combinada no setor de iconografia da citada instituição, aconteceu o “tão esperado encontro”. *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* retrata o último terço dos oitocentos, apresentando espaços territoriais na Espanha, América e Portugal através de representações simbólicas de mulheres, fazendo uso das linguagens escrita e imagética.

Esta obra caracteriza-se como uma produção *costumbrista*. O *costumbrismo* representou um gênero literário muito utilizado na literatura, teatro e artes plásticas deste século na Espanha, por retratar aspectos comuns do cotidiano e da vida dos indivíduos, como trajes, hábitos, costumes, práticas, lugares e modos de ser. Além do caráter estético, sugere uma conotação política ao tocar em questões nacionais – apresenta traços e singularidades de indivíduos, espaços e realidades sociais. Alguns autores reiteram essa discussão ao analisar produções *costumbristas* que primam por exaltar a pátria em seus aspectos tradicionais, arcaicos e do trabalho,³⁹⁸ enquanto outros

³⁹⁶ CANCLINI, Néstor García. **A produção simbólica**: teoria e metodologia em sociologia da arte. Tradução de Glória Rodríguez. RJ: Editora Civilização Brasileira, 1979. pp. 40-41.

³⁹⁷ Sobre a forma como as imagens fazem falar sentido, ver SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **O tempo e as imagens de mídia**: capas de revistas como signo de um olhar contemporâneo. Tese (doutorado) - UNESP, Campus de Assis, 2003. p. 19. Para Ana Cristina Teodoro da Silva, as imagens contribuem para a constante reformulação dos imaginários e da memória histórica. Estudando capas da Revista *Veja* e *Manchete* da década de 1960 e *Veja* e *Isto é Senhor*, da década de 1980, chama a atenção para o uso que a mídia fez das imagens, transformando-as em notícia, informação e mercadoria. "As capas fazem falar sentidos", argumenta, pois ao mesmo tempo em que estão investidas de um potencial comunicativo, são também estimulantes de olhares. Colocadas dessa forma, vinculam-se também ao exercício da política, ao tocar os imaginários. A autora propõe a análise das imagens através de uma outra temporalidade, gerando outros sentidos a elas, recolocando nas mensagens sua filiação de linguagem.

³⁹⁸ TRENC BALLESTER, Eliseo. *Costumbrismo, realismo y naturalismo en la pintura Catalana de la restauración (1880-1893)*. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Op. cit.

referendam as tendências romântica e social na criação de tipos, personagens e situações, enraizadas no espírito regional e popular.³⁹⁹

Este gênero não figurou sozinho. Esteve imbricado a outros movimentos literários de caráter político e social, entre eles o romantismo. O estilo romântico, na Espanha, esteve vinculado ao fenômeno nacionalista configurando-se em um meio de expressão das questões históricas, políticas e humanas dessa nação.⁴⁰⁰ Considerados por esta perspectiva, denota-se uma simbiose entre esse movimento e a estética *costumbrista*.

Presente na literatura assim como na produção iconográfica, na coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* este gênero “*costumbrista-romântico*” perspectivou as formas textuais e imagéticas que constituíram a obra. Tantas as litografias como as composições monográficas descreveram e representaram espaços territoriais, lugares, ambientes, perfis femininos; destacaram modelos, hábitos, vestimentas, aspectos morais e físicos de mulheres, revelando tradições, singularidades e modelos característicos da nação espanhola. Neste momento foi descoberto que na “busca pela América” encontrou-se com a Espanha. A concepção editorial, composição gráfica, organização interna, colaboradores e conteúdos da obra não só representaram um olhar espanhol – para o seu e os outros territórios – assim como traduziram, nas diversas linguagens utilizadas, uma história imperial, de poder e glória desta nação. Signos, símbolos e discursos remeteram à Espanha, mesmo quando se tratou de espaços americanos ou portugueses.

Outro vestígio de que o discurso da coleção encontra-se voltado para a própria nação que a produziu objetivando “contar a sua história” está no panorama ideológico que caracteriza a obra, qual seja, o hispanismo. O princípio hispanista configura-se em uma ideologia – fortalecido na perspectiva imperial – que se ancora na defesa de experiências comuns justificadas pelas relações culturais entre Espanha e América, projetando nos imaginários sociais a idéia de um “regime espiritual hispânico”. É preciso, no entanto, considerar o enredo político do século XIX espanhol para entender o contexto desse discurso ideológico nessa nação.

Após perder o poder político, econômico e militar que possuía na América – menos em Cuba, que se tornou independente somente no final do século, em 1898 –, a

³⁹⁹ MERCADER RIBA, Juan. *El siglo XIX: historia de la cultura española*. Op. cit.

⁴⁰⁰ BIRUTÉ, Ciplijauskaitė. El romanticismo como hipotexto em el realismo. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). *Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX*. Op. cit.

Espanha tratou de criar um novo discurso de pertencimento e reconhecimento das ex-colônias, pautando-se numa identidade hispânica como forma de justificar sua tutela sobre esses territórios recém-independentes. Sob a marca da tradição espanhola como cultura, história, tradições, religião e língua, esse discurso propagou-se pela Espanha e fez eco entre intelectuais na América. Para Ricardo Pérez Montfort,

*(...) El hispanismo se basa en un principio que plantea la existencia de una 'gran familia' o 'comunidad' o 'raza' trasatlántica que distingue a todos los pueblos que en un momento de su historia pertenecieron a la corona española. Esta identidad hispanica descansa en la convicción de que los españoles desarrollaron, en su proceso de formación como império, una serie de formas de vida y de cultura propias que los diferencian claramente de otros pueblos del orbe.*⁴⁰¹

Montfort explicita que, além de defender a tradição espanhola, tal ideário negava os valores das culturas nativas americanas e influências de outros países, como da França, Inglaterra e principalmente dos Estados Unidos – que já conduziam seu olhar para toda a extensão do território americano.⁴⁰² O pensamento hispanista remete à problemática nacional espanhola no sentido de evidenciar e ao mesmo tempo retomar um espaço de poder e reconhecimento que outrora havia ocupado na Europa.⁴⁰³

Além de o discurso hispânico permear a obra, foram percebidos, no decorrer do trabalho, indícios que levavam ao fato de que a coleção, além de caracterizar e disseminar esse ideal, constituiu-se em produtora e conformadora desse ideário. Juntamente a outras produções literárias – principalmente periódicos –, *Las mujeres*

⁴⁰¹ MONTFORT, Ricardo Pérez. **Hispanismo y Falange**: los sueños imperiales de la derecha española. México: Op. cit. p. 15.

⁴⁰² De acordo com Montfort, depois da Primeira Guerra Mundial os hispanistas consideraram os EUA o mais perigoso inimigo da tradição espanhola. MONTFORT, Ricardo Pérez. Op. cit., p. 19. Cabe lembrar que o hispanismo como ideologia intensificou-se nos últimos anos do século XIX, com as perdas das últimas colônias na América pela Espanha, e adentrou o século XX com importantes defensores desse pensamento tanto na Espanha como na América. Alguns intelectuais conhecidos são Rafael Altamira y Crevea, José Maria Pemán, Ramiro de Maeztu, Marcelino Menendez y Pelayo entre outros. Até mesmo Gilberto Freyre foi um pensador influenciado pelas questões do hispanismo, como demonstra Elide Rugai Bastos. BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico**: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno. Op. cit.

⁴⁰³ Elide Rugai Bastos lembra que temas como regionalismo, unidade social e política, a questão da unidade cultural e configuração do povo constituíam-se em desafios para os intelectuais espanhóis. Afirma que as crises do século XIX os levaram a buscar apoio em teorias que fundamentassem mudanças de ordem política, econômica e social, mesmo que importadas, como foi o caso do krausismo. Sobre o Krausismo, explica que o problema com esta perspectiva – e de toda teoria importada – é que este(s) desconhece(m) especificidades do pensamento revolucionário do espaço territorial que o importa. BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico**: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno. Op. cit. pp. 12-21. José Luis Bendicho Beired explicita que o hispanismo - este ideário que se constituiu em fenômeno de defesa de uma identidade comum entre Espanha e ex-colônias -, pautou discussões nos variados campos como o da construção das identidades nacionais, das polêmicas político-culturais, historiografia, relações internacionais e construção da memória nacional. Beired, José Luis Bendicho. Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas In: **VII Encontro Internacional da ANPHLAC**. Op. cit., p. 1.

españolas, portuguesas y americanas –, pela concepção editorial, pelo caráter dos discursos e conteúdo das narrativas imagéticas e textuais –, ajudou a criar imagens e noções que remetiam à idéia de poder e imprescindibilidade da nação espanhola. Se o declínio político e econômico, naquele momento, impedia-na de manifestar poder imperial, o mesmo já não acontecia com a influência cultural. Essa publicação primou por evidenciar e revelar a Espanha retomando um passado de poder e glória e enunciar sua presença através das características culturais que configuraram as ex-colônias, assim como os aspectos da tradição, singularidades, hábitos e costumes ainda presentes no próprio território.

A temática da coleção, ao mesmo tempo em que encantou pela beleza, intrigou pelo fato de constituir-se em representações simbólicas de mulheres. O século XIX apresentou-se como um período rico no tocante às discussões que envolveram o feminino; por um lado a emergência história das mulheres, como bem lembraram Geneviève Fraisse e Michelle Perrot⁴⁰⁴, pois não havia mais como negar a presença dessas personagens na história da humanidade e, por outro, pelos significados que a simbologia feminina capitalizava. Imagens de mulheres tocavam os gostos, evocavam beleza e constituíam-se em uma multiplicidade de significados, como virtude, maternidade, generosidade, altruísmo, cuidado, entre outros.

Mas as narrativas idealizadas sobre as mulheres possuíam o sentido de construir modelos e padrões e estabelecer espaços e funções nos oitocentos. Contaram com uma gama de discursos advindos, por exemplo, da medicina – controle do corpo feminino através da divulgação dos conhecimentos científicos pelo médico da família –, da igreja – com seu discurso de emancipação que, ao reconhecê-las, atribuía-lhes poderes que as circunscreviam no âmbito privado, tirando as possibilidades de figurar também no espaço público – e da doutrina positivista, que além de referendar a dualidade dos discursos – idéias que sempre estiveram marcadas por uma conotação de reconhecimento, enaltecimento e valorização – sobrevalorizou a dupla moral social e sexual.

No final do século XIX, a simbologia feminina marcou de forma indelével os imaginários, em especial no tocante às questões concernentes à caracterização dos novos espaços nacionais. Nesta publicação estudada, foram encontradas representações simbólicas de mulheres que personificaram e deram vida a espaços territoriais, em um

⁴⁰⁴ FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Op. cit.

momento de reconfiguração política e social. Novos indivíduos entravam em cena e fazia-se mister incluí-los; a simbólica feminina, nesta coleção, figurou como catalisadora desses personagens em ascensão. Como lembra Martine Joly, “(...) as imagens não são as coisas que representam, elas se servem das coisas para falar de outra coisa.”⁴⁰⁵

As linguagens iconográfica e textual que caracterizam a coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* e que elaboram discursos sobre o feminino, oferecem a ela outra especificidade, qual seja, a distinção entre os conteúdos que apresentam a Espanha e os que apresentam a América. As escritas monográficas que abordaram espaços territoriais espanhóis ancoraram-se nas noções e representações idealizadas de mulheres para assinalar as simbologias das diversas províncias retratadas. Foram descritas mulheres em sua beleza física e moral, fecundas e maternais, dedicadas à família – pais, filhos e esposo –, religiosas, educadoras e amantes da pátria. As litografias – espanholas – retrataram mulheres comuns das diferentes províncias, representadas em ambientes e espaços singulares, nas mais variadas funções e atividades, mas principalmente, foram colocados em evidência os trajes tradicionais, ainda não transformados – ou tocados – pela influência dos modelos franceses – em função das transformações que o progresso empreendia – que unificavam as vestimentas, como já estava acontecendo nos espaços urbanos. A representação de mulheres comuns, nos campos ou em lugares que ficavam à margem das cidades significou exibir originalidade, tradição e permanência de hábitos e costumes espanhóis. Esta perspectiva também está presente no textos ou litografias que narraram sobre a América. Porém, para manifestar esta semelhança, observou-se que os conteúdos dos textos e as representações simbólicas de mulheres americanas partiam de outro pressuposto argumentativo. Nos artigos, foram os territórios, os espaços geográficos, a história e a política destacados. No tocante às mulheres americanas, depois de mencionadas as nativas e mestiças, apareceram consideradas, enaltecidas e elevadas as mulheres brancas com marcas físicas e civilizacionais espanholas. As cromolitografias referenciaram mulheres nobres, com hábitos, costumes e trajes aristocráticos, retratadas em ambientes sofisticados, luxuosamente mobiliados e ornamentados, fazendo referência direta à descendência e influência hispânica.

⁴⁰⁵ JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Op. cit., p. 84.

Considerando as especificidades no tocante à forma como foram abordados e direcionados os temas dentro da coleção, percebeu-se que, embora as linguagens tenham evidenciado conteúdos distintos para Espanha e América, elas buscaram focalizar pontos de semelhança e fazer analogias entre os dois espaços territoriais. Lembrando François Hartog, “(...) dizer o outro, enfim, é muito evidentemente uma forma de falar de nós (...)”⁴⁰⁶. Em síntese, além de ancorar-se em dessemelhanças, ambos remeteram a uma mesma concepção, ou seja, singularidades sobre a origem e tradição, elementos que assinalaram e salientaram o caráter nacional espanhol.

A concepção dessa coleção exhibe simetria e conformidade: época de produção, modelo e proposta editorial, escolha do tema, duplicidade de linguagens, natureza estética, pressuposto ideológico e destaque a conteúdos distintos. Tal qual uma orquestra – caracterizada por um complexo de instrumentos e músicos que produzem um conjunto de sons harmoniosos – ela propagou “sons” do seu passado magnânimo, regendo experiências imperiais, caracteres peculiares, histórias de conteúdo epopéico e signos espanhóis. Por registrar o indivíduo hispânico, a problemática nacional espanhola pautou e definiu o conteúdo e contexto de *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

⁴⁰⁶ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Op. cit. p. 365.

Apêndices

Apêndice I

Sínteses dos artigos que compõem os três volumes monográficos

ESPAÑA

La mujer de Alava

Autor: D. Antonio de Trueba

Trueba seguiu a proposta do editor e orientação da obra: descreveu a mulher alavesa concentrando-se no aspecto físico e moral; não elegeu descrição de trajes, cor e/ou raça. Destaca no início do texto que o solo onde nasce um indivíduo influencia-o no aspecto físico e no moral (por isso historiciza o lugar), e complementa descrevendo a natureza/geografia/topografia/história populacional e política da província. Várias são as imagens que o autor apresenta sobre as mulheres – a começar por aquelas que definem o gênero feminino. Descreve-as como formosa metade do gênero humano e que o evangelho emancipou – referências a diversas passagens bíblicas. As diferenças entre homens e mulheres, ressalta, são estabelecidas pela natureza: na primeira idade da mulher, a natureza ensina, antes mesmo de raciocinar, o sagrado destino da maternidade – destaque para o instinto maternal e a criança como simulacro de uma verdadeira mãe. A santa ocupação da mulher constitui-se em amar, rezar, trabalhar, diz. Em Alava, as uniões matrimoniais são baseadas no amor, família e fecundidade da terra. Trueba finaliza ressaltando a Espanha como referência, a metade do mundo iluminada pelo evangelho – devido à religião católica.

La mujer de Albacete

Autor: D. Francisco Perez Echevarría

Echevarría, em meio a críticas a Proudhon, ao medo do socialismo e da Comuna de Paris – que para ele é responsável pelas liberdades que corrompem a moral de homens e mulheres –, traz em seu texto muitas características de Albacete para explicar/mostrar a mulher dessa província. Apresentou as suas diferenças e peculiaridades – classe social, postura, trabalho, trajes, costume – além das características do espaço territorial. As “damas da sociedade” não pertencem a uma “verdadeira” aristocracia, ressalta, pois esta já não existe mais – há classes acomodadas e outras mais humildes. Também para este literato a mulher constitui-se na mais bela metade do gênero humano. Migrou do “estado de coisa”, como era considerada no passado, para a imprescindibilidade e influência nos destinos da humanidade. Echevarría lembra que houve uma mudança de pensamento e concepção sobre o feminino. Destaca a relação entre está e a glória da nação, na Espanha, e cita como exemplo Isabel, a católica (Espanha: mulher↔pátria↔nação). A América, para ele, só existe por causa dela. Quanto às mulheres alavesas, são descritas como honradas, respeitadas, dignas, virtuosas, formosas, com feições proporcionais e perfeitas. Assim define seu trabalho: *“Hemos pretendido trazar à grandes rasgos la mujer de la Provincia de Albacete en sus condiciones físicas, morales é intelectuales, y en sus condiciones sociales. Faltanos añadir lo que es en el hogar y en el templo; pero esta definición está hecha con decir que es buena esposa, buena madre y buena cristiana.”* (p.36, Tomo I)

La mujer de Alicante

Autor: D. Eleutério Llofriú Y Sagrera

Llofriú Y Sagrera nutre especial admiração pelas mães. Relaciona educação formal da mulher e transformação material da sociedade e justifica que mães ignorantes de civilização não propiciam tal benesse aos filhos. Utiliza em sua monografia algumas passagens históricas para exemplificar o tipo altruísta, belo e virtuoso da mulher alicantina. Refere-se também ao aspecto religioso dessas mulheres e elenca vários povoados pertencentes a esta província. Para mostrar as diferenças, destaca as características exóticas. No decorrer do texto, mantém-se bastante minucioso e cuidadoso para com os detalhes e a apresentação da diversidade de usos, costumes e tipos característicos da Província de Alicante. A influência do povo árabe, seja no tipo físico ou nos costumes, não aparece como um problema para este autor e outros que produziram os artigos que compuseram a obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Entre as primeiras idéias que expõe, está a de que a geografia e o lugar definem homens e mulheres e que a mulher constitui-se na “formosa metade do gênero humano”. Em relação às diferenças sociais, destaca três tipos de classe social: a mulher de elevada posição social, a mulher de classe média e *la mujer del pueblo*. Destaque importante nas observações de Llofriú y Sagrera é para o fato de que estas são responsáveis pela perpetuação das tradições populares, exemplos de altruísmo e de patriotismo – sacrificam a vida pelos filhos e pela pátria. Enfatiza a maternidade e a mulher-mãe como eixo, base – tudo passa pelas mães. Argumenta que cabe a elas todo o desenvolvimento, progresso e transformação de uma sociedade e que propiciam aos seus filhos sentimentos, gostos e aspirações – a mãe alicantina constitui-se em deixar produtora de heróis. A educação – e a instrução formal para mulheres – configura-se em importante plataforma para este autor, pois considera que a mulher e a educação são imbricados, sendo que o caráter e as condições de uma sociedade dependem dela. Em Alicante, diz, percebe-se o espírito voltado ao progresso material e moral do país.

La mujer de Almería

Autor: D. Antonio Alcalde Valladares

Valladares divide seu artigo em três tempos: passado, presente e futuro. Em “passado”, aborda a história de Almería, desde os antepassados, a topografia e dá algumas pinceladas nos usos, costumes, aspectos físico e moral das mulheres dessa época. No item “presente” é que se detém no tema propriamente dito. Em “*porvenir*”, traça um paralelo com o “ceticismo engravado na metade dos corações” da época presente e, tal qual um profeta, anuncia a prosperidade “ao invés de chorar sobre as ruínas da Espanha”. Defende a idéia de que pelo trabalho se chega a uma alma perfeita, e se espantam todos os males dos vícios; às mulheres cabe esta transformação. Eleva a figura da mulher-mãe: “*Las mujeres son más que los ángeles, porque son madres (...)*” (p. 66, Tomo I), e cita Castelar e Cervantes para enobrecer a figura materna. No seu texto, as diferenças são divididas entre costumes e hábitos das mulheres da fina sociedade - a “verdadeira dama”, iguais às de Madri – e as de classe baixa. Estas últimas – *Mujer del pueblo* – pertencem quase ao último grau da sociedade. Possuem traços físicos árabes, conservam a dignidade e pureza, são descuidadas e vestem-se em trajes sem luxo. São retratadas como pouco civilizadas – desde o passado até a atualidade. A mulher típica de Almería está num meio termo entre a da aristocracia e a *del pueblo*: formosa e

idealizada pelos encantos da tradição, só não é comparável à “boa dama da sociedade”. Vestem trajes correspondentes à originalidade de seu tipo, são trabalhadoras, honradas e adoradoras da *Virgen del mar*. Assim as define: “*Mujeres de esta pureza y sencillez, dotadas de esta religiosidad é impregnadas en tan sanas creencias, excusado es decir que como madres y como hijas son modelos de prudencia, de abnegacion y virtud; (...) virginal candor, celestial inocencia (...). (...) Almería es el pais clásico da honradez.*” (p. 72, Tomo I).

La mujer de Ávila

Autor: D. Manuel Valcárcel

Valcárcel refere-se em seu texto, por mais de uma vez, ao leitor, no masculino, identificando o receptor da obra com o homem. Para ele, a mulher é o grande fundamento da sociedade: os homens fazem as leis e as mulheres os costumes. Analisá-las é o mesmo que entender os elementos que constituem a história e a maneira de ser “do país” – está se referindo à Espanha. O autor não trata dos aspectos políticos nem geográficos, e sim, descreve costumes – matrimônios, enterros, batizados, parto. O destaque é para as tradições que estão se perdendo com a unificação que a civilização traz. O objetivo da obra é procurar e demonstrar costumes e trajes característicos, o que considera uma grande dificuldade, pois, na contemporaneidade, a civilização submeteu as regiões à monotonia dos tipos, e desapareceram as particularidades. A tirania da moda, observa, unificou a todos, transformando o tipo nacional. Argumenta que algumas tradições ainda podem ser encontradas em *los pueblos*. No geral e em outros aspectos, as avilesas mostram-se enamoradas, ternas, sensíveis, possuem doces atrativos como os olhos amorosos.

La mujer de Badajoz

Autor: D. Angel Aviles

Aviles entende que a condição do solo marca poderosamente a inclinação dos indivíduos – a alimentação influencia o desenvolvimento físico e o caráter. Entende também que a mulher possui ascendência sobre os atos dos homens e que estes só são heróis porque foram formados por mulheres, pois “o caráter do homem tem como raiz a mulher” (conta que a retomada da Espanha em 1807 deveu-se à iniciativa de uma mulher). Sobre a Província de Badajoz, destaca a presença dos árabes, o aspecto histórico e geográfico na região. Aviles exalta o quadrimônio formador da nação – sempre tendo a mulher e mãe como base: educação↔sociedade↔família↔pátria. Como exemplo, cita a Rainha Isabel, que, segundo este autor, moralizou e adoçou os costumes dos espanhóis. Apresentando as mulheres de Badajoz, descreve-as como distintas mães e esposas, ternas, honradas, religiosas – sem fanatismo –, carinhosas, obedientes e fecundas. Fisicamente, mostra-as belas e graciosas, exemplo do “tipo verdadeiramente espanhol”, e boas conselheiras em momentos de crise. As distinções sociais de classe estão baseadas na mulher nobre e na *mujer del pueblo*. Defendendo ser a família “âncora salvadora da sociedade”, baseada no poder feminino, observa a importância da educação para a mulher, e sua respectiva contribuição na reorganização social – o futuro da sociedade depende da mulher educada, civilizada. Sobre a relação mulher↔família, escreve: “*instruccion es, pues, lo que hoy necesita la mujer de Badajoz para brillar al lado de las mujeres que más valen en el mundo.*” (...) *La mujer de Badajoz está llamada á influir poderosamente en el porvenir de España, pues en su seno quizá salgan hombres que darán dias de gloria á la pátria, (...)*” (p. 105, Tomo I).

La mujer de Las Baleares

Autor: D. Ramon Picó y Campamar

Pico y Campamar, assim como outros autores, escreve para leitores no masculino, sem especificar o gênero do receptor. Ressente-se pelo que chama de “ vaidade luxuosa da civilização espanhola, um inconveniente da presente vida social”. O destaque neste autor é para o que chama de estrangeirismo, moda e outros hábitos que vêm de Paris. Entende que a “ verdadeira” mallorquina está *en los pueblos*. Antes de entrar propriamente no assunto, convida o leitor para um passeio até as “ encantadas Ilhas Baleares”, através da história e apresentação da Ilha de Mallorca. Por ser natural dali, o escritor fala com muito carinho e admiração sobre o lugar. Característica na monografia de Picó y Campamar são os indícios de nacionalismo: “ amor pela pátria, amor pelo lugar em que nasceu...”. Indica a influência dos árabes nas formas e características físicas e apresenta trajes, hábitos e costumes - casamento, bailes, músicas, funeral, vestimentas. Finaliza seu texto com o que considera ser o último ato referente aos costumes do povo: o funeral. Argumenta que o caráter das nações está *en los pueblos* e não nas capitais, pois a comunicação com outros lugares leva à uniformização. Neste espaço territorial, onde a mulher apresenta-se como anjo da família – onde o homem não seria nada sem ela –, elas gostam de músicas e de bailes. Configuram-se em mulheres amorosas, boas esposas e mães de família, virtuosas e que, com muita paciência e inteligência, resolvem os problemas e acalmam os maridos em momentos de aflição e desgosto.

La mujer de Barcelona

Autor: D. Juan Mañé y Flaquer

Mañé y Flaquer, referindo-se aos leitores e *sobre todo a las lectoras*, introduz o artigo abordando o assunto da divisão político-geográfica da região. Para ele, a Espanha caracteriza-se por um conjunto, uma federação de raças distintas onde nenhum povoado se destaca. Por pertencer à região da Catalunia, considera que não existe o tipo barcelonês, sendo que as diferenças devem ser observadas num contexto maior, ou seja, no regional. Fica, nas entrelinhas, certa crítica à forma como foi idealizada a obra - por províncias e não por região. Parece ao autor que, para tratar do tema – retratar diferenças e tipos –, seria mais profícuo agrupá-los por região. Duas questões chamam a atenção na composição deste texto: a preocupação com a língua local – e o fato de não ser falado o castelhano na região da Catalunia (diz que ali é utilizada uma espécie de língua franca) – e a oposição às transformações que o progresso vem empreendendo, principalmente na vida, hábitos, trajes e costumes das mulheres. Quanto à língua dos catalães, relata a correspondência direta entre os pensamentos, vivências, cultura, ambiente e o advento do progresso. No tocante à modernidade, nota aspectos negativos na condição das jornaleiras das fábricas – são infelizes, degradadas, cruéis. “ *No me propongo reformar la sociedad: no me opongo a ningun progreso: no pretendo cambiar las condiciones de la industria moderna; pero creo firmemente que Dios, al criar la mujer, no la destinó a llevar la vida que llevan esas infelices, que no son las compañeras, sino las hembras de los hombres de su clase, a quienes, en vez de dulcificarlas la existencia y moderarles el caracter, no pueden ni saben sino hacerles mas infelices, siendolo ellas a la vez.*” (p. 143, Tomo I) Observa que as mulheres não apresentam grande beleza e possuem algo de viril embora sejam boas moças.

Constituem-se em mulheres aguerridas e lutadores em período de guerra – vão a campo e são mais fiéis, discretas e confiáveis que os homens. Destacam-se pela integridade de caráter, responsabilidade na educação da família e pelo pudor – que na visão do autor é o mais doce e precioso atrativo da mulher. Ressalta: “(...) *quien no desee en la mujer sino estimulo de lujuriosos deseos y satisfaccion de carnales apetitos, no busque esposa en Cataluña; quien desee una compañera honesta, fiel, adicta y hasta apasionada en la adversidad, hacendosa y economica siempre, buena esposa y buena madre, no dejara de encontrarla, sea qual fuere su posicion social, en esta tierra clasica de las mujeres animosas y juiciosas.*” (p. 135, Tomo I) Barcelona, por tratar-se de uma metrópole configura-se no lugar da heterogeneidade e multiplicidade de povos e classes. Quanto ao progresso, Mañe y Flaquer ressentem-se pelas mudanças vivenciadas por aquele século - como a transformação política no sentido liberal e conseqüente participação da mulher e de indivíduos que viviam à margem da sociedade e das discussões do destino da nação. Acrescenta que a presença das universidades contribui para esse quadro de mudanças. Condena o que denomina de “artes liberais, idéia de igualdade e época materialista”, responsáveis por fazer desaparecerem as mulheres amáveis, homens galantes e complacentes. Em suas palavras, também são perniciosos o progresso e a uniformidade que a moda estrangeira impõe.

La mujer de Burgos

Autor: D. Manuel Alonso Martínez

Martínez escreve para mulheres leitoras este artigo que denomina de “(...) *genero de amena literatura (...)*” (p. 145, Tomo I) Evidencia, no contexto, a existência de uma hispanidade e, quanto às diferenças, considera que são pouco perceptíveis (fica claro no texto sua irritação com o editor, que o colocou na situação de ter que escrever esse tipo de literatura – por considerar-se homem dedicado à política e ao direito e, principalmente, por ter que mostrar diferenças que não considera existir). Optou por escrever a história de como foi procurando o “tipo ideal” para compor sua monografia. Justifica que as transformações pelas quais as burgalesas passaram se deveu às transformações empreendidas aquele século. O destaque em seu texto está em seu patriotismo, nos indícios de um ideal de hispanidade e na forma como define a diferença entre homens e mulheres. Para ele, lágrima de mulher é diferente de lágrima de homem: as da mulher são por fraqueza e as do homem, por coragem! Quanto ao patriotismo, suas palavras são: “*los franceses, me decia yo, se envanecen, con razon, de haber impuesto su lengua á la diplomacia, y de haber generalizado su conocimiento y uso entre las clases más cultas de la sociedad europea. Pero ¿qué vale esto para lo que hicieron nuestros abuelos? ¿Conquistar um Nuevo Mundo, é implantar em él nuestro idioma, nuestros usos y costumbres, nuestra religion y nuestra raza! ¿Hay un título más legítimo de orgullo? Y sin embargo, ¿qué es hoy la pobre y desconsiderada España?(...)* ¡Ah, desdichada pátria mia! ¿ Quién te habia de decir que tan pronto te darian al olvido y te mirarian con desden los mismos que oian pronunciar tu nombre con respecto y con envidia, cuando difundian el espanto por toda la Europa los famosos tercios castellanos? ¿Qué ha sido de tu antigua pujanza y tu grandeza? ¿Qué han hecho tus valerosos hijos, enervados hoy por el genio infernal de la discordia, de la rica herencia que sus padres les dejaron? ¿Como es que al menos su corazon no se inflama y su patriotismo no se despierta y enardece al recuerdo de tu gloriosa Historia? Y diciendo esto, senti que abrasaba mis mejillas una lágrima, como se fuera hirviente lava; lágrima de dolor, de verguenza y de coraje, que no de flaqueza femenil; lágrima arrancada al orgullo nacional, herido en sus entrañas. (p. 149, Tomo I)

La Mujer de Cáceres

Autor: D. Antonio Hurtado

Hurtado, falando para leitores - no geral e no masculino -, utiliza as primeiras páginas de seu artigo para expor aspectos geográficos, produtivos, hábitos e costumes do povo de Extremadura – região a qual pertence Cáceres –, que carrega a influência árabe, traços característicos e muitos pontos de contato com a raça. Descreve o ideal de beleza feminina, mas evidencia que as mulheres dessa localidade pouco contam com essa qualidade – para o autor, o clima, costumes, gênero de vida é que produzem mulheres belas. Um grande problema levantado por Hurtado diz respeito ao atraso da província. Entende que a falta de comunicação, em função da geografia, por ser pouco atrativa economicamente e também por alguns costumes do povo do lugar, contribui para tal atraso – as *lloronas de alquiler* constituem-se em costume antigo que evidencia o atraso da província. Outra questão é a divisão por raça e crença, e não por classe social, o que faz o extremenho tender a concentração e isolamento, viver fora de todo movimento. Percebe-se nesta província um espírito religioso cristão imposto e conseqüente rivalidades entre cristãos novos e velhos (de acordo com o autor, tal antagonismo é vivenciado até o presente momento). Quanto às mulheres, são descritas como fiéis na religião, boas leitoras de literatura (novelas) e fofaqueiras. Mas destacam-se como mães por natureza, com a missão de influenciar no melhoramento de seus filhos.

La Mujer de Cádiz

Autor: D. Antonio Maria Segovía

Segovía compõe um quadro da mulher de Cádiz que se assenta somente em beleza, graça, educação e qualidade das personagens. Escreve com muito entusiasmo em relação a elas – belas, graciosas, atraentes, piedosas e caridosas. Em diversas passagens do seu texto, refere-se ao leitor e leitores, indicando que o receptor de sua produção monográfica é o homem. Nas primeiras páginas faz um “passeio” pelo globo terrestre e mostra a influência do clima sobre o caráter dos habitantes – excetuando as peculiaridades dos povos de cada nação. Destaca que o título da obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* demonstra que homens e mulheres são diferentes. Questão importante em seu discurso é a afirmação de que o caráter nacional reside na mulher: “(...) *en mi sentir, el carácter nacional, el provincial, el de una comarca, y aun el de una localidad concreta, en quien se determina ó reside no es en el hombre, sino en la mujer.*” (p. 181, Tomo I) Cádiz, argumenta, configura-se no lugar em que menos se notam as diferenças sociais. Há ali uma atmosfera de suavidade de costumes e boa educação, e sobressai o estudo da música e da língua estrangeira. Critica o estrangeirismo por considerá-lo o *mau pecado*. Para ele, as mulheres de Cádiz, também influenciadas pelo estrangeirismo, colocam tudo que vem de fora em estampa patriótica – “(...) *saben mejor que éstas (as madrilinhas) ponerle á todo un sello patriótico;*(...)”. (p. 187, Tomo I) Cádiz, observa, é constituído pelo povo mais liberal da Espanha e também o mais cristão e devoto. Entende que ali não há separação entre liberalismo, democracia e cristianismo.

La mujer de Las Canarias

Autor: D. Antonio de los Rios y Rosas

Rios y Rosas foi convidado a escrever sobre as Ilhas Canárias por conhecê-la em função de uma viagem que fez ali. O autor apresenta dificuldade em definir o tipo e influência racial da população, devido à mescla de várias raças e vários sangues. Em sua descrição, apresenta a mulher como o “sexo frágil”, mas relacionada ao progresso e ao equilíbrio de uma nação como salvação da pátria e da sociedade. Apresenta-as como belas – em todas as classes –, sensuais, amantes de música, modestas até a humildade, obedientes até a abnegação, caseiras e governantes até o sacrifício e acostumadas a aguentar a lei e os caprichos dos homens. Entende que a decadência da mulher é também a da sociedade e a do homem. Descreve características físicas, morais e costumes das mulheres que pertencem às classes altas e o trabalho árduo das mulheres das classes humildes. Para o autor, *“la poblacion de Canárias es mezcla confusa de varias razas; la autóctona ó guanche, la normanda, la española, y en cantidad insignificante la raza negra”* (p.198, Tomo I) *“(…) necesita nutrirse con gran variedad de sustancias para formar su razon, moderar su fantasia y dirigir su temperamento; para enriquecer su alma con la digestion y posesion de la verdad, de la bondad y de la belleza; para educar, ilustrar y robustecer su conciencia y medir por el valor de su conciencia y de su alma el valor de su persona, y tenerse en mucho bajo el punto de vista del honor y del deber, y deducir de esta conviccion el respecto de si mesma y la fortaleza segura y sosegada; centinelas domésticos, constantes é incorruptibles, á quiénes ningun lazo engaña ni nunguna fascinacion adormece. Fuera de este camino no hay salvacion para la patria ni para la sociedad, porque cuando la mujer se estaciona y no adelanta, entónces descende; y descendiendo la mujer, tambien descende necesariamente el hombre. Aquélla es la ley del progreso; esta la ley del equilibrio.”* (p.203, Tomo I)

La Mujer de Castellon

D. Leon Galindo y de Vera

Galindo y de Vera escreve para mulheres leitoras - *nuestras lectoras*. Como recurso literário, descreveu a história de seu encontro com um viajante francês – Mr. de la Joie – com a missão de recolher informações sobre mulheres de todas as partes do mundo. Ambos, viajante e escritor, realizaram o mesmo trabalho, embora para países diferentes. O autor utilizou-se desse personagem (não dá para saber se real ou imaginário) para falar sobre usos, costumes e hábitos da população e das mulheres de Castellon. Retratou-o como um homem ansioso, apressado e pragmático em suas observações. No entendimento desse autor, o viajante tinha como premissa a idéia de que “quem vê uma mulher, vê todas”. Com o intuito de mostrar o equívoco do observador estrangeiro, convida-o para fazerem juntos a excursão à província. A cada anotação apressada e errônea do francês, Galindo Y de Vera corrige-o e, assim, vai mostrando trajes, costumes e posição social das mulheres desta região. Utiliza-se das observações do viajante – satirizado no decorrer do texto – para “escrever” as suas. Mr. de la Joie, segundo Galindo y de Vera, entendia tudo “a seu modo” e não conseguia interpretar à luz dos costumes e usos locais. Sendo o personagem francês, apresentado de forma meio abobada, pode-se considerar que o autor desejou escarnecer a França, nação que havia sido e ainda era opositora da Espanha. Quanto às mulheres – tema principal mas que fica em segundo plano neste artigo -, entende serem as condutoras da política, pois os homens só assinam e executam o que elas prescrevem.

La Mujer de Ciudad Real

(La Manchega)

Autor: El Marqués de Molins (Mariano Roca de Togóres)

Togóres inicia o texto com a geografia e avisa aos seus leitores – no plural e na forma indefinida – que tratará da mulher da região de Manchega, lugar de onde veio D. Quixote. Trata, dialogando com D. Quixote, das mudanças e permanências sobre usos e costumes de La Mancha. A ferrovia aparece como um instrumento da transformação por facilitar e acelerar as viagens – ir e vir entre regiões e influência de hábitos, embora nesta região, apesar da mobilidade, os bons usos e costumes estejam conservados, observa. Demonstra que nesta localidade, as crianças aprendem com a mãe o amor pátrio e a importância da família. Outro aspecto ressaltado diz respeito às mulheres mais pobres que possuem mais liberdade, enquanto que as mais afortunadas ficam por mais tempo presas aos pais. A mulher manchega é retratada como compreensiva, amorosa, forte, conformada, vigorosa, heroína, honrada e devota, piedosa e caridosa: *“he aqui en aquel humilde y silencioso claustro la virilidad, el don del gobierno, la magnificencia, la caridad, el patriotismo, la prueba, en fin, de que la mujer manchega, buena para el campo y para la corte, no es menos excelente para el retiro”* (p.265, Tomo I). Na Espanha, para o autor, não há diferenças entre nobres e plebeus, pois todos tomaram parte na reconquista.

La Mujer de Córdoba

Autor: D. Juan Valera

Percebe-se, em alguns artigos, críticas dos colaboradores à proposta do editor – retratar as diferenças e peculiaridades de mulheres das mais variadas regiões. Valera considera complicado mostrar o tipo *“sui generis”* da cordobesa em uma época de constantes transformações. Entende que, com o progresso, a facilidade de transporte e comunicação, as diferenças quase desapareceram, restando somente alguns aspectos que são determinados pela natureza. As mudanças marcam a tônica de seu discurso. Valera fala de transformação e desenvolvimento na essência dos tipos, caracterizados pelo jeito de ser e conceber o mundo e pertencer a ele naquela determinada época. Dessa forma, as mulheres passaram a ter um pouco mais de visibilidade e deixam de ser objeto do pecado. Segundo o autor, mudou o sentido do “ser mulher”: passou a ser mãe, educadora e redentora da sociedade. Retrata-a neste movimento rumo ao desenvolvimento e ao progresso e também em seu meio – entre a produção, comidas e cozinha, entre tecidos e trajes, animais e outros hábitos e costumes. Relata que as damas têm adotado a moda francesa e perdido o estilo próprio de vestir-se e pentear-se, embora continuem belas e graciosas. Tudo isso, segundo o autor, está relacionado à época do liberalismo, cuja única compensação é a “emancipação” das mulheres em relação ao pai e ao marido: *“cada banderia, cada matiz político tiene el suyo. Hay casino conservador, casino radical, casino carlista, casino socialista y casino republicano. Las infelices mujeres se quedan solas. ¡No sé cómo hay mujer que sea liberal! Todas debieran ser absolutistas, y muchas lo son en el fondo. (...) La única compensacion que trae á la mujer el liberalismo novísimo, es que debilita bastante la autoridad conyugal y paternal (...)”* (p. 293, Tomo I). Uma das diferenças entre homens e mulheres, destacadas por Valera, está no fato de que nas universidades os primeiros se envolvem com Hegel e Krause, enquanto que as mulheres seguem apegadas às suas crenças e à religião: *“entre los hombres há cundido la impiedad. El soldado licenciado, de retorno á su casa, há solido traer algun ejemplar del Citador; los peródicos se leen, y no todos*

son piadosos; y por último, no falta estudiante que vuelve de la Universidad inficionado de Krause y hasta de Hegel, y que echa discursos á los rústicos, á ver si los hace panteístas y egoteístas” (p. 293, Tomo I). Para este escritor, o estilo *costumbrista* é desinteressante: “(...) *tenga el lector la suficiente indulgencia, vagar y calma, para leerle todo sin enojo, fatiga ni bostezo*”. (p.295, Tomo I)

La Mujer de La Coruña

Autor: D. Fernando Fulgosio

Fulgosio vai fazendo o caminho da geografia até “entrar” em *La Coruña*. Divide sua dissertação em mulheres de três regiões, pertencentes à Galícia: *la coruñesa* (mulheres de bom gosto, de região de comércio e altos empregados), *la ferrolana* (mulheres graciosas e ligadas ao ambiente marinho) *la santiaguesa* (damas, de vida quieta e afastada, embora a via férrea venha colocando esta região em contato com o mundo). Faz em capítulo à parte a apresentação da *mujer del campo*. Destaca, com alguns exemplos, o nobre caráter, o heroísmo, jeito de ser enérgico das galegas. O campo e as pequenas populações são os que ainda conservam alguns hábitos e costumes típicos da região, acrescenta. Os trajes utilizados pelas *mujeres del campo* são descritos/apresentados como os mais originais, peculiares da mulher galega. Na parte mais urbana da província, a moda francesa tem tomado conta, influenciado e transformado os usos e gostos em relação à vestimenta. Ressentimento de Fulgosio é o fato de a Galícia estar marginalizada na e pela própria Espanha, desde o descobrimento, pelos Castelhanos (habitantes da região de Castela). “*¡Castellanos, castellanos, tendes corazon de ferro! No, en verdad; la desventurada Castilla ni tiene corazon de hierro, ni deja de padecer tanto, por lo menos, como Galícia. Téngalo ésta presente, y no lo olvide jamas.*” (p.314, Tomo I)

La Mujer de Cuenca

Autor: D. Fermin Caballero

Utilizando-se do instrumental filológico que define a pintura e não a escrita, Caballero apresenta sua intenção neste artigo dizendo que seguirá o programa da obra *las mujeres españolas, portuguesas y americanas* e das regras do bom gosto e da decência. Divide a aristocracia (e a dama aristocrática) em três tipos: a aristocracia de antiga nobreza, aristocracia de riqueza e aristocracia de saber. Desperta a atenção o seu texto por ser admirador de Hitler: “*el sabio aleman Ritter há hecho ver, con la Historia y el mapa en la mano, hasta qué punto influye el aspecto y cualidades del terreno en la condicion y costumbres de sus habitantes (...)*” (p. 319, tomo I). As mulheres em Cuenca são lindas, segundo o autor, porque são influenciadas nos costumes, caráter e beleza pelos aspectos naturais da região. Na atualidade, considera que vem sendo transformado o papel e espaço da mulher na sociedade em função das mudanças que o progresso está impondo, vinculados ao liberalismo. Exemplo disso é o voto feminino, com o que o autor não parece concordar (interessante notar que logo após esta constatação, Caballero passa a relatar histórias de mulheres que se destacaram como más para a sociedade). Relata que em Cuenca encontram-se mulheres varonis e heroínas, de espírito religioso – denominadas como “sexo devoto” – e pouco instruídas na educação formal: “*segun los muy pensadores y muy sábios, este respeto á la mujer y su mejor posicion en la familia es uno de los signos de civilidad y de cultura de los pueblos (...)*” (p.322, Tomo I). Quando descreve uma diversão usual entre mulheres e homens espanhóis – o jogo de

cartas –, não perde a oportunidade de “dar uma alfinetada” na França, que se diz inventora dos “naipes”.

La Mujer de Gerona

D. Francisco de Paula Canaléjas

Para Canaléjas, é utopia querer fixar somente um tipo de mulher, pois “o espírito feminino é a variedade infinita de sentimentos, e a mulher desprende-se do seio desta infinita variedade”. Desta forma, argumenta, não há como descrever um tipo somente. Somado a isto, hábitos e costumes modificam-se em função da mobilidade dos povos e unificação dos gostos. Para este autor, a mulher da Catalunia, em especial a de Gerona, constitui-se por parecer *menos mujer*. Graça e formosura não fazem parte de seus encantos, são menos sedutoras, insinuanes e voluptosas. Constituem-se em mulheres mais varonis, que apresentam severa regularidade de rostos e formas, desenvoltura irregular e masculina dos movimentos. Considera que sua beleza é moral, por representar um tipo ideal de mãe – maternidade imprime caráter. Canaléjas observa que em Gerona encontram-se mulheres heroínas - dignidade, resolução, resignação, laboriosidade e firmeza – exemplos de disciplina e amor pátrio, como as mulheres que lutaram contra a invasão da França. Relata que as virtudes cristã e cívica e a grandeza moral constituem-se no “brasão” das gerundenses, embora tudo isso seja pouco feminino. A marca da contemporaneidade, de acordo com este autor, é o desaparecimento da originalidade frente às “novidades perigosas”, entre elas o individualismo. Afirma ainda e que a ação do tempo tem roubado os signos e traços característicos dos povos e regiões (crítica à universalidade e padrão que vêm de Paris). “*¡Cómo y cuán rápidamente la accion de los tiempos roba signos y rasgos característicos, aún en nuestras montañas de Cataluña! La civilizacion futura será de una uniformidad enojosa.*” (p.350, Tomo I)

La Mujer de Granada

D. Pedro Antonio de Alarcon

Alarcon utiliza uma metodologia específica em seu texto monográfico. Sempre preocupado em ser entendido – e também por ter escrito um texto bastante longo –, optou por uma forma mais didática, dividindo suas idéias por capítulos e axiomas. Na conclusão, apresenta dois quadros resumindo o conteúdo do seu artigo, seguindo os objetivos do editor. Para este autor, pesa negativamente sobre a “(...) *pintoresca heterogeneidad de la poblacion de nuestro solo(...)*” (p.356, Tomo I), o surgimento da ferrovia como niveladora e a uniformidade trazida pela democracia. Quanto às diferenças nos trajes, usos e costumes, estas não estão encerradas na demarcação territorial em forma de província, mas nas diversas regiões que formam a Espanha. Mesmo assim, diz, vivenciam a influência de Paris nos costumes, subordinando seus hábitos à moda francesa. Relata que Granada foi influenciada pelos mouros, e foi a última região a possuir reino independente, que, na atualidade, vive crescente esquecimento e decadência local – “(...) *el mundo son las luchas políticas de Madrid (...)*” (p.383, Tomo I). Expulsos os mouros, triunfaram os cristãos, lembra Alarcon, e as mulheres tornaram-se muito católicas e devotas à Virgem. Outra característica que destaca sobre o lugar são os casamentos desiguais pelos enlaces entre pobres e ricos. Percebe-se neste e em outros autores, referência à diversidade de posicionamentos políticos existentes na Espanha, embora o que fica evidente é um período de liberalismo - sempre presente nos discursos em tom severo. Para finalizar, faz citação de um

filósofo (o autor não diz qual): “(...) ‘*Las mujeres nos deben la mayor parte de sus defectos: nosotros les debemos la mayor parte de nuestras cualidades*’.” (p.384, Tomo I)

**La Mujer de Guadalajara
(La Alcarreña)
Autor: D. Cayetano Rosell**

Rosell discorre sobre a comarca de Alcarria, pertencente à província de Guadalajara. Inicia com reminiscências de tempos e lugares, passa pela geografia, história e natureza até chegar ao tema propriamente dito. A primeira observação que faz sobre a mulher diz respeito ao instinto maternal – “(...) *áun entre las fieras es ley suprema é ineludible* (...)” (p. 391, Tomo I). Utiliza – assim como muitos outros autores - de contos para falar das virtudes, integridade de caráter, ilustração e outras qualidades das mulheres. Quanto às divisões de classe, registra a aristocracia – pequena – e a classe média – que representa o “verdadeiro povo”. Entende que a originalidade está nas classes inferiores – moradoras dos campos e regiões urbanas. A alcarrenha se distingue pela sua honra e amor ao trabalho (diz o autor que o trabalho é algo que o espanhol não pode se vangloriar muito...). Entende que é na pobreza e na falta de ilustração que se encontram os tipos mais autênticos das regiões, pois a educação uniformiza homens e mulheres. A campesina, observa, nascida nos povoados pequenos, goza de autonomia e bem-estar. Em virtude da pobreza e pouca ilustração, formam o exemplar mais genuíno e nativo da região. Ao contrário, a mulher urbana experimenta uma vida de servidão e perda da inocência muito cedo ao sair de casa para servir em outro lugar – geralmente em Madri. Para Rosell, a marca de Guadalajara – na atualidade decadente - está na guerra e na religião, mas estas também se constituem nas marcas da história de toda a Espanha.

**La Mujer de Guipúzcoa
Autor: D. Leopoldo Augusto de Cueto**

Cueto traz um tipo de texto diferente da maioria dos outros autores. Com caráter mais científico do que literário, faz diversas divisões por temas e uso de referências bibliográficas para as informações que apresenta. Seu primeiro argumento toca na problemática das diferenças e igualdade entre as mulheres – “são tão iguais e tão diferentes”. Para este autor, todas as mulheres têm um fundamento em comum, constante e uniforme. Embora com igual índole e essência, não existe duas iguais: “*las diferencias que no se explican fácilmente, son aquéllas que toman carácter fijo y peculiar en comarcas determinadas, y dan á cada pueblo, en costumbres, en idioma, en espíritu, y hasta en rostro, en modales y en acento, una fisionomia primitiva, y com un molde comum, que divide etnológicamente al linaje humano en naciones y en províncias diversas*” (p. 411/412, Tomo I). Para clarificar esta questão, entende ser necessário fazer o estudo histórico da raça, pois as diferenças são encontradas na história: “(...) *el exámen histórico es la única senda por donde puede llegarse al descubrimiento de una parte siquiera de la verdad. Lo pasado explica lo presente*” (p. 412, Tomo I). Cueto cita a craniologia para decifrar as raças, o que cabe, em sua argumentação, no caso da mulher de Guipúzcoa. Explica que é preciso fazer uma genealogia da raça para entendê-la, e considerar que as diferenças também estão ligadas a nação e à província. Descendentes da raça vascongada ou euskera, Cueto mostra que estas conservam o idioma, a perseverança e o apego à nacionalidade. A consistência de idéias, obstinação – força da alma, reflexão, desejo intenso e duradouro –, propósitos e

afetos caracterizam-se em uma qualidade etnológica e moral preponderante. Para representar o heroísmo dessas mulheres, o autor ilustrou com a vida da Monja Alférez, moça que passou-se por soldado - chegou a extirpar os seios para assemelhar-se aos homens - e tornou-se referência de aventuras pela pátria. Descreve as mulheres desta região com elevada beleza e espírito moral; honestas, dominadas pelo sentimento religioso, cândidas e crédulas, fiéis, amorosas e verdadeiras. A campesina de Guipúzcoa, segundo Cueto, é a “verdadeira” da raça euskera por permanecer perseverante em seus costumes, afetos e deveres. São trabalhadoras, ingênuas, respeitosas e, ao mesmo tempo, independentes. Possuem pouca educação formal, literária, mas, de acordo com o escritor, “*ser buenas es para ellas más importante que ser sábias.*” (p.423, Tomo I) O “mal” do contágio universal - como a moda de Paris - fez sua morada ali, ressentindo-se o autor. Finaliza explicitando que a mulher de Guipúzcoa é uma mulher na significação mais bela que possui esta palavra; traz com igual força e equilíbrio a imaginação e a razão, a sensibilidade e a fortaleza. “*(...) es uno de los más simpáticos y admirables tipos que encierra la vária y fecunda tierra española*” (...) *su triunfo es más alto y más transcendental: cautiva el alma de los buenos, porque sabe ser lo más bello y lo más grande que hay en la tierra: el modelo de la mujer cristiana, que hace de la familia un culto y del hogar doméstico un santuario.*” (p. 433, Tomo I)

La Mujer de Huelva **D. Adolfo Mentaberry**

Tal qual outros autores, Mentaberry ressalta que para encontrar tipos originais, é preciso procurar onde a civilização moderna ainda não penetrou, ou seja, nos campos. Nas aldeias, encontram-se tipos da antiga raça, com vestimentas características, pitorescas, originais e elegantes. Para este autor, não existe identidade absoluta entre as mulheres; serão sempre seres “variáveis até o infinito”. Percebe-se, neste e em outros literatos que compõem a obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, duas fases da vida das mulheres muito bem descritas: a primeira, que é a da conquista – dedicação extrema ao noivo, fogo do desejo e do amor –, e a segunda, que é pós-casamento – vida de suplício, abnegação, filhos e perda da amorosidade do marido. Sobre a civilização – está falando da modernidade – apresenta dois raciocínios: “*(...) ¡La civilizacion mata á la leyenda! (...) Mas sea bendita, venga cuanto antes y progrese com rapidez, ya que á cambio de fantasias románticas trae á los pueblos tantas mejoras y á sus habitantes tanto bienestar.(...) Todo lo demas, así en los campos como en las ciudades, va siendo ya uniforme y propende á una nivelacion monótona y desesperante par el que adora lo pintorescon.*” (p.6, Tomo II) Demonstra que a aristocracia – de sangue ou de capital - encontra-se reduzida e já não constitui um tipo especial nesta província. Vive encastelada, casa-se entre si para não perder a superioridade e ainda guarda o vigor e a dignidade das raças nobres. No momento em que Mentaberry escreve, está vigente a Constituição democrática de 1869.

La Mujer de Huesca **D. Manuel Juan Diana**

Diana, assim como Galindo y de Vera, utiliza-se de um personagem estrangeiro que cruza seu caminho – neste caso, um inglês – para construir uma história interessante e apresentar Huesca. Os costumes e hábitos do povo e das mulheres são apresentados em meio a um encontro conturbado. O viajante – *Milord Gobden* -, ao tentar comprar o troféu de um competidor, serve de ponte para que o autor mostre que costumes e caráter

não são vendidos na Espanha. Outros aspectos são descritos, como a geografia, história, costumes como o casamento, noivado e características das mulheres. Além da escopeta, que em algumas casas existe para um do casal, demonstra que as armas das mulheres também são a formosura e a graça. No decorrer do tempo, autor e viajante aproximam-se e travam amizade, deixando de lado a relação belicosa que haviam estabelecido. O ponto de encontro, o interesse do inglês nesta região, dá-se pelo fato de ser um apaixonado pela arte e arqueologia. Huesca, segundo Diana, apresenta-se como o “empório das letras e das artes”, sendo as mulheres desta região insígnias nas armas e valorosas artistas. Encerra seu texto lembrando que Madri é mãe/pátria – utiliza a expressão *cuna*, que carrega esses dois significados - e família para os estrangeiros, pois os recebe muito bem.

La Mujer de Jaen

Autor: D. Pedro María Barrera

Barrera, após tratar dos aspectos geográficos, climáticos e históricos de Jaen, apresenta a mulher como a parte mais bela dos habitantes – *las hijas de Eva* –, belo e frágil sexo. Entende que acidente e detalhes é que caracterizam os tipos, como o clima, a educação, o país e os costumes. Relata que se trata de povo que celebra festas religiosas por toda a província, mas ainda se encontra ali muita mistura de hábitos e costumes religiosos com outros de características pagãs. Segundo esse autor, em Jaen se encontra no tipo físico das mulheres a enérgica beleza dos povos árabes, embora estas vivam em meio ao abandono intelectual - a Espanha, segundo o autor, descuida do ensino, tanto de homens quanto de mulheres. As descreve como honradas, honestas, trabalhadoras, possuidoras de incomparável força de vontade, aficcionadas por flores e habituadas a fofoca. Para as mais humildes o trabalho é rude. No geral, lembra o autor, são boas por natureza, cumpridoras dos deveres e gostam tanto do trabalho quanto dos prazeres. “(...) *á pesar de todos sus defectos, encierran en sus corazones y en sus cabezas los gémenes indispensables para llegar, educandolas convenientemente, á ser, bajo cualquier aspecto y en cualquier circunstancia de la vida, el modelo más perfecto de todas las bellezas morales*”. (p. 57, Tomo II)

La Mujer de Leon

Autor: D. Eduardo Saavedra

Na primeira parte do artigo, Saavedra aborda diretamente questões políticas e institucionais, ressaltando a grandeza e ostentação daquela que foi a primeira capital da Espanha – *Leon*. Destaca as figuras de D. Sancha – irmã de Alfonso VII – e Urraca – sobrinha – e seus respectivos trajes, para mostrar a distinção e costumes da aristocracia – os trajes demonstravam a estirpe e dignidade ou simbolizavam a simplicidade e inocência. Virtuosas, enérgicas e discretas, essas mulheres leonesas, junto a homens ousados, intrépidos e perseverantes, levaram ao apogeu a civilização dos Reinos Cristãos da Espanha, diz o autor. Na segunda parte do texto, Saavedra trata da contemporaneidade. No lugar de homens intrépidos e mulheres enérgicas, é a estrada de ferro que aproxima e unifica regiões da Espanha. Quanto à mulher, a “bela metade do homem”, são retratados três tipos populares: as leonesas do campo, das montanhas e as ribeirinhas. Observa que entre essa população é possível encontrar ainda resíduos dos costumes e trajes da Idade Média. As leonesas da capital aparecem neste texto como herdeiras da distinção e cortesia de D. Sancha e Urraca: possuem graça, elegância instintiva, bom gosto e grande devoção ao Santíssimo Sacramento. Embora não

carreguem mais títulos e feudos, não perderam suas qualidades e boas maneiras. Finaliza seu artigo dizendo ser a Espanha o lugar onde a mulher ocupa honroso posto.

La Mujer de Lérida **D. Victor Balaguer**

Para Balaguer, é tarefa difícil falar de tipos e costumes específicos de um povo, separando-o da região a que pertence. A província de Lérida pertence à Catalúnia, juntamente com Barcelona, Gerona e Tarragona. Esses povos têm origem – raça - e história em comum, sendo o clima, idioma, costumes, usos, tipos e leis muito parecidos. *“Los pueblos catalanes, de origen comun y de comun historia, han formado siempre un grupo, un centro, una familia; y si constituyeron una nacion en pasados siglos, nada de Ella han perdido, ni nada tampoco de su individualismo característico, cuñado, en más cercanos tiempos, han venido á formar parte de la Corona de Aragon primero, y de de España más tarde”* (p. 88, Tomo II). Escreve para leitoras, no feminino, e apresenta uma mulher catalã sem muita beleza, que não fascina nem embriaga, mas que atrai e cativa. Para Balaguer, o que as distingue é a severa honestidade de costumes e a vida íntima e santa em família – o espaço doméstico é como uma religião. São descritas como mensageiras da caridade e da concórdia. Quanto às leridanas, possuem ânimo esforçado e varonil, serenidade, alto caráter, determinação, são honestas, donzelas, boas esposas e mães amorosas – *“(...) profundo amor que profesa á su familia, á su hogar, á su tierra; pero es tambien la honesta y virtuosa compañera del hombre, la amiga fiel, la hija respetuosa, la madre amante”* (p. 100, Tomo II). Para este autor, as mulheres de Lérida, sobretudo, conservam o tipo nacional, na pureza dos costumes e na bondade da alma.

La Mujer de Logroño **(La Riojana)** **Autor: D. Salustiano de Olózaga**

O destaque para este autor está em suas idéias modernas em relação ao futuro das nações, condições e espaços ocupados pelas mulheres. Olózaga trata, neste artigo, da mulher de La Rioja e divide-a em três povoados: serrana, ribeirinha e vales vizinhos. Quanto às classes mais abastadas, retrata duas somente: a de senhoras de sangue azul, e a da nova criação – uma espécie de aristocracia por dinheiro. A nobreza está desaparecendo, argumenta. Aparece, em seu texto, uma idéia interessante sobre a relação das mulheres com a arte da oratória. Escreve que as mulheres estão mais para o sentimento do que para as palavras: são deficientes nos discursos e falta-lhes memória. São intensas na vontade, mas inferiores na atenção, aptidão importante para sustentar uma polêmica com lógica e eficácia. Este autor preocupa-se com a situação política e conjuntura social vivenciada pela Espanha, nesses “primórdios de modernidade”. Diz que hábitos e costumes referentes à civilização mais antiga estão desaparecendo, sem ao menos se ter entrado definitivamente na era moderna. Diz que essa época de transição “traz inconvenientes do passado, sem tirar proveito do presente”. Toma como exemplo o aparecimento da indústria fabril, que tem transformado hábitos e costumes em relação ao trabalho e alterado o modo de viver dos indivíduos – em especial dos moradores das serras – levando ao trabalho mulheres e crianças. O autor não se posiciona contra a modernidade nem contra o trabalho feminino, somente não concorda que os seus salários sejam menores que os dos homens: *“Lo que ésta hará, lo que está ya haciendo en otros paises, es remediar los inconvenientes morales que esto tiene, y sobre todo a*

insigne injusticia que hay en que sea muy inferior al de los hombres el jornal de las mujeres” (p. 112, Tomo II). Coloca esta questão como o grande problema da transformação social: “(...) *es necesario y urgente examinar si puede encontrarse solucion al problema de la igualacion de los jornales entre los trabajadores de los dos sexos*” (p. 113, Tomo II). Consta que o homem, quando não está contente com o salário, procura outro emprego, enquanto que a mulher, por possuir menor aptidão, não possui esta escolha. É preciso, defende, investir no aumento de habilidades dessas mulheres pois a sua educação encontra-se abandonada na Espanha: “(...) *Y sin la educacion de la mujer, no hay educacion posible de la familia*” (p. 117, Tomo II) Embora confie no futuro delas, ainda pensa que seria ideal que ganhassem em casa o que ganham nas fábricas. Estar fora do espaço doméstico implica outros problemas, como a perda do pudor, explica.

La Mujer de Lugo

Autor: El Conde de Palláres

“(...) *A muller que mais vale é aquela de quen menos se fale*’.” (p. 135, Tomo II). Com esta citação de Sancho feita pelo autor de *La Mujer de Lugo*, entendem-se idéias e valores presentes nos discursos de vários literatos que ajudaram a compor a obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. A comarca de Lugo constitui-se em uma das quatro que formam a região da Galícia. Em grande parte de seu escrito, Palláres trata dos aspectos históricos dos povos desta região, do clima, natureza, geografia, produção, solo, população nativa e rural, trajes e costumes de uma forma geral – destacando os dos homens. O dialeto galego, para ele, mostra-se doce, suave, cadencioso e rico em vozes para expressar carinho e ternura. A grande questão deste e que também apresentam outros autores é: “(...) *¿qué puede decirse que no sea comum á las demas mujeres de la católica Nacion Española?*” (p. 133, Tomo II). Utiliza-se de um estudo de Edwards para apresentar o tipo e raça da Galícia: “*Cabeza redonda, acercándose á la forma esférica; la frente mediana, un poco convexa hácia las sienes; los ojos grandes y abiertos; la nariz, comenzando desde su nacimiento, no tiene curvatura pronunciada y su extremo es redondo; la barba es redonda tambien, y la estatura mediana*” (p. 137, Tomo II). No mais, o autor divide-as em dois grupos, quais sejam, feias e formosas, e apresenta suas qualidades morais; boas esposas, modelos de abnegação e fidelidade. E adverte: “*Madres ejemplares, hijas cariñosas y obedientes, parece que el diablo se posesiona de su cuerpo en cuanto se convierten en suegras y cuñadas* (...)”. (p. 138, Tomo II) A instrução formal é maior nesta província, segundo o autor, pois muitas sabem ler e escrever.

La Mujer de Madrid

Autor: D. José de Castro y Serrano

Em Madri, capital da nação espanhola, não se encontram madrilenhas, diz Castro y Serrano. Elas são nascidas na Andaluzia, na Galícia, América e outros lugares e migram para o centro, lugar da transição. Ninguém é dali, e todo mundo está ou passa por ali, diz o autor. Este lugar que “não cria e não produz”, configura-se em “(...) *fábrica de refinar mujeres*”(p.145, Tomo II). Para ele, as mulheres de Madri não se parecem com mulheres de nenhuma parte: apresentam uma mistura de devotas e libertinas, despreocupadas e cientes, avaras e pródigas, presunçosas e modestas. No entanto, são valentes, muito caridosas, piedosas, generosas e tratam com as palavras de forma muito bela. Constituem-se nas primeiras mulheres da Espanha a participar da vida pública,

criando associações de caridade que se desenvolveram independentemente da ajuda dos homens (nota-se que vida pública aparece com uma configuração bem diferente das dos homens). Castro y Serrano tenta promover o cristianismo em sua monografia. Para ele, a civilização contemporânea – e a defesa do progresso pela fórmula do adquirir, possuir, desfrutar – mostra-se afastada do ideal cristão. O cristianismo e a racionalidade se opõem. Frente a este pragmatismo, a madrilenhas vivenciam um período de emancipação social, da moda, costumes, uso das faculdades mentais e iniciativa na vida pública e privada. Relata que em Madri não há muita diferenciação social: todos se relacionam, e casam-se entre si pessoas de desiguais posicionamentos sociais. As raças legítimas da capital são duas: *las manolas* – com características realistas, tomam parte nos assuntos políticos – e *las nobres*. No entanto, ambas as classes se interferem. As mulheres, em Madri, são religiosas e monarquistas: “ninguna señora es republicana, ni puede serlo: es más, ninguna mujer. La República es lo contrario de la familia, y la mujer propende por instinto, antes que por educacion y por interes, á la vida de familia” (p.162, Tomo II). Argumenta que está sempre envolvida nas discussões e intrigas políticas, reina absoluta sobre a sociedade que a circunda e é célebre como o homem londrino. Para o autor, a república é inimiga do povo, é o contrário da família – diz que o Presidente da República carece de família (artigo escrito no período da efêmera república espanhola). Castro y Serrano finaliza com esta ode à mulher madrilenha: “¡Oh! Media vara de tela al borde del vestido, media libra de cabellos sobre la nuca, un puñado de meses sobre la memoria, y de la madrileñilla sale LA MADRILEÑA. (p. 167, Tomo II)

La Mujer da Málaga

Autor: D. Salvador López Guijarro

Guijarro, escrevendo para senhoras, inicia seu texto posicionando-se politicamente: coloca-se como *un buen liberal*. As primeiras impressões que relata são sobre a mulher: entende que elas são o clima e o céu de um país. As malaguenhas, para ele, são perfeitas no tipo e belas na estrutura física; no aspecto moral, a sensibilidade tornou-se sua “identidade ética” e existem para a honra da Espanha: “(...) *que existis, para honor de España y felicidad de mis amigos de la infancia, y á vuestras hijas y descendientes, que han de ser, de seguro, tan bonitas, tan amorosas y tan simpáticas y buenas como vosotras*” (p. 182, Tomo II). Alerta que não existe nesta região a aristocracia por sangue; possuem esta denominação aquelas que pertencem às famílias de “alto comércio”. As malaguenhas de classe média são descritas como as mais típicas da espécie: amorosas, caridosas, maternais, angelicais, graciosas e bondosas. Seus defeitos são poucos e nascem do excesso de bondade dessas mulheres. De uma certa forma, servem de contraste às qualidades que apresentam: mostram-se pouco sociáveis – mas os homens também –, são refratárias ao progresso e exageradas nas paixões. Guijarro, em suas últimas linhas do texto, fala sobre o período de decadência vivenciado pela Espanha: “*Yo comprendo que en nuestra España de la decadencia, de la guerra civil, de los partidos, de la Hacienda incurable y de la zarzuela, la idea de morirse sea una esperanza.*” (p. 182, Tomo II)

La Mujer de Murcia

Autor: D. José Sélgas Y Carrasco

Sélgas Y Carrasco começa seu artigo esquadrihando um trajeto onde aparece a cidade de Murcia, sua história e natureza. As mulheres, além das suas características físicas –

de estatura baixa, como os homens -, são retratadas como inocentes, reflexivas, dominantes, perseverantes, exageradas embora espontâneas em família, reservadas com quem não conhecem e tenazes – o autor ressalta, no decorrer do texto, o caráter dominador da murciana. São educadas nos princípios religiosos e no seio doméstico e a piedade, fé, esperança e caridade formam a base de seus costumes. Constitui-se em uma mulher intensa, diz o autor. Entre as formas de definir a mulher, aparece “(...) *la cara mitad del linaje humano (...)*” e “(...) *precioso puñado de barro en el que há infundido Dios (...) el soplo inmortal de su divina esencia*” (p. 190, Tomo II). Fala-se em Murcia a língua castelhana, parecida ao formato mais culto. Existem ali dois tipos de mulheres: a da cidade – a senhora, que usa o último figurino vindo de Paris – e a do campo e da horta – a plebéia, que se veste com trajes pintorescos e tradicionais. Sélgas y Carrasco critica a vida moderna por entender que esta leva a sociedade ao abismo profundo. Para ele, a vida moderna é a civilização, que aos poucos está sendo introduzida na cidade – influência de Paris, Madri e Londres -, mas no campo ainda não aparece nenhuma característica de inovação – na língua, idéias, vestimentas e costumes. A peculiaridade do povo está na diferença entre cidade e campo: “*son dos sociedades distintas, dos pueblos diversos: uno movable. Alegre, cambiando de continuo las formas de todas las cosas con arreglo á las últimas novedades; outro inmóvil, serio, casi triste, inalterable: el primero es un pueblo culto, el segundo un pueblo cultivador: el pueblo propietario y el pueblo colono; el que da la tierra y la simiente y el que pone el sudor de su rostro: el que se levanta sobre sus propiedades y el que se encorva sobre el surco abierto por sus manos: en una palabra, el pueblo que debe tener más caridad y el que debe tener más paciencia*” (p. 193, Tomo II). Complementa que embora pertencentes a diferentes classes sociais, as mulheres murcianas possuem o mesmo coração, a mesma genialidade e a mesma índole. Em resumo, a tríade que define a mulher diz respeito a DEUS – objeto de seu culto –, à FAMÍLIA – centro do seu amor – e a CASA – finalidade de suas ambições. De maneira brusca, Sélgas y Carrasco termina seu texto sem muitos rodeios.

La Mujer de Navarra

Autor: D. Francisco Navarro Villoslada

Segundo Villoslada, Navarra, antiga Vascônia, apresenta-se como uma região de muitos acidentes topográficos, variação de clima, diversidade de raça – aborígenes -, “confusão” de sangue e povo beligerante. Em função disto, as mulheres ali se apresentam altivas, valorosas, de caráter independente, ásperas e belicosas. Acrescenta que são trabalhadoras, e as diferenças ali existentes – entre ribeiras e montanhas, por exemplo – foram impostas pela sua história e pela natureza. A Aristocracia – e consequentemente as damas, ainda vivem – embora felizes, ressalta o autor – em moldes aristocráticos dos séculos XVI e XVII: ociosidade feminina, intervenção dos pais nos casamentos e enlaces por conveniência. Considera que em Navarra, nas classes acomodadas, a viuvez oferece para a mulher um novo estado, de legítima respeitabilidade e autoridade de mãe, pois ocupa o lugar do pai. Para as mulheres *del pueblo* há diferenças. Casam-se por amor, não levam dotes, envelhecem muito rápido em função do excessivo e árduo trabalho. Ressalta que a alma desta mulher é de grande energia, perseverança e vigor. “*¡Triste suerte la suya! Aunque se case jóven, fresca como una lechuga y limpia como la plata, al año de matrimonio ya parece súcia, vieja y estropeada. El marido tambien se acaba presto*” (p. 229, Tomo II). Esses dois tipos compõem o povo feminino de Navarra, resume Villoslada.

La Mujer de Orense

Autor: D. Manuel Murguía

Murguía, para falar de Orense, como outros escritores, introduz seu texto com os aspectos climáticos, naturais, históricos, geográficos da Galícia – região à qual pertence esta província. A orensana, em seus traços físicos, lembra os árabes e é muito formosa. Sua beleza, diz o autor, foi cunhada pela natureza que a rodeia; são fortes, prudentes, enérgicas – nas horas difíceis –, boas e puras, inteligentes, doces, francas, amáveis, alegres, ternas, trabalhadoras e varonis. As mulheres pertencentes às aldeias vestem-se de forma diferente das cortesãs e damas. Os trajes destas últimas são semelhantes aos das mulheres de outros países, signo da rápida transformação que a moda vem apresentando. Argumenta que até mesmo as mulheres menos acomodadas não conseguem fugir “à tirania da moda”, mudando suas vestimentas e alterando características próprias de seus tipos, usos e costumes. Murguía destaca que na província de Orense há falta de homens mas que ali as mulheres não precisam do apoio deles para sobreviver: “(...) *aquí los es por si misma* (...)”. (p. 249, Tomo II)

La Mujer de Oviedo

Autor: D. Carlos Frontaura

Frontaura optou, em seu escrito monográfico, por abordar a mulher e a região – geograficamente falando – de Astúrias, que foi povoada pelos mouros e reconquistada, à qual pertence a província de Oviedo. Inicia dizendo que as mulheres asturianas dos grandes centros são iguais às mulheres de outros pontos centrais: vestem-se e falam à francesa e fiéis companheiras dos homens no trabalho e educação dos filhos. No entanto, as características específicas não estão nas das cidades, que não possuem mais os trajes e costumes típicos – feito da civilização moderna e da facilidade de comunicação – mas sim nas das aldeãs, que constituem-se nos “verdadeiros” tipos populares: guardam a tradição, recordação, simplicidade e encanto. Observa que as asturianas, de forma geral, são belas, modestas, melancolicamente doces, discretas, alegres, simples, doces. Possuem uma malícia inocente, são educadas à moda cristã e têm como traço característico a piedade. Aquelas que pertencem à classe média e aristocracia são instruídas e afeccionadas pelo hábito da leitura. Quanto às mulheres *del pueblo* de Oviedo, especificamente, relata que são graciosas e belas, mas já não conservam o traje simples e próprio do lugar. Frontaura, ao terminar, refere-se à Espanha como pátria: “(...) *simpático tipo de las mujeres de Astúrias, de esa feliz e hermosa region de nuestra pátria* (...)” (p. 267, Tomo II)

La Mujer de Palencia

Autor: D. Saturnino Estéban Collantes

Collantes parabeniza o editor e a obra ressaltando a sua importância em um momento em que “os tipos espanhóis estão desaparecendo”. Duas questões são destacadas em seu artigo: A região - o espaço territorial e suas características comerciais - e um ideal de mulher para as sociedades daquele momento. A diferença de gênero está explícita em sua forma de abordar homens e mulheres. Quanto ao aspecto climático, geográfico e comercial de Palência, diz o autor que se trata de região carente em água, árvores, o que prejudica sua agricultura, indústria e comércio – destaca-se por produzir farinha e tecidos. Quanto aos homens e mulheres, ali, o primeiro nasce forte, recebe boa educação, é sábio, guerreiro, filósofo, matemático e político, enquanto que a mulher

nasce frágil, sua educação é descuidada, o que a torna ignorante, mas na disputa com o homem vence sempre, apresentando seu caráter dominante. As mulheres, segundo Collantes, nascem para e pelo amor – é natural em seu ser, forma sua escola, sua profissão, seu estudo -, voltam seus sentidos para esta questão e seu instinto perspicaz manifesta-se no casamento. Acrescenta: “*la mujer siempre há sido y será la mujer, sobre todo desde que dejó de ser cosa, desde su emancipacion por el Cristianismo*” (p. 273, Tomo II). Sobre a palentina, especificamente, trata das mulheres da atualidade: são bonitas, boas, educadas, naturais, verdadeiras, criadas na fé católica e não são republicanas – embora seus maridos sejam. Participam de forma mais ativa na vida e direcionamentos da política. Assim são divididas: “*las palentinas, pues, se dividen en propietarias, labradoras, harineras, manteras, hortelanas, y empleadas ó transeuntes.*” (p. 276, Tomo II). Estas últimas, *las empleadas* – ou a *empleomania* –, constituem-se em um novo tipo de empregados e segundo o autor, câncer da sociedade e digno de lástima.

La Mujer de Pontevedra

Autor: Claudio Cuveiro

A mulher aparece, nos argumentos de Cuveiro, como a “metade do gênero humano destinada a embelezá-lo e dirigir o homem pelo caminho da vida”. São como flores “(...) *creadas para adornar el jardin de la vida del hombre que sabe cuidarlas (...)*” (p.284, Tomo II). As mulheres de Pontevedra não são formosas no superlativo nem feias: possuem graça natural, segundo este autor. Divide-as em quatro grupos, representativos da população feminina da região: lavradoras, vendedoras de pescado, artesãs e as senhoras (a classe média). A lavradora ocupa um lugar privilegiado em seu relato: trabalhadora, simples, benigna, caráter doce, amável, constante, religiosa, caridosa e modelo de piedade filial e conjugal. Não são feias nem bonitas, mas “(...) *le sobran frescura en la tez y naturalidad en el decir; atractivos éstos, que exceden en bondad á los que son producto del arte*” (p. 291, Tomo II). Complementa que falta instrução, cultura e conhecimentos, mas é bem educada, aprende fácil, é desconfiada e perspicaz como deve ser. As vendedoras de pescado congregam qualidades inadequadas a uma mulher, de acordo com Cuveiro: são rudes e grosseiras, de caráter áspero, são criadas em meio aos marinheiros, e educadas com muita liberdade, o que as leva à infidelidade, pouco asseadas, embora nem todas sejam pobres. “*En resúmen, la vendedora de pescado no es la mujer de la civilizacion, no es la mujer de esto siglo. En el há nacido y en el existe; pero su carácter, su instruccion y su modo de vivir, la hacen comparable á la mujer de los primitivos tiempos*” (p. 297, Tomo II). A artesã possui educação parecida à das mulheres da classe média. Essencialmente cristãs, são ingênuas, bonitas, doces e afáveis e carregam o desejo ultrapassar sua classe social. A senhora (classe média) é educada para a sociedade. As características que a distinguem estão em seus costumes, gênero de vida e qualidades morais, segundo este literato. Recebem educação esmerada: ler, escrever, costurar, bordar, pintar, falar línguas e entender de música – conhecimentos que, segundo o autor, são importantes para a mulher viver em sociedade. São belas, graciosas, caridosas, religiosas, constantes no amor, firmes, e vestem-se adequadamente. Há também, lembra, em Pontevedra, uma aristocracia que não se distingue desta classe média e vive em familiaridade com ela. Cuveiro encerra o texto apresentando o que seria a felicidade das mulheres: praticar o bem por instinto, fugir dos vícios e serem virtuosas.

La Mujer de Salamanca

Autor: D. Ventura Ruiz Aguilera

Para Aguilera, em Salamanca também os efeitos da modernidade tem apagado traços que diferenciam as salamantinas das de outras províncias. Essas mulheres possuem veia e alma patriótica, perceptíveis nos momentos em que a liberdade da pátria é colocada em perigo. As mulheres desta província apresentam-se por este autor como belas, simpáticas, luxuosas – em especial as senhoras pertencentes à aristocracia, seguidoras da moda – religiosas, bem educadas para a sociedade, amáveis e discretas. Nesta região, muitos são os tipos de mulheres, diz o autor, mas destacará três que se sobressaem: *la artesana*, *la charra* e *la de candelario*. A primeira mostra-se discreta e sociável, utiliza trajes peculiares e luxuosos; *la charra* (mulher do campo, das aldeias) ainda se apresenta na sua integridade histórica: nos trajes, costumes, traços físicos e conserva a “(...) pureza y correccion, que nadie imaginaria en la gente del campo” (p. 325, Tomo II). As *de Candelario* (que ficam situadas em uma vila nas serras) são notáveis pela sua formosura, trajes e características físicas belas: “*les digo á ustedes que el tipo que describo es de esos que paran á los artistas y á los que no lo son, con tal que sean aficionados á lo bueno.*” (p.325, Tomo II)

La Mujer de Santander

(La Montañesa)

Autor: D. Amós de Escalante

Pátria é a expressão que aparece fortemente marcada nas primeiras páginas do texto de Escalante. Apresenta a definição dizendo que amor pátrio não supõe ter nascido em um território e sim, sentir-se indissolivelmente atado a uma região da terra. A idéia de mãe é o que surge, para o autor, quando se fala em pátria, relacionada a fonte fecunda de amor e inspiração. Tais definições são utilizadas para falar da Espanha. Sobre a montanhesa – tipo de mulher de que tratará em seu artigo – ressalta o instinto maternal. Apresenta tipos campestres – trabalhadoras - e classes acomodadas – que, às vezes, por viuvez ou solteirice, precisam desempenhar negócios comumente feitos por homens. Outros tipos são descritos, como as *pasiegas*, mulheres de hábitos independentes e vida peregrina e *la pejina*, mulher do mar, sem muitos pudores e de característica explosiva. Escalante encerra seu escrito ressaltando a devoção e religiosidade das mulheres montanhesas. Sobre a Pátria, diz: “*Tener pátria, en el concepto aqui usado, significa sentirse perdurable é indisolublemente atado á una region de la tierra, bajo cuya corteza, en cuyo ambiente laten espíritus invisibles, que puestos, tanto de cerca como de léjos, en comunicacion perpetua con el alma, la gobiernan y agitan, siendo agentes, causa y guia de obras y afectos, de emociones y actos: tierra habitada en sazon de saber encariñarse, vista a la luz de naciente entusiasmo y vírgenes esperanzas; tierra de suelo sagrado y cielo sublime; suelo formado del polvo confuso y desconocido de generaciones sin cuento y sin nombre, sino de los despojos distintos de una raza progenitora; cadena viva, cuyos eslabones, atravesando siglos, juntan y ligan remotos y presentes tiempos con dos vínculos animados y no interrumpidos; la sangre, que no palidece; el apellido, que no se extingue: cielo donde consolador y perenne luce el reflejo de los maternos ojos, tantas veces clavados en su azul durante la larga cita y los afanes de nuestra niñez y crianza.*” (p. 332, Tomo II)

La Mujer de Segovia

Autor: D. Nemesio Fernández Cuesta

Para Cuesta, na capital, nas vilas e em outros lugares da província as mulheres de Segovia são discretas, dotadas de virtudes e varonis. A despeito das transformações que a modernidade vem impelindo, nesta região a mudança acontece de forma mais lenta. As segovianas de classe média apresentam esmerada educação, são francas, ingênuas, pacientes, firmes em seus propósitos, retas em seus sentimentos, trabalhadoras, fiéis e modestas. Vestem-se à moda de Paris. As particularidades das de classe popular está também em alguns trajes – típicos – e em seus costumes, como os bailes. A província de Segovia, diz o autor, conserva alguns traços dos costumes dos povos antigos que ali habitaram, como chamar a mulher a Conselhos ou direção de negócios. Complementa dizendo que nesta província há uma grande devoção a *Santa Águeda*, considerada a heroína salvadora da pátria: “*Ahora bien: una mujer santa, de tal ingenio y discrecion, como muestran sus contestaciones al Gobernador siciliano, y ademas de iniciativa en el servicio de Dios y de la pátria, merece el primer lugar en la república (...)*” (p. 374, Tomo II). Observa que, devido à grande devoção a esta santa, sempre lembrada e celebrada em cinco de fevereiro, tem-se o costume de, neste dia, tudo ser comandado pelas mulheres – até meia noite, quando passa novamente à jurisdição masculina. Cuesta, no lugar de dedicar, consagra seu escrito às mulheres segovianas, pois, para ele, elas serão sempre sagradas.

La Mujer de Sevilla

D. José Luis Albareda

Chama a atenção em Albareda e outros autores certa característica romântica de escrita, que ressalta a “beleza superior e peculiar” das mulheres em geral e em cada província. Entende que “falar de mulher” exige como pré-requisito o discurso da aparência física. O aspecto moral, que nestes artigos também é destacado, aparece em segundo lugar na tentativa de definir e apresentar essas personagens. Este autor, que trata de Sevilha, uma província da região de Andaluzia, não é diferente em suas observações. Apresenta-as como belas e formosas, discretas ao falar, sedutoras ao andar, voluptosas nos bailes, expressivas nos cantares do povo e verve heróica; possuem uma beleza casta, mística e original. No tocante às qualidades morais, são modelos de mãe e esposa. Quanto às especificidades dos tipos e seus trajes característicos, estes já não existem mais devido à invasão da moda européia, argumenta. A distinção está na variação das formas sociais, que modifica as condições morais dos indivíduos, maneira de expressar suas aspirações, idéias e sentimentos. Para este autor, entre as sevilhanas as diferenças aparecem nas mulheres dos variados e distintos bairros populares da província. Na contemporaneidade, de acordo com Albareda, ficaram poucas recordações das tradições sevilhanas. “*Sevilla es una ciudad de Europa, rica, floreciente, que produce todos los frutos de Andalucía y adonde se aclimatan pronto todas las modas del mundo civilizado.*” (p. 389, Tomo II)

La Mujer de Soria

D. Manuel del Palacio

Os diversos autores sempre remontam à história para apresentar o espaço e o povo. Palacio não faz diferente. Inicia argumentando que a natureza do terreno influencia no caráter e costume de um povo, e Soria apresenta-se como uma sociedade culta e

animada, mesmo em períodos de incertezas e guerras, e de sólida moral feminina. No entendimento desse autor, três qualidades constituem a boa e exemplar mulher: trabalhadeira nos serviços domésticos, caridosa e humilde. Palacio morou em Soria quando era pequeno e relata serem estas recordações que utiliza para escrever sobre o caráter delas. Mostra que, por pertencerem a uma grande região, há na província propriamente dita uma escassez de tipo nacional, de fisionomia própria. Tanto no aspecto físico quanto no moral, assemelham-se a todas as mulheres espanholas. A diferença fica colocada pelo aspecto climático e geográfico: o frio e a neve das montanhas as preservam de toda corrupção que a mobilidade da modernidade oferece, explica este literato.

La Mujer de Tarragona

D. Juan Landa

Landa deixa claro que está escrevendo para mulheres leitoras, e que apresentará o retrato físico e moral das tarragonesas, “irmãs” daquelas que recebem este artigo. Para essa “missão”, inicia contando uma lenda sobre como mulheres da Espanha, nascidas em diferentes lugares, ganharam seus atributos físicos; a de Tarragona foi a mais rica e bem dotada de todas, pois recebeu um pedacinho de cada um dos dotes das outras mulheres. Tornou-se, assim, um ser ideal e verdadeiro: “(...) *la diosa de Páfos regaló á la tarraconense cunado vino á España, verbigracia, tez de nácar y rosa, ojos de mujer árabe, espléndida cabellera negra ó dientes marfileños (...)*” (p. 411, Tomo II) Para falar das diferenças e peculiaridades, divide as mulheres desta província em cinco posições sociais e regiões: *señora*, *menestrала*, *labradora*, *obrero* y *mujer de la costa*. A *señora* é retratada como boa filha, fiel esposa, mãe amorosa e possuidora de um excessivo amor pátrio, embora se renda facilmente à moda. A *menestrала* econômica, trabalhadora, afável, excelente mãe de família e apreciadora de diversões. A *labradora* pode ser facilmente confundida com mulheres de outras províncias e necessita ajudar os homens nas tarefas rudes; é venerada pelos filhos e netos. Já a *obrero*, observa Landa, constitui-se em vítima da indústria moderna, leva uma vida de pobreza e dificuldade – veste-se e alimenta-se mal, recebe educação precária e, com o trabalho, adquire aspecto varonil. Para o autor, a invenção das máquinas – de costura e de fazer tecidos - tirou o espaço da mulher e a colocou nas fábricas. Mas é casta e zelosa de sua honra. Landa defende a proteção do governo para a mulher *obrero*. Por último, apresenta *La mujer de la costa* (a pescadora), que recolhe e vende o pescado que o marido traz. É fiel e possui extraordinária constância. Neste artigo, pelas observações de Landa, aparece um “flash” do olhar de alguns espanhóis sobre a América – aqui sobre o Chile e o Peru: “*teniendo España precision de castigar los ultrajes que la infrieran sus desnaturalizadas hijas las repúblicas de Chile y del Peru, armó una escuadra y la envió al Pacífico.*” (p. 408, Tomo II)

La Mujer de Teruel

**Autor: El Vizconde de San Javier
(José Muñoz Gavira Y Maldonado)**

Com as imagens dualistas utilizadas para definir as mulheres, Gavira y Maldonado inicia seu artigo sobre a mulher de Teruel. Preocupa-se em apresentar a mulher enquanto ser, destacando-a como “(...) *la hermosa mitad del género humano*” (p. 413, Tomo II), embora some a esta concepção a idéia de um provérbio árabe que diz ser a mulher fonte de todos os males e todo o bem. Lembra que no cristianismo, o homem foi

induzido por Eva ao pecado mas, se esta o fez se perder, Maria trouxe-lhe a salvação. Pelo relato deste autor, a partir de então a imagem da mulher ganhou uma simbologia positiva: representa o olho, a voz, o sorriso, o coração, a força, a beleza e a esperança. Como esposa, constitui-se no amor e alma da casa. Símbolo do amor, é descrita como prudente, ordenada, piedosa, caridosa, paciente, doce e inteligente: “*lo que el hombre adquiere, la mujer lo conserva, porque lo ama; lo que el hombre construye, lo adorna, lo embellece, porque la ama; cuando el hombre castiga, ella, siempre fiel á su mision de ternura y de amor, perdona*” (p. 414, Tomo II). Esta personagem, segundo este autor, configura-se no grande elemento da civilização. Relata que o cristianismo a colocou em pé de igualdade com o homem, pois libertou a todos da opressão: “*el matrimonio indisoluble entrega á la mujer el centro del hogar doméstico, á que la naturaleza indudablemente la había destinado*” (p. 415, Tomo II). A glória da pátria – entenda-se a espanhola – segundo Gavira y Maldonado, foi dada também pelas mulheres. Entre as referências está a Rainha Isabel – que expulsou os árabes e deu um novo mundo à nação -, D. Sancha, D. Urraca e D. Berenguela. Mas, a considerar pelas idéias que aparecem logo a seguir no texto, o poder das mulheres está mesmo em seus atrativos e beleza. No período em que este autor escreve, encontra-se em discussão na França e nos EUA os direitos e emancipação da mulher, idéia à qual Gavira y Maldonado posiciona-se contrário: “*la emancipacion de la mujer seria un progreso aparente en su posicion social; la haría perder la emancipacion ventajas de proteccion y de amor que debe á su debilidad orgánica, su grande y deliciosa influencia. La mujer tiene en si los medios de ejercer un poderoso influjo sin necesidad de recibir la solenne igualdad con los hombres*” (p.417, Tomo II). Sobre a província de Teruel, depois de apresentar sua história e outras referências – como o caráter enérgico e guerreiro dos habitantes – este escritor retrata as mulheres dali. Descreve-as cheias de valor e energia, sensíveis, amorosas e heróicas. Possuidoras um instinto benéfico e, por tratar-se de província agrícola, compartilham com os homens os afazeres do campo. Constituem-se em mães carinhosas e dedicadas, verdadeiros modelos de mulher, diz o autor. Gavira y Maldonado finaliza este artigo expressando seu entendimento sobre o que os tempos modernos trazem para a Europa – inclusive para a Espanha: “*Teruel es una de las pocas provincias donde las ideas socialistas y demagógicas no han herido aún las delicadas fibras de la mujer (...).*” (p. 425, Tomo II)

La Mujer de Toledo

Autor: D. Abdon de Paz

Paz, em suas primeiras páginas, mesmo lembrando que a mulher é *nuestra bella mitad*, destaca aspectos geográficas e naturais da província. Logo após, divide as protagonistas em dois gêneros: *la Señora* – habitante da capital e também subdividida em *señora* e *criada* – e *la Lugareña* – pertencente aos povoados e subdivididas em *labradora* e *campesina*. São destacadas algumas características da *Señora*: graciosa, bondosa, caseira e refinada tal qual deve ser uma dama. Usa moda importada, neste “século da generalização e de conhecimentos universais que se espalha pela Espanha feito locomotiva a vapor”, como diz o autor. *La criada* vem dos povoados e gosta de andar pelas ruas. São muito religiosas. *La labradora* possui terras, não é delicada nas linhas nem fina nos modos – prejudicada pelo ar e sol da aldeia, tem aspecto rude em função do seu cotidiano e afazeres – mas acolhe muito bem, além de ser bastante religiosa, relata Paz. *La campesina* possui somente sua força de trabalho, não tem acomodações próprias e é mártir de seu dever. Embora rude, apresenta-se altiva, amante da justiça e defensora da desgraça. O autor considera que seu liberalismo a impulsiona a condenar a

tiranía, seu patriotismo a anima a sofrer com paciência sua sina e sua religiosidade configura-se em protesto contra a descrença. Conserva o seguinte lema em sua alma: “(...) *RELIGION, PATRIA Y LIBERTAD*” (P. 436, Tomo II). Percebe-se, nesta parte do artigo, que Paz vinculou o sentimento patriótico com a paciência e a obediência. É sobre maternidade e religião o último assunto abordado por ele: “*¡Felices las madres que enseñan á sus hijos á cuidar del desarrollo de los intereses materiales, sin olvidarse de la religion! (...) Felices los pueblos que trabajan y rezan*” (p. 439, Tomo II). Defendendo ferozmente o catolicismo, o autor define o que é bom e o que não é: bons são a religião e o progresso, maus são certos partidos políticos. Se Eva significou perdição, no passado, argumenta, Maria simboliza a reabilitação, salvação no mundo moderno. Se inspirada em Maria, a mulher terminará por reabilitar o homem, complementa.

La Mujer de Valencia

Autor: D. Enrique Pérez Escrich

Escrich introduz o artigo com o estudo fisiológico de Valência, entre riqueza material, natureza, história, personagens, destino/missão, e outros aspectos. Considera ser esta província como um imenso jardim, com clima benéfico, céu azul e perfumada pelas flores que a natureza produz – “(...) *oásis encantador (...) primavera perpetua que convida al deleite, á la pereza, al amor*” (p. 448, Tomo II). A mulher valenciana, para ele, ama pérolas e flores, é hospitaleira, cristã e impera no ambiente doméstico. “*La mujer valenciana es el alma de la casa (...)*” (p. 449, Tomo II) Constitui-se em raça formosa: severa e altiva, de contornos puros, linhas e traços físicos delicados. Escrich mostra que no caso de mulheres estereis, mesmo com a vergonha que tal condição impõe ao casal, procuram adotar filhos – existem muitas crianças abandonadas – e amá-los muito. A mulher de Valência, diz ele, configura-se em anjo bom da família, modelo de mãe e esposa; para ela “(...) *la vida se reduce á estas sencillas palabras: Amar y ser amada.*” (p. 459, Tomo II)

La Mujer de Valladolid

**Autor: El Conde de Fabraquer
(José Muñoz Gaviria Y Maldonado)**

Em suas primeiras palavras, Gaviria y Maldonado cita Calderon: “(...) *si el hombre es un mundo abreviado, la mujer es el cielo de esse mundo*” (p. 461, Tomo II). Nessas páginas iniciais relata suas impressões sobre a mulher, como ela é pensada e vista naquele momento. Escreve que a mulher configura-se no arremate da obra de Deus e sua história constitui-se na história da humanidade, “(...) *la hermosa mitad del género humano (...)*” (p. 463, Tomo II), metade mais frágil, delicada, mais digna de consideração e respeito. Entende que o cristianismo presenteou a mulher com a emancipação, reconhecimento e o respeito aos seus direitos de mãe e esposa. Após tais observações, o autor passa a apresentar a província de Valladolid, sua história, grandeza e poderio. A partir de então, entra no tema propriamente dito, que são as mulheres desta localidade. Estas são descritas como honestas, caridosas, inteligentes, trabalhadoras, heroínas, possuidoras de grande pudor e ciência, com espírito varonil, íntegras e modelos de piedade. Reina ali, diz o autor, os instintos benéficos e religiosos. Mesmo aquelas pertencentes aos campos e às fábricas, mostram-se doces e afáveis. Valladolid está crescendo, observa animado Gaviria y Maldonado: é o progresso material chegando... “(...) *la ciudad con numerosos y hermosos edificios, aumentando sus*

tráficos y sus comunicaciones por la via férrea que cruza su Provincia (...). (p. 479, Tomo II)

La Mujer de Vizcaya

Autor: D. Fernando Martínez Pedrosa

Pedrosa utilizou-se do relato de uma vizcaína para escrever o artigo. Fez uma introdução mesclada de estilo literário e filosófico para apresentar a mulher da província de Vizcaya. Aparece em seu relato como robusta, arrogante, que compete com o homem em força – a mulher do tempo presente –, mas cumpridora do ofício da mulher casada – servir ao marido, governar a família e criar os filhos. Trata-se de uma singela e varonil mulher, no entendimento deste literato. Logo a seguir, começa a escrever o texto a partir da narração da história de vida e conhecimentos sobre o lugar de Ignacia Valmaceda. É ela que destaca o sentimento de amor e pertencimento dos habitantes desta província; fala sobre alguns costumes, como vida rural dos vales e montanhas, o império da mulher sobre o homem, mas também das festas, comemorações pela chegada da primavera, bailes, *corpus christi*; sobre a região, a agricultura aparece como missão. Quanto às mães, o discurso não se diferencia dos de outros autores: todas elas nasceram para sacrificar ao filho o melhor de sua vida. Ignacia ressalta que o povo vizcaíno vive em família, por ela respiram e para ela gastam sua força e inteligência. Destaca que nesta província ainda não chegaram os alardes do progresso. Nesse lugar cresce o sentimento pela pátria, a paixão nacional: “(...) *la pasión nacional es defecto nocivo, y sábia rectitud la del pueblo que se conoce á si mismo, facilitando médios de que lo conozcan los demas, (...)*” (p. 502, tomo II) Para finalizar, somente o último parágrafo volta a ser de Pedrosa, dizendo: “*aquí calló la mujer de Vizcaya, enjugándose la última lágrima desprendida de su relato. Yo he sentido y llorado con ella. Feliz me considero de haberla conocido. El Cielo escuche sus votos.*” (p. 505, Tomo II)

La Mujer de Zamora

Autor: D. Cesáreo Fernández Duro

Fernández Duro destaca no início do artigo a condição de atraso em que vive a província de Zamora. Região das mais atrasadas da Espanha, encontra-se numa posição subalterna e não atrai capitais, porém, apresenta-se de moral impecável. A vida nesta região concentra-se na família, sem expansão para o exterior. Os progressos da civilização não tiveram entrada neste lugar e, assim, não corromperam idéias e costumes – embora o progresso seja bom, adverte o autor. As mulheres participam desta situação com respeito e prestígio. São descritas como religiosas, trabalhadoras, submissas, alegres, fortes na adversidade, compassivas, econômicas e prudentes com o que não conhecem, boas mães, amantes da família e da casa. As diferenças entre elas dão-se a partir da posição social, clima e espaço a que pertencem: esses elementos alteram traços da fisionomia e configuração do corpo – diferença entre mulher do campo e da cidade – mas não se encontra ali um tipo característico em especial, escreve o autor. As artesãs são admiradas pela beleza das vestimentas, pois seguem o figurino de Paris, enquanto que distantes delas estão as mulheres *de los pueblos*, perceptíveis pelo tipo distinto, diferentes costumes e trajes. Observa Fernández Duro que a educação, tratada com esmero, é moral e profundamente religiosa: nas escolas para mulheres dá-se ênfase nos ensinamentos que exercitam as habilidades em trabalhos de utilidades e adornos – cimento para o futuro – em detrimento da gramática e aritmética. Os relatos finais deste autor dizem respeito à moral e patriotismo dessas mulheres. As zamoranas são

cuidadoras e defensoras da província – faz referências a vários expoentes como D. Sancha (irmã de Alfonso VII), D. Urraca (sobrinha do VII e filha de D. Alfonso VI), cujas virtudes, além da beleza, são juízo e conselhos sábias. Todas tocam em questões que envolvem a problemática da nação e sentimento nacional: “(...) *Doña Sancha* (...) *‘espejo de España, honra del orbe, gloria del Reino, cumbre de justicia, altura de piedad’*” (p. 518, Tomo II). Cita também outros nomes importantes de mulheres para marcar “(...) *la firmeza heroica de una mujer*” (p. 519, Tomo II). Continua, em outras páginas, elencando uma galeria de mulheres fortes e heróicas, representação e símbolos da Zamora e Espanha.

La Mujer de Zaragoza

Autor: D. Emilio Castelar

Este autor enfatiza a mulher como referência de amor e a relação entre amor e pátria: “*el amor es la vida entera de una mujer. Los hijos son para ella el amor de los amores*” (p. 532, Tomo II). Apresenta um verdadeiro culto a elas - “*las cualidades morales de un pueblo se explican por las cualidades de sus mujeres (...) son (...) musas de las artes, sino las maestras de la vida*” (p. 526, Tomo II) -, e a Virgem Mãe representa o símbolo religioso – ideal feminino de ternura, delicadeza, misericórdia, bondade, poesia e inspiração e adoração à virgindade e maternidade –, cultuado por homens e mulheres nesta região. A mulher zaragonesa possui soberania verdadeira e caminha à igualdade dos sexos, diz Castelar: “(...) *se parece á su vecina la francesa en que participa de los negocios, coopera á la administracion, preside á los trabajos, alcanza y allega ideas definidas y justas satisfacciones para la igualdad social de los sexos.*” (p. 529, Tomo II). Mas este autor argumenta que, se por um lado lhe tira a poesia que possuem as mulheres de outras regiões, por outro lhe coloca em uma situação superior e de igualdade com os homens. O que diferencia esta mulher das de outras regiões é este sentimento dominado pela vontade e pela razão, observa. Em Aragão – região à qual Zaragoza pertence –, exalta-se a mulher para a verdadeira educação dos povos, para o exercício das liberdades públicas – o que constitui uma virtude da raça aragonesa, diz Castelar. Ali, conhecem-se as mães pelos filhos. Em um dos exemplos que cita para demonstrar o grande amor das mulheres à pátria, o autor explica que esta, exausta e quando não tinha mais nada a oferecer, ofereceu a vida pela causa. Assim, argumenta, são as mulheres aragonesas sublimes heroínas nos combates. Mas há uma grande diferença entre homens e mulheres que lutam por este ideal: para o homem, a guerra faz parte de seus instintos, enquanto que a mulher necessita fazer um esforço sobrenatural, porque em primeiro lugar tem que lutar contra sua própria natureza – que não é belicosa: “*ellas ofrecieron de grado en aras de la patria hasta el sacrificio de su naturaleza*” (p. 541, Tomo II). Com estes sacrifícios, formam, robustecem e consolidam as nações. Todos os amores resumem-se a pátria: as mulheres de Zaragoza amam a pátria e sustentam a idolatrada Espanha, reitera o autor. “*Pues si amais la patria, deben aparecer á vuestros ojos (...) las mujeres de Zaragoza sosteniendo nuestra idolatrada España. ¡Benditas sean!*” (p. 541, Tomo II)

AMÉRICA

La Mujer de la Isla de Cuba

Autor: D. Teodoro Guerrero

Guerrero inicia o artigo exaltando a mulher como alma e eixo da sociedade, mas também lembra a passagem da destruição do paraíso celestial. Dessa forma, mostra que as mulheres constituem-se também em “Evas” que destróem “Adãos” – para o autor os homens somente passam a olhar para a mulher com os olhos da razão depois de casados. Quanto às cubanas, informa que tentará ser imparcial para tratar de seus méritos – não falará das negras por não considerá-las. Neste artigo, não faz menção aos aspectos negativos das cubanas, e mostra-se muito encantado com elas. Inicia o texto sobre Cuba recuperando parte da história do “descobrimento da América” a partir de uma perspectiva feminina – a importância de mulheres como a Rainha Isabel neste feito. Guerrero pensa em retratar a imagem da mulher de Cuba buscando as “índias de pele cor de cobre” a que Colombo fez referência, mas diz que não encontrou mulheres com estas características físicas, pois, para ele, elas desapareceram por absorção, em função da mescla de raças – a miscigenação levou embora antigos hábitos e costumes e foi responsável pela civilização. Argumenta que Colombo civilizou as mulheres índias e, mesmo adaptadas à necessidade do local, na sua essência elas são européias porque a semente européia está em seu sangue – “são espanholas com o selo da terra onde nasceram”. Para mostrar essas qualidades, relata nomes de ilustres mulheres das artes, escritoras e poetisas cubanas. Quanto à independência da América, Guerrero entende que quem perdeu foram mais esses próprios territórios do que a própria Espanha, pois depois da independência cessou a prosperidade em Cuba - faz crítica ao fanatismo patriótico de algumas mulheres cubanas. As mulheres que descreve são cuidadas mães de família, governantes da casa, graciosas, hospitaleiras, belas e alegres, anjo de consolo e indolentes – a indolência das cubanas constitui-se na sua graciosidade e beleza, é marca da distinção, justificável pela riqueza, luxo e facilidade de possuir amas. As cubanas só administram os afazeres domésticos e andam sempre de carruagem. Para Guerrero, a virtude das mulheres está em conter os impulsos dos sentimentos. Nos usos e costumes, mostra que todos são muito próximos dos da Europa/Espanha. Os trajes, a educação – bons professores e colégios para homens e mulheres. As diferenças estão na indispensabilidade da carruagem, na música – dançante –, nas casas – mais ventiladas, com mais janelas – e na criação pessoal. A população do interior, como em todos os países, não se apresenta importante: as moças desconhecem as letras, religião e os princípios mais fundamentais da moral social. Finaliza dizendo que Cuba é terra amada por trazer à vida mulheres queridas.

La Mujer de Puerto-Rico

Autor: D. Teodoro Guerrero

É perceptível a pouca simpatia que Guerrero nutre em relação a Porto Rico. Em suas palavras, um *improbo trabajo* escrever sobre este espaço geográfico e as mulheres deste lugar – elas estão fora do quadro que o editor deseja conservar nesta obra, argumenta Guerrero. Questiona as denominações que recebe esta ilha. Entende que é impróprio o adjetivo Rico em seu nome, uma vez que este espaço mostra-se pobre e indigente. Para ele não representa um lugar de virtudes. Ressalta a idéia de um povo atrasado em seus costumes, trajes, usos e até mesmo na educação moral. Neste espaço a miscigenação não teve a eficácia de colocar fim nos costumes dos nativos, principalmente no tocante à

moralidade. Ali, em Porto Rico, a educação é lastimável, dá-se pouca atenção a esta questão, comenta. Além do atraso intelectual, não podem ser encontrados em sua história expoentes femininos, seja nas letras, nas artes ou na política. A sabedoria da mulher portorriquenha está somente em seu hábito de ficar mais reclusa, próxima à família. Carente de nomes femininos importantes na história desta ilha – e tentando respeitar as hierarquias sociais –, passa a relatar sobre as casas, a presença dos negros na vida e no cotidiano das pessoas – refere-se a eles como inconvenientes, – sobre a moda – sempre atrasada neste lugar – e os hábitos – caminhadas, gosto pela dança e moralidade perceptível pela ausência de prostituição. As mulheres, em alguns lugares da ilha, possuem características mais americanas – pele mais queimada, cabelos e olhos mais negros - e, no geral, enfeitam-se muito. Para Guerrero, as mulheres dos povoados são uma degeneração das mulheres das cidades: exageram nos trajes e adornos e possuem pouca instrução. Para ele, capítulo à parte são as que povoam os campos. Mostram-se ignorantes e imorais – o autor descreve mulheres, costumes, homens, comida, vestimenta e dança. Sobre as negras há uma recusa do autor em abordá-las, embora expresse que estas passaram da categoria de coisas para a de pessoas após a abolição. No entanto, deixa claro que, mesmo sendo contra a escravidão e a favor da abolição, não se senta à mesa com um negro nem o deixa entrar em sua sala. Portanto, não o colocaria nesta coleção.

Las Mujeres de Filipinas

Autor: D. Vicente Barrántes

A obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* é composta pela apresentação e descrição de lugares colonizados ou, que de alguma outra forma, pertenceram um dia à Espanha. As Filipinas – posicionada entre o Oceano Pacífico e o mar do Sul da China -, embora não caibam na extensão deste título, também estão presentes nesta coleção por terem sido colonizadas por ela. Vicente Barrántes explica que “(...) *quedaría incompleta nuestra obra si no comprendiese á las mujeres filipinas (...)*” (p.35, Tomo III). Para este autor, a recepção desta coleção é feminina – *nuestras lindas lectoras*. No início, aborda características dos homens e mulheres desta localidade: raças indígenas e mestiças com fisionomia poética e amável. Os homens possuem nível intelectual baixo, são pouco afeitos ao trabalho e ao esforço, mas ativos e industriais. A forma de amor da indígenas, segundo Barrántes, é mais instintiva; apresentam-se passivas e submissas, o que causa dúvida para este autor: “¿es síntesis de carácter ó es poema de sentimiento? ¿es diplomacia ó abnegacion? ¿marrullería ó candidez? ¿indiferencia ó dominio de si misma? Solo Dios lo sabe” (p.39, Tomo III). O que marca, para este autor, é a frieza dessas mulheres. As mulheres filipinas, em seu escrito, aparecem como figuras que preenchem um quadro pitoresco e animado. Divide-as em três categorias ou raça: *la índia, la mestiza e la criolla ó la española del país*. A índia, em suas observações, configura-se em “um tipo curioso e digno de estudo” – os índios são considerados por ele como “plantas humanas” (referências em várias passagens do texto). Embora os filipinos indígenas não reconheçam o domínio da Espanha, tentam acompanhar seu tipo de organização administrativa, observa. O clima e a natureza é que interferem no jeito de ser dessa parela dos filipinos. *La mestiza*, para ele, constitui-se em um tipo mais aprimorado que a índia, possui um jeito mais aristocrático: “*la mestiza española sigue por lo común una línea más recta en sus especulaciones, y no suele descender á trabajos corporales*”(p.61, Tomo III). “(...) *la mestiza china odia menos el trabajo corporal que la europea (...)*” (p.55, Tomo III). São educadas à moda das antigas espanholas, possuem tendência religiosa e instinto mercantil. *La criolla*,

para Barrántes - considerando o pequeno número de espanhóis nas Filipinas -, geralmente é fruto de relações não formalizadas. Neste caso, como havia também a presença de outro grupo colonizador neste arquipélago, há somente um pequeno grupo desta categoria, de sangue espanhol. O autor observa que se criou um “tipo híbrido” de *criollos* nas Filipinas: sangue inglês, alemão e língua estrangeira, mas nunca misturados com os nativos. Esse tipo hispano-filipino foi “aperfeiçoado” com o sangue dessas duas raças – mas entende que ficou faltando a essas mulheres a graça das verdadeiras espanholas. Formam o maior núcleo da “boa sociedade filipina”, e casam-se com os espanhóis. Possuem um exagerado amor ao país. Na atualidade, ressentem-se o autor, a Espanha perdeu muito seu poder neste lugar, e a condução da política ficou nas mãos da população que vive ali – e maus hábitos administrativos estão destruindo o prestígio moral da Espanha. As Filipinas configura-se como uma incógnita para este autor porque, embora tenha procurado, não encontrou o “elemento preponderante” definidor deste lugar e deste povo – não conseguiu encontrar uma Espanha genuína nos hábitos, costumes e tipos físicos dali. O resultado do desenvolvimento das Filipinas, no tempo e no espaço, deveu-se à posterior união de *criollos*, mestiços e índios que habitavam e conformaram a região, a despeito da presença espanhola. Constituíram-se ali laços frouxos de sangue e nacionalidade, lamenta Barrántes, e perderam-se os vínculos com a Espanha, considerada por ele como o berço e grande exemplo.

La Mujer Argentina

(Buenos Aires)

Autor: D. José T. Guido

É perceptível que T. Guido nasceu na Argentina e ressentem-se pela corrente migratória que “avassalou” os costumes e hábitos espanhóis desta república, pelo seu tom de desaprovação e saudosismo. Para ele, a corrente migratória trouxe modificações também no tocante ao aspecto físico, que alterou o “tipo primitivo”. Também tece críticas à forma como a distinção social ocorre neste espaço. Ele, como filho da aristocracia, valoriza a distinção por laços sanguíneos e títulos. Na Argentina, segundo este autor, depois da independência, é a fortuna que dita normas, hábitos, práticas e costumes da distinção – a ostentação está na riqueza, e não na linhagem de sangue. Morador de Buenos Aires, é sobre a capital que falará, lugar que, segundo ele, merece honras pela sua graça. Sobre as mulheres argentinas, considera que não há um tipo excepcional nem único. Entende que uma das questões que deve ser levantada para tratar dessas mulheres é a raça. São descendentes de espanhóis, mas também há o “tipo primitivo”, que possui tez mais escura e vive nos campos – não é a mulher da capital. Outro aspecto diz respeito à massiva imigração que a Argentina vivenciou. Como vieram muitos imigrantes europeus, a mulher argentina perdeu seus modos, hábitos e costumes espanhóis. Na religião, por exemplo, adota sempre a do marido ou, às vezes, não adota nenhuma – para T. Guido, há um excesso de valorização do que vem de fora, enquanto que a “herança” espanhola foi deixada de lado. Observa que fixou na sociedade uma mescla de vícios antigos com a prática de etiqueta e moda européia. As mulheres argentinas também são descritas como afeitas ao exercício da política (sobressai em seu texto a exaltação patriótica dessas mulheres). São mães dedicadas, hospitaleiras, gostam de música e teatro. Em suas características físicas há uma uniformidade nos tipos, mas que está muito marcada pela invasão de outras raças – as mulheres perderam as semelhanças que possuíam com as províncias espanholas, nos hábitos, trajes, costumes e educação. Para o autor, a emancipação política interrompeu a “placidez da existência e abriu outros horizontes à fantasia e ao orgulho”. Guerrero faz

um bom retrato dessa república, mas condena a imigração que corrói a instituição espanhola que ali havia sido plantada.

La Mujer del Uruguay

Autor: Mateo Magariños Cervántes

Para Cervántes parece que lhe agradaria mais falar de Montevideo, abordando questões políticas, mas segue a concepção da obra, sugerida pelo editor. Inicia dizendo que o tipo físico e moral europeizado, encontrado entre as uruguaias, são explicados pela geografia desse espaço territorial: portos, contato com estrangeiros, casamentos, entre outros. Tudo isso fez que não sobrassem resquícios físicos nem morais dos tipos “primitivos” que ali habitavam. A mulher, pelo seu olhar, aparece idealizada: filha extremosa, esposa amante, abnegada, doce, com exemplar índole e caráter, apaixonada, honesta, voltada aos encontros familiares, com pudor e inocência. Seu poder está na força de seu amor. Para o autor, não há perversão no coração dessas mulheres: o bom, o justo, o belo caracterizam sentimentos inatos a elas. Quanto aos trajes, usam os mesmos da Europa, o que é facilitado pelo intenso comércio praticado. Não conhecem os maus instintos. No aspecto político, a mulher do Uruguai mostra, quando precisa, esplendor e prendas morais – como nos conflitos regionais que levaram à independência desta república, relata este autor. Por amor à pátria abriam mão dos seus pertences para acompanhar seus maridos neste momento de penúria. Em termos religiosos, permanecem os ensinamentos católicos – embora esta república tenha consagrado a liberdade de cultos. As mulheres dos campos, que habitam nos ranchos, também são apresentadas como virtuosas. Nem sempre usam trajes de acordo com a moda europeia – em função do tipo de funções que exercem – embora as jovens sempre procurem usá-los. Cervántes faz muitas referências a tipos, como os europeus e os primitivos. Embora considere a Espanha como mãe, não a eleva desmesuradamente, inclusive tece críticas à Europa, tratando-a como *viejo mundo*, cheia de vícios, principalmente morais. Preza de modo excepcional pela sua pátria (Uruguai e América) e as mulheres que nela nasceram: “(...) *no me parece digno falsear de uma manera tan grosera el espíritu y tendencias de la nueva civilizacion que germina en las entrañas del mundo (...) civilizacion destinada á regenerar un dia á la humanidad.*” (p.93, Tomo III)

La Mujer del Paraguay

Autor: Ildefonso Antonio Bermejo

Bermejo inicia o texto de forma direta, grave, séria, sem muitos rodeios, jeito que combina com o modo como olha para este espaço. Nas primeiras páginas trata da história política, geográfica e pluvial da região – sobre a Guerra do Paraguai fala pouco e somente no final do artigo. Retrata as populações indígenas que habitaram e deram origem ao tipo físico, moral e também aos costumes do povo paraguaio. Sobre as mulheres nativas, pinta-as com certa repugnância e carentes de beleza: ressalta aspectos físicos, costumes e algumas questões do caráter e moralidade dessa população feminina. As mestiças são retratadas de uma forma menos desagradável: “tipo gracioso, embora mestiço”, sensível e possuidoras de uma inocência selvagem. A mulher de situação social elevada, na cidade, é a virtuosa e envaidecida pela sua linhagem. Os paraguaios de origem distinta – de procedência espanhola – defendem a república e a democracia, mas não permitem adulterar a sua condição com a introdução de membros de origem duvidosa na família. Em Assunção – capital – o autor apresenta as mulheres por classes e categorias: *mulatilla* – filha de alguma escrava ou liberta, *las cocineras* – geralmente

negras e de condição escrava, *la mujer del pueblo* – sem distinção, trabalhadora, e que exerce várias funções como *la cigarrera*, *la aguadora*, *la vendedora*. Para Bermejo, tratar da mulher nobre deste lugar é também lembrar da história de tirania vivenciada por esta nação. Como o Paraguai ficou em isolamento no período de Francia, as pessoas mais ilustres, ricas, lúcidas e educadas tiveram que refugiar-se no campo. Isto fez com que tais mulheres adquirissem hábitos, usos e costumes dos povos camponeses e mestiços. Mesmo depois da morte do ditador, da entrada de estrangeiros, costumes e hábitos vindos da “civilização”, elas conservaram costumes dos menos esclarecidos, observa Bermejo. Mas a senhora paraguaia constitui-se em boa esposa e, apesar do acima exposto, mostra-se bem em público – vem aprendendo hábitos mais refinados. Relata que possui grande amor materno, veia patriótica e é destemida. Destaca, porém, que os usos e hábitos vêm apresentando transformações em função da influência de outros países, inclusive do Brasil. Bermejo também observa que o clima diferente da Europa faz com que as mulheres do Paraguai possuam costumes diferentes dos das espanholas. Mas para este autor, a mulher paraguaia nem se aproxima da graça e beleza da mulher nascida em Buenos Aires, porque aquela nasceu sob os “atravessamentos da civilização e educação esmerada”, o que a paraguaia dificilmente conseguirá.

La Mujer de Chile

Autor: D. Camilo Enrique Estruch

Agrada a Estruch falar sobre as mulheres, da sua beleza e graça. Constituem-se, para ele, a “preciosa metade do gênero humano”, embora carentes de maior liberdade e participação nos atos sociais – entende que estas deveriam exigir uma reparação da sociedade. Este autor também não foge às comparações feitas com mulheres européias. Quanto à mulher chilena, observa que nasce em meio à beleza e magnitude da natureza chilena: são altas, esbeltas, robustas, diferentes do porte físico dos indígenas. São inteligentes, educadas, religiosas, finas, nobres nos sentimentos como a caridade, amor, piedade e patriotismo. Ressalta o patriotismo como sentimento inato e nobre nesta mulher – de todas as classes sociais -, entusiasmada com o progresso de sua pátria. Divide-as em duas classes sociais: *mujeres del pueblo* – sedutoras, graciosas, cristãs, trabalhadoras e de ânimo varonil – e damas da alta classe social - formosas e educação esmerada. Estas últimas são comparadas pelo autor às inglesas e francesas nos hábitos e na moda. Nos eventos sociais possuem maneiras distintas, demonstram educação, instrução e religiosidade. Cumprem bem os preceitos sociais, são altruístas e de sentimento nacional pronunciado, relata. Em termos de qualidade, estas são comparáveis às mulheres dos povos mais avançados, embora *las mujeres del pueblo*, mesmo que esmeradas, belas, patriotas, abnegadas, trabalhadoras, não sejam vistas desta forma por este autor, como “*la mujer por excelencia*”. No tocante à política, Estruch é grande admirador do sistema político republicano chileno. Modelo de estado próspero, para ele configura-se em um país iluminado pela razão, direito e justiça, onde as leis são feitas para o bem geral. A resposta para tudo isto, explica, “*es que sus hijos están dotados de una gran fuerza de voluntad, dispuesta á labrar la felicidad del suelo en que han nacido (...)*” (p.119, Tomo III).

La Mujer del Peru

Autor: D. Camilo Enrique Estruch

Estruch inicia o texto dizendo das belezas e encantos do país, enfatizando Lima, a capital. Para ele, o sol do Peru influencia a espécie humana, região que possui uma vasta

extensão territorial e diversidade. Divide a mulher peruana em duas raças: a branca, oriunda da Espanha, e a índia, procedente dos Quíchuas. Sobre a indígena, retrata-a como fiel, apegada aos seus antigos costumes e pouco interessada pelos hábitos modernos. Fala de uma índole especial dessas mulheres: habitam as proximidades dos Andes, trabalham muito, andam descalças e com roupas toscas, mostram-se tristes, mas heróicas; são humildes, altas, robustas, pele cor de cobre e parecem fisicamente aos mongóis. O autor destaca a boa índole da indígena e representa-a de forma muito próxima aos atributos masculinos. Mas é na parte em que representa a mulher branca, a dama limenha, que Estruch coloca todo o seu encanto e admiração: “(...) *outro tipo femenino (...) cuyas relevantes cualidades estimulan al hombre estudioso a inquirir con vehemencia las causas que contribuyen á su brillante conjunto*” (p.129, Tomo III). Refere-se à multiplicidade de raças existentes na capital, que “dão formosura à espécie humana”, entre as quais está a mulher espanhola. O encanto e beleza da mulher limenha são potencializados pelo lugar, diz ele, qual seja, Lima. A mulher limenha também segue os preceitos e moda vindos da França e acabaram por se transformar em elegantes damas parisienses. No tocante aos sentimentos, costumes e nobreza, são identificadas com o progresso do século XIX. A educação, observa, configura-se no mais profundo sentimento de moralidade e ressalta a notável distinção das mulheres limenhas descendentes de espanhóis. Este autor possui encanto e admiração pelo aspecto e sistema político peruano. Faz crítica à forma violenta como foi empreendida a colonização e à crueldade do colonialismo. Suas idéias marcam um posicionamento político – pela república – e questionamento daquele que está vigente na Espanha.

La Mujer de Centro-América

Autor: D. Ignacio Gomez

Gomez não é admirador da América Central, do seu modelo político, muito menos das mulheres dali. Não admira a raça. Utiliza a expressão “homens de sangue azul” para evidenciar a superioridade do homem espanhol. De forma seca e sem prolegômenos, inicia o artigo indo diretamente ao assunto. Mostra os aspectos políticos/geográficos da América Central, dividida em cinco repúblicas: Guatemala, Nicarágua, San Salvador, Honduras e Costa Rica, e descreve o que tem de mais importante e interessante em cada uma delas. Observa que em toda esta extensão não há muita diferença nos usos, costumes e maneiras. A região vem transformando-se lentamente – caminhando rumo à civilização – em função das relações que mantém com a Europa e os demais estados da América do Norte e do Sul. Escreve que na América Central as classes mais altas têm grande amor ao progresso. Em se tratando de civilização, para Gomez, as verdadeiras capitais, centros do saber, estão na Europa, em Londres e Paris. Sobre as mulheres desta localidade – as de classe alta -, descreve-as mais bonitas que formosas, elegantes, fecundas, criativas, mas também sarcásticas. Usam a moda européia. As mulheres dos povoados, menos abastadas, usam trajes multicoloridos, gostam de música, arte, bailes e flores. Em relação à política, entende que anomalias políticas são comuns nos estados democráticos do Novo Mundo, inclusive na América Central. A miscigenação é algo que o incomoda: mulatos - índios com brancos - que vivem em uma situação de servidão – o trabalho doméstico constitui-se na função das mulatas.

La Mujer de Bolívia

Autor: D. Camilo Enrique Estruch

Estruch introduz suas observações relatando uma expedição que fez para a Bolívia, e explicita seus conhecimentos geográficos e geológicos – evidencia a beleza -, históricos e arquitetônicos – construções que se assemelham às da Índia Oriental e respectivos aspectos históricos – do país. Faz uma longa exposição sobre os *índios Aymaraes*, população que habitava a região da Bolívia (alto Peru), por entender que a mulher índia é descendente desta “raça”. Relata que a mulher boliviana constitui-se em tipo fácil de confundir com as de outras sociedades, o que dificulta apresentá-las em suas diferenças e peculiaridades. Divide-as em duas raças: brancas e indígenas. Sobre a mulher índia, descreve-a fisicamente – destaca o aspecto físico, como algo não conhecido, exótico – e demonstra sua condição de resignação e subserviência ao marido – vive sob o jugo despótico deste. Caracteriza-a como “infeliz criatura”. Sobre a branca, ressalta a natureza como algo exuberante e harmonioso, que combina com seus habitantes: “(...) *sus habitantes están dotados de las cualidades que enaltecen á los tipos más distinguidos de la familia humana*” (p.156, Tomo III). Após estas palavras, introduz sua análise sobre a mulher boliviana oriunda da raça espanhola. São aptas à vida social, mães ternas, piedosas, instruídas e muito patrióticas. Apresenta em meio às suas observações, histórias e lendas de mulheres bolivianas para mostrar exemplos de virtude feminina – pertencentes à diferentes regiões, lugares e camadas sociais, como as da cidade, *del pueblo*, dos campos e “as feministas”. O destaque, em seu texto, é mesmo para as brancas: “*dejamos apuntadas las variadas cualidades de primer orden que adornan á la mujer blanca de Bolívia (...)*” (p.161, Tomo III)

La Mujer del Ecuador

Autor: D. Nicolas Ampuero

Ampuero ocupa o início de seu artigo para apresentar a região retratada e contextualizar as mulheres equatorianas. Descreve os aspectos geográficos, a capacidade produtiva e comercial, além das condições atmosféricas, animais, habitações – pintura, arquitetura, decoração, etc., - e as ruas. Antes de entrar no assunto principal, detalha alguns lugares compondo o mapa geográfico do Equador. No tocante às mulheres, começa como os outros autores, pela nativa. Constrói quadros com tipos para exibir “à curiosidade pública”. Para aquelas que tiveram maior contato com os brancos, destaca a beleza de seu físico, a cultura e a inteligência. As mulheres, originárias do povo espanhol, na descrição feita por este autor, apresentam notória beleza. Assemelham-se às inglesas e alemãs. São doces, de caráter humanitário e, no tocante à educação, possuem conhecimento para distinguir-se na sociedade. Ampuero observa que no Equador, em função da peculiaridade geográfica, há uma divisão entre a região de *Quayaquil* e *Quito*, e tal divisão gera rivalidades entre as mulheres – também em função do comércio e da produção. O autor detalha tais especialidades – e peculiaridades dessas mulheres – pendendo, até certo ponto, para o lado pitoresco ao descrever as diferenças entre as duas regiões. Quase no final do artigo, o destaque é para o aspecto político equatoriano. Relata que esta república tem como base uma riqueza positiva, porém, não faz muitos progressos em função de debilidades prejudiciais para este lugar, como a falta de caminho para transportar a produção, a falta de administração pública, a intolerância religiosa e a ambição política. Todos esses problemas, na visão deste autor, levam o Equador ao atraso, além do decuido da educação popular – crítica ao clero conservador e nada inovador. Relata, por fim, que a mulher equatoriana ainda está por conquistar a

sua emancipação relativa – referente à civilização – neste espaço que se apresenta um tanto quanto bárbaro, mas com potencial para a civilização e encaminhamento político guiado pela razão e liberdade.

La Mujer de Nueva-Granada

Autor: César Olmedo

As primeiras referências aos habitantes desta região são a “selvagens ferozes e indomáveis”, pertencentes às sociedades bárbaras. Quanto à natureza, de acordo com este autor, pode ser vista como formosa para quem gosta de um formato meio desordenado e selvagem. A natureza, os espaços e habitantes aparecem nas observações de Olmedo ainda meio selvagens, não domados, exóticos e desordenados - é o lugar que precisa ser domado. As primeiras mulheres que retrata são as de origem indígena, pobres, ativas, cristãs imperfeitas e que, pelo instinto da raça, entregam-se aos prazeres sensuais que a sua natureza requer. Através de uma excursão pela região, o autor vai apresentando lugares, geografia, natureza e características das mulheres. As do campo são descritas como trabalhadoras e hospitaleiras. As da capital brilham por seus encantos, graça e educação. *La mujer del pueblo* é bela, cheia de graça e destaca-se nas funções religiosas. Na capital é que o autor encontrará semelhanças com o mundo civilizado: encontra-se em Bogotá ruas retas e edifícios magníficos – signos de civilização – ostentados por homens ilustres, honra da família americana, diz este autor. As palavras finais de Olmedo são: “(...) *la mujer neogranadina correspondiente á la raza española generalmente tiene los instintos más nobles, ejerce la caridad, es instruída, buena hija y amante esposa. Tal es en conjunto la interesante mujer que vive y se agita en el país del insigne literato Tórres Caicedo, y del malogrado poeta Julio Arboleda*” (p.183, Tomo III).

La Mujer de Venezuela

Autor: D. Nicanor Bolet Peraza

Peraza retrata em breves linhas a república venezuelana e destaca a figura materna como centro de sua análise. As primeiras impressões que deixa é sobre a Espanha em relação à América. Entende que os povos hispanoamericanos “romperam com a pátria-mãe, obedecendo a lei da maioridade”. Para ele, a Espanha soube reconhecer tal emancipação e heroísmo, e a América voltou a chamá-la de mãe. Segundo Peraza, a Espanha deixou como herança dois “tesouros universais”: a religião e a família. Colunas nas quais se apóiam o edifício social, a primeira é considerada fecunda fonte de virtude, ações grandiosas e pureza da mulher. Assim é a existência das mulheres desses países tocados pela cultura espanhola, diz, “glória herdada da pátria-mãe”. A venezuelana, em seus escritos, é cristã, tem como jurisdição a casa e recebe educação formal pequena – ler e escrever e mais alguns poucos saberes. Sua formação está em outras habilidades, como doutrina religiosa, tato social e virtudes – e assim formadas transformam-se em boas mães e esposas. A mãe, para este autor, é quase uma entidade divina. Em momentos difíceis para a pátria, a mulher desta localidade afronta os perigos e desafia o martírio, sem perder sua beleza latina, graça e elegância. A vida da mulher venezuelana está, para ele, entre o amor e o sacrifício: é abnegada e heróica – “*busquen otros para la mujer de sus respectivas naciones derechos y progresos; nosotros no pediremos para la nuestra sino altares como para una divinidad.*” (p.189, Tomo III)

La Mujer del Brasil

Autor: D. Camilo Enrique Estruch

Estruch inicia seu artigo contando a história da aventura epopéica do capitão português Salema e como sua expedição, no século XVI, chegou até os campos de Guanabara – que, segundo este autor, configura-se em expedição digna de ficar para a história dos heróis. A dificuldade colocada para os conquistadores do Brasil, diz ele, foram os *Tupinambás* – que moravam em quase todo o litoral brasileiro. Passando esta parte de apresentação histórica e geográfica do território, faz sua primeira incursão pelo tema, partindo do “tipo feminino indígena”. Para Estruch, a nativa brasileira apresenta aspecto físico agradável, mas veste-se como as mulheres pobres e tenta imitar maneiras civilizadas. São espertas, inteligentes, astutas, dissimuladas, dedicadas, amorosas, fiéis, cuidadoras, porém também ferozes e cruéis por natureza. Apegam-se à liberdade como signo de sua raça. Poucas são as observações feitas para esta tipologia de mulher, sempre retratadas em meio à história e natureza do Brasil. Antes de falar da mulher descendente dos portugueses, o autor faz nova introdução apresentando o Rio de Janeiro, capital do império, sua arquitetura – construções monumentais –, clima, rios entre outros aspectos. Para Estruch, esta capital demonstra em seu conjunto “o prodigioso poder de Deus”. Passando a falar da mulher branca, são apresentadas a partir do ideal de modelo, comportamento e beleza propagados naquela época - suas funções são as de filha, esposa e mãe. Católicas fervorosas, belas, elegantes, angelicais, ricas, aristocráticas e muito bem instruídas - usam trajes que respeitam as convenções referentes à classe e posição social e afeitas a reuniões familiares. Nas palavras de Estruch, essas mulheres são a representação da distinção, com um toque de exotismo que as distingue. Nos últimos itens abordados, o autor volta novamente a tocar em questões políticas, deixando claro seu apreço pela monarquia: “(...) *opulento império que hoy ocupa un rango de primer orden entre las naciones civilizadas. (...) Sus eminentes hombres de Estado rehusaron adoptar las formas excesivamente democráticas (...)*”. (p.202/203, Tomo III)

La Mujer de Méjico

Autor: D. Antonio Hidalgo de Mobellan

Mobellan, entre devaneios e histórias, busca o segredo da organização política e social dos povos que residiram e residem nas regiões da América conquistada. Defensor da conquista espanhola, não deixa de considerar a América “pátria de amor”, com atrativo sobrenatural, em especial, o México. Para ele, esta república de civilização nascente e de terra indígena - porém vigorosa - é digna de estudo. Sobre o tema especificamente, inicia com a “primitiva mulher asteca”: tipo duro, figura sem flexibilidade e personagem sem movimento – a religião e o culto é o que melhora um pouco suas atitudes. Como mãe é modelo, como filha escrava e, como esposa, mártir, de acordo com este literato. Embora as descreva como boas e honradas, ressalta mesmo é o aspecto pitoresco dessas mulheres: “*aquella hermosura selvática la coloca en la inmortalidad de lo bello*” (p.216, Tomo III). Após a conquista, o cristianismo impediu a conservação dos traços característicos do passado na denominada “raça nova”. Os costumes variaram aos poucos e se modificaram a partir do ideal de regeneração das novas crenças – foram da pluralidade de deuses à unidade do Ser Supremo, argumenta Mobellan. A mulher moderna do México apresenta espírito apaziguado e sereno, imaginação clara, esplêndida e alma dilatada aos afetos mais puros. A de alta classe – não é a aristocracia de sangue, mas distinção adquirida por talento, trabalho ou fortuna –

reúne características físicas e morais da européia. Dedicase à educação dos filhos e carinho ao esposo, é terna, religiosa, desinteressada e afetuosa. Cria os filhos para servirem ao engrandecimento da pátria. As mulheres das classes menos favorecidas – a mulher popular – não são bem apresentadas por este autor: divide-as em *lepera* – que representa o tipo venal e corrupto – e *leperita* – com tendência a moralidade, maternidade e lealdade conjugal. Demonstra que as indígenas que habitam nos arredores da cidade só chegam até a região central para trabalhar e que na atualidade, vivem como párias em função da sua cor e raça. Questiona: “¿no tiene derechos inconcusos á una nacionalidad, á un hogar y á una familia, y no despliega en ellos los más sagrados deberes inherentes á toda entidad humana?” (p.228, Tomo III).

PORTUGAL

La Mujer del Algarve

Autor: Reis Damaso

Damaso introduz seu artigo apresentando a província de Algarve nos aspectos geográfico, natural e humano. Para ele, a temperatura desta região dá ao povo um jeito de ser alegre e expansivo e a geografia define a índole – o que faz seus habitantes possuírem um caráter rígido e austero, independente e de liberdade, tal qual a natureza do lugar. Demonstra que Algarve possui título de reino devido ao domínio dos árabes que ali habitaram e deixaram arraigados usos, costumes, características físicas e temperamento – além do clima que produziu feições diferentes nessas mulheres. A população desta região difere-se entre si pelo modo de se expressar, na manifestação dos atos, na vida política, e em espírito. A classe popular é mais numerosa enquanto que a aristocracia vem desaparecendo – decaída e sem utilidade para os títulos - dando lugar à classe média. O povo português, na atualidade, lembra o autor, importa-se com o progresso, liberdade e civilização. Quanto às mulheres, estas aparecem nas linhas de Damaso como dóceis, submissas, simples e com pouca instrução. São tratadas como escravas e não possuem igualdade perante o marido rude e bárbaro e nem superioridade moral, o que acaba levando-as, muitas vezes, ao adultério e à prostituição. Nesta província, de acordo com este autor, não existe a diferença entre campo e cidade – em ambos os espaços elas vivem com simplicidade e modéstia - nem tipo especial de mulher, pois o trabalho é condição de todas. Como trabalham muito, as aparições públicas são escassas; são religiosas e usam os melhores trajes para ir à igreja, anota o escritor. Entende que os meios sociais é que as prejudicam e as submetem à escravidão. Por isso, defende a educação como forma de tirá-las da condição de submissão e escravidão em que se encontram: “(...) *creemos que la educacion es necesaria á la mujer como el alimento(...)*”. (p.243, Tomo III)

La Mujer de Extremadura

Autor: Teixeira Bastos

Bastos inicia seu texto com um preceito indiano que diz: “*no pegues á una mujer, aunque ella haya cometido cien faltas, ni tan siquiera con una flor (...)*” (p.246, Tomo III). Logo em seguida, assinala a condição de inferioridade vivida pela mulher extremenha. Argumenta a favor da igualdade entre homens e mulheres – para a mulher o espaço privado, o lar. Na primeira parte do texto, descreve a topografia, a natureza e a influência dos árabes na região de Extremadura. Para ele, a natureza influencia o organismo e a inteligência de um povo, e essa região, onde a natureza é severa e rígida,

transforma os extremenhos em pessoas melancólicas e contemplativas – o que está traduzido no fado lisboense, observa. A mulher dessa região também apresenta tais características e traz em suas feições traços de tristeza. Elas adoram a Virgem das Dores e também são supersticiosas – acreditam em *mal de ojo*. Quanto ao aspecto físico, possuem feições regulares, são simpáticas, ternas, porém pouco belas. Bastos chama a atenção para a brutalidade marital e à carência de educação feminina. Entende que educar as extremenhas significa elevá-las e encaminhá-las rumo ao progresso – e conseqüentemente a humanidade toda. Este autor também se refere às lisboetas e divide-as em três classes principais: as de classe elevada - composta pela aristocracia de sangue e a alta burguesia -, as de classe média - que compreende o comércio, a pequena indústria e os empregados públicos - e as da classe baixa - composta por artistas e operários. Bastos descreve a mulher da alta sociedade como aquela que viaja bastante e apresenta-se bem ilustrada, elegante, distinta e amável; geralmente fala francês, inglês e toca piano. A mulher da classe média é descrita como mais elevada em sentimento de honra, religiosa e digna, embora possua pouca instrução. Adota costumes e moda da França. O autor faz uma crítica aos governos por eximirem-se da obrigação com a instrução pública, o que permitiria uma “elevação moral”. As mulheres da classe baixa vivem mal e possuem escassa instrução. As que trabalham fora de casa, nas fábricas, desconhecem a dignidade e encontram-se desmoralizadas, diferentemente das que permanecem no ambiente doméstico. Bastos descreve também uma população que vive ao redor de Lisboa, conhecidos como *salaios*. Possuem aspecto singelo e cândido, embora desconfiados, maliciosos, dissimulados e portadores de uma inteligência enganadora, e, além dessas características, somam-se as das mulheres, a perspicácia. Conforme este autor, possuem índole para o comércio e a alegria é o que os define.

La Mujer del Minho y Trás-Os-Montes

Autor: J. D’Araujo

D’Araujo faz um preâmbulo apresentando características dos homens portugueses e também das belas “filhas de Portugal”. Sendo uma obra organizada para falar de mulheres, o autor mostra diversas expoentes portuguesas que avassalaram corações de diversos homens. Sobre a província Trás-os-Montes, destaca a natureza, a geografia, traços físicos dos habitantes, o caráter, até chegar em Maria da Fonte, que, como Joana D’Arc, lutou pela salvação de seu povo. Nesta região, onde a autoridade é paterna e os filhos extremamente obedientes, as mulheres dedicam-se ao cultivo do campo – este povoado não conta com indústria local -, mostram-se religiosas, possuem ilibada moral e gosto muito simples. As mães de família, diz o autor, podem servir de modelo às mães de todo o mundo. Segundo D’Araujo, a vida das mulheres de Trás-os-Montes é limitada pelo amor – necessidade da sua sobrevivência e inerente - e pelo trabalho. Finaliza citando Rousseau: (...)’*la mujer nació para amar al hombre*’.” (p.265, Tomo III)

La Mujer de Beira

Autor: Juan de Mendonça

Mendonça procurou mostrar lugares, costumes e tradições para descrever as mulheres de Beira. Nas suas primeiras palavras, faz uma ligeira incursão pelo território em seus diversos aspectos, como o geográfico, produtivo, topográfico, população e localização. A seguir, apresenta as mulheres como trabalhadoras e castas. Argumenta que a mulher “(...) *es un refejo de las instituciones en que vive, del mismo modo ésta se subordinan á la mujer; de forma que, describiendo sus cotumbres, habré de paso descrito la mujer.*”

(p.268, Tomo III). Apresenta-as fisicamente – conjunto agradável e de natural beleza –, seus trajes – elegância –, e religião e hospitalidade como hábitos. As senhoras vestem-se com modéstia, mas observa Mendonça que já estão trocando alguns acessórios típicos por outros de origem francesa. Lamenta que a moda européia venha enterrando o traje nacional. A mulher do campo veste-se com mais simplicidade. No tocante às tradições, descreve a festa da noite de São João, as cantigas, a poesia nacional, os contos populares, as romarias e peregrinações.

La Mujer de Alemtejo

Autor: Juan de Mendonça

Mendonça, neste artigo, introduz sua apresentação pela localização da província de Alemtejo, pela sua produção, influência – dos árabes – e vários outros aspectos. Quanto às mulheres, consideradas o *bello sexo*, descreve-as robustas – tanto as do campo quanto as da cidade, tanto as ricas quanto as pobres – simpáticas e formosas. As campesinas são apresentadas como pouco instruídas na educação formal – mal sabem ler e escrever – e embrutecidas pelo rude trabalho, consequência da pobreza. Levam uma vida árdua, de muitas privações, observa o autor. A filha da mulher acomodada, mesmo que trabalhe no campo, não passa por tais sofrimentos. Todas elas constituem-se em boas donas de casa. Para finalizar, Mendonça relaciona as mulheres ao progresso de uma nação: “*la mujer influye en todas las cosas de nuestra vida: y todo lo que pensamos, hacemos y emprendemos, por difícil y espinoso que sea, es por la mujer, principal móvil de la civilizacion y el mayor estímulo del progreso*”. (p.297, Tomo III)

Apêndice II

Quadro de autores - literatos, periodistas, políticos – que ajudaram a compor os volumes monográficos da obra *Las Mujeres Españolas, Portuguesas y Americanas**

Américas e Portugal
<p>Antonio Cánovas del Castillo (<i>Prólogo</i>). Nasceu em Málaga, em 1828, e faleceu em Guipúzcoa, no ano de 1897. Formado em Direito pela Universidade de Madri, foi homem das letras, historiador e periodista. A partir de 1875 foi Presidente do Governo no Reinado de Alfonso XII por vários anos. Durante o período de crise política e reivindicações da Espanha – 1868 a 1874 –, defendeu a restauração da Monarquia Bourboniana. Teve grande importância na Constituição de 1876, que criou a Monarquia Parlamentarista Conservadora com sufrágio restrito, e conseguiu também conciliar Carlistas e Católicos. Ao longo de todo o período da Restauração até a sua morte, ocupou lugar de primazia na direção política espanhola. Influenciou para o descrédito do republicanismo e ocupou como regente o governo da Espanha até a chegada de D. Alfonso XII como rei. Foi assassinado em 1897 por um anarquista. Escreveu trabalho sobre Astúrias e a decadência espanhola, que o levou a ingressar na <i>Academia de la Historia</i> (1860), e também foi membro da <i>Real Academia Española</i> (1867), da de <i>Ciencias Morales y Políticas</i> (1871) e da de <i>Bellas Artes de San Fernando</i> (1887).</p>
<p>Teodoro Guerrero (<i>La mujer de la Isla de Cuba y de Puerto-Rico</i>). Nasceu em Havana, Cuba, em 1825. Morou por 20 anos na Espanha onde foi educado e dedicou-se à carreira de literato quando esteve de volta ao seu país. Nomeado pela Corte, atuou como Magistrado por 2 anos em Porto Rico. No decorrer da sua carreira literária interessou-se também por assuntos educacionais, além de escrever romances e peças de teatro. Entre suas publicações estão: <i>Teodorelas</i> – poemas, <i>La Escala do Poder</i> – drama, <i>La Cabeza y el Corazón</i> – comédia, <i>Lições de Mundo</i>, <i>Anatomia del Corazón</i>, <i>História Íntima de Seis Mujeres</i>, <i>Una Historia de Lágrimas</i>, entre outros. Em seu texto eleva Cuba, mas possui pouca simpatia por Porto Rico.</p>
<p>Vicente Barrántes Moreno (<i>La mujer de Filipinas</i>). Foi cronista e bibliógrafo, nascido em 1825 na província de Extremadura, na Espanha. Possuidor de “espírito” e prática conservadora, lutou pela restauração do Monastério Mariano de Guadalupe, num período de desarmatização dos bens da igreja por políticos liberais. Foi membro da <i>Real Academia de la Historia</i> e da <i>Real Academia de la Lengua</i> e nomeado Diretor Geral da Administração das Filipinas, na administração de Antonio Cánovas del Castillo. É o autor de <i>Aparato Bibliográfico para la Historia de Extremadura</i>, de várias publicações sobre as Filipinas, entre outros títulos e assuntos. Destaque para seu caráter conservador.</p>
<p>José Tomás Guido (<i>La mujer Argentina – Buenos Aires</i>). Nasceu em Buenos Aires em 1788. Recebeu uma esmerada educação e, como patriota, lutou contra a invasão dos ingleses. Ocupou vários cargos, entre eles o de Ministro da Guerra. Teve longa e duradoura amizade com San Martín e acabou incorporando-se ao seu exército como tenente coronel chegando a tornar-se General. Como culto escritor, deixou registrados</p>

* Por falta de referências, nem todos os autores que colaboraram com a obra constam deste quadro.

alguns de seus pensamentos. Ressente-se pela corrente migratória na Argentina que mudou hábitos e características físicas e pela transformação na distinção social – não mais pela linhagem de sangue e sim pela fortuna.

Mateo Magariños Cervantes (*La mujer del Uruguay*). Teve grande parte da vida dedicada à política. Nasceu no Uruguai e foi Ministro das Relações Exteriores em 1854 e 1876, parlamentar, Ministro do Estado e também periodista. Era maçom. Em seu artigo, retrata sua pátria com muita paixão e admiração.

Ildefonso Antonio Bermejo (*La mujer del Paraguay*). Nasceu em Cádiz no ano de 1820 e morreu em 1892, em Madri. Foi periodista e dramaturgo espanhol – também escrevia crônicas de arte e críticas de teatro. Foi contratado pelo presidente do Paraguai D. Carlos Antonio López para organizar um teatro em Assunção. Dirigiu a Revista *La Aurora* que trazia traduções, comentários, ensaios e poemas. Através deste periódico Bermejo introduziu neste país as idéias do Romantismo. Ao retornar da Europa, em 1863, recebeu um convite para escrever a história do Paraguai, mas no lugar publicou um livro sobre as Repúblicas Americanas, onde conta episódios da vida política, privada e social da República do Paraguai e ridicularizou a família dos López e aspectos da vida do país. É possível perceber uma consonância de idéias e conceitos entre esta publicação e seu texto na obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Camilo Enrique Estruch (*Las mujeres de Chile, Perú, Bolívia y Brasil*). Foi Coronel do Exército da Bolívia. Viveu uma parte de sua vida – juventude – no Chile (explicita sua admiração por este país). Em seus textos possui o hábito de inserir contos, lendas e exemplos de casos vivenciados. Faz muitos elogios ao Brasil pela manutenção da Monarquia e para D. Pedro II também.

Ignácio Gómez (*La mujer de Centro-America*). Escreveu o artigo sobre a América Central – Guatemala – publicado em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Nicolas Ampuero (*La mujer de Ecuador*). Escreveu o artigo sobre Equador publicado em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

César Olmedo (*La mujer de Nueva-Granada*). Escreveu o artigo sobre Nova Granada publicado em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Nicanor Bolet Peraza (*La mujer de Venezuela*). Nasceu na Venezuela, em 1838. Foi um escritor *costumbrista*, periodista e reconhecido em Nova York. Dirigiu a *Revista Ilustrada* de Nova York e Fundou *Las Tres Américas*. Com seu irmão Ramón Bolet Peraza publicou a Revista *El Museo Venezolano*. Entre suas produções escritas estão quadros de Caracas, *Cartas gredalenses* e um relato chamado *Teatro de Madereros* – cenas cômicas da Paixão de Cristo. Em suas produções não privilegiava a tragédia e sim o humor e a sátira.

Antonio Hidalgo de Mobellan (*La mujer de Méjico*). Nascido na Espanha (mas é filho de mexicana), traduziu “Lógica Elemental”, em 1887.

José Antonio dos Reis Dâmaso (*La mujer del Algarve*). Nasceu em Portugal, em 1850, e morreu em 1895. Foi escritor – utilizava uma estética naturalista - e crítico literário. Dirigiu o jornal *Liberdade* (1874-1877), de vertente proto-republicana (não existia ainda

naquele período o Partido Republicano) e colaborou com o semanário *Distrito de Faro*. No artigo que escreve para a Obra *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas* ressalta a necessidade de educação/instrução para as mulheres.

Teixeira Bastos (*La mujer de Extremadura*). Nasceu em 1857 e morreu em 1902. Publicou *Poetas Brasileiros*, em 1895, escreveu o prólogo do livro de Francis Bacon *Nuevo Órgano*, em 1892 e de *Séneca*, *Cartas Morales a Lucilio (I)*, entre outros. Escreve o artigo sobre a mulher de Extremadura partindo de pressupostos da filosofia.

Juan de Mendonça (*La mujer de Beira e Alemtejo*). Escreveu os artigos sobre Beira e Alemtejo publicados em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Espanha

Antonio María de Trueba y de la Quintana (*La mujer de Álava*). Nasceu em Montellano, aldeia de Vizcaya, em 1819, e morreu no ano de 1889, em Bilbao. Autodidata e de carreira literária fecunda, teve carreira expressiva principalmente no norte da Espanha. Em suas obras, abordou conflitos humanos e também canções populares de sua terra natal – falou de sentimentos singelos, de amor à família, ao lugar onde vivia, à terra, etc. Colaborou com poemas, artigos e contos para a *La Correspondencia de España*, *El Museo Universal*, *Correo de la Moda* e *La Ilustración Española y Americana*, com literatura infantil, *costumbrista*. Em algumas de suas obras refletiu sobre o ambiente rural do País Vasco – aspectos que o ligaram, de uma certa forma, à geração de 98: *Por qué hay un poeta más y un labrador menos*, *Cuentos populares* (1853), *Cuentos de color rosa* (1854), *Cuentos campesinos* (1860), *Cuentos de varios colores* (1866) y *Nuevos cuentos populares* (1880) e sobre a perda das tradições que a Revolução Industrial proporcionava. Foi acusado de ser simpatizante do Carlismo, no período da II Guerra Carlista – na verdade havia lutado contra. Foi autor de muitas outras obras, inclusive com algumas publicadas postumamente.

Francisco Perez Echevarría (*La mujer de Albacete*). Poeta e notável escritor espanhol, publicou muitas obras em parceria com D. Francisco Luis de Retes (tiveram peça representada em 1876, no Teatro Principal, chamada *La Fornarina*). Entre as obras que escreveu sozinho está *Las quintas*, *El centro de gravedad*, *Los aguinaldos*, *Palabras sueltas*, *Veturia*, *Modestia y vanidad* entre outras.

Eleutério Llofriu Y Sagrera (*La mujer de Alicante*). Nasceu em Alicante, em 1835, e morreu em 1880. Coursou Direito na Universidade de Madri. Filho de classe acomodada, pertencia ao partido Republicano e ocupou cargos públicos durante a presidência de Castelar. Entre suas produções literárias estão obras histórico-filosóficas, contos, novelas *costumbristas* e peças dramáticas – teve pequena experiência com comédia. Algumas obras: *El insurrecto cubano* (1872), *La Caridad*, *La azucena*, *El Messias prometido*, *El Pueblo Libre* (1868) – esta última foi uma das muitas obras de caráter político motivadas pelo entusiasmo que a Revolução de 1868 causou. Pode ser encontrada para venda uma separata do seu artigo sobre a mulher de Alicante.

Antonio Alcalde Valladares (*La mujer de Almería*). Nasceu em Baena no ano de 1828 e faleceu em Madri em 1894. Escritor y periodista, destacou-se como dramaturgo. Colaborou com vários periódicos como *El Guadalete* e o *Diario de Córdoba*. Foi redator de *La Crónica*, *El Sereno* e *La Aurora* e dirigiu por algum tempo *El Oriente* e

<p><i>La Integridad de la patria</i>. Entre suas obras literárias está Don Álvaro de Aguilar e, entre as poéticas, <i>Flores de Guadalquivir</i>, <i>La Fuente del Olvido</i> e <i>Hojas de laurel</i>. Foi bastante reconhecida a sua obra <i>Tradiciones de Córdoba y su provincia</i>.</p>
<p>Manuel Valcárcel (<i>La mujer de Ávila</i>). Escreveu o artigo sobre Ávila publicado em <i>Las mujeres españolas, portuguesas y americanas</i>.</p>
<p>Angel Aviles (<i>La mujer de Badajoz</i>). Escreveu o artigo sobre Badajoz publicado em <i>Las mujeres españolas, portuguesas y americanas</i>.</p>
<p>Ramón Pico Y Campamar (<i>La mujer de las Baleares</i>). Nasceu em Mallorca, em 1848 e faleceu em Barcelona, no ano de 1916. Este escritor veio de família humilde e destacou-se no meio literário catalão. Sua especialidade eram romances históricos, com destaque para uma linguagem arcaica. Entre algumas obras estão: <i>Tres englantines</i> (1886), o poema lírico <i>Garraf</i> e, no teatro, <i>Cor de roure</i> e <i>La filla del segador</i>.</p>
<p>Juan Mañé Y Flaquer (<i>La mujer de Barcelona</i>). Nasceu em Tarragona, em 1823 e faleceu no ano de 1901, em Barcelona. Escritor e jornalista, formou-se em Filosofia e Letras pela Universidade de Barcelona. Colaborou e depois dirigiu o <i>Diário de Barcelona</i> - que se converteu em veículo autorizado das idéias conservadoras, espaço político da burguesia catalã. Colaborou com os periódicos literários e científicos como <i>El Gênio</i>, <i>El Angel Exterminador</i>, <i>la Dirección</i>. Escreveu também em <i>La Ilustracion Española y Americana</i>. Foi professor de Retórica e diretor do Colégio de Barcelona e perseguido pelos últimos governos de Isabel II.</p>
<p>Manuel Alonso Martínez (<i>La mujer de Búrgos</i>). Nasceu em Burgos no ano de 1827 e morreu em 1891. Cursou Direito, Filosofia e Letras. Advogou, mas na maior parte de sua vida dedicou-se à carreira política. A partir de 1854, no Biênio Progressista, foi deputado pela sua cidade natal, Ministro de Fomento no governo de Espartero, homem de confiança da Rainha Isabel II, Ministro da Fazenda entre outros cargos políticos que ocupou no decorrer de sua vida. Em 1857, com o surgimento da União Liberal, filiou-se a este partido e, em 1868, com a Revolução Gloriosa, ficou afastado por um tempo – período em que se dedicou à escrita de obras políticas e jurídicas. Com a restauração da Dinastia Bourbônica, na figura do Rei Alfonso XII, presidiu a Comissão dos Nove, responsável por redimir o anteprojeto da Constituição de 1876.</p>
<p>Antonio Hurtado Valhondo (<i>La mujer de Cáceres</i>). Nasceu em Cáceres, em 1824, e morreu no ano de 1870, em Madri. De família pobre, este escritor e político estremenho praticou todos os gêneros literários e dedicou-se por muito tempo à vida política – sem deixar a literária. Com 35 anos foi nomeado Governador Civil de Albacete, depois de Jaen e de Barcelona. Foi Deputado da Corte de Cádiz e Senador em Porto Rico. Suas obras estão situadas entre o Romantismo (lendas, quadros de costumes, drama histórico) e o Realismo (alta comédia e novela quase realista). Entre suas obras encontra-se: <i>Corte y Cortijo</i> (1870), <i>Madrid Dramático</i> (1870), <i>El Romancero de Hernán Cortés</i> (1904) e <i>Los Cantos a la Virgen de la Montaña</i> (1859).</p>
<p>Antonio Maria Segovia (<i>La mujer de Cádiz</i>). Nasceu em Madri, 1808. Utilizou o pseudônimo “<i>El Estudiante</i>” para assinar seus escritos. No periódico <i>El Correo</i>, no quesito moda, defendeu o espírito nacional contra o modismo francês, lançando uma campanha a favor de <i>la mantilla</i> - peça característica da vestimenta espanhola – com o</p>

artigo *El sombrero y la mantilla: moda e ideología en el costumbrismo romántico español*. Na *Enciclopédia Española del Siglo diez y nueve* - ao lado de outros nomes da Filosofia, História, Política, Economia Política, Matemática, Estatística, Literatura, etc. - escreveu o artigo sobre Sátira.

Antonio de los Rios Y Rosas (*La mujer de las Canarias*). Nasceu em Málaga, 1812, e faleceu no ano de 1873, em Madri. Jurista e político espanhol, participou de diferentes partidos políticos, de signo moderado. Foi membro do *Consejo Real* do Reinado de Isabel II, assentou as bases da *Union Liberal* – teve ligação com governos de caráter liberal -, redigiu a *Acta Adicional* para tornar mais liberal a *Constitucion de 1845*, e apoiou governos revolucionários. Ficou muito conhecido por combater a desonestidade e defender os valores morais.

Leon Galindo Y De Vera (*La mujer de Castellon*). Jurista espanhol, escreveu *El Papa Y Napoleón* em co-autoria com outros literatos.

Mariano Roca de Togores y Carrasco – El Marqués de Molins y Visconde de Rocamora. (*La mujer de Ciudad Real – la Manchega*). Nasceu em Albacete, 1812, e faleceu em Lequeitio, 1889. Embora catedrático em Matemática, foi poeta representante do movimento Romântico, membro – e depois diretor – da *Real Academia Española*. Também se dedicou ao trabalho em periódicos, como colaborador e diretor - *La Verdad De Valencia*. Grande parte de sua vida esteve ligada a política: foi orador e membro do partido conservador, deputado em várias legislaturas, ministro e senador. Teve participação ativa no trabalho de preparação para a Restauração – volta dos Bourbons ao poder com o príncipe Alfonso XII. Entre suas obras estão: *Poesías, Opúsculos críticos y literarios, Recuerdos de Salamanca, La Manchega* e *La Peña de los Enamorados*.

Juan Valera Y Alcalá Galiano (*La mujer de Córdoba*). Nasceu em Córdoba, 1824, numa família da nobreza liberal, e morreu no ano de 1905, em Madri. Diplomático, político, escritor/romancista/crítico, cursou Direito e Filosofia e, na carreira política, foi embaixador, deputado e senador. Figurou como membro da *Real Academia Española*. Vários foram os romances e veículos que publicou: colaborou com a imprensa madrilenha escrevendo artigos literários e políticos e publicou na *Revista Española de Ambos Mundos*. Como embaixador, viveu no Brasil de 1851 a 1853. Entre suas obras estão os romances *Pepita Jiménez (1874)*, *Las ilusiones del médico Faustino (1875)*, *El Comendador Mendoza (1877)*, *Dona Luz (1879)*, *Juanita la larga (1895)*, e *Morsamor (1899)*. Dirigiu periódicos e revistas como *El Cócora* e *El Contemporáneo*, e escreveu na *Revista de Ambos Mundos*, *Revista Peninsular*, *El Estado*, *La América*, *El Mundo Pintoresco*, *La Malva*, *La Esperanza*, *El Pensamiento Español* e muitas outras.

Fernando Fulgosio (*La mujer de la Coruña*). Viveu entre 1831 e 1873. Foi defensor da alta antiguidade do homem de 1868 e o primeiro a utilizar o terno Falcata – uma espécie de espada utilizada na Espanha pré-romana. Participou como escritor da obra *La Ilustracion Española y Americana*. Entre suas publicações estão: *Crónica de las Islas Baleares*, *Crónica de la provincia de Guipúzcoa*, *Crónica de la provincia de Valladolid*, *Crónica de la provincia de Pontevedra*, *Crónica de la provincia de Zamora*, *Crónica de la provincia de Orense*, *Crónica de la provincia de La Coruña*, *Crónica de la provincia de Ávila*, *Crónica de la provincia de Guipúzcoa*.

Fermin Caballero (*La mujer de Cuenca*). Nasceu em Cuenca, 1811, e faleceu em 1876, Madrid. Ficou conhecido por ser um político progressista, geógrafo, periodista, escritor, intelectual comprometido com sua época, entre outras funções. Publicou obras de cunho

político, geográfico e biografias. Foi periodista redator e diretor de *El Eco de Comércio*. De temperamento revolucionário, lutou pelos direitos de liberdade de imprensa e contra os privilégios, pela causa da liberdade contra o Absolutismo Monárquico e o Antigo Regime e defendeu *La Constitucion*.

Francisco de Paula Canaléjas Casas (*La mujer de Gerona*). Nasceu em Lucena (Córdoba), em 1834, e faleceu em 1883. Formado em Direito, foi catedrático de literatura - escritor krausista - e de história da filosofia – doutor nesta área. Dedicou a sua vida ao trabalho acadêmico. Com Emílio Castelar, seu amigo, fundou *El Eco Universitário*. Sua lista de publicação é imensa. Destaque para algumas obras: *Alfonso el Sabio rey de Castilla*, *Las doctrinas del doctor Iluminado*, *Raimundo Lulio, 1270-1315*, *Los poemas caballerescos y los libros de caballerías*, *Estudios críticos de filosofía, política y literatura*, *Introducción al estudio de la filosofía platónica* (dedicado a seus discípulos do curso 1874 a 1875), *Doctrinas religiosas del racionalismo contemporáneo*, *El Panenteísmo*, *la poesía heroico-popular castellana*, *La poesía moderna*, e muitas outras.

Pedro Antonio de Alarcon (*La mujer de Granada*). Nasceu em Gradix, província de Granada, em 1833, e morreu em 1891. Poeta e romancista, estudou direito e no decorrer de sua vida envolveu-se com política. Por um tempo ficou conhecido como revolucionário radical, chegando a liderar uma revolta contra o clero e o exército. Quando entrou para a vida política, tornou-se conservador e defensor da religião católica. Em 1875 – ano de restauração da dinastia bourbônica –, tornou-se membro do Conselho de Estado. Foi também membro da *Real Academia Española*. Contribuiu em Madri com artigos para periódicos científicos e políticos e foi editor de *El Latigo*. Escreveu, baseado em suas experiências, o *Diário de un testigo en la Guerra de África*.

Cayetano Rosell (*La mujer de Guadalajara – La Alcarreña*). Escreveu o artigo sobre Guadalajara publicado em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Leopoldo Augusto de Cueto López de Ortega – El Marqués de Valmar – (*La mujer de Guipúzcoa*). Nasceu em Cartagena, 1825, e faleceu em Madri, 1901. Foi escritor, diplomata, investigador e crítico espanhol. Grande parte de sua vida esteve dedicada à carreira política: deputado pelo Partido Conservador, Senador vitalício, Conselheiro Real e nomeado Marquês de Valmar por Isabel II. A Revolução Progressista de 1868 o fez abandonar a política e passou, desde então, a dedicar-se à literatura – também uma paixão de Cueto. Foi membro da *Real Academia de la Lengua*. Entre suas obras, destacam-se: *Historia crítica de la poesía castellana en el siglo XVIII* e *Cantigas de Alfonso X*.

Adolfo de Mentaberry (*La mujer de Huelva*). Diplomático e periodista espanhol. Da viagem que fez até Constantinopla, passando pelo Egito, saiu a obra: *Viaje a Oriente de Madrid a Constantinopla*, publicada em 1873. “(...) destinado en la Sublime Puerta em 1868 (...)”. Essa expressão vincula Mentaberry a um regime mais progressista – a partir de 1868.

Manuel Juan Diana (*La mujer de Huesca*). Escreveu o livro *Capitanes Ilustres y Revista de Libros Militares* (1851) e *Cien Españoles Célebres* (1854).

<p>Pedro Maria Barrera (<i>La mujer de Jaen</i>). 1842-1897. Publicou <i>El arco-iris: Cuentos y artículos</i> (1885). Outras obras (teatrais): <i>Con marido y sin marido</i>, <i>Quiebras del Oficio: comédia en un acto y en verso</i>, <i>Nuvens: comedia en un acto y prosa</i>, <i>¿Quién es el novio?: comedia en un acto y en verso</i>, <i>Una balsa de aceite: comedia en un acto y en prosa</i>, <i>Por un bautizo: comedia en un acto y en verso</i> e <i>Verde y maduro: juguete en cómico dos actos y en verso</i>.</p>
<p>Eduardo Saavedra Y Moragas (<i>La mujer de Leon</i>). Nasceu em Tarragona, 1829, e faleceu em Madri, 1912. Engenheiro e arquiteto espanhol, foi também apaixonado por história. Entre várias participações políticas está o cargo de Arquiteto do <i>Ministério de Fomento</i>, Senador do Reino em 1895 e posteriores legislaturas. Também dirigiu a <i>Real Academia de Historia</i>. Algumas de suas obras sobre arquitetura são <i>Teoria de los puentes colgados</i> (1856), <i>Lecciones sobre la resistencia de los materiales</i> (1853) e <i>Instrucción sobre la estabilidad de las construcciones</i> (1860). Sobre estudos árabes publicou <i>Escritos de los musulmanes sometidos al dominio cristiano</i> (1878) e <i>Estudios sobre al invasión de los árabes en Espana</i> (1892) e entre os trabalhos historiográficos está <i>Ideas de los antiguos sobre las tierras atlánticas</i> (1892).</p>
<p>Victor Balaguer (<i>La mujer de Lérida</i>). Nasceu em Barcelona, 1824, e faleceu em Madri, 1901. Escritor e político catalão, foi diretor artístico do <i>Teatro del Liceo</i>. Pertenceu ao Partido Progressista e, com o triunfo da Revolução de 1868, elegeu-se Deputado da <i>Cortes Constituyentes</i> e chegou a ser <i>Ministro de Ultramar</i>. Romântico típico, entre suas obras publicadas, estão: <i>Historia de Cataluña</i>, <i>Historia política y literaria de los trovadores</i>, e sua obra poética está reunida em <i>Trobador de Montserrat</i>.</p>
<p>Salustiano de Olózaga (<i>La mujer de Logroño – La Riojana</i>). Nasceu em Oyón (Logroño), em 1805, e em 1873 faleceu em Paris, como embaixador espanhol. Coursou Filosofia e Direito em Madri e teve intensa participação política no país. Iniciou sua carreira no triênio liberal e logo no começo manifestou suas idéias democráticas (teve toda sua carreira política voltada para este ideal). Como Progressista “puro”, foi contra o absolutismo, contra a ala progressista mais moderada, foi preso e exilado. Pertenceu à Milícia Nacional e acompanhou o traslado das Cortes de Sevilha para Cádiz. Quando o partido dividiu-se em dois, Olózaga ficou como líder da facção antiesparteirista. Com a maioria de Isabel II, foi nomeado Ministro do Estado, mas logo destituído e exonerado, hostilizado pelos moderados. Foi novamente Deputado <i>en las Cortes Constituyentes</i> no biênio progressista. Teve importância na condução da Revolução de 1868 e presidiu a comissão que redatou o projeto da <i>Constitución demoliberal de 1869</i>.</p>
<p>Manuel Vázquez de Parga – El Conde de Palláres (<i>La mujer de Lugo</i>). 1828 – 1908. Foi político, pensador agrário, periodista e promotor férreo. De origem fidalga, representou a elite e o novo Estado Liberal. Elegeu-se deputado por cinco vezes e Senador Vitalício desde 1877. Destacou-se por seu discurso pelo desenvolvimento contemporâneo – lutou pela problemática agrária da Galícia e pela chegada da ferrovia nesta província. Entre 1850 e 1875 dirigiu três periódicos. Escreveu o livro <i>La mujer de la Coruña</i> (morreu antes de o livro ser publicado).</p>
<p>Salvador López Guijarro (<i>La mujer de Málaga</i>). Escritor. Em 1875 foi nomeado por Antonio Cánovas del Castillo <i>Director General de Beneficiencia, Sanidad y Establecimientos penales</i>. Elegeu-se deputado das Cortes e Ministro. Em 1895 foi Ministro da Espanha no Chile mas, acusado de gerir mal os recursos recebidas de sua nação, foi substituído por outro.</p>

José Sélgas Y Carrasco (*La mujer de Murcia*). Nasceu em Lorca (Murcia), 1822, e morreu em Madri, 1882. Escritor espanhol vindo de família pobre, ficou conhecido como poeta e romancista, além da sua carreira política. Foi um dos ideólogos do Conservadorismo – atacava os liberais - e deputado em duas legislaturas. Escreveu em periódicos, publicou as coleções *La Primavera*, *El Estio* e *Flores y Espiños*. Seus romances mais longos são *Dos Rivais* e *Una Madre*. Foi autor de quadros *costumbristas* e romances sentimentais como *La Manzana de Oro*, publicado em 1872.

Francisco Navarro Villoslada (*La mujer de Navarra*). Nasceu em Viana (Navarra) em 1818 e ali faleceu em 1895. Estudou Filosofia e Teologia na Universidade de Santiago e Leis em Madri. Foi deputado e senador pelo Partido Tradicionalista (Carlista) e secretário de D. Carlos em 1871. Colaborou com diversos periódicos, escreveu artigos de cunho político, dirigiu o *Semanario Pintoresco* em 1846 - entre outros - e fundou, em 1860, *El Pensamiento Español*, baluarte do tradicionalismo católico, onde publicou diversos artigos em defesa da ideologia carlista. Entre suas obras estão: *Doña Blanca de Navarra* (1847), *Doña Urraca de Castilla* (1849) e *Amaya o los vascos en el siglo VIII* (1877).

Manuel Murguía (*La mujer de Orense*). Nasceu em Froxel, 1833 e faleceu em 1923. Estudou humanidades, latim, farmácia e dedicou-se ao trabalho de escritor e investigador. Murguía foi referência da construção ideológica do nacionalismo galego – ideólogo romântico-liberal - e estudioso desta língua. Criou a *Academia Gallega de la Lengua* e organizou o *Diccionario de Escritores Gallegos*. Colaborou com periódicos e revistas como *la Iberia* e dirigiu *El Diálogo de la Coruña*, *La Ilustracion Gallega y Asturiana*, *Las Novedades*, *La Oliva*, *El Miño*, *La Pátria Gallega* e publicou os folhetins *Desde el Cielo*, *Mientras Duerme*, *Mi Madre Antonia*, *El Angel de la Muerte* e *Los Lírios Blancos*. Em 1885 foi nomeado *Cronista General del Reino*.

Carlos Frontaura (*La mujer de Oviedo*). Nasceu em Madri em 1834 e faleceu nesta mesma cidade em 1910. Estudou Direito e advogou por um tempo. Também foi periodista e redator de várias publicações como *La España*, *El Grillo* e *El Dia*. Fundou o periódico satírico *El Cascabel* e fomentou a criação de várias revistas infantis como *Los Niños*, *La Risa*, *La Edad Dichosa* e *La Infancia*. Escreveu romance e drama e entre eles destacam-se *Brígida*, *Miedo al hombre* e *Los sermones de Doña Paquita*. Dedicou-se também à atividade política: foi Governador Civil de várias províncias espanholas e ocupou cargos nos *Consejos de Ministros* no final do século XIX.

Saturnino Estéban Collántes (*La mujer de Palencia*). Nasceu em Madri, 1847 e faleceu em 1937. Filho de periodista e político, estudou Direito e seguiu carreira semelhante à do pai. Publicou em periódicos, dirigiu alguns de caráter satírico e fundou o diário *Las Ocurrencias*. Teve expressiva carreira política como ministro, deputado e senador – no âmbito do conservadorismo monárquico. Foi filiado ao partido da restauração da monarquia de D. Alfonso XII e depois participou de outro, de cunho liberal-conservador. Em sua escassa produção está *Un almuerzo para dos*, *Liquidación conyugal*, *Los secretos del Estado* e *La muerte de Don César*, em colaboração com Ramón Crooke.

Claudio Cuveiro (*La mujer de Pontevedra*). Galego e natural de Pontevedra (*Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*, p. 283, Tomo II).

Ventura Ruiz Aguilera (*La mujer de Salamanca*). Nasceu em Salamanca, 1820, e nesta mesma província faleceu em 1881. Arqueólogo e poeta espanhol, em Madri envolveu-se com o jornalismo. Colaborou com publicações progressistas como *La Reforma* e *La Tribuna del Pueblo*. Ganhou popularidade com sua coleção de poemas *Ecos Nacionales* (1849) e *Elegias y armonia* (1863). Publicou também *Sátiras* (1874) e *Estações del año* (1879). Sua obra poética seguiu a linha populista-romântica. Em seus escritos pregou o liberalismo e catolicismo – influenciado por Lamartine – e foi diretor do Museu Arqueológico Nacional de Madri.

Amós de Escalante (*La mujer de Santander – La montañesa*). Nasceu em Santander, em 1831 e faleceu em 1902. Licenciado em Ciências Físicas e Naturais (Humanidades, Filosofia, Matemática), colaborou com artigos na imprensa madrilenha e santanderina. Publicou no *El Semanário Pintoresco Español*, *La Época* e *La Ilustración Española y Americana*. Escreveu também em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. Usou durante algum tempo o pseudônimo Juan García. Com uma característica literária romântica, escreveu livros de viagens – *Del Manzanares al Darro* (1863), *Del Ebro al Tiber* (1864), geográficos – *Costas y Montañas* – e romances – *En la Playa* (1873) –, entre outros. Gostava de estudar e investigar o passado. Foi membro da *Academia de la Lengua* e da *Academia de la Historia*.

Nemesio Fernández Cuesta (*La mujer de Segovia*). Nasceu em Pola de Siero, 1855 e faleceu em Madri, 1928. Pouco se sabe deste periodista asturiano. Dirigiu o periódico *Diário de Sesiones* e traduziu para o castelhano a maioria das obras de Julio Verne. Também foi o tradutor de *Historia Universal* de César Cantú, obra de 10 volumes. Publicou Anuário histórico-crítico de 1891 em Madrid, 1892.

José Luis Albareda y Sezde (*La mujer de Sevilla*). Nasceu em Cádiz, 1828, e faleceu em Madri, 1897. Cursou Direito, foi periodista e político espanhol. Caracteriza-se por ser filho de família fidalga, rica, que perdeu tudo tornando-se pobre. Teve que trabalhar para dar estudo aos seus irmãos, e assim se lançou ao periodismo. Destacou-se como Ministro de Fomento no Reinado de Alfonso II, Ministro do Governo na Regência de D. Maria Cristina e embaixador da Espanha em Londres e Paris. Dedicou suas atividades literárias ao periodismo e à *Revista de España*, da qual foi fundador. Escreveu artigos de *costumbres* em *Las Novedades* e dirigiu *El Contemporáneo* – periódico de caráter liberal, fundado por António Cánovas del Castillo. Publicou *Discursos y artículos políticos*, com prólogo de Juan Alvarez de Lorenzana.

Manuel del Palácio (*La mujer de Soria*). Nasceu em Lerida, 1831, e faleceu em Madri, no ano de 1906. Escritor e poeta satírico, ficou conhecido por ser popular, festivo e zombeteiro em seus escritos. Fundou o periódico de caráter satírico *Gil Blas* (1864-1870) e colaborou com muitos outros, como *El látigo*, *La Discusión*, *El Imparcial*, *Madrid Cómico* e *Blanco y Negro*. Foi exilado em Porto Rico por causa de suas sátiras políticas de cunho liberal, mas posteriormente tornou-se um conservador. Exerceu o cargo de diplomata em Florença e Uruguai. Entre suas obras estão: *Cabezas y calabazas* (1863), *Cien sonetos* (1870) e *Chispas* (1894).

Juan Landa (*La mujer de Tarragona*). Escreveu o artigo sobre Tarragona em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

José Muñoz Gaviria y Maldonado – Conde de Fabraquer e Vizconde de San Javier – (*La mujer de Teruel* e *la mujer de Valladolid*). Viveu entre os anos de 1807 e 1875, foi jurista, periodista, historiador e político. Entre seus cargos políticos está o de Ministro do Tribunal Supremo de Guerra e marinha. Dirigiu a revista *El Museo de las Familias*, colaborou com *El Panorama*, *Periódico de Literatura y Arte* e traduziu folhetins franceses e *Los Miserables* de Victor Hugo. Entre suas obras estão: *Historia política y militar de la guerra de Independencia en España* (1833) e *Historia del emperador Carlos V* (1862).

Abdon de Paz (*La mujer de Toledo*). Escreveu o artigo sobre Toledo em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Enrique Pérez Escrich (*La mujer de Valencia*). Nasceu em Valencia em 1829 e faleceu no ano de 1897, em Madri. Foi um escritor e dramaturgo muito popular, principalmente por suas peças de teatro. Ficou conhecido também pelo pseudônimo Carlos Peña-Rubia y Tello. Entre suas obras e gêneros estão: *El rey de bastos* (1850), *El maestro de baile* (1856), *La Pasión y la muerte de Jesús* (1856) no teatro e *El cura de aldea* (1858) como drama que foi adaptado em romance em 1861, e outros romances como *Las obras de misericordia* (1864) e *La esposa mártir* (1864).

Fernando Martínez Pedrosa (*La mujer de Vizcaya*). Publicou em 1882 *Perfiles y Colores* e escreveu o artigo sobre Vizcaya em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Cesáreo Fernández Duro (*La mujer de Zamora*). Publicou *Disquisiciones Náuticas* (5 vols) em 1880 e escreveu em 1872 o artigo sobre Vizcaya em *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*.

Apêndice III

Quadro das litogravuras

O volume de cromolitografias tem a mesma medida que os de textos embora as imagens sejam menores, 28X21cm. Foram fixadas com cola em folhas nas quais aparecem impressas bordas douradas de 24X31cm, que circundam cada pintura. A disposição é de uma em cada página e ocupam somente a parte frontal da folha; foram cuidadosamente separadas por folhas de papel de seda. Este volume foi composto por 80 litogravuras e somente as províncias espanholas foram diagramadas por ordem alfabética, compondo a parte inicial da encadernação.*

A ordem vem assim apresentada: províncias espanholas, repúblicas e ilhas americanas e, por último, lugares de Portugal.

1. Imagem de abertura com três mulheres representando Espanha, América e Portugal

2. *Província de Alava (vendedora de pollos)*
3. *Província de Albacete (Hellin – Mancha alta)*
4. *Província de Alicante (Plebe)*
5. *Província de Almeria (Andalucia) (mujer del pueblo)*
6. *Província de Almeria*
7. *Província de Ávila (castellanas de Salobral)*
8. *Província de Badajoz*
9. *Islas Baleares (labradora de los alrededores de Palma de Mallorca)*
10. *Província de Barcelona (labradora ó pagesa de los alrededores de la capital – traje de fiesta)*
11. *Província de Barcelona (labradora del Vallés)*
12. *Província de Burgos (serrana de San Millan de Fuarros)*
13. *Província de Andalucia (mujer Gitana)*
14. *Província de Cáceres*
15. *Islas Canarias (labradora)*
16. *Província de Castellon*
17. *Província de Ciudad Real (manchega)*
18. *Província de Córdoba (andaluza)*
19. *Província de la Coruña (labradora de los alrededores de la capital)*
20. *Província de Cuenca (campesina)*
21. *Província de Gerona*
22. *Província de Granada (la Emparedada)*
23. *Província de Granada*
24. *Província de Guadalajara (Alcarreña)*
25. *Província de Guipúzcoa*
26. *Província de Huelva*
27. *Província de Huesca (Valles de Becho y Ansó)*
28. *Província de Huesca (labradora de los alrededores de la capital)*
29. *Província de Jaen*
30. *Província de Leon (Terraleza)*

* Cabe lembrar que o volume litográfico foi composto à parte da coleção *Las mujeres españolas, portuguesas y americanas*. As imagens eram comercializadas separadamente, e a encadernação era feita sob pedido do comprador. Outra observação diz respeito ao fato de que não foi possível – pelo menos para esse momento da pesquisa – identificar os autores das cromolitografias.

31. *Província de Leon – Múrias de Rechibaldo (Maragata – Astorga)*
32. *Província de Lérida (Catalana)*
33. *Província de Logroño (Riojana)*
34. *Província de Lugo*
35. *Señora de Madrid*
36. *Madrid (Barrios bajos)*
37. *Província de Madrid (Paleta)*
38. *Província de Málaga (Barrio del Perchel em la capital)*
39. *Província de Murcia (labradora de la huerta)*
40. *Província de Navarra (Valle del Roncal)*
41. *Província de Orense*
42. *Província de Oviedo (asturiana)*
43. *Província de Oviedo (Vaquera de los alrededores de la capital)*
44. *Província de Palencia (panadera de Brijota)*
45. *Província de Pontevedra*
46. *Província de Salamanca (Charra)*
47. *Província de Santander (Vegas de pás – pasiega)*
48. *Província de Segovia*
49. *Província de Sevilla (Andaluza)*
50. *Província de Sevilla (mujer del pueblo)*
51. *Província de Soria*
52. *Província de Tarragona*
53. *Província de Teruel*
54. *Província de Toledo (criada de la capital)*
55. *Província de Valencia (cosechera de seda em Puzol)*
56. *Província de Valladolid*
57. *Província de Vizcaya (casera del Durango)*
58. *Província de Zaragoza (menestrera de la capital)*
59. *Isla de Cuba (Dama de la Habana)*
60. *Isla de Cuba (Señora de la Habana)*
61. *La Guajira (Habana)*
62. *América Española (Isla de Puerto-Rico – Dama de la capital)*
63. *Isla Filipinas (Indígena de los alrededores de Manila)*
64. *Isla Filipinas (índia Chichirica)*
65. *República Argentina (Buenos Aires)*
66. *República Oriental del Uruguay (Montevideo)*
67. *República del Paraguay (la aguatera)*
68. *República de Chile (señora chilena con traje para misa)*
69. *República de Chile (señorita em traje de sociedad de confianza)*
70. *República del Peru – Lima (señorita de la capital)*
71. *América Meridional (República del Peru – dama de Lima)*
72. *Señora de Guatemala (Centro de América)*
73. *República de Venezuela (Dulcera de Caracas)*
74. *Brasil (mujer de Bahia)*
75. *República de México (mujer del pueblo)*
76. *Portugal (mujer de Obai, vendedora de pescado en Lisboa)*
77. *Portugal (labradora de los arrabales de la Ciudad de Oporto)*
78. *Portugal (Muger del Minho o Trás-os-Montes)*
79. *Portugal (Sefadora de la probincia do Minho)*
80. *Portugal – muger del pueblo de Coimbra.*

Sites Pesquisados

<<http://catalogo.bne.es/uhtbin/webcat>> Acesso em: 20 nov. 2008.
<<http://www.encyclopedia.com/doc/1E1-Canovasd.html>>
Acesso em: 08 out. 2008
<<http://www.ponteiro.com.br/mostrad0.php?w=8623>>
Acesso em: 08 out. 2008
<<http://www.xtec.es/~jrovira6/bio/canovas.htm>>
Acesso em: 08 out. 2008
<<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/canovas.htm>>
Acesso em: 08 out. 2008
<<http://famousamericans.net/teodoroguerrero/> >
Acesso em: 23 set. 2008
<[www.todocoleccion.net/english/d-teodoro-guerrero-distinguished-writer-polite-deputy-for-rich-port~eng78... -](http://www.todocoleccion.net/english/d-teodoro-guerrero-distinguished-writer-polite-deputy-for-rich-port~eng78...) >
Acesso em: 23 set. 2008
<www.dip-badajoz.es/publicaciones/reex/rcex_1_2001/estudios_11_rcex_1_2001.pdf>
Acesso em: 23 set. 2008
<<http://www.springerlink.com/content/j84k122758668507/>>
Acesso em: 23 set. 2008
<comunidad.ciudad.com.ar/ciudadanos/candido/guido.htm>
Acesso em: 23 set. 2008
<http://www.mrree.gub.uy/mrree/Archivo_historico/Informacion_historica/ministros.htm>
Acesso em: 23 set. 2008
<http://www.masoneriadeluruguay.org/index.php?option=com_content&task=view&id=38&Itemid=64&limit=1&limitstart=7>
Acesso em: 23 set. 2008
<<http://www.eumed.net/libros/2006a/jo/2o.htm>>
Acesso em: 23 set. 2008
<http://www.ciao.es/Asi_es_tu_apellido_Opinion_1555171>
Acesso em: 23 set. 2008
<<http://www.webescuela.edu.py/Contenido/EpocaLopez.php>>
Acesso em: 23 set. 2008
http://www.capaco.org.py/v2/revista/revistaabril05/html/sumario_8.html 23/09/2008,
Acesso em: 23 set. 2008
<http://www.fpolar.org.ve/veroes/500/e/2263.htm> em 23/09/2008,
Acesso em: 23 set. 2008
<http://www.labiografia.com/ver_biografia.php?id=6019>
Acesso em: 23 set. 2008
<<http://arepublicano.blogspot.com/2008/04/imprensa-republicana-no-distrito-de.html>>
Acesso em: 24 set. 2008
<<http://www.prof2000.pt/users/jotabe/faro04.htm>>
Acesso em: 24 set. 2008
<<http://www.bnm.me.gov.ar/cgi-bin/wxis.exe/opac/?IsisScript=opac/opac.xis&dbn=BINAM&tb=aut&src=link&query=BASTOS,%20TEIXEIRA&cantidad=&formato=&sala=1>>
Acesso em: 24 set. 2008

<<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=Teixeira+Bastos&start=10&sa=N>>
Acesso em: 24 set. 2008

<<http://www.bibliotecas.unc.edu.ar/cgi-bin/Libro-Taborda?accion=buscar&expresion=TEIXEIRA>>
Acesso em: 24 set. 2008

<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/t/trueba_antonio.htm>
Acesso em: 30 set. 2008

<<http://blogs.eldiariomontanes.es/franciscoarias/2007/12/29/antonio-trueba-francisco-arias-solis>>
Acesso em: 30 set. 2008

<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/89143953211414140865679/205108_010.pdf>
Acesso em: 30 set. 2008

<<http://parnaseo.uv.es/carteles/muestracartel.asp?id=tipooobra&valor=Drama%20en%20verso>>
Acesso em: 30 set. 2008

<http://www.alicante-ayto.es/documentos/cultura/libro_pea/pea_libro_1.pdf>
Acesso em: 30 set. 2008

<<http://www.parisvalencia.com/cgi-bin/shop?com=compra&cod=10022604&fwd=|/cgi-bin/shop?com=carro|>>
Acesso em: 30 set. 2008

<http://wikanda.cordobapedia.es/wiki/Antonio_Alcalde_Valladares>
Acesso em: 30 set. 2008

<<http://www.baena.es/turismo/personajes-destacados/antonio-alcalde-valladares-escritor-y-periodista-sxix.php>>
Acesso em: 30 set. 2008

<http://biblioteca.ayuncordoba.es/31_20_ALCALDE_Y_VALLADARES_Tradiciones.html>
Acesso em: 30 set. 2008

<<http://209.85.165.104/search?q=cache:1E23oe0BYKEJ:www.societatverdager.org/anuaris/Anuari%25202004/resumsanuari2004.pdf+Ramon+Pic%C3%B3+y+Campamar&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=4&gl=br>>
Acesso em: 01 out. 2008

<http://www.encyclopedia.cat/fitxa_v2.jsp?NDCHEC=0050822>
Acesso em: 01 out. 2008

<<http://www.artehistoria.jcyl.es/histesp/personajes/8565.htm>>
Acesso em: 01 out. 2008

<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/mane_y flaquer.htm>
Acesso em: 01 out. 2008

<<http://www.eumed.net/cursecon/economistas/alonsomart.htm>>
Acesso em: 01 out. 2008

<<http://www.powerset.com/explore/go/Manuel-Alonso-Mart%C3%ADnez>>
Acesso em: 01 out. 2008

<<http://www.escriitoresdeextremadura.com/escriitoresdeextremadura/documento/art014.htm>>
Acesso em: 01 out. 2008

<<http://www.ebrisa.com/portalc/ShowArticle.do?source=S&id=516833>>
Acesso em: 01 out. 2008

<<http://www.surnames.org/apellidos/segovia.htm>>
Acesso em: 01 out. 2008

<<http://www.ciberniz.com/1834.htm>>
Acesso em: 01 out. 2008
<http://www.protocolo.org/gest_web/protoSeccion.pl?rfID=200&arefid=2437&pag=4>
Acesso em: 01 out. 2008
<<http://www.filosofia.org/enc/sdn/sdn.htm>>
Acesso em: 01 out. 2008
<<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/rios.htm>>
Acesso em: 01 out. 2008
<<http://www.antiqubook.com/boox/lmiran/24128.shtml>>
Acesso em: 01 out. 2008
<<http://caselaw.lp.findlaw.com/cgi-bin/getcase.pl?court=us&vol=206&invol=358>>
Acesso em: 01 out. 2008
<[http://www.opacmeiga.rbgalicia.org/ResultadoBusqueda.aspx?CodigoBiblioteca=WC
CPBG&Valores=DAGalindo%20y%20de%20Vera,%20Le%C3%B3n](http://www.opacmeiga.rbgalicia.org/ResultadoBusqueda.aspx?CodigoBiblioteca=WC
CPBG&Valores=DAGalindo%20y%20de%20Vera,%20Le%C3%B3n)>
Acesso em: 01 out. 2008
<<http://www.lcc.uma.es/~perez/sonetos/rocatogo.html>>
Acesso em: 01 out. 2008
<http://foros.proverbia.net/topic.asp?TOPIC_ID=11782>
Acesso em: 01 out. 2008
<http://www.uclm.es/Ceclm/librosnuevos/2006_junio/marques.htm>
Acesso em: 01 out. 2008
<<http://www.xtec.es/~jrovira6/bio/rocatogo.htm>>
Acesso em: 01 out. 2008
<http://www.cervantesvirtual.com/bib_autor/Valera/autor.shtml>
Acesso em: 02 out. 2008
<www.answers.com/topic/juan-valera-y-alcala-galiano>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://www.hottopos.com/notand9/concha.htm>>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://dialnet.unirioja.es/servlet/extaut?codigo=1688001>>
Acesso em: 02 out. 2008
<[http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/05812849922658928610046/
204787_002.pdf](http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/05812849922658928610046/
204787_002.pdf)>
Acesso em: 02 out. 2008
<[http://74.125.45.104/search?q=cache:yZ6bqCah8dkJ:e-
spacio.uned.es/fez/eserv.php%3Fpid%3Dbibliuned:ETFSerie1-74310228-E250-5DC2-
5211-3AF8ED5279A8%26dsID%3DPDF+Fernando+Fulgosio&hl=pt-
BR&ct=clnk&cd=30&gl=br&lr=lang_es|lang_pt](http://74.125.45.104/search?q=cache:yZ6bqCah8dkJ:e-
spacio.uned.es/fez/eserv.php%3Fpid%3Dbibliuned:ETFSerie1-74310228-E250-5DC2-
5211-3AF8ED5279A8%26dsID%3DPDF+Fernando+Fulgosio&hl=pt-
BR&ct=clnk&cd=30&gl=br&lr=lang_es|lang_pt)>
Acesso em: 02 out. 2008
<http://www.uclm.es/ceclm/publicaciones/bio_fermin.htm>
Acesso em: 02 out. 2008
<http://turan.uc3m.es/uc3m/inst/FC/presentacion/instituto_fc_presentacion_01.htm>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://www.filosofia.org/ave/001/a286.htm>>
Acesso em: 02 out. 2008
<[http://74.125.45.104/search?q=cache:EIaLkufgU7oJ:www.cuentayrazon.org/revista/p
df/024/Num024_010.pdf+Francisco+de+Paula+Canal%C3%A9jas&hl=pt-
BR&ct=clnk&cd=24&gl=br](http://74.125.45.104/search?q=cache:EIaLkufgU7oJ:www.cuentayrazon.org/revista/p
df/024/Num024_010.pdf+Francisco+de+Paula+Canal%C3%A9jas&hl=pt-
BR&ct=clnk&cd=24&gl=br)>
Acesso em: 02 out. 2008

<<http://www.newadvent.org/cathen/16001d.htm>>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://coloquio.com/famosos/alarcon.htm>>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://www.answers.com/topic/pedro-antonio-de-alarcon>>
Acesso em: 02 out. 2008
<http://canales.laverdad.es/escritores-murcia/20_cueto.html>
Acesso em: 02 out. 2008
<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/03695252322592728539079/207220_0013.pdf>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://www.tonosdigital.com/ojs/index.php/tonos/article/view/116/101>>
Acesso em: 02 out. 2008
<http://www.sge.org/cuadernos/viajeros_egipto.pdf>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://www.deia.com/es/imprensa/2007/07/28/bizkaia/kultura/387427.php>>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://74.125.45.104/search?q=cache:eilCXfNOb0wJ:internet.cervantes.es/internetcentros/pdf/Revista52/pdfRevista6/resenas.pdf+Biografia+de+Adolfo+Mentaberry&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=12&gl=br>>
Acesso em: 02 out. 2008
<<http://www.archive.org/search.php?query=creator%3A%22Barrera%2C%20Pedro%20Mar%C3%ADa%2C%20d.%201897%22>>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=7654>>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.museodelprado.es/es/submenu/enciclopedia/buscador/voz/saavedra-y-moragas-eduardo/>>
Acesso em: 03 out. 2008
<http://www2.uah.es/imagenes_cill/Epigrafistas/textos/saavedra.htm>
Acesso em: 03 out. 2008
<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/saavedra_eduardo.htm>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=585>>
Acesso em: 03 out. 2008
<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/b/balaguer_victor.htm>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.xtec.es/~jrovira6/bio/balaguer.htm>>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://encyclopedia.stateuniversity.com/pages/22997/Victor-Balaguer.html>>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.xtec.es/~jrovira6/bio/olozaga.htm>>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.ateneodemadrid.net/ImagenesPresidentes/Olozaga.htm>>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/o/olozaga.htm>>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.usc.es/spubl/36veigae.htm>>
Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.buscalibros.cl/libro.php?libro=686879>>

Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.polybiblio.com/hodgson/1236.html>>

Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.ilab.org/db/detail.php?lang=es&membernr=1212&ordernr=C9%20N190>>

Acesso em: 03 out. 2008
<http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0717-71942002003500005&script=sci_arttext>

Acesso em: 03 out. 2008
<<http://74.125.45.104/search?q=cache:EZ-Sr1980NgJ:www.judicatura.com/Legislacion/1195.pdf+Salvador+L%C3%B3pez+Guijarro&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=15&gl=br>>

Acesso em: 03 out. 2008
<<http://usuarios.lycos.es/prisiones/017.html>>

Acesso em: 03 out. 2008
<<http://servicios.diariosur.es/fijas/esp/malagasigloxx/sociedad1.htm>>

Acesso em: 03 out. 2008
<<http://www.newadvent.org/cathen/13691b.htm>>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/selgas.htm>>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=584>>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.filosofia.org/ave/001/a003.htm>>

Acesso em: 06 out 2008
<http://www.iesnavarrovilloslada.com/public/proyectos/comenius/pamplona.index_archivos/Navarro%20Villoslada.html>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=123&idGrupo=Todo>>

Acesso em: 06 out 2008
<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/n/navarro_villoslada.htm>

Acesso em: 06 out 2008
<http://74.125.45.104/search?q=cache:-i9SPWqELFEJ:mdl-galiza.org/index2.php%3Foption%3Dcom_content%26do_pdf%3D1%26id%3D161+Manuel+Murgu%C3%ADa&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=6&gl=br&lr=lang_es|lang_pt>

Acesso em: 06 out 2008
<http://mdl-galiza.org/antiga/pensadores_galegos_-_murguia.pdf>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://latorredehercules.blogia.com/2007/091903-don-manuel-murguia..php>>

Acesso em: 06 out 2008
<http://74.125.45.104/search?q=cache:oM7_qME7sO0J:www.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/88LinaBrandaoAras.pdf+C%C3%A1rlos+Frontaura&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=9&gl=br>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=3501>>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://es.geocities.com/mizarzuela/Frontaura.htm>>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=4663>>

Acesso em: 06 out 2008
<http://www.cervantesvirtual.com/portal/parodia/autor_esteban.shtml>

Acesso em: 06 out 2008

<http://www.cervantesvirtual.com/portal/parodia/autor_esteban.shtml>
Acesso em: 06 out 2008
<[http://www.congreso.es/portal/page/portal/Congreso/Congreso/SDocum/ArchCon/SDHistoDipu/SDIndHistDip?_piref73_1340024_73_1340023_1340023.next_page=/wc/servidorCGI&CMD=VERLST&BASE=DIPH&FMT=DIPHXLDA.fmt&DOCS=1-25&DOCORDER=FIFO&OPDEF=Y&QUERY=\(35030\).NDIP.>](http://www.congreso.es/portal/page/portal/Congreso/Congreso/SDocum/ArchCon/SDHistoDipu/SDIndHistDip?_piref73_1340024_73_1340023_1340023.next_page=/wc/servidorCGI&CMD=VERLST&BASE=DIPH&FMT=DIPHXLDA.fmt&DOCS=1-25&DOCORDER=FIFO&OPDEF=Y&QUERY=(35030).NDIP.>)>
Acesso em: 06 out 2008
<http://descargas.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04702907811558328537857/205384_0003.pdf>
Acesso em: 08 out 2008
<<http://www.lovethepoem.com/poets/ventura-ruiz-aguilera/>>
Acesso em: 06 out 2008
<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/r/ruiz_aguilera.htm>
Acesso em: 06 out 2008
<http://www.lasbiografias.com/escritores/16772_Ventura-ruiz-aguilera/>
Acesso em: 06 out 2008
<[http://www.acanomas.com/Diccionario-Espanol/124992/RUIZ-AGUILERA,-Ventura--\(1820-1881\).htm](http://www.acanomas.com/Diccionario-Espanol/124992/RUIZ-AGUILERA,-Ventura--(1820-1881).htm)>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.portalcantabria.es/personajes1.php?Id=370>>
Acesso em: 06 out 2008
<http://foros.hispavista.com/demo_board/3/741903/m/amos-de-escalante-por-francisco-arias-solis/>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://per-can.com/CarpE/Escalante/Escalante.htm>>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://webs.demasiado.com/ltamargo/adescalante.html>>
Acesso em: 06 out 2008
<http://www.lasbiografias.com/escritores/17838_Amos-de-escalante-y-prieto/>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.vivirasturias.com/asturias/siero/fernandez-cuesta-nemesio/es>>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://mcquintas.paginas.sapo.pt/index54.html>>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.bnm.me.gov.ar/cgi-bin/wxis.exe/opac/?IsisScript=opac/opac.xis&dbn=BINAM&tb=aut&src=link&query=FERNANDEZ%20CUESTA,%20NEMESIO&cantidad=10&formato=breve&sala=>>>
Acesso em: 06 out 2008
<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/08148409955992639732268/207028_0010.pdf>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://213.0.4.19/FichaAutor.html?Ref=10277>>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.xtec.es/~jrovira6/bio/albareda.htm>>
Acesso em: 06 out 2008
<http://es.wikisource.org/wiki/Manuel_del_Palacio>
Acesso em: 06 out 2008
<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/p/palacio_manuel.htm>
Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.galeon.com/luisjuan/aficiones690441.html>>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.filosofia.org/hem/med/m004.htm>>

Acesso em: 06 out 2008
<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/munoz_maldonado.htm>

Acesso em: 06 out 2008
<http://cgi.ebay.es/1882-D-FERNANDO-MART-NEZ-PEDROZA-PERFILES-Y-COLORES_W0QQitemZ130253681174QQihZ003QQcategoryZ63667QQcmdZViewItem>

Acesso em: 08 out 2008
<<http://www.buscalibros.cl/>>

Acesso em: 08 out 2008
<<http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=834E7E6B-3048-560B-1C3D8B9A75E653D6&mes=Junho1997>>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=2754>>

Acesso em: 06 out 2008
<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/p/perez_escrich.htm>

Acesso em: 06 out 2008
<http://www.lasbiografias.com/escritores/16963_Enrique-perez-escrich/>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.todocoleccion.net/a-mar-madera-disquisiciones-nauticas~x6405326>>

Acesso em: 08 out 2008
<http://pt.wikiquote.org/wiki/Em%C3%ADlio_Castelat>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.geocities.com/CapitolHill/Lobby/8579/castelar.html>>

Acesso em: 06 out 2008
<<http://www.biografiasyvidas.com/biografia/c/castelar.htm>>

Acesso em: 06 out 2008
<http://www.libertaddigital.com/ilustracion_liberal/articulo.php/68>

Acesso em: 06 out 2008

Bibliografia

ARIAS SOLIS, Francisco. **Amos De Escalante**.

Disponível em :

<http://foros.hispavista.com/demo_board/3/741903/m/amos-de-escalante-por-francisco-arias-solis/> . Acesso em: 06 out. 2008.

AGUADO HICÓN, Ana Maria Aguado. La edad contemporánea en el siglo XIX. In: HICÓN, Ana Maria Aguado et al. **Textos para la historia de las mujeres en España**. Madrid: Ediciones Cátedra, S A, 1994.

AGUALDO BLEYE, Pedro. **Manual de historia de España**. Madrid: Espasa calpe, 1958. Tomo III.

AGULHON, Maurice. Mariana, objecto de “cultura”?. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

AKEN, Mark J. Van. **Pan-hispanism: its origin and development to 1866**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1959.

ARTOLA, Miguel. **La burguesía revolucionária (1808-1874)**. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

AYALA ARACIL, Maria Angeles. **Las colecciones costumbristas en la segunda mitad del siglo XIX: los españoles de ogaño**. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01475177766036428654480/p000003.htm#I_6> Acesso em: 07 nov. 2008.

AYALA ARACIL, Maria de los Ángeles. “Madrid por dentro y por fuera”, colección costumbrista de 1873. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. **Enciclopédia Einaudi**, vol. 5, Antropos-homem. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2003.

BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas In: **VII Encontro Internacional da ANPHLAC**, Campinas. Anais do VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. SP: Brasiliense, 1994. v. 1.

BIRUTÉ, Ciplijauskaitė. El romanticismo como hipotexto em el realismo. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo em Espana em la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988.

BLANC, Charles. **Gramática de las artes del dibujo**: arquitectura, pintura, escultura, grabado, aguafuerte, xilografia, litografia, aguatinta, medallas, camaieu. Buenos Aires: Editorial Victor Lerú, 1947.

BOTREL, Jean-François. **Libros, prensa y lectura en la España del siglo XIX**. Tradução do francês por David Torra Ferrer. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Madrid: Pirâmide. D.L., 1993.

BRUIT, Héctor Hernán. Derrota e simulação: os índios e a conquista da América. **Resgate: Revista de Cultura**, Campinas, n. 2, 1991. pp. 9-19.

CABRERA BOSCH, Maria Isabel. Las mujeres que lucharon solas: Concepcion Arenal y Emilia Pardo Bazan. In: FOLGUERA, Pilar (comp.). **El feminismo en España**: dos siglos de historia. Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 1988.

CALDERON, E. Correa. (org). **Costumbristas españoles**. Autores correspondientes a los siglos XIX e XX. Tomo III. Madrid: Aguilar S. A de ediciones, 1951.

CANCLINI, Néstor García. **A produção simbólica**: teoria e metodologia em sociologia da arte. Tradução de Glória Rodríguez. RJ: Editora Civilização Brasileira, 1979

CAPELATO, Maria Helena Rolim. A data símbolo de 1898: o impacto da independência de Cuba na Espanha e Hispanoamérica. In: **Revista História**. São Paulo, V. 22, n.2, 2003.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CONTRERAS, Juan de. **História del Arte Hispanico**. 1ª. Edição. Barcelona; Madrid; Buenos Aires; Mexico; Rio de Janeiro: Salvat Editores, S.A., 1949.

Costumbrismo (artículo de costumbres). Disponível em: <http://www.encyclopedia-aragonesa.com/voz.asp?voz_id=4367> Acesso em: 10 out. 2008.

DELGADO GÓMEZ-ESCALONILLA, Lorenzo; GONZÁLEZ CALLEJA, Eduardo. **Identidad nacional y Proyección Transatlántica: América Latina em clave Española**. In: Nuova rivista storica, anno LXXV, fascicolo II, 1991.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. La mujer en el pensamiento latinoamericano del siglo XIX. In: SAMARA, Eni Mesquita (org.). **As idéias e os números do gênero**: Argentina, Brasil e Chile no século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, CEDHAL/FFLCH-USP, Fundação Vitae, 1997.

DÍAZ-PLAJA, Fernando. **La vida española en el siglo XIX**. Madrid: Afrodisio Aguado S.A., 1952.

FALBEL, Nachman. Os fundamentos históricos do romantismo. In: GUINSBURG, Jacob. **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FERNÁNDEZ AREAL, Manuel. **Pueblos, hombres y cosas de Castilla**. Madrid: publicaciones españolas, 1956.

FRAISSE, Geneviève, PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: o século XIX**. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil. 1991. 4 vol.

FRANCO, Jean. **Las conspiradoras: la representación de la mujer en México**. México: El Colegio de México; Fondo de Cultura Económica, 1993.

FUNES, Patrícia e ANSALDI, Waldo. Cuestión de piel: racialismo y legitimidad política em el orden oligárquico latinoamericano. In: ANSALDI, Waldo (org.). **Calidoscópico latinoamericano: imágenes para un debate vigente**. Ariel: Buenos Aires, 2004.

GARCÍA MERCADAL, Juan. **Historia del romanticismo en España**. Barcelona: Editorial Labor S.A., 1943.

GARCÍA MOREJÓN, Julio. Creación y desarrollo del hispanismo en Brasil. **ABEH**, Suplemento El Hispanismo en Brasil, 2000.

GIUCCI, Guillermo. A colonização Acidental. **Revista Ciência Hoje**, vol. 15, n. 86, nov/dez. 1992. pp.19-23

GONZÁLEZ NAVARRO, Moisés. Las ideas raciales de los científicos, 1890-1910. In: **História Mexicana: El Colegio de México**. No. XXXVII, vol. 4, 1988.

GRAÇA, Renato da Silva. **Breve história da litografia: sua introdução e primeiros passos em Portugal**. Portugal: a litografia de Portugal, 1993.

GRANADOS GARCÍA, Aimer. Características del proyecto cultural español en América Latina a finales del siglo XIX. In: **III Congreso Internacional de Historiadores Latinoamericanos (ADHILAC)**.

GUIJARRO, Miguel (editor). Nota do editor. In: **Las mujeres españolas, portuguesas y americanas**. Madrid imprenta y librería de D. Miguel Guijarro, 1872.

GUINSBURG, Jacob. Romantismos, historicismo e história. In: **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Tradução Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: editora UFMG, 1999.

HILL, Bridget. **Eighteenth-Century women: an anthology**. London: Allen & Unwin, 1987.

HOBSBAWM, Eric. J. A nação como novidade: da revolução ao liberalismo. In: **Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade**. Trad. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JOSÉ, Maria e VOLTES, Pedro. **Las mujeres en la historia de España**. Barcelona: Editorial Planeta, 1986.

JOVER ZAMORA, José María; GÓMEZ-FERRER MORANT, Guadalupe; FUSI AIZPÚRUA, Juan Pablo. **España**: sociedad, política y civilización (siglos XIX-XX). Madrid; Areté, 2001.

KIERNAN, Victor Gordon. **La revolucion de 1854 en Espanã**. Madrid: Aguilar S.A de Ediciones, 1970.

LABARRE, Albert. **História do livro**. Trad. de Maria Armanda Torres e Abreu. SP: Editora Cultrix, 1981.

LAGARRIGUE, Jorge. **Positivismo y catolicismo**. Disponível em: <<http://www.antologiadelpensamientohispanico.com>> p. 1-25. Acesso em: 15 dez. 2008.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: histórias de uma ideologia. São Paulo: Ática, 1992.

LOPEZ IBOR, Juan Jose. **El español y su complejo de inferioridad**. Madrid: Ediciones Rialp, S.A, 1954.

LOPEZ-OCÓN CABRERA, Leoncio. “La América, crónica hispano-americana”: génesis y significación de una empresa americanista del liberalismo democrático español. In: **Quinto Centenário**, n. 4, Departamento de historia de América de la Universidad complutense; Instituto de cooperación iberoamericana, 1982.

LÓPEZ-OCÓN, Leoncio. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Madrid: Departamento de Historia da América, Centro de Estudios Históricos, 1987.

_____. **Biografía de “La América”**: una crónica hispano-americana del liberalismo democrático español (1857-1886). Madrid: Departamento de Historia da América, Centro de Estudios Históricos, 1987.

MARTÍNEZ CUADRADO, Miguel. **La burguesía conservadora (1874-1931)**. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

MENDES, Raimundo Teixeira. **Sobre a preeminência moral e social da mulher de acordo com o positivismo**. Rio de Janeiro: Sede Central da Igreja Positivista do Brazil, 1931.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, vol.23, n. 45, 2003.

MERCADER RIBA, Juan. **El siglo XIX**: historia de la cultura española. Barcelona: Editorial Seix Barral.

MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias In: DUBY, Georges, PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente**: o século XIX. Tradução de Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil. 1991. 4 vol.

MONTESINOS, José. F. **Costumbrismo y novela: ensaio sobre el redescubrimiento de la realidad española**. Valencia: Editorial Castalia, 1960.

Museu Nacional de Belas Artes. **Séc. XVIII Espanha o sonho da razão**. RJ: Instituto Arte Viva, 4 julho a 25 de agosto de 2002. (exposição)

O’GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

ORIJEL SERRANO, Ivette. **Ideas en torno a un concepto**: la representación de Hispanoamérica en tres revistas madrileñas, segunda mitad del siglo XIX. Memoria para obtener el título de Magíster, Universidad Autónoma de Madrid, 2007.

ORTEGA LÓPEZ, Margarita. “La defensa de las mujeres” en la sociedad del antiguo régimen: las aportaciones del pensamiento ilustrado. In: FOLGUERA, Pilar (org.). **El feminismo en España**: dos siglos de historia. Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 1988.

ORTEGA, Marie-Linda. Algunas noticias del editor madrileño Miguel Guijarro y de sus colaboraciones con Francisco Ortego. In: DEVOIS, Jean-Michel (ed.): **Prensa, impresos, lectura en el mundo ibérico e iberoamericano contemporáneo**. Homenaje a Jean-François Botrel.. Presses Universitaires de Bordeaux, 2005.

PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores do nosso tempo**: simbólica e sociedade. Tradução: Maria José Figueiredo. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. História e cultura espanhola e hispano-americana no Brasil. **ABEH**, Suplemento El Hispanismo en Brasil, 2000,

PÉREZ MONTFORT, Ricardo. **Hispanismo y Falange**: los sueños imperiales de la derecha española. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **RBH**, São Paulo, v. 15, No. 29, pp. 9-27. 1995.

PHELAN, John L. El origen de la idea de latinoamérica. In: ZEA, Leopoldo (org.). **Fuentes de la cultura latinoamericana I**. México; Fondo de Cultura Económica, 1995. Portugal: a litografia de Portugal, 1993.

PRADO, Maria Lígia Coelho. A participação das mulheres nas lutas pela independência política da América Latina. In: **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

PRADO, Maria Lígia Coelho. **Uma introdução ao conceito de identidade**. 2007. (mimeo).

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. **Introdução à história de nosso tempo: O século XIX, 1815-1914**. Trad. Frederico Pessoa de Barros e Octavio Mendes Cajado. São Paulo, Cultrix, 1976.

RIBEIRO, J. A. Corrêa Leite. **Tratado de Armaria** (technica e regras do Brasão D'Armas). Lisboa: Empreza da Historia de Portugal, 1907.

RICHMOND, Carolyn. En torno al vacío: la mujer, idea hecha carne de ficción, en "la Regenta" de Clarín. In: LISSORGUES, Yvan. **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988.

RUBIO CREMADES, Enrique. Colaboraciones costumbristas de los novelistas de la segunda mitad del siglo XIX. In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988.

_____. **Costumbrismo y novela en la segunda mitad del siglo XIX**. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/04695044388488372945635/p000001.htm#I_1> S.A., 1957.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870 – 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **O tempo e as imagens de mídia: capas de revistas como signo de um olhar contemporâneo**. Tese (doutorado) - UNESP, Campus de Assis, 2003.

Técnicas litografia. Disponível em: <http://oliba.uoc.es/aureum/es/s03/index2_lito.html> Acesso em: 14 maio. 2004.

TRENC BALLESTER, Eliseo. Costumbrismo, realismo y naturalismo en la pintura Catalana de la restauración (1880-1893). In: LISSORGUES, Yvan (ed.). **Realismo y naturalismo en España en la segunda mitad del siglo XIX**. Barcelona: Editorial Anthropos, 1988.

VAINFAS, Ronaldo. O encontro de dois mundos. **Revista Ciência Hoje**, v. 15, n. 86, nov/dez. 1992. pp. 6-10.

VILAR, Juan B. España en la Europa de los nacionalismos: entre pequeña nación y potencia media (1834-1874). In: PEREIRA, Juan Carlos (coord.). **La política exterior de España (1800-2003):** historia, condiciones y escenarios. Barcelona: Ariel, 2003.

VILAR, Pierre. **Historia de España.** Tradução de Manuel Tuñon de Lara. Paris: Librairie espagnole, 1975.

WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política.** Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

ZÉA, Leopoldo. Os direitos humanos na América. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). **A Revolução Francesa e seu impacto na América Latina.** SP: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF, CNPQ, 1990.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)